



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

VANDERLÉIA DA SILVA OLIVEIRA

**HISTÓRIA LITERÁRIA NOS CURSOS DE LETRAS:  
CÂNONES E TRADIÇÕES**

---

Londrina  
2007

**VANDERLÉIA DA SILVA OLIVEIRA**

**HISTÓRIA LITERÁRIA NOS CURSOS DE LETRAS:  
CÂNONES E TRADIÇÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras (Área de Concentração: Estudos Literários).

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Almir Aquino Corrêa

Londrina  
2007

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da  
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

Oliveira, Vanderléia da Silva.  
O48h História literária nos cursos de Letras: cânones e tradições /  
Vanderléia da Silva Oliveira. – Londrina, 2007.

410f. + graf.

Orientador : Almir Aquino Corrêa.

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de  
Londrina, 2007.

Bibliografia : f. 231-242.

1. Literatura brasileira – História e crítica – Teses. 2. Cânon  
(Literatura) – Teses. 3. Universidades e faculdades –  
Currículos – Teses.

I. Corrêa, Almir Aquino. II. Universidade Estadual de  
Londrina. III. Título.

**VANDERLÉIA DA SILVA OLIVEIRA**

**HISTÓRIA LITERÁRIA NOS CURSOS DE LETRAS:  
CÂNONES E TRADIÇÕES**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alamir Aquino Corrêa - Presidente e  
Orientador  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. José Luís Jobim de Salles Fonseca  
Universidade Federal Fluminense/Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Maria Gregório  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Sérgio Paulo Adolfo  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Helena Machado Aquino Corrêa  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 22 de março de 2007.

À doce Beatriz, que insistia em desligar o  
computador - com um dedinho maroto -  
nas horas mais inadequadas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que auxiliaram para a concretização deste trabalho, em especial:

ao professor Dr. Alamir Aquino Corrêa, pela sábia orientação;

aos professores Dr. Sérgio Paulo Adolfo e Dra. Regina Maria Gregório, pelas sugestões no Exame de Qualificação;

aos docentes e discentes dos cursos de Letras pesquisados;

à Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio – FAFICOP, em especial ao seu Diretor, Professor Onofre Ribeiro de Almeida, e às colegas do Departamento de Letras, pelo apoio;

à professora Edenir Haddad Santos, pelo auxílio na revisão do texto, e

ao professor Newton Camargo Braga, pela formatação;

ao querido amigo Cláudio, por sua importante e generosa contribuição nas discussões sobre o texto;

à Alice, Silvana, Vera e Mauricio, companheiros nos estudos, viagens e indagações literárias, e aos demais colegas e professores do doutorado;

ao Renato, amigo-irmão dedicado, para saldar um débito carinhoso pendente desde o mestrado;

aos meus amigos e amigas – não citados, mas carinhosamente lembrados - que, com suas presenças queridas, de um modo ou de outro, contribuíram para que eu me estimulasse a concluir esta etapa de minha carreira acadêmica;

à minha família, que me ensinou, a seu modo, a cultivar atitudes e valores em minhas jornadas;

ao Luiz César, companheiro de todos os momentos e que, com a benção de Deus, me deu Beatriz; e à Tê, que cuidou da Bê, enquanto “mamãe fazia tese” no escritório...

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele

e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito que um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

2.

E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.

João Cabral de Melo Neto (1989, p.17)

OLIVEIRA, V. da S. **História literária nos cursos de Letras: cânones e tradições.** 2007. 352f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

## RESUMO

Estudo de programas da disciplina de Literatura Brasileira dos cursos de Letras de seis universidades paranaenses e das concepções que professores e alunos têm sobre literatura, cânone, texto literário e metodologia de abordagem da Literatura Brasileira em sala de aula, a partir de formulários por eles respondidos, com o propósito de verificar o lugar das histórias literárias na graduação em Letras. Como pressuposto básico, a pesquisa considera que, se a Universidade é responsável pela formação inicial do professor de literatura, pela educação dos alunos nas leituras literárias e pela transmissão de discursos que valorizam certos textos como literários, atuando como o mais concreto componente de construção do sistema literário, o estudo dos programas é um bom começo para se entender como se dá o ensino de literatura brasileira nas universidades paranaenses e para se observar as possíveis mudanças que nelas acenam. A proposta é a de que a reformulação de algumas práticas metodológicas pode alterar de modo significativo não apenas a concepção de ensino, mas também a formação do professor de literatura. Além do que, permite a inserção de alguns grupos até então marginalizados nos âmbitos da crítica literária e da universidade, vistas como autoridades institucionais, uma vez que representa uma concepção mais ampla do processo de produção e recepção literária. A metodologia utilizada é a de pesquisa bibliográfica e coleta de dados junto aos professores de literatura brasileira e graduandos dos cursos de Letras, para categorização dos registros e análise das concepções. Os resultados demonstram que há uma incorporação dos paradigmas da historiografia literária brasileira no ensino de literatura brasileira. A constatação é a de que ensinar literatura significa usualmente ensinar “história literária”, o que resulta na cristalização – como um espelho de cânones e tradições - de autores e obras.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira. História Literária. Crítica Literária. Cânone Literário. Currículo de Letras.

OLIVEIRA, V. da S. **Literary history in Letters majors: canons and traditions.** 2007. 352f. Thesis (Doctor of Letters) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

### **ABSTRACT**

This thesis aims to find out the position of literary histories in Letters majors by the study of the Brazilian Literature curricular programs in Letters majors of six universities in Paraná State and on the conceptions teachers and students have about literature, canon, literary text and teaching methodologies. This paper assumes that the University is responsible for the initial preparation of the literature teacher, for the development of the students reading skills and for the creation of literary values for certain texts, thus acting as the strongest component in the construction of the literary system. Considering that, analyzing the curricular programs are a good starting point to understand how Brazilian literature is taught in the universities of Paraná and to notice possible changes they may undertake. The proposition is that the alteration of some methodological practices can modify significantly not only the concept of teaching, but also the literature teacher preparation. Furthermore, it permits the insertion of excluded groups by literary criticism and universities, considered as institutional authorities, since they represent a broader conception of production process and literary acceptance. The methodology used is bibliographical research and data collected from teachers of Brazilian literature and students majoring in Letters courses to categorize the registers and to analyze the concepts. Results demonstrated that there is absorption of paradigms from Brazilian literary historiography into the teaching of Brazilian literature. One find out that the teaching of literature usually means the teaching of the "history of literature", which causes the crystallization - as in a mirror of canons and traditions - of authors and books.

**Keywords:** Brazilian Literature. Literary History. Literary Criticism. Literary Canon. Curriculum of Letters Major.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Critério para seleção das obras .....	96
<b>Gráfico 2</b> – Estratégias para leitura das obras .....	98
<b>Gráfico 3</b> – Conceito de Literatura – discurso discente.....	116
<b>Gráfico 4</b> – Conceito de Cânone Literário – discurso discente .....	124
<b>Gráfico 5</b> – Conceito de texto literário – discurso discente.....	132
<b>Gráfico 6</b> – Para que estudar literatura no curso de Letras – discurso discente .....	140
<b>Gráfico 7</b> – Qual metodologia utilizar no ensino de Literatura Brasileira – discurso discente .....	148

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I</b> .....	17
<b>2 HISTÓRIA LITERÁRIA E ENSINO DE LITERATURA: O CONTEXTO</b>	
<b>BRASILEIRO</b> .....	18
2.1 O PAPEL DAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS .....	18
2.2 HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA E IDENTIDADE NACIONAL .....	23
2.3 A PERIODIZAÇÃO E SEUS PROBLEMAS METODOLÓGICOS .....	28
2.4 HISTÓRIA E CRÍTICA LITERÁRIA NA ATUALIDADE.....	36
2.5 HISTÓRIA LITERÁRIA VERSUS ENSINO DE LITERATURA BRASILEIRA .....	45
<b>CAPÍTULO II</b> .....	50
<b>3 VISÕES SOBRE CÂNONE E ENSINO</b> .....	51
3.1 CÂNONES E TRADIÇÕES .....	51
3.2 O CÂNONE E O CONTEXTO BRASILEIRO .....	55
3.3 CÂNONE E MERCADO .....	59
3.4 O PAPEL DA UNIVERSIDADE.....	62
3.4.1 A Formação do Professor de Literatura.....	68
<b>CAPÍTULO III</b> .....	76
<b>4 CÂNONE E HISTÓRIA LITERÁRIA NO CURSO DE LETRAS</b> .....	77
4.1 CONTEXTO DA PESQUISA .....	77
4.1.1 As Unidades Universitárias .....	79
4.1.1.1 Universidade Estadual de Londrina – UEL.....	79
4.1.1.2 Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio – FAFICOP.....	81
4.1.1.3 Universidade Estadual de Maringá – UEM.....	82
4.1.1.4 Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.....	83
4.1.1.5 Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO .....	84
4.1.1.6 Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.....	84
4.1.2 Os Sujeitos da Pesquisa .....	85

4.1.2.1 Docentes .....	85
4.1.2.2 Discentes.....	86
4.1.3 Instrumentos Utilizados.....	87
4.2 TECENDO ANÁLISES .....	90
4.2.1 Carga Horária, Distribuição dos Conteúdos e Objetivos Propostos.....	90
4.2.2 Indicações Bibliográficas .....	93
4.3 SÍNTESE.....	100
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>102</b>
<b>5 CONCEPÇÕES SOBRE LITERATURA, CÂNONE, TEXTO LITERÁRIO E</b>	
<b>ENSINO: OS DISCURSOS DOCENTE E DISCENTE .....</b>	<b>103</b>
5.1 O QUE É LITERATURA? .....	103
5.1.1 O Discurso Docente.....	107
5.1.2 O Discurso Discente .....	111
5.2 O QUE É CÂNONE LITERÁRIO?.....	116
5.2.1 O Discurso Docente.....	118
5.2.2 O Discurso Discente .....	121
5.3 O QUE É TEXTO LITERÁRIO DE QUALIDADE?.....	124
5.3.1 O Discurso Docente.....	127
5.3.2 O Discurso Discente .....	130
5.4 EM QUE CONSISTE ENSINAR/ESTUDAR LITERATURA NO CURSO DE LETRAS? .....	132
5.4.1 O Discurso Docente.....	135
5.4.2 O Discurso Discente .....	138
5.5 QUAL METODOLOGIA? .....	141
5.5.1 O Discurso Docente.....	143
5.5.2 O Discurso Discente .....	146
5.6 ALGUMAS CONCLUSÕES.....	149
<b>CAPÍTULO V .....</b>	<b>153</b>
<b>6 CONCLUSÃO – LITERATURA BRASILEIRA NOS CURSOS DE LETRAS:</b>	
<b>POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS .....</b>	<b>154</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>167</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Nascida numa conjuntura ligada ao estabelecimento e desenvolvimento de ideologias nacionalistas, a história da literatura ocupou um importante lugar no que se refere à consolidação das nações. Em vista disso, a escola se transformou num espaço apropriado para que história literária se fortalecesse, transformando-se em uma espécie de patrocinadora e divulgadora dos paradigmas por ela criados. Esta associação entre história literária e escola, datada do século XIX, permanece até hoje. Organizadas conforme critério cronológico e histórico-político, as primeiras histórias literárias brasileiras estão ligadas a projetos de afirmação de nossa identidade nacional. Este processo de autonomia também pode ser associado ao de institucionalização do ensino de literatura, como objeto escolarizado.

É justamente esta escolarização do texto literário, condicionada às relações com a historiografia literária, que implica no estudo diacrônico das obras literárias brasileiras, com poucas variáveis em todos os níveis de ensino. Por isso mesmo, não é novidade debater sobre o ensino de literatura, basta citar alguns autores que se debruçaram sobre a questão relacionada, principalmente, à educação básica, como Rocco (1981), Lajolo (1982), Malard (1985), Rösing (1988), Zilberman (1991), Aguiar e Bordini (1993), dentre outros. Em relação ao ensino superior, a lista fica mais restrita, posto que são poucos os que já se voltaram para a problemática neste nível de ensino, como Lins (1977), Leite (1983) Leahy-Dios (2001a, 2001b, 2004). É preciso dizer que há inúmeros trabalhos que abordam a questão quando se fala na relação da literatura com a leitura, mas são trabalhos especificamente voltados para a formação do leitor, basta verificar os índices de revistas especializadas e de anais de eventos científicos na área. Mesmo em relação ao ensino de literatura na formação do professor ainda é possível encontrar vez ou outra um artigo. No entanto, especificamente sobre ensino de literatura nos cursos de formação na área de Letras são poucas as referências.

No que se refere a trabalhos acadêmicos, em 1982, Marly Amarilha de Oliveira apresentou à Universidade Federal de Santa Catarina a dissertação *O ensino de Literatura brasileira na universidade: subsídios para uma abordagem crítica*, que objetivou apresentar uma “sistematização dos problemas mais evidenciados no ensino da Literatura Brasileira”. A partir da análise dos programas dos cursos de graduação em Letras de 25 universidades brasileiras, a autora constatou (a) existir uma inépcia, alienação, anacronismo e aparência de beletrismo no que se refere ao papel da universidade como produtora de saber; (b) que os currículos das licenciaturas apresentam números de créditos, para o estudo de

Literatura Brasileira, inferiores ao previsto para a formação de bacharéis; (c) que os objetivos para o ensino de Literatura Brasileira transitam entre uma concepção de literatura como veículo para armazenamento de informações historiográficas e periodológicas, e outra voltada para a pesquisa; (d) haver uma maior preocupação com o extraliterário do que com a obra literária como objetivo artístico-estético.

O estudo da autora, em que pese a distância temporal de mais de duas décadas, é extremamente atual, tanto é que muitos dos aspectos mencionados acima continuam presentes nas reflexões elaboradas nesta pesquisa. Na mesma linha de estudo, Lionira Maria Giacomuzzi Komosinski, numa tese intitulada *Literatura nos cursos de Letras: um ensino centrado no leitor*, apresentada à PUCRS, em 1992, se propôs a investigar o ensino de literatura nas licenciaturas em Letras Distrito Geo13 educacional 38, a partir de uma pesquisa junto aos professores e formandos. O DGE-38, segundo informações daquele período, se constituía por mais de 120 municípios localizados no norte e nordeste do Estado do Rio Grande do Sul e abrigava 12 instituições de Ensino Superior (universidades e instituições isoladas), 11 delegacias de Educação e mais de 120 Secretarias Municipais de Educação e Cultura (1992: 76). Em seu trabalho, a autora procurou estabelecer “uma posição relativa à natureza do fato literário e do seu ensino”, para, em seguida, realizar a pesquisa fenomenológica, que a levou à seguinte constatação:

desenvolvimento de um ensino tradicional, preocupado em transmitir informações para serem armazenadas; a aprendizagem é vista como um fim em si mesma e está voltada para os grandes vultos literários do passado; o texto literário é visto como uma fonte de conhecimentos históricos e lingüísticos, prontos para serem assimilados e retransmitidos, a fim de preservar um patrimônio cultural tido como superior. (KOMOSINSKI 1992: II)

No conjunto, os dois trabalhos evidenciam a problemática da Literatura Brasileira como disciplina escolar. Parece haver uma tensão no ensino de literatura, tendo em vista que o tratamento dado ao texto literário segundo o cânone e a história literária tende a ser o de mero valor documental, a partir de uma abordagem historicista de autores e obras.

É certo, primeiramente, que se trata de uma questão de currículo, pedagógica. Todavia, mesmo havendo necessidade de se abordar esta questão, o foco desta pesquisa vai além, visto que objetiva investigar a questão historiográfica, ou seja, o uso das histórias literárias e os conceitos por elas disseminados na formação do profissional em

Letras, incluindo o de cânone, de literatura, de texto literário e até mesmo de nacionalidade, considerando o que se entende por literatura nacional a partir do estudo destas histórias.

Portanto, o presente trabalho debruça-se sobre a questão das histórias literárias e do cânone no ensino de Literatura Brasileira nos cursos de Letras. A proposta é de refletir sobre a concepção de cânone e literatura expressa em alguns programas de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, Universidade do Centro Oeste-UNICENTRO, Universidade Estadual do Oeste-UNIOESTE, Universidade Estadual de Maringá-UEM, Universidade Estadual de Londrina-UEL e Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio-FAFICOP, em formulários de pesquisa respondidos por docentes destas IES e por alunos dos cursos de Letras da UEL e da FAFICOP.

A investigação destes conceitos pretende responder às seguintes questões: Como é abordado o estudo de Literatura Brasileira nos cursos de Letras? De que modo o uso das histórias literárias contribui para a formação dos conceitos de cânone e literatura? É possível se criar nova metodologia para o estudo de Literatura Brasileira, desvinculado de uma proposta diacrônica, historicista?

A hipótese de trabalho é a de se pensar em metodologias para a abordagem da Literatura Brasileira na graduação, desvinculadas da concepção historicista. A partir disso, defendemos a tese de que a reflexão (e ação, numa postura dialética) sobre algumas práticas de abordagem da Literatura Brasileira pode operar uma alteração significativa não apenas na concepção de ensino, mas também na formação do professor. Sobretudo, entendemos que a reflexão sobre a perspectiva canônica historiográfica pode gerar outra ação: a da releitura crítica das ideologias dominantes que elegeram o próprio cânone. Além do que, há indícios para acreditarmos que isso permitiria a inserção de alguns grupos até então marginalizados no âmbito universitário e na crítica literária acadêmica, a qual é vista como autoridade institucional, o que representaria uma concepção mais ampla do processo de produção e recepção literária. Esta reflexão considera o fato de que o estudo de Literatura Brasileira nos cursos de graduação em Letras fica restrito ao imposto pelas histórias da literatura, além dos modelos de análise elaborada por críticos, como única via de abordagem do texto literário.

O interesse sobre este assunto surgiu, em princípio, pela minha experiência como professora de Literatura Brasileira no curso de Letras da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras, em Cornélio Procópio, norte do Paraná, desde 1995. Além disso,

a experiência de pesquisa realizada durante o Mestrado<sup>1</sup>, quando foi abordada a obra de um autor considerado “literatura menor”, evidenciou que, na formação de futuros profissionais de Letras, não há espaço para o estudo de autores excluídos do cânone literário, já que somente são privilegiados os considerados clássicos, pois a história da literatura ignora aqueles que não se enquadraram no seu tempo.

Explicitadas as questões que motivaram essa pesquisa, é possível expor o modo como este trabalho foi organizado. Para o desenvolvimento do estudo, optou-se por uma pesquisa qualitativa, de base bibliográfica e descritiva. A fim de buscar respostas às indagações acima expostas, o trabalho está estruturado em cinco etapas. A primeira parte, intitulada “História literária e ensino de literatura: o contexto brasileiro”, procura apresentar algumas considerações sobre o surgimento da história literária brasileira e suas relações com o ensino, enfocando também o tema da busca pela identidade nacional e o da periodização, com seus conceitos e problemas. Na segunda, “Visões sobre cânone e ensino”, a discussão está centrada no conceito de cânone e suas instâncias de legitimação, a fim de relacioná-lo à problemática do estudo de Literatura Brasileira nos cursos de Letras, com o objetivo de rever o processo de historicização de nossa literatura, pelo viés do cânone e ensino. Juntos, os dois capítulos iniciais desenham um cenário teórico sobre o qual poderá ser interpretada a pesquisa realizada junto às universidades, posto que eles evidenciam certos paradigmas de historiografia e da tradição canônica brasileira, em que está sedimentado o ensino de Literatura Brasileira.

O terceiro e o quarto capítulos, denominados, respectivamente, “Cânone e História Literária no Curso de Letras” e “Concepções sobre literatura, cânone, texto literário e ensino: os discursos docente e discente” trabalham a pesquisa realizada junto às universidades. No terceiro, é apresentada uma espécie de “contabilidade intelectual” dos programas analisados; no quarto, são analisados os formulários de pesquisa respondidos pelos docentes e discentes, evidenciando-se as concepções neles subjacentes e que podem, por hipótese, fundamentar a(s) prática(s) de estudo da Literatura Brasileira que o professor implementa em suas aulas. Na última parte, “Literatura Brasileira nos cursos de Letras: possibilidades metodológicas”, à guisa de conclusão, e com a intenção de oferecer uma contribuição aos estudos de Literatura Brasileira, são explicitadas algumas das poucas propostas verificadas na pesquisa e que se mostraram diferenciadas, mesmo que inseridas na

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, V. da S. 2002. Teixeira e Sousa e o romance-folhetim: uma leitura de *O Filho do Pescador* (1843). Dissertação.

perspectiva anacrônica dominante nos cursos de Letras, amparadas nas reflexões sobre a relação entre cânone, historiografia e ensino de Literatura Brasileira.

Considera-se que a universidade é responsável, de forma central, pela formação inicial do professor de literatura, pela educação dos alunos nas leituras literárias, pela transmissão de discursos que valorizam certos textos como literários, atuando, portanto, como o mais concreto componente de construção do sistema literário.

Diante disso, como elemento norteador da pesquisa, compreendo que o estudo dos programas da disciplina (mais ainda o currículo geral) do curso de Letras é um bom começo para entender como se desenvolve o ensino de Literatura Brasileira nas universidades paranaenses e para observar os tipos de mudanças que nelas se acenam.

Em outros termos, espero que o presente trabalho, inserido na linha de pesquisa “Cânone, idéias e lugares”, do Programa de Pósgraduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, sirva de subsídio para que os docentes dos cursos de Letras reflitam sobre suas práticas no trato da Literatura Brasileira, sobretudo nos cursos de formação de professores.

## **CAPÍTULO I**

## **2 HISTÓRIA LITERÁRIA E ENSINO DE LITERATURA: O CONTEXTO BRASILEIRO**

Dois conceitos caros à modernidade – literatura e nação – foram projetados para o passado e deram origem à preparação das histórias literárias. Transformar o estudo diacrônico dessas obras em disciplina escolar foi a etapa final do processo de consagração de alguns literatos e de seus escritos. (ABREU 2003: 48)

Neste capítulo proponho uma discussão sobre a questão da História Literária e sua relação com o ensino de Literatura Brasileira. No percurso, é inevitável que se fale sobre a égide da nacionalidade e da influência positivista na configuração de nossas histórias literárias, da problemática da periodização e sobre o conceito de literatura que elas apresentam, bem como da relação entre história literária e ensino de literatura. O objetivo é demonstrar como estes aspectos estão imbricados no processo de ensino da Literatura Brasileira nos cursos de Letras, uma vez que representam, de fato, a origem do problema central que trato nesta Tese, ou seja, o da abordagem meramente diacrônica, linear, da produção literária brasileira na formação do profissional de Letras.

### **2.1 O PAPEL DAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS**

Escrever história literária significa enveredar por uma atividade que envolve valor estético e a relação das obras com o contexto histórico-social e cultural em que elas estão inseridas. Por isso mesmo, sempre há a questão sobre métodos de abordagens destas obras e sobre as funções da história literária escrita, considerando que, segundo Compagnon (2003: 202), “A história literária designa ao mesmo tempo o todo (em sentido amplo, todo o estudo literário) e a parte (em sentido restrito, o estudo das séries cronológicas)”.

O historiador literário tende a transitar entre a prática da crítica literária e a de historiar os fatos que julga adequados para compor o espírito cultural de uma época, pois narrar fatos históricos implica uma posição diante do tempo. Nestes termos, pode-se dizer que relação entre literatura e história implica em inúmeras questões, dentre elas aquela célebre apontada por Wellek e Warren (2003: 344): é possível escrever história literária, isto é, escrever algo que seja literário e história? Para eles, a maioria das histórias literárias

existentes é “história do pensamento ilustrada pela literatura ou impressões e críticas sobre obras específicas, colocadas em ordem mais ou menos cronológica”. O que importa é que esta ordenação do objeto literário, construída pelas leituras do historiador, é ideológica, tendo em vista que ele “cria seus fatos, destaca alguns textos em detrimento de outros, e suprime outros tantos”, como bem observa Weber (1996: 15), destacando que as histórias literárias “são manifestações ideológicas”.

Para Weber (1996: 15), esta natureza ideológica pode ser fatal, pois “as histórias literárias normalmente têm pretensão legislativa, estabelecendo o cânone literário de um país, ou, no mínimo, legitimam um cânone preestabelecido, marcando o que é digno de pertencer ao mundo inefável do literário”. Por outro lado, é justamente o diálogo entre as várias histórias, em suas contradições e semelhanças, que possibilita a abertura de um espaço para discussão dos valores por elas instituídos. Por isso mesmo, o uso que se faz das histórias literárias no estudo da Literatura Brasileira na graduação em Letras deve contemplar esta possibilidade dialética de confronto de suas dimensões ideológicas, a fim de ampliar o horizonte crítico dos futuros professores de literatura.

É importante destacar que escrever história literária é também fazer crítica literária, tendo em vista que os historiadores, do mesmo modo que os críticos, fazem suas escolhas, revelando inclusões e exclusões sobre o que é ou não literatura. Como bem observa Bosi (2000: 24), a historiografia “deve enfrentar o desafio de reunir e articular no tempo o que a crítica individualizante separa no seu trabalho de análise”. De tal modo, pode-se afirmar que a história da literatura é uma forma de historicismo.

Abreu (2003: 47), analisando a definição do termo literatura e a origem das histórias literárias, afirma que:

as condições históricas do final do século XVIII, nos países mais poderosos da Europa, fizeram necessário operar uma seleção de algumas dessas [tratados, compêndios, diálogos] obras, agrupandoas sob o nome de literatura. Forjando especificidades culturais capazes de alicerçar a idéia de pertencimento a um grupo específico, distinto dos demais, defendeu-se a importância da literatura como fundamento ideológico da nacionalidade enquanto se concebiam estratégias para que o contato com esses escritos fosse garantia de distinção social. Não é, portanto, gratuito o fato de os países em processo de unificação, os ameaçados pelas invasões napoleônicas ou aqueles recém dependentes terem se dedicado à elaboração de historiografias literárias.

A partir daí, o objetivo de selecionar e apresentar historicamente as obras literárias de cada país passou a ser tarefa dos intelectuais da época. Portanto, o trabalho com a obra literária revela sua condição dupla de monumento e documento, estabelecendo-se os elementos que configuram uma história literária, ou seja, o caráter narrativo, a relação de autores e obras dispostos numa linha temporal linear e um espaço de localização da produção. Ressalte-se que o sentido dado a esta narrativa está ligado à existência de um estado-nação. Por isso, pode-se entender, conforme observa Miranda (1995: 31), que:

as histórias literárias são como monumentos funerários erigidos pelo acúmulo e empilhamento de figuras cuja atuação histórico-artística, em ordem evolutiva pretende retratar a face canônica de uma nação e dar a ela um espelho onde se mirar, embevecida ou orgulhosa de seu amor próprio e pátrio.

Segundo Abreu (2003), literatura e nação se solidificaram como dois conceitos caros à modernidade, dando origem aos projetos de preparação de histórias literárias. Outro fato importante para consagrar alguns literatos e suas obras foi o estabelecimento do estudo diacrônico dessas obras em disciplina escolar.

Sob este ponto de vista, é preciso considerar que o contexto de produção destas primeiras histórias está marcado pelas idéias românticas, sobretudo aquelas ligadas ao conceito de nacionalidade. Como bem observa Cairo (2001: 228), sobre o contexto brasileiro,

As idéias românticas européias favoreceram a difusão do sentimento nacional e conseqüentemente a criação do conceito de literatura nacional como expressão maior da evolução espiritual de uma nação, vindo ao encontro dos interesses prioritários dos jovens brasileiros, que passaram então a identificar o modelo da literatura clássica com o Brasil colônia e buscar na nova proposta romântica outros modelos que pudessem sinalizar para a nação que surgia.

Impossível não pensar, portanto, na forte relação entre literatura e história estabelecida no século XIX (ver, por exemplo, o caso do romance histórico), na medida em que a primeira abre espaço para a construção e desenvolvimento do projeto de nacionalidade, inserido num contexto econômico e político de conformação dos estados nacionais. Basta pensar, no caso brasileiro, na relação do Romantismo como estilo de época e o conceito de nacionalismo difundido naquele momento. O fato do Brasil se tornar independente no período

reforçaria mais ainda esta relação. Assim, por exemplo, nossos escritores adotariam como elemento diferenciador em relação à Europa, a natureza e seus desdobramentos, como forma de expressão poética, conforme veremos no tópico sobre “História da Literatura Brasileira e identidade nacional”.

Em se tratando da definição da literatura em língua portuguesa, que é nossa área de interesse, o pioneiro foi Friedrich Bouterwek, que escreve uma história da poesia e eloquência, envolvendo diferentes países, em uma série de doze volumes, no período de 1801 a 1819, sendo o quarto destinado à produção portuguesa (*História da Poesia e da Eloquência Portuguesa*, 1805). Em seu trabalho o autor deixa clara a vinculação “entre a definição de literatura e o referendo da crítica especializada”, tendo em vista que adota o caminho “filosófico-crítico” para construir sua história, ou seja, “se baseia no recurso a trabalhos críticos já existentes nos quais se definiram as melhores obras de um gênero, um país ou uma época” (ABREU 2003: 50). Ele acreditava, portanto, ser sua função emitir juízos críticos. Os autores em língua portuguesa citados são Antonio José da Silva e Cláudio Manuel da Costa.

O postulado de Bouterwek, de estabelecer um cânone elegendo grandes autores universais e autores locais por eles influenciados, foi seguido pela maioria das histórias literárias. A preocupação do autor era a de “eleger e comentar as obras universais e traçar a história da produção estética nos diferentes países, como forma de ancorar o sentimento nacional” (2003: 52). Deste modo, acreditando que as produções se influenciam, enfatizou a questão nacional, na medida em que verificava a relação entre as obras e o meio cultural que as gerou e as transformou, em relação ao conjunto de obras imortais.

Em 1808, com a publicação de *Introduction sur la littérature portugaise, avec des notes historiques, géographiques et littéraires*, A. M. Sané, a partir de uma perspectiva histórica, apresenta um panorama da história de Portugal elegendo as mais representativas obras literárias portuguesas, selecionando, pois, os principais monumentos literários. Abreu (2003) observa que seus critérios de seleção consistiam em verificar quais obras se aproximavam dos modelos clássicos.

Contudo, é com Sismondi, em sua *De la Littérature du Midi de l'Europe* (1813), que o critério de avaliação sofre uma alteração, ao estabelecer a questão do gosto, pois, para ele, “seus interlocutores eram as ‘pessoas de gosto’; sua preocupação, mostrar a ‘influência sobre o gosto’ exercida pelos escritores; seu desejo, expor ‘regras fundamentais que o sentimento e o gosto tornaram comuns a todos os homens’” (ABREU 2003: 55). Tal como demonstra Corrêa (1996), os autores brasileiros por ele citados são Cláudio Manuel da Costa e Silva Alvarenga.

Com a produção destes três autores, Abreu (2003: 57) observa que o “esqueleto da moderna história literária estava formado: seleção e hierarquização de obras e autores, apresentação cronológica dos textos e biografia dos escritores, articulação entre história língua e fazer literário”. A esta “tradição” das histórias literárias se integrariam, em 1826, mais duas obras: *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, de Almeida Garrett, e *Resume de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Resume de l'histoire littéraire du Brésil*, de Ferdinand Denis. Na primeira, o autor seguiu a sistemática de ordenar cronologicamente nomes e obras, delimitando-os em épocas marcadas por fatos histórico-políticos, embora sem relacioná-los aos fatos sociais. Garrett destaca o nativismo, sentimento (pré)nacional em suas apreciações. No seu *Bosquejo* comparecem Cláudio Manuel da Costa, Santa Rita Durão, Basílio da Gama e Tomas Antonio Gonzaga.

Denis, por sua vez, citando Bouterwek e Sismondi, como pioneiros, alega que acrescentava novas fontes ao seu trabalho, advindas de alguns “amigos das letras” que lhe forneceram informações sobre o que era significativo na produção literária portuguesa. Mas, como observa Abreu, suas escolhas acabam sendo as mesmas de Bouterwek e Sismondi, o que evidencia a existência da tradição crítica na escolha dos textos que deveriam comparecer em uma história literária. Um mérito da obra de Denis é o de ter mostrado que “em vinte e poucos anos, construiu-se uma matéria específica, a *literatura*, e um campo de estudos, também específico, dedicado a sua apresentação e comentário, a *história literária*” (ABREU 2003: 63).

Outro aspecto a considerar é o de que a obra de Denis é o primeiro estudo a evidenciar a singularidade da Literatura Brasileira, nela aparecendo pela primeira vez a defesa da autonomia. Ele define como critério de diferenciação de nossa produção em relação à Europa, a natureza grandiosa e o indianismo, defendendo o critério espacial como natureza, hábitos, tradições e grupos étnicos (CÉSAR 1978: XXXII). Esta foi, portanto, sua grande contribuição. Corrêa (1996: 44) observa que Denis citou,

principalmente, Bento Teixeira, Botelho de Oliveira, Cláudio Manuel da Costa, Antonio José da Silva, Santa Rita Durão, este com anotação dos costumes dos indígenas, das guerras, da antropofagia, da fauna e da flora americanas; Basílio da Gama, com especial referência ao seu poema *Quitúbia*, rara nos pósteros, Gonzaga e Souza Caldas. Mencionou ainda as *Metamorfoses do Brasil*, de Cruz e Silva, nascido em Portugal, como também era o caso de Bento Teixeira e Gonzaga.

Corrêa (1996: 44) também destaca a obra de C. Schilichhorst, *Rio de Janeiro wie es ist*, que menciona “Bento Teixeira, Basílio da Gama, Santa Rita Durão e Cláudio Manuel da Costa”.

Em síntese, para concluir que a Literatura Brasileira foi consolidada pela historiografia literária, basta olhar para sua fundação e verificar que ela compõe o projeto nacional e o ordenamento social e político da nação na fase pós-independência. O surto de jornais e revistas, que evidenciavam o caráter nacional da literatura, reforça este projeto. Até aquele momento, apenas Sismondi e Bourterwek tinham registrado a produção, que era tida como de autores brasileiros vistos como integrantes da literatura de Portugal. Em 1829, é publicado o *Parnaso Brasileiro*, uma antologia das produções poéticas brasileiras, de Januário da Cunha Barbosa, a que se segue a publicação de bosquejos e florilégios, dentre outras formas de registro, que começam a surgir na jovem nação, incluindo fundação de sociedades, revistas e jornais, que iriam compor o projeto de nacionalidade da Literatura Brasileira. Deste modo, estas fontes acabam se tornando materiais para o historiador, que assume o papel de recolher o patrimônio cultural brasileiro para provar a intelectualidade nacional (MOREIRA 1995: 80-81), mesmo que, neste caso, o padrão de referência ainda fosse o de autores estrangeiros.

## **2.2 HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA E IDENTIDADE NACIONAL**

É possível perceber, pelo que foi exposto, um paradigma na construção da história da literatura brasileira em busca de sua identidade, o da nacionalidade, ou seja, o que marca a diferença em relação “ao outro”, na busca mesma de emancipação. Nossa literatura é vista como reflexo da emancipação política e cultural do próprio país, na medida em que esta se diferenciava da produção de Portugal, por exemplo. Moreira (2002: 123) bem observa esta questão ao afirmar que

a história da literatura se institui no momento em que as nações emergentes conformam-se e procuram meios de se consolidarem proclamando seus atributos individuais, de modo a se distanciar do modelo ou da nação na qual emergiram. No plano das idéias, vigora a teoria romântica, pela qual cada nação possui suas peculiaridades históricas, geográficas e culturais diferentes, sendo a literatura o espelho e o retrato dessa nova ordenação social.

Fato é que, segundo observa Coutinho (1996: 68) sobre as referências histórico-literárias na eleição de padrões estéticos ou históricos, no caso brasileiro, o “resultado inevitável foi asupervalorização de um sistema determinado e a identificação deste sistema – o europeu – com o universal”. Neste sentido, embora se buscasse uma autonomia nacional, os padrões de referência eram os estrangeiros, o que resultou em obras como *Iracema*, de José de Alencar, que, embora valorizando o ambiente brasileiro, adotou como parâmetros estéticos a produção européia.

Durante o século XIX os poetas e ficcionistas brasileiros, ao lado dos críticos e teorizadores, se posicionaram como representantes de uma época em que se procurou legitimar a validade de uma literatura realmente brasileira. O movimento romântico, surgido entre nós no início daquele século, coincidiu com a “chegada” da autonomia política e criou um espírito que exigia uma consciência de uma literatura também independente.

Paralelamente, e não apenas conseqüentemente, à autonomia política surgiria a literária. É certo que para esta última, fatores de ordem estética, que se apresentavam desde a época colonial, em muito contribuíram para que, naquele instante, esta consciência da necessidade em definir uma literatura autenticamente nacional, surgisse em nossos intelectuais com considerável ansiedade. Nesse contexto, citando Coutinho (1997: 21, v. 3), observo que “o objetivo [geral] era a criação do caráter nacional da literatura, em oposição à marca portuguesa, considerada de importação e de opressão nesse momento de luta pela autonomia”.

O que ocorreu, pois, é que, influenciada pela historiografia européia, conforme se depreende dos estudos de Guilhermino César (1978), o traço pelo qual a historiografia (e, naturalmente a produção literária) brasileira buscava sua configuração seria o da nacionalidade. Este se revelou como o caminho para a reforma de nossa literatura, na medida em que através dele seria possível desenhar o caráter a ser impresso em nossas letras, tornando-as autônomas. Deste modo, em decorrência desta busca de um caráter próprio, primitivo e diferenciador, Coutinho (1997: 322-3, v.3) assinala questões as quais mostraram o ponto de partida para a conscientização crítica necessária à realização do projeto de uma literatura genuinamente brasileira.

Que vinha a ser nacional em literatura? Que deveriam fazer os escritores para tornar nacional a literatura a ser produzida no Brasil? Qual ou quais as fórmulas para a nacionalização da literatura? Quais as características nacionais da literatura brasileira, se é que as possuía? Que deveria ser uma estética brasileira?

Em vista disso, de acordo com Coutinho, os primeiros passos dados foram os da incorporação da natureza, da busca de originalidade e a presença do elemento indígena, como elementos que demonstrariam o almejado caráter nacional, revelando uma “cor local” que resultaria numa expressão própria. Assim, este instinto de nacionalidade encontrou nos primeiros críticos românticos (e mesmo nos escritores), como por exemplo, Santiago Nunes Ribeiro e Joaquim Norberto de Sousa e Silva, vozes que expressariam algumas teorizações, por vezes polêmicas, buscando respostas àquelas perguntas mencionadas acima. Mesmo em Alencar, já em 1856, com a famosa crítica exposta nas suas cartas sobre *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, ainda é possível encontrar uma demonstração desta preocupação com o instinto de nacionalidade, quando ele reflete sobre quais os gêneros literários que mais convinham à incorporação da natureza, dos costumes e assuntos brasileiros à literatura e que levariam à emancipação e efetivação de uma estética realmente nacional (COUTINHO 1997: 334, v. 3).

É com Machado de Assis, expressando esta mesma consciência estética, porém com mais senso crítico, que parece ter sido definida esta questão, quando ele publica seu ensaio *Instinto de Nacionalidade*, ao ressaltar que “os assuntos e paisagens locais são o alimento normal do escritor, mas o sentimento íntimo é o que o torna representante autêntico de sua nacionalidade” (COUTINHO 1968: 7). Visto que o apego às descrições da natureza e a visão de que o indianismo “seria o ideal que melhor encaixaria o brasileiro típico” (COUTINHO 1997:330, v.3), havia feito com que no “Romantismo, tanto no pensamento dos críticos, como na “realização” criativa de nossos poetas e ficcionistas, [ele se tornasse] a realização legítima da nacionalidade brasileira” (id.: 331), sendo usado, às vezes, sem muito senso de medida, e, em consequência, sem estética. Esta prática, pois, é a que Machado vem contestar e, de certa forma, reorientar com seu senso crítico.

Assim sendo, fica claro que a consciência crítica e estética do período pautou-se pela busca de uma literatura realmente nacional, característica esta que também seria adotada pelos críticos da década de 70, quando o romantismo ia se finalizando, dando lugar ao chamado movimento realista. Esta adoção se revelaria de forma diferente, porém a intenção de valorizar e elevar nossa literatura, reconhecendo-lhe o valor estético, era a mesma.

Para eles, a representação da realidade local também foi vista como a forma de se alcançar a autonomia tão almejada; a diferença é que, por força das tendências científicas e positivistas do período, eles imprimiriam um caráter mais científico aos seus estudos, adotando métodos para formalizar seus pensamentos críticos, pois, segundo Coutinho

(1968: 122), é neste momento que “a idéia da nacionalidade e as novas preocupações científicas da geração de 70” acabariam se encontrando, exigindo um novo modo de ver e tratar a produção literária brasileira. O que possibilita, tendo em vista que o nacionalismo já havia sido tratado com acurado senso crítico por Machado, que esta produção seja vista agora à luz do pensamento científico e materialista do final do século, abrindo outras possibilidades de representação. Portanto, o nacionalismo, como elemento essencial em nossas letras, é o elo entre os críticos e suas diferentes épocas, na configuração de uma literatura brasileira e, conseqüentemente, de sua própria história.

Silvio Romero, José Veríssimo e Araripe Jr. compõem a tríade desta crítica realista e, juntos, embora cada um tenha adotado seu próprio método, assumindo formas diferentes de abordagem, acabaram revelando “que tinham como meta [...] a elaboração de uma história da literatura” concluindo, na verdade, a construção já iniciada pelos primeiros críticos românticos (CAIRO 1997: 37).

O fato é que esta questão da nacionalidade literária (leia-se busca de uma estética nacional), foi incorporada tanto pelos escritores quanto pelos historiadores do século XIX, e permaneceu, de certo modo, nas primeiras décadas do XX, como se percebe num rápido olhar para as Histórias surgidas neste período, para vermos nelas a mesma intenção de consolidar uma literatura capaz de expressar o valor de nossa nação, pautadas naquele “instinto de nacionalidade”.

Considerando que a construção da história literária brasileira surgiu ligada à consciência crítica dos intelectuais do início do século XIX, em função da preocupação em instituir uma literatura nacional, verifica-se que a finalidade geral dos críticos ao eleger a obra para análise crítica (bem como o seu respectivo autor), sempre foi a de investigá-la à luz de sua possível nacionalidade, reconduzindo-a a suas origens, julgando-a e registrando-a no cenário da literatura de sua época. Portanto, a composição de um *corpus* que identificasse esta nacionalidade foi a atitude primeira dos críticos românticos, seguidos pelo olhar metódico e científico da geração de 1870, na intenção de criar uma história da literatura brasileira como representação total da produção nacional. De certo modo, esta intenção ainda permanece, uma vez que mesmo os críticos do século XX tomaram para si a tarefa de consolidar a literatura nacional.

Por outro lado, o contexto contemporâneo dos estudos literários tem apontado um redirecionamento do olhar sobre a questão da nacionalidade ou identidade brasileira. Wander de Melo Miranda (1995), por exemplo, no texto “Nações literárias”, discute a metáfora da historiografia literária como monumento constituído com objetivo de

perpetuar o retrato de uma nação, a partir de um espelho denominado cânone. Ele questiona a idéia de uma historiografia positivista, linear e contínua, que tenta fazer coincidir a série literária com a social, a exemplo da brasileira, que demonstra o surgimento de uma nacionalidade literária ligada à política. Para Miranda, a questão está centrada na necessidade de se construir uma história sincrônica, descentrada temporalmente, capaz de “fazer ouvir e falar [...] outros silêncios” (1995: 38).

Na mesma esteira encontra-se Luiz Costa Lima ao esclarecer que a apropriação da literatura pelo Estado, naquilo que ele chama de romantismo normalizado, resultou num ajustamento da expressão individual ao espírito do povo. Assim, no Brasil, sobretudo a partir do início do século XIX, a literatura estaria a serviço da formação de uma Nação. Ao Estado, caberia a propagação desta literatura, como expressão do povo. Ele fala, portanto, do caráter da história literária tradicional que “parte do suposto de um sujeito individual constituído e metaforicamente identificável com o sujeito nacional” (LIMA 1996: 38). Menciona, sob esta perspectiva, que o poeta (o sujeito individual) representaria o todo (a nação) a que pertenceria, expressando em sua produção o seu modo de ser. Estaria assim assegurado o prestígio da literatura nacional e que seria legitimado pela universidade. Sua ótica, diante destas considerações, é a de repensar o fenômeno literário fora de padrões já não mais existentes dentro do contexto atual. Por isso, a importância de repensar as abordagens de nossa historiografia nos cursos de Letras.

Peloso (1996), ao discutir sobre identidade nacional e sociedade multicultural, toca em outra questão, que é a da preservação de uma identidade nacional face ao intercâmbio entre as culturas, nesta época denominada pós-moderna. Seu texto demonstra que o desafio desta sociedade multicultural é exatamente o saber reconhecer no olhar do outro a nossa própria cultura.

Corrêa (1998) também comparece nesta discussão quando discorre sobre os elementos que caracterizariam a nacionalidade de uma literatura, tais como a língua, a perspectiva geográfica, alma nacional, o fator governo, visão determinista, o fator econômico, dentre outros. Para tanto, ele aborda algumas das correntes críticas do século XX, a fim de evidenciar que, respeitando-se o enfoque de análise, dois elementos básicos devem ser observados na configuração desta nacionalidade: a esfera da língua e a “necessidade de percepção de uma realidade próxima”. Em outros dois textos anteriores, “Historiografia, cânone e autoridade” e “Política e literatura nacional” (1995), o autor já investigava o tema, discutindo a adjetivação “nacional”, os critérios de valores que definem o material literário

selecionado, o conceito de povo, nação e identidade, além de fazer refletir sobre a autoridade implícita na formulação de determinado cânone.

As posições acima mencionadas, portanto, nos remetem à questão discutível de que a literatura nacional deveria refletir nossa identidade cultural. Considerando que as histórias literárias é que definem o que é literatura nacional, pela eleição de seu cânone, este, por sua vez, se torna o espelho da nação. Retomando Corrêa (1995), pode-se dizer que aí reside o grande problema, posto que a eleição do cânone implica em muitos outros desdobramentos, os quais serão tratados no segundo capítulo deste trabalho.

### **2.3 A PERIODIZAÇÃO E SEUS PROBLEMAS METODOLÓGICOS**

A periodização é um dos maiores problemas da historiografia literária. Ela revela um modo de ver, um critério de julgamento do historiador, pois é o resultado da análise crítica que faz com que determinadas obras sejam agrupadas sob uma mesma designação de acordo com algumas características que possuem em comum e que, por sua vez, compõem o retrato de uma época. Deste modo, a eficácia do cânone estabelecido pelo historiador, e que revela uma imagem composta pela história literária, se torna mais visível no sistema escolar, tendo em vista que se ensina literatura nos diversos níveis de escolarização no país.

Geralmente, a periodização é definida pelos docentes como um recurso didático e figura nos livros didáticos voltados para ensino médio na forma de quadros sintéticos que apresentam autores e obras de cada período histórico. É claro que este quadro pode servir como recurso, mas o ensino de literatura não deve estar preso a ele como única forma de compreensão dos fenômenos literários. Por isso mesmo, um dos aspectos que deve ser levado em consideração no ensino de Literatura Brasileira é esta relação entre literatura e história e que marca a periodização proposta pelos nossos historiadores. Em salas de aula universitárias, mesmo que o docente organize seu trabalho a partir de estudos monográficos sobre determinada obra ou a partir de determinado momento representados por outros autores e suas produções, ao apresentar o contexto histórico-cultural, no qual eles estejam inseridos, segundo uma ordem cronológica, linear, a disciplina acaba por ser também história literária. Diante disso, em se tratando da formação do docente de literatura, o que temos é um caráter cíclico em que o professor universitário forma o futuro professor de literatura do ensino médio sob a égide do historicismo, fazendo com que este trabalhe o texto literário como mera

representação de determinado período e estilo, agrupado em determinados momentos históricos. O aluno do ensino médio, por sua vez, se esforçará para memorizar autores, obras e datas que possam ser exigidos nos processos seletivos das universidades (vestibular).

Portanto, o ensino de Literatura Brasileira se apóia na sistematização exposta nas divisões propostas pelas “clássicas” histórias literárias brasileiras. Um levantamento desta periodização em várias delas demonstra que há pontos em comum na sistematização dos períodos, bem como divergências. Os princípios e métodos produzidos por estas histórias literárias revelam que, de uma periodização condicionada a fatos políticos ou simplesmente cronológica, nossa historiografia passou para uma periodização estilística, isto já na segunda metade do século XX. De antemão já se sabe que a maioria delas preza pela análise diacrônica da literatura, utilizando conceitos de continuidade literária progressiva, herança dos historiadores do século XIX, que consiste em organizar dados e fatos que coincidam com traços estilísticos e que revelem momentos de ascensão, plenitude e decadência.

Para verificarmos a trajetória da historiografia literária brasileira e suas propostas periodológicas apresentaremos um breve retrospecto desta produção, identificando o critério utilizado pelos historiadores.

Com visada mais histórico- política, Domingos José Gonçalves de Magalhães, no *Ensaio sobre a Literatura no Brasil*, estabelece como marco divisório de sua periodização “da descoberta do país a 1808 e depois de 1808”, numa nítida referência à história política do Brasil. Esta opção traz em si forte ideologia nacionalista, na medida em que revela preocupação em distribuir autores e obras que expressassem o caráter nacionalista de nossa literatura, marcando uma autonomia em relação à metrópole, ao mesmo tempo em que nos dá a exata idéia das transformações ocorridas com a vinda da família real para o Brasil.

Segundo Zilberman (1995: 7), a “perspectiva com que Magalhães encara o modo de fazer história da literatura sugere que ele acompanhava as tendências da historiografia romântica”, daí decorre sua preocupação com a identificação do objeto literatura com a nacionalidade.

Da mesma forma procede Joaquim Norberto de Souza e Silva, em 1841, em *Bosquejo da história da poesia brasileira* (1997), ao propor a seguinte divisão: “Séculos XVI e XVII”; “Do início a meados do século XVIII”; “Segunda metade do século XVIII”; “Do início do século XIX até a época da independência”; “Época da independência”; “Época da reforma da poesia e do engrandecimento nacional”. O crítico, do mesmo modo, marca a

independência como fator de constituição da expressão nacional. Explorando o mesmo tema, em 1843, Santiago Nunes Ribeiro, publica *Da nacionalidade da literatura brasileira* (1972), propondo: “1º período: descobrimento até meados do século XVII”; “2º período: meados do século XVII (Cláudio Manoel da Costa) até 1830”; “3º período: a partir de 1830”.

De acordo com informações de Nakasato (2000), com um sentido meramente cronológico, considerando séculos e décadas, Ferdinand Wolf e Fernandes Pinheiro propõem suas classificações para as primeiras produções brasileiras. Ferdinand Wolf (1955), em 1863, com *Histoire de la litterature bresilienne*, divide os períodos da seguinte forma: “Da descoberta até o fim do século XVII”; “Primeira metade do século XVIII”; “Segunda metade do século XVIII”; “Começo do século XVIII até 1840”; “A partir de 1840”. Fernandes Pinheiro, em *Resumo da história literária*, de 1872, propõe as seguintes fases: “Fase de formação (séculos XVI e XVII)”; “Fase de desenvolvimento (século XVII)”; “Reforma (século XIX): 1ª época: do princípio do século até a independência; 2ª época: da independência até a maioridade de D. Pedro; 3ª época: tempos contemporâneos”.

Em *História da literatura brasileira*, de 1888, Silvio Romero [1943] apresenta: “Período de formação (1500 - 1750)”; “Período de desenvolvimento autônomo (1750 - 1830)”; “Período de transformação romântica (1830 - 1870)”; “Período de reação crítico-naturalista (1875 - 1893/1900)”. Já na edição de 1902, *História da literatura brasileira* (2ª ed.), o crítico faz a seguinte divisão: “Período de formação (1592 - 1768)”; “Período de desenvolvimento autônomo (1768 - 1836)”; “Período de reação romântica (1836 - 1875)”; “Período de reação crítica e naturalista” e, depois, “Parnasiana e simbolista (1876 em diante)”. De modo geral, o conceito de literatura do crítico é bastante amplo, abrangendo todas “as manifestações da inteligência de um povo, da ciência ao poético propriamente dito, passando pela política, e economia e outros ramos do conhecimento” (CAIRO 1997: 38). Sua história apresenta uma concepção determinista da literatura brasileira, marcada pela ênfase na evolução e idéia de progresso. Por isso mesmo, o texto é visto como reflexo de condições sociais e naturais, sendo medido de acordo com a correspondência entre literatura e sociedade e tomado como documento, capazes de revelar a ‘psicologia’ de um século ou raça (VENTURA 1995: 41).

Assim, os escritores deveriam se encaixar nas categorias definidas por Romero como representantes de cada época, para não serem desprezados. Um de seus critérios é o nacionalista, que afirmaria a diferenciação da expressão literária brasileira (daí decorre a “falha” na interpretação da obra machadiana em que ocorreu o crítico, que julgou a obra do autor sem representação nacional) (VENTURA 1995: 48). De qualquer forma, é

importante dizer que a História de Romero se consagrou como nossa primeira grande obra historiográfica, influenciando a produção de muitos outros historiadores, ao mesmo tempo em que criou alguns dos paradigmas canônicos consagrados na literatura brasileira.

Em 1916, José Veríssimo, reduzindo o conceito amplo de Romero, publica a *História da literatura brasileira* (1998), e que as “duas únicas divisões que legitimamente se podem fazer no desenvolvimento da literatura brasileira, são, pois, as mesmas da nossa história como povo: “Período colonial” e “Período nacional” (1998: 17). Para ele, há um estágio de transição entre estes dois períodos, em que se inserem alguns poetas mineiros. Na era colonial, o crítico vê importância apenas didática e cronológica, ao contrário da era nacional, momento em que, sob a maioria do povo, tínhamos uma literatura nacionalista. Seu objetivo é, portanto, demonstrar como a literatura brasileira vai emergindo e se desvinculando da tradição portuguesa. Assim, o crítico compreende a literatura como expressão da nacionalidade de uma nação, adotando uma concepção estética e conciliando historicismo com crítica impressionista. Ventura (1995: 50) observa que a grande contribuição de Veríssimo “reside na proposição de um ponto de vista específico para a história literária, em que o texto é focado como entidade, cujo valor estético e significação se dariam de forma independente do contexto da escrita ou leitura”. Esta posição revela uma preocupação com o fazer crítico e mesmo com a institucionalização do ensino de literatura, definindo-lhe as áreas de competência.

É válido registrar que a divisão proposta por Veríssimo ainda hoje está muito presente nos livros didáticos de ensino médio, marcando o ensino de Literatura Brasileira ao relacionar a produção literária ao antes e pós- independência do Brasil. Geralmente, os períodos estilísticos são inseridos nas duas colunas – colonial/nacional – para a abordagem dos autores e obras canonizados tanto por Romero quanto pelo próprio Veríssimo.

Ronald de Carvalho (1984), em 1919, lança a *Pequena história da literatura brasileira*, apresentando o seguinte critério de divisão: “Período de formação (1500 - 1750)”; “Período de transformação (1750 - 1830)” e “Período autônomo (1830 - 1919)”. Esta obra adquire certa relevância porque formou boa parte da geração de historiadores e críticos literários do século XX. O conceito de literatura brasileira do crítico também é bastante amplo, nos moldes de Romero, concebendo as obras literárias como documentos e monumentos, capazes de revelar a tradição de uma civilização. Por isso mesmo, seu ideário era de se opor às críticas do continente europeu em busca da confirmação e efetivação do advento da nacionalidade.

Arthur Motta publica em 1930 a sua *História da literatura brasileira*, assim dividindo a produção literária no Brasil: “Época de formação”; “Época de transformação”; “Época de expansão autonômica: Fase do Romantismo” e “Fase do Realismo”. Em 1931, é publicada a obra *Noções de história da literatura brasileira*, de Afrânio Peixoto, apresentando: “Literatura colonial”; “Literatura reacionária”; “Literatura emancipada”; “Influências estrangeiras”. Como se nota, ambas continuam a trabalhar com o critério de “formação da nacionalidade”, marcado pela dicotomia colônia e nação.

Na contramão das principais histórias até então publicadas e com forte expressão marxista, aparece, em 1938, a obra de Nelson Werneck Sodré (1969), *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. Ela traz a seguinte divisão: “Literatura colonial”; “Esboço de literatura nacional”; “Literatura nacional”. A obra apresenta, ainda, extensa indicação de bibliografia e biografia dos autores como notas finais em cada capítulo. A proposta de Sodré está ancorada na tese de que história literária é parte da história social e política, por isso pretendia estudar a literatura em seus fundamentos econômicos à luz do marxismo (MALARD 1995: 57). Assim, a literatura é vista como um processo de interpretação e reflexo da realidade social, ou seja, é expressão nacional de um povo, instrumento de manifestação e compreensão daquilo que lhe é mais íntimo e original. Para o historiador, o estudo da história literária tem como propósito demonstrar as relações existentes entre o meio social e a manifestação literária a que ele corresponde.

A segunda edição saiu em 1940 e, em 1960, o autor apresentou uma terceira edição totalmente reformulada, agora constando uma introdução, ausente nas duas primeiras. Após esta edição foram feitas mais quatro, até 1985, sem muitas mudanças significativas. Malard (1995: 60) observa que foi “a partir da edição de 1960 que a obra começou a ter maior penetração nos meios universitários, em especial nos cursos de Letras, indicada por docentes de formação marxista ou simpatizantes da esquerda” e lembra que nesta época as obras de Candido e Coutinho eram as referências maiores na busca de informações e de modelos de análise do texto literário. Sendo assim, a obra de Sodré ia para outra direção, pois “não atendia às diretrizes do ensino de literatura então vigentes, marcadamente periodológico por estilos de época e pela preocupação com análises textuais raramente contextualizadas, quer histórica quer sociologicamente” (MALARD 1995: 61). Vigorava, pois, a tendência das análises influenciadas pelo *New Criticism*, do qual Coutinho era o grande defensor.

Em 1955, Afrânio Coutinho (1997) publica *A Literatura no Brasil*. A obra, dividida em 6 volumes, e, influenciada pela corrente da nova crítica, adota a periodização estilística: “v. I; prefácio, introdução, generalidade, estilos de época e movimentos literários:

barroconeoclassicismo- arcadismo”; “v. II: romantismo”; “v. III realismo-naturalismo- parnasianismo”; “v. IV: simbolismo- impressionismo-modernismo”; “v. V: modernismo”; “v. VI: relações e perspectivas, conclusão”. Os estilos de época, “era barroca, era neoclássica, era romântica, era realista, era de transição e era modernista”, são apresentados por Coutinho antes dos ensaios assinados pelos outros críticos. Para o autor, a periodização deve ser feita a partir da concepção da Nova Crítica, isto é, não há uma divisão dos períodos por meio de delimitação cronológica ou política, mas sim periodização pelos estilos literários. O crítico assume a literatura como realidade estética autônoma, mas sem perder de vista as relações do fenômeno literário e o meio político-social em que é produzido. Mesmo sendo escrita por várias mãos, o que resultou numa variedade de enfoques na análise dos autores e obras, a espinha dorsal da obra se manteve: a periodização estilística (CAIRO 1997: 41).

Para Benedito Nunes (1998), a partir desta obra – assim como com a *Formação de Candido* – nossa historiografia ingressa em uma nova fase. Como bem observa Souza (2005-2006: 3), embora com enfoques metodológicos diferentes, Candido e Coutinho “se voltaram, por volta da mesma época, a uma mesma tarefa: redimensionar a fundo a investigação de nosso patrimônio literário em perspectiva histórica”. Coutinho, adepto dos preceitos do *New Criticism*, pretende uma história literária voltada para o estético e não histórico, abordando a autonomia da obra de arte. Barbosa (1980: 50) observa o disposto abaixo.

O maior valor da obra organizada e dirigida por

Afrânio Coutinho reside na tentativa de elucidar modernamente alguns dos problemas fundamentais da Historiografia Literária, sobressaindo o da periodização que, na obra, obedeceu a critérios estilístico-sociológicos. Assim é que, em lugar das tradicionais demarcações políticas de período colonial e nacional, procurou-se a uniformidade na denominação das épocas, segundo um determinante espiritual, inspiradora do estilo artístico, funcionando como característica elementar.

Também em 1955, Antonio Soares Amora (1961) lança *História da literatura brasileira*, com os períodos assim classificados: “Era luso-brasileira: época do quinhentismo e do seiscentismo (1594 - 1724)”; “Era luso-brasileira: época do setecentismo (1724 - 1808)”; “Era nacional: época do Romantismo (1808 - 1868)”; “Era nacional: época do Realismo (1868 - 1893)”; “Era nacional: época do Simbolismo (1893 - 1922)”; “Era nacional: época do Modernismo (1922 - 1945)”. Novamente se percebe a divisão colonial x nacional,

marcada pela proclamação da independência, evidenciando o fim da era luso-brasileira. Observa-se também, a periodização por estilo de época na era nacional.

Antonio Candido (1997) publica, em 1959, a *Formação da literatura brasileira*, propondo a seguinte periodização: “1750 a 1836”; “de 1836 a 1880”. Partindo de um pressuposto sociológico, as idéias de Candido sobre literatura passam sempre pela relação que a literatura estabelece com a sociedade onde surge. De um lado, apresenta uma série de ensaios sobre autores e obras importantes da literatura brasileira; de outro, traça a constituição do sistema literário brasileiro. A linha diacrônica não é abandonada pelo crítico, pois há uma linha conduzindo os ensaios, no entanto, a história não é tratada apenas como sucessão de períodos estilísticos. Ao analisar as obras por ele selecionadas, o crítico leva em conta a “qualidade do texto literário na história” (CAIRO 1997: 42). A obra de Candido, sem ser propriamente uma história da literatura brasileira, se tornou uma referência didática no que diz respeito à definição do processo histórico de constituição de nossa literatura e, sobretudo, por cumprir um papel significativo na formação de muitas gerações de críticos literários. No ambiente universitário, os ensaios analíticos de Candido estão presentes como referência de modelos de análise e abordagem sincrônica da produção literária brasileira.

Em 1970, Alfredo Bosi (1994) publica *História concisa da literatura brasileira*, com a seguinte periodização, também estilística: “A condição colonial”; “Ecos do Barroco”; “Arcádia e Ilustração”; “O Romantismo”; “O Realismo”; “O Simbolismo”; “Pré-modernismo e Modernismo”; “Tendências contemporâneas”. O autor não apresenta uma introdução teórico-metodológica, mas ao longo do trabalho fica clara sua posição de ver a literatura como expressão, partindo da condição colonial até o ponto de superação da dependência espiritual, com plena exploração das potencialidades formais da cultura brasileira. O caráter conciso de sua história, assim como é a de Ronald de Carvalho, em muito contribuiu para a adoção no meio universitário quase que como “um manual didático” para o ensino da Literatura Brasileira, evidente nas inúmeras edições que a obra alcançou até o momento.

Por fim, vale mencionar a publicação da professora italiana, Luciana Stegagno Picchio, que, com seu olhar estrangeiro, divulga sua *História da literatura brasileira*, em 1997. A autora assim faz sua divisão: “As grandezas do Brasil e catequese jesuítica”; “O barroco brasileiro”; “O século XVIII: das academias barrocas às sociedades independentistas”; “O século XIX: Autonomia e independência”; “O século XIX: O grande romantismo brasileiro”; “O século XIX: Socialidade e Realismo”; “O século XIX: Machado de Assis”; “A poesia do Parnaso ao crepúsculo: realistas e parnasianos”; “A poesia do

Parnaso ao crepúsculo: neoparnasianos e crepusculares”; “A prosa do Parnaso ao crepúsculo: simbolistas, neoparnasianos e literatura regionalista”; “A prosa do Parnaso ao crepúsculo: engajamento social e hedonismo verbal”; “O Modernismo: os anos de vanguarda (1922 - 1930)”; “Estabilização da consciência criadora nacional (1930 - 1945)”; “As letras brasileiras de 1945 a 1964”; “Dos anos do golpe ao fim do século”. Como bem observa Nakasato (2000: 5), mesmo sendo contemporânea, a história de Picchio “não consegue fugir da importância do fim da 2ª Guerra Mundial e do golpe militar de 1964 e usa estes fatos como linhas fronteiriças na periodização que realiza”. Aspecto este que evidencia, portanto, um condicionamento da periodização a aspectos políticos e não apenas estéticos.

Em síntese, ao verificar os conteúdos programáticos das universidades selecionados para a presente pesquisa, ficou exposto que dentre as histórias acima citadas, a mais adotada como parâmetro para a abordagem da Literatura Brasileira, tanto no ensino médio quanto no superior, é a de Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*, ao lado da de Afrânio Coutinho, *A Literatura no Brasil*. É possível perceber que tanto a história de Bosi quanto a de Coutinho se assemelham na organização, optando pela periodização estilística. A diferença entre elas está na abordagem dos períodos colonial e modernismo. Coutinho não denomina literatura colonial por entender que a literatura não se subordina à política de um país, daí não abranger os textos deste período. Bosi, por outro lado, entende que estes textos são fundamentais porque serviram de fontes para a literatura brasileira. Quanto ao Modernismo, Bosi acrescenta o Pré-Modernismo e Coutinho não vê esta distinção, apontando os autores deste período como regionalistas do século XX. Outro nome que comparece nos programas é o de Candido, não apenas com a *Formação da Literatura Brasileira*, mas também com vários outros ensaios críticos. No que se refere à comparação com Bosi e Coutinho, a “história” de Candido se destaca pela proposta sociológica e, por isso mesmo, pela idéia de sistema literário, daí não considerar os períodos anteriores ao final do século XVIII. Como seu estudo chega apenas até o final do XIX, o período modernista não é contemplado na obra.

O breve percurso histórico aqui apresentado – que, obviamente, não aprofundou questões maiores como as dos postulados metodológicos de cada historiador (e, inclusive, não contemplou outras produções como as de José Aderaldo Castello e Massaud Moisés, etc.) – teve como objetivo tão-somente apresentar as principais histórias da literatura brasileira, compreendendo-as sob o ponto de vista da periodização por elas propostas. Ponto de vista este, ressalvadas algumas produções como as de Candido e Coutinho, sempre ligado à dicotomia colônia/nação e expresso sob uma divisão cronológica marcada por fatos políticos.

Sendo assim, verifica-se que as primeiras produções evidenciaram a influência do ideário romântico europeu para a formação de nossa historiografia, fortemente ligado ao conceito de nacionalidade.

Centrando-se nas mais significativas, pode-se dizer que a história de Romero, baseada numa visão ampla de literatura, tenta documentar a produção literária nacional como expressão do meio social. As de Veríssimo, Ronald Carvalho, Sodré, Afrânio Coutinho e Bosi, além da *Formação*, de Candido, demonstram, muitas vezes, não apenas a repetição de discurso de um crítico para outro, como também a filiação a determinadas correntes da crítica que, de modo geral, tem se prestado à institucionalização de um cânone elitizado pelos referenciais “universais” tão criticados pelos mesmos historiadores ou críticos, que se perpetuam no uso das referidas histórias no ambiente universitário.

## 2.4 HISTÓRIA E CRÍTICA LITERÁRIA NA ATUALIDADE

Em tempos pós-modernos caem por terra os valores da identidade nacional, a memória das verdades estabelecidas, o centramento de uma cientificidade absoluta e desvanece a busca das origens. Hoje, a proposta de uma história da literatura se configura a partir de várias tendências derivadas de modos diversos de se pensar o processo histórico.

Eduardo Faria Coutino<sup>2</sup> observa que a partir da década de 70, do século XX, são alteradas as premissas da historiografia e cai a ratificação do discurso do colonizador, o que faz com que se passe a olhar o local de onde se está falando, bem como se modifica o conceito de nação e da idéia de região cultural. Com estas modificações mais recentes, a historiografia rompe com a linearidade, modifica o conceito de nacionalidade e tende a analisar o caráter excludente da historiografia anteriormente praticada, especialmente no contexto latino-americano. São questionados, a exemplo, os parâmetros pelos quais a história literária institui cânones, reafirmando a supremacia de um sistema europeu, como universal, numa perspectiva historicista linear.

---

2 Informação verbal de Eduardo Faria Coutinho, da UERJ, em curso sobre “Inovação na literatura comparada, contexto latino-americano e brasileiro”, como Estudo Avançado no Programa de Pósgraduação em Letras da UEL, realizado em 26 e 27 de agosto de 2005.

No seu modo de ver, já nos anos 60, uma espécie de tumulto teórico na área dos estudos literários abriu espaço para outras vozes se manifestarem, como as da África e de mulheres, nunca antes representadas nos grandes cânones ocidentais. Para ele, o Desconstrucionismo, de Derrida, a voz de Edward Said, investigando o discurso camuflado do homem ocidental, como marco inicial dos estudos pós-colonialistas, e a expansão dos Estudos Culturais, dentre tantas outras teorias, em muito contribuíram para a revisão dos conceitos no âmbito da crítica e história literária, sobretudo aqueles ligados ao “olhar”, ou seja, o ponto de vista de quem e de onde se fala, em oposição ao eixo dominador eurocêntrico. Assim, discursos sobre dominador x dominado, pós-colonialismo x neocolonialismo, centro x periferia, literatura erudita x popular e outros, se encontram na visada da crítica contemporânea. Em decorrência disso, da década de 70 do século passado aos nossos dias, os paradigmas tradicionais dos estudos literários estão cedendo lugar a outros tipos de abordagem, numa perspectiva múltipla e móvel.

Nesta linha de pensamento, Chiappini, ao tratar das relações entre Literatura e História, destaca que os estudiosos de Literatura, após um longo tempo ligados aos preceitos formalistas, voltaram a discutir estas relações. Para ela, não apenas

situando os textos num contínuo de datas e acontecimentos políticos ou buscando as determinações ideológicas e econômicas destes, mas, de modo mais complexo, atentando para o entrelaçamento das obras literárias com outros discursos, com sistemas de valores, com protocolos de leitura, com horizontes de expectativas de autores e leitores, com o processo histórico e com outros discursos, entre eles o discurso historiográfico, cujas fronteiras com a literatura e com a antropologia freqüentemente se confundem. (CHIAPPINI 2000: 19)

Bosi (2000: 39), mapeando o desenvolvimento da crítica e historiografia da literatura brasileira por meio da revisitação de alguns historiadores e críticos, destaca que

a cultura universitária dos anos 40 não ignorava a revolução que a sociologia do saber, a fenomenologia, o existencialismo, o marxismo e a psicanálise estavam operando nos métodos das ciências humanas que na Europa já havia muito se distinguiam das ciências exatas e naturais. Esse clima intelectual, rico de fermentos contraditórios, propiciava uma nova compreensão histórica da literatura.

De tal modo, o crítico argumenta não haver mais espaço para doutrinas ultrapassadas tal qual o nacionalismo dos românticos ou o historicismo sociológico dos positivistas e evolucionistas. A idéia de história literária defendida por ele é aquela voltada para a singularidade dos textos - não mais pela representatividade, ligada a conceitos como nação ou raça – vistos como “individuações descontínuas do processo cultural”, que “podem exprimir tanto reflexos (espelhamentos) como variações, diferenças, distanciamentos, problematizações, rupturas e, no limite, negações das convenções dominantes no seu tempo” (BOSI 2000: 11-2).

Uma vez expondo esta posição, o crítico declara que somente com Antonio Candido, em *Formação de Literatura Brasileira*, e Otto Maria Carpeaux, com *História da Literatura Universal*, a abordagem histórico social e a criação estética individual acabam se equilibrando. Para ele, “é nessa perspectiva ampliada, respeitosa dos direitos da memória, da imaginação e da reflexão crítica, que recebem nova luz as relações entre literatura e sociedade, literatura e nação” (2000: 47).

O que importa é que este cenário, de debates sobre novas formas de se fazer história, abriu diferentes caminhos para a historiografia, pois, a partir da segunda metade do século XX, é visível a preocupação de se fazer história social, construindo-se uma história da leitura, dos livros, ou história das idéias – entendendo-se, aqui, o estudo de obras que funcionem como documentos históricos e que, por isso mesmo, podem refletir as ideologias de suas épocas (ver COMPAGON 2003: 206). Bosi (2000: 21), por exemplo, observa que novas bases foram se fortalecendo no final do século XX.

Trata-se de alterações profundas na concepção dos gêneros, na estilização da frase: desdobramentos refinados da aspiração moderna de macerar a subjetividade no texto literário; alterações que foram deixando para trás o caminho percorrido pela velha historiografia que tudo passava pela malha grossa de uma suposta “evolução” da literatura nacional.

Jobim (2004), ao falar sobre a história literária hoje, observa que os projetos “clássicos” da história da literatura no Brasil – como os de Bosi, Candido e Coutinho – continuam válidos, considerando a importância que eles possuem, mesmo quando são retomados para se empreender projetos diferentes, visto que é a partir deles que se marca a diferenciação. Para ele, são importantes o que ele chama de trabalhos de “arqueologia textual”, pois são aqueles com os quais não “só se volta às fontes originais, para a preparação mais cuidadosa de edições de textos canônicos, mas [que colocam] em circulação autores e

obras poucos conhecidos ou desconhecidos”. Nesta esteira, menciona projetos como o estudo da condição da mulher no Brasil, que deu origem a diversos textos críticos, ou mesmo o de pesquisadores que têm contribuído com antologias e resgate de textos fundamentais para se entender a formação da literatura brasileira<sup>3</sup>.

Dito assim, é possível afirmar que era comum, até bem pouco tempo, o estudo de algumas obras apenas do ponto de vista historiográfico, sem análise como produto de um determinado sistema, de uma época específica. Apenas contemporaneamente é que estudos desta natureza, principalmente em relação a autores tidos como menores, começaram a ter lugar na crítica literária. Todavia, é importante registrar que raras vezes estes estudos alcançam os currículos dos cursos de graduação, posto que estes permanecem centrados na abordagem dos autores já canonizados. Deste modo, eles acabam focalizando-se na área da pós-graduação.

Mesmo assim, é possível verificar que esta posição de revisão crítica é um reflexo, por exemplo, das propostas da Estética da Recepção, que possibilitaram, a partir da década de 60, com as idéias de Robert Jauss e Wolfgang Iser, na Alemanha, a revisão dos estudos literários, permitindo a compreensão de uma obra como produto de um processo, que compõe um sistema de produção, recepção e comunicação. Em decorrência desta visão, o público leitor passa a ter um papel fundamental na análise de uma obra, uma vez que ele configura este sistema literário, sendo “condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social” (ZILBERMAN 1989: 11).

Zilberman observa que as idéias divulgadas pelos dois teóricos incorporam as de Hans-Georg Gadamer, expressas em *Verdade e Método* (1961), na medida em que também propuseram uma reabilitação dos estudos de história da literatura ao admitirem a história como base do conhecimento do texto e ao aceitarem a interpretação do leitor como constituinte desta história e reflexo dela.

No Brasil, estas idéias começaram a chegar pouco a pouco, tendo aparecido, segundo Zilberman (1989: 6), “em 1979, [quando] Luiz Costa Lima organizou uma coletânea de ensaios importantes dos membros da Escola de Constanza”, somadas às amplas discussões sobre leitura, iniciadas nos anos 80, em meio à crise de ensino e a uma tentativa de rever

---

3 São referências aos trabalhos de Maria Eunice Moreira, Rita Terezinha Schmidt e Carlos Baumgarten, bem como Zahidé Lupinacci Muzart, no resgate de autoras brasileiras; são citadas *Antologia do Romance-folhetim*, de Tânia Serra; *História da literatura brasileira e outros ensaios*, de Joaquim Norberto de Souza Silva, organizada por Roberto Acízelo de Souza, *O berço do cânone*, de Regina Zilberman e Maria Eunice Moreira. Jobim menciona ainda, *Formação da leitura no Brasil* e *O preço da leitura*, ambos de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, como exemplos de uma crítica voltada para as práticas culturais externas ao texto literário e que se tornam contexto significativo para a compreensão dos processos literários.

criticamente o passado. Ao mesmo tempo, Haroldo de Campos (1975), propunha uma releitura da história da literatura por meio de uma ‘poética sincrônica’, ou seja, do resgate crítico de obras, valorizando-as a partir de um novo enfoque, sem repetir, portanto, o posicionamento de críticas passadas e canonizadas na história da crítica.

Estas posições advêm da concepção de que o texto contém “espaços em branco”, “vazios”, “interstícios” como propuseram Iser (1979, 1996), Eco (1979), Jauss (1979) e outros, levando o leitor a ser considerado como peça fundamental no processo de leitura. Este cenário, pode-se dizer, foi o grande pivô das mudanças epistemológicas em relação aos estudos de leitura e de literatura.

Vista como instância que atribui sentido ao que lê, a figura do leitor transforma a materialidade do texto de acordo com sua experiência de vida e de leituras anteriores. Essa nova caracterização do leitor mostrou que existe uma sociologia e uma história da leitura como atividade humana, produzida socialmente, variável de acordo com as circunstâncias em que é realizada. Tendência semelhante, a de observar os aspectos sociológicos, pode ser encontrada nos estudos literários, sobretudo nos que se aproximam das várias vertentes da Estética da Recepção, acima mencionada. Portanto, é impossível não se unir os dois temas: leitura e literatura. Afinal, é inevitável pensar no literário sem considerar sua natureza social ou os complexos mecanismos que ajudam a construir aquilo que se chama literatura (EAGLETON 1997; CULLER 1999).

Chartier, por exemplo, propõe uma articulação entre literatura e mundo social, ao pensar numa abordagem histórica da literatura. Para ele, a literatura não teria uma natureza intrínseca, própria, mas seria uma construção de sentidos propostos para certos textos. A historicização seria um modo de desvendar os mecanismos de construção do literário, dentre os quais o da leitura.

Uma história da literatura é então uma história das diferentes modalidades de apropriação dos textos. Ela deve considerar que o “mundo do texto”, usando as palavras de Ricoeur, é um mundo de “performances” cujos dispositivos e regras possibilitam e restringem a produção do sentido. (CHARTIER 1997: 68)

Chartier pensa na historicização do literário, ou seja, a verificação de como acontecem as variações, no tempo e espaço, entre o que é considerado ou não literário, por meio do estudo de algumas categorias responsáveis por construir a literariedade.

Decorre daí a definição de domínios de investigações particulares (o que não quer dizer próprias a tal ou tal disciplina): assim, por exemplo, a variação dos critérios que definiram a “literariedade” em diferentes períodos, os dispositivos que constituíram os repertórios das obras canônicas; as marcas deixadas nas próprias obras pela “economia da escrita” em que foram produzidas (segundo as épocas e as possíveis coerções exercidas pela instituição, pelo patrocínio ou pelo mercado), ou, ainda, as categorias que construíram a “instituição literária” (como as noções de “autor”, de “obra”, de “livro”, de “escrita”, de “*copyright*”, etc.). (CHARTIER 1997: 68-9)

É com este ponto de vista – o de que a literatura possui uma natureza social, posto que é manifestação cultural – que a história literária atual tem buscado novas formas de historicizar o literário, investindo em diferentes enfoques de pesquisa histórica. Claus-Michael Ort (1996), por exemplo, oferece estratégias para se pensar na história da literatura inserida em sistemas sociológicos e estéticos. Pode-se pensar, sob este ponto de vista, numa história das mentalidades, como perspectiva interdisciplinar para se compreender as manifestações de produção e leitura de diferentes épocas. Do mesmo modo, a perspectiva de Hans Ulrich Gumbrecht (1996), também por este viés de substituição do conceito de totalidade histórica por mentalidade, sugere a perspectiva de se construir história a partir de outras fontes.

Neste sentido, outros caminhos, considerando as práticas culturais como algo externo à produção literária, passaram a ser trilhados na abordagem dos estudos literários. Pode-se dizer que esta seja uma influência da prática dos Estudos Culturais, em que pese a tendência de, por meio deles, alguns simplificarem as relações entre literatura e sociedade. A propósito, Perrone-Moisés (2000: 337), ao tratar da crítica literária hoje, adverte que

o ‘culturalismo’ que atinge a área literária, e não apenas ela, ameaça substituir as disciplinas especializadas por um ecletismo destituído de qualquer rigor na formação dos pesquisadores e na formulação de conceitos e juízos. Quanto à literatura, se esta se dilui na ‘cultura’, passa a ser vista apenas como expressão, reflexo, sintoma, e perde sua função crítica do real e proposta indireta (estética) de alternativas para o mesmo.

Todavia, é forçoso reconhecer que os Estudos Culturais abriram espaço nos estudos literários para abordagens críticas que reconheçam manifestações culturais até então

marginalizadas, periféricas, como as produções orais ou as de vozes reprimidas (das mulheres, de negros e outros grupos).

Segundo Costa *et al.* (2003), originalmente surgidos na Inglaterra da década de 50, no panorama pós-guerra, os Estudos Culturais têm três figuras tutelares: Richard Hoggart, com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams, com *Culture and Society* (1958), e E. P. Thompson, em *The making of the English working class* (1963). A partir de suas idéias, cultura deixa de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões, incorporando novas e diferentes possibilidades de sentido. Trata-se, pois, de valorizar a cultura de pessoas menos privilegiadas, democratizando o ensino e as formas de acesso aos saberes. Influenciados pelas teorias materialistas, do estruturalismo e pós-estruturalismo, bem como pelas idéias de Gramsci sobre cultura e pela Escola de Frankfurt sobre tensão entre indústria cultural e alta cultura, os autores se propunham a analisar outras formas culturais além da Literatura, a fim de verificar como tais formas eram produzidas.

Para Costa *et al.* (2003: 38), os

trabalhos precursores dos EC, apesar de não serem unívocos em suas perspectivas de problematização, estão unidos por uma abordagem cuja ênfase recai sobre a importância de se analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e suas práticas – para entender os padrões de comportamento e a constelação de idéias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem. Em seus desdobramentos, os EC investem intensamente nas discussões sobre a cultura, colocando a ênfase no seu significado político.

Portanto, é inegável o conteúdo político presente nas discussões sobre cultura propostas pelos Estudos Culturais, uma vez que elas trazem à tona as construções ideológicas de cada esfera social e suas identidades, a partir da leitura dos “textos culturais” produzidos. Autores como Stuart Hall, Frederic Jameson, Nestor Garcia Canclini, Beatriz Sarlo, David Harvey são alguns dos nomes que têm se pautado pela defesa de uma cultura entendida como produto que incorpora todos os aspectos da vida social, não mais tida como saber erudito, estético, ligado à tradição imposta pela classe dominante. Quanto ao contexto brasileiro, Franchetti (2002: 3) tece considerações:

Desde há alguns anos, [...] na esteira do prestígio dos estudos culturais, é sensível um renovado interesse pela perspectiva histórica, mas agora descentrada do cânone ou aplicada à sua corrosão. São as histórias que

visam à construção de linhagens alternativas, em que a clivagem é definida por outras balizas, como o gênero, a etnia, a orientação sexual ou outro fator percebido como anteriormente recalcado na historiografia que tinha por objeto o cânone estético dominante.

Dito assim, percebe-se que não é apenas a literatura o objeto primordial dos Estudos Culturais, bem como fica clara sua posição de se contrapor às disciplinas tradicionais na seleção de seus objetos de estudo, considerando que o texto literário passa a ser visto como um produto social, inserido em determinado tempo e espaço e, por isso mesmo, articulado às categorias produtivas do sistema vigente, ao lado da prática cultural do povo. O conceito que se pode dar aos chamados Estudos Culturais é de natureza ampla, tendo em vista que eles formam uma metodologia interdisciplinar de abordagem na área da cultura, inter-relacionando-se com a Teoria da Literatura, Sociologia, Antropologia, História, Ciências Sociais, dentre outras áreas. Culler (1999: 49) observa que

o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos num mundo de comunidade diversas e misturadas, de poder do Estado, indústrias da mídia e corporações multinacionais.

Assim sendo, resta verificar como se dá a prática da teoria dos Estudos Culturais no ambiente universitário, de modo que se possa compreender as implicações da abertura por eles proposta na abordagem das obras literárias canonizadas ou não. Ou seja: em que medida eles contribuem para que o professor da disciplina de Literatura Brasileira incorpore em seus programas uma metodologia que possibilite aplicar as idéias interdisciplinares sobre cultura e práticas culturais abordagens da produção literária brasileira?

Espera-se, por exemplo, que, num cenário em que muito se fala sobre os Estudos Culturais, em que toda teoria é relativizada, os programas curriculares dos cursos de Letras apresentem autores e obras numa perspectiva de diálogo com as tendências contemporâneas. No entanto, pouco se tem de abordagens diferentes das obras já canonizadas, o que indica que, muitas vezes, as diferentes tendências nos estudos literários não alcançam o curso de formação inicial do professor de literatura, aparecendo apenas em cursos de pós-graduação, com cursos específicos sobre literatura brasileira afro-descendente, feminina, *gay*,

de ex-detentos e outras tais, como abordagens temáticas, por exemplo. Talvez, por isso, diga-se que, de alguma forma, eles abriram espaço para grupos marginalizados alcançarem legitimidade no meio acadêmico. Culler (1999: 54), a este respeito, alega que há uma inclusão de “textos de mulheres e de membros e outros grupos historicamente marginalizados” no ensino da literatura hoje, estudados como “representações da experiência e portanto [sic] da cultura das pessoas em questão”.

Nessa direção, projetos de pesquisa, trabalhos de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado têm sido produzidos nos últimos anos, por várias universidades brasileiras, sobretudo nas dos grandes centros, em que se compartilha dos direcionamentos teóricos dos Estudos Culturais. Esta produção em muito contribui para um novo olhar à crítica e historiografia literárias brasileira.

Por isso mesmo, é importante lembrar que, historicamente, há esta preocupação nos Estudos Culturais, de incluir na produção acadêmica, estudos sobre culturas marginalizadas, como uma forma de intervenção nas políticas culturais vigentes e formuladas por classes privilegiadas. O meio universitário, portanto, acaba se tornando espaço importante para que estas intervenções se realizem. Todavia, é preciso verificar como isso tem se dado, em nível de graduação, na formação inicial do docente.

No capítulo IV deste trabalho serão expostas considerações sobre alguns conceitos de literatura e cânone, advindos dos discursos docentes e discentes, que revelam algumas relações com as propostas dos Estudos Culturais e outras áreas dos estudos literários. Por fim, pensando nesta nova historiografia que vai se delineando no cenário multicultural contemporâneo, vale mencionar, como proposta concreta de um novo modo de olhar para as produções culturais, aí inserida a obra literária, a publicação de *Nenhum Brasil existe*: pequena enciclopédia, organizada por Rocha e Araújo (2003). Originalmente publicada sob título *Brazil 2001: a revisionary history of Brazilian literature and culture* (2001), em meio às comemorações dos quinhentos anos do Brasil, a obra apresentou 65 ensaios que revisavam temas da cultura brasileira. Conforme Melo (2004: 227), na edição brasileira, que teve o acréscimo de 23 ensaios, os textos

dão conta de um amplo arco de temas que vão da *Carta de Pero Vaz de Caminha* ao rap dos racionais MC's. Mais que isso: seus núcleos temáticos começam com as análises que Hans Ulrich Gumbrecht, Memory Holloway, Maria Manuel Lisboa e Guilherme Giucci fazem da (e a partir da) *Carta do achamento do Brasil* e, demarcadas essas linhas de base, formam uma densa narrativa da nossa história cultural.

A obra, segundo as palavras do organizador, se propõe não a definir o que o Brasil é, mas sim, “antes de buscar respostas, quer trazer novas perguntas” (MELO 2004: 229). Assim, parece ser uma produção de fato revisional, pelo caráter inovador na abordagem de temas já conhecidos sobre a cultura brasileira. Inclusive, Melo observa que o organizador desejava para a obra um “destino mais coletivo”, ou seja, voltado para distribuição de escolas e bibliotecas públicas. Esta preocupação revela a intenção, portanto, de proporcionar oportunidades para a discussão crítica no espaço escolar sobre a cultura brasileira. No entanto, vale mencionar, como contraponto, a apreciação crítica que faz Franchetti sobre a obra, em especial do volume original, que trazia no título a expressão *revisionary*. Para ele, embora a obra se proponha a escrever uma história cultural e literária, sem pensar na questão da identidade nacional, parece que a questão do adjetivo está mais ligada “à forma de organização do volume, que apresenta voluntariamente uma história lacunar, do que ao texto e às idéias das contribuições individuais” (2002: 8) nela presentes. Talvez, por isso, argumente que a grande vantagem da obra está na renúncia ao que sempre distinguiu a história literária: “a busca de um quadro totalizante do passado”. De qualquer modo, é uma experiência, no campo da história literária brasileira atual, que abre caminho para outras formas de se abordar as produções culturais brasileiras.

## **2.5 HISTÓRIA LITERÁRIA VERSUS ENSINO DE LITERATURA BRASILEIRA**

A associação entre história literária e escola, datada do século XIX, permanece até hoje. Como verificamos anteriormente, as primeiras histórias literárias brasileiras estão organizadas basicamente conforme critério cronológico e político, ligadas a projetos de afirmação de nossa identidade nacional. Este processo de autonomia também pode ser associado ao de institucionalização do ensino de literatura. O estudo da disciplina de literatura na escola secundária brasileira desde o século XIX, por exemplo, evidencia seu caráter historicista nacionalizante.

Ao longo dos anos 30, do século XX, com a criação das primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do país, um novo projeto nacional se estabeleceu, visando à formação intelectual brasileira. A relação entre história literatura e ensino de literatura se fortaleceu mais ainda, tendo em vista que o ensino superior iria legitimar a produção ou reedições das histórias literárias, estabelecendo um ensino de literatura

condicionado aos padrões indicados por estas histórias, geralmente pautados por uma periodização cronológica, não obstante a diversidade de correntes da teoria e crítica literária divulgada naquele século, que parecem passar ao largo do trabalho efetivo com literatura em sala de aula. A pesquisadora Razzini (2000: 44) destaca:

A primeira universidade brasileira foi formada tardiamente no Rio de Janeiro, em 1920, com a junção das faculdades de Medicina, Direito e a Politécnica, seguida da Universidade Federal de Minas Gerais, que é de 1927. A Universidade de São Paulo foi organizada só em 1934. Na década de 40 apareceram a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1944), a Universidade Federal da Bahia (1946), a Universidade Federal de Pernambuco (1946) e, a particular, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1946). Nos anos de 1950 foram criadas mais 13 universidades, mas foi na década seguinte que o ensino superior alcançou expressividade nacional, com a fundação de 31 universidades.

As Faculdades de Letras nascem, portanto, vinculadas às Faculdades de Filosofia. Até que este cenário do ensino superior se instalasse, o ensino de literatura no século XIX, e mesmo nas três primeiras décadas do XX, era realizado apenas em escolas secundárias. Segundo Moacyr (1936: 16), ele foi introduzido no programa de retórica do Imperial Colégio de Pedro II, em fevereiro de 1855. A obra adotada para estudo era a do Cônego Fernandes Pinheiro, *Curso de Literatura Nacional* (1862), posto que o autor era professor de retórica e poética naquele Colégio desde 1857, conforme informações de Lajolo (1995). Razzini (2000: 59) enfatiza que

se por um lado, o estudo dos Programas de Ensino do Colégio Pedro II confirma a ênfase no ensino clássico e no modelo francês durante muito tempo, como traços distintivos de nossa elite, por outro lado, ele também aponta que, aos poucos, sobretudo a partir de 1870, houve a ascensão do ensino de língua portuguesa, e conseqüentemente, da literatura brasileira.

Ao investigar o currículo da escola secundária no Brasil, na área de Língua portuguesa e literatura, Razzini (2000) demonstra que os modelos e a implantação de uma perspectiva histórica a nossa literatura, foram estabelecidos a partir do Decreto 2006, de 24 de outubro de 1857, com a implantação da análise e crítica dos clássicos portugueses no currículo de Retórica e Poética, em substituição aos quadros da literatura nacional pela história literária portuguesa e nacional. Isso se deve à influência exercida pelo uso de compêndios do ex-professor de Coimbra e reitor do Liceu Nacional de Lisboa, Francisco

Freire de Carvalho, adotados até final da década de 1860 no Colégio Pedro II. A partir deste período dá-se início à construção de uma história literária específica, a fim de estabelecer, sobretudo, um caráter nacional de nossa literatura a partir da definição dos clássicos brasileiros. Neste cenário, a literatura brasileira passa a compor manuais de retórica e poética, bem como constar das gramáticas de língua portuguesa por meio de trechos exemplares dos clássicos nacionais, com objetivo de compor uma cultura nacional. O fato é que esta vertente historicista no ensino secundário acabaria por se sobrepor à retórico-poética. Segundo a pesquisadora, até

1889 a literatura e a história literária eram sub-itens (*sic*) das aulas de retórica e poética, disciplina que vinha declinando no currículo secundário, mas que devia sua sobrevivência (até 1890) aos exames preparatórios para as concorridas faculdades de Direito, que exigiam o exame de retórica. A partir das *Instruções* de 11 de outubro de 1891, que deliberavam sobre os exames preparatórios (aprovadas pelo decreto 668, de 14 de novembro de 1891), as disciplinas que haviam sido eliminadas do currículo secundário no ano anterior (retórica e filosofia), saíram também dos exames preparatórios. Contudo, a substituição da "Retórica" pela "História da literatura brasileira" no currículo secundário, não se repetiu nos exames preparatórios, transformando a nova disciplina (literatura brasileira) em adorno exclusivo do bacharel em Letras, título que receberia o aluno que concluísse o curso secundário do Ginásio Nacional (ou de estabelecimento equiparado a ele). (RAZZINI 2000: 112)

A partir de 1892, conforme atestam os programas analisados por Razzini, a Literatura Brasileira passa a ser estudada no sexto ano no lugar de retórica e poética como um processo histórico de representação da nação. Inclusive, em 1906, Silvio Romero e João Ribeiro adaptam a *História da Literatura Brasileira*, de autoria do primeiro, de 1888, para o curso secundário, intitulando-a *Compêndio de História da Literatura Brasileira* (MOACYR 1941: 96-7), fato que reforça a parceria entre literatura e história literária, e que iria se repetir (até os dias de hoje) no formato de outros compêndios e manuais, basta verificarmos nos índices dos vários livros didáticos destinados ao ensino médio atual a classificação periodológica, com mínima variação, estabelecida por Romero.

O estudo da história da literatura nacional, nos cursos secundários, segundo Razzini (2000: 317), demonstra que

já em 1898, a disciplina perdera sua autonomia (conquistada em 1890), sendo anexada à velha literatura geral (ou universal). Em 1911, ela foi drasticamente reduzida e incorporada ao currículo de Português, desaparecendo dos últimos anos do curso secundário. A partir de 1925, a

disciplina ganhou o adjetivo pátrio, ‘Literatura brasileira’, e passou a ser ensinada novamente no último ano do curso secundário, ao lado da ‘Literatura das Línguas Latinas’, saindo do currículo de Português. Porém, em 1929, nossa literatura voltou a ser estudada junto com a ‘Literatura Geral’, cujo extenso programa passou a ser exigido, a partir de 1936, nos exames de acesso aos cursos jurídicos.

Neste contexto de ascensão da disciplina, Souza (1999) destaca a “vertente historicista” iniciada a partir de 1858 no ensino secundário, com a inclusão da “história da literatura portuguesa e nacional”, no sétimo ano do secundário. Para ele, esta vertente triunfaria, sobrepondo-se à vertente “retórico-poética”. Aos poucos, o estudo da literatura passa a ocupar maior espaço e a refletir a própria formação da historiografia literária brasileira.

Neste cenário, conforme observa Luiz Eduardo M. Oliveira (1999), obras como *Pequena história da Literatura Brasileira*, de 1919, de Ronald de Carvalho, *Lições de Literatura Brasileira*, 1919, de José Ventura Boscoli, *História da Literatura Nacional*, 1930, de Jorge Abreu, *Noções de história da literatura brasileira*, 1931, de Afrânio Peixoto, *História da Literatura brasileira*, 1939, de Bezerra de Freitas, por exemplo, indicam a preocupação com a produção de obras voltadas para o ensino de literatura no nível secundário.

Por outro lado, com a expansão do ensino universitário no país, a partir de 1940, Oliveira (1999: 14-5) destaca que

as histórias literárias tornaram-se mais especializadas, seja em projetos coletivos nos quais cada autor cobre determinado gênero – como o da editora José Olympio, sob a direção de Álvaro Lins, do qual um dos volumes era a *História da Literatura brasileira: prosa de ficção (1890 - 1920)*, de Lúcia Miguel Pereira, publicada pela primeira vez em 1950 – ou período – como o da editora Cultrix, que publicou, entre outro, *O Realismo (1870 - 1900)*, de João Pacheco, em 1963-, seja em interpretações críticas de sua formação e seu cânone, num período cronológico previamente estabelecido – como em *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1959)*, de Antonio Candido -, o que sugere que tais obras passaram a ser produzidas para um público mais seletivo: os estudantes universitários de letras.

Uma outra produção que deve ser considerada, levando-se em conta a receptividade e uso no meio acadêmico até os nossos dias, é *A literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho, de 1955, que apresenta uma proposta de periodização estilística,

conforme já mencionamos. Critério este também utilizado por Alfredo Bosi em sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, de 1970, e que é, sem dúvida, aquela que melhor define a relação atual entre história literária e ensino de literatura, posto que é presença unânime nos cursos de Letras.

Na atualidade, a Literatura Brasileira no ensino secundário é abordada inserida na disciplina de Língua Portuguesa, com exceção de algumas escolas particulares que separam as duas em áreas distintas, enfatizando-se o estudo da história literária brasileira. De qualquer forma, analisando a trajetória histórica do ensino de Literatura Brasileira, tanto no ensino secundário quanto no superior, verifica-se que a disciplina sempre esteve ligada a interesses de grupos dominantes e era ensinada de modo que atendesse a determinados objetivos destes grupos.

Por outro lado, a perspectiva periodológica presente nas histórias literárias, e implantada nos currículos da escola secundária desde o século XIX, também é a que se constata no ensino de Literatura Brasileira na universidade, conforme veremos no capítulo III, pois é o que se verifica nos programas universitários analisados neste trabalho, que apresentam em suas ementas a perspectiva cronológica oficial proposta pelas histórias literárias brasileiras.

## **CAPÍTULO II**

### 3 VISÕES SOBRE CÂNONE E ENSINO

Todo processo de constituição canônica ocorre num contexto seletivo e, portanto, exclusionário, uma vez que se trata de delimitar as fronteiras do que uma cultura nacional vem a definir como sendo seu corpus oficial. O cânone, isto é, um conjunto de textos que passou pelo teste do tempo, e que foi institucionalizado pela educação e pela crítica como clássicos, dentro de uma tradição, vem a ser o pólo irradiador dos paradigmas do quê e do como se escreve, do quê e de como se lê. (SCHMIDT 1996: 315)

Este capítulo apresenta algumas considerações sobre cânone literário e seus processos de legitimação. Nele, após uma breve reflexão sobre o cânone como tradição cultural e o contexto canônico brasileiro, discuto os seguintes aspectos: a relação entre cânone e mercado; o papel da universidade como instituição canônica, refletindo sobre a herança do método positivista de classificação de autores e obras, representantes da cultura do país, e que permanece viva nas propostas curriculares de abordagem no ensino de Literatura Brasileira nos cursos de Letras; e o papel do professor, que elege o seu cânone para trabalho (normalmente aquele prescrito pelas histórias literárias que adota em seus programas de estudo). O objetivo é o de rever estas instâncias e o processo de historicização de nossa literatura, pelo viés do cânone e ensino.

#### 3.1 CÂNONES E TRADIÇÕES

Não é tarefa fácil pensar o cânone. Debater sobre ele implica em discutir, de modo integrado, permanência e mudança, tradição e presente, valor e historicidade, bem como a questão de que as histórias literárias demonstram a problemática das abordagens ideológicas subjacentes na autoridade do crítico literário. Daí falarmos em instâncias de legitimação incluindo os aparelhos do Estado, tais como a universidade, além das resenhas em jornais e revistas de grande circulação, fundações e associações que concedem bolsas de criação literária ou atribuem prêmios valorativos, bem como antologias e livros didáticos. Do mesmo modo, pode-se entender o papel das editoras, que divulgam as obras por meio de estratégias de *marketing* que as fazem sucessos de público.

É preciso considerar, sob este ponto de vista, a figura do professor como mediador entre o texto e o leitor no processo de educação literária, na medida em que ele também exerce sua autoridade de leitura. Ainda, considerar que qualquer mecanismo de escolha, de inclusão ou exclusão, torna o cânone um registro parcial, que cristaliza os valores, interesses e antagonismos de uma ideologia.

Num sentido imediato, a concepção de cânone é o conjunto de autores “obrigatórios em nossa cultura” (BLOOM 1995: 11). Para o crítico, mantém-se a noção de cânone secular como catálogo de autores aprovados, o que nos remete às origens do próprio termo.

O termo (do grego, ‘kanon’, espécie de vara de medir) entrou para as línguas românicas com o sentido de ‘norma’ ou ‘lei’. Durante os primórdios da cristandade, teólogos o utilizaram para selecionar aqueles autores e textos que mereciam ser preservados e, em conseqüência, banir da Bíblia os que não se prestavam para disseminar as ‘verdades’ que deveriam ser incorporadas ao livro sagrado e 68 pregadas aos seguidores da fé cristã. (REIS 1992: 70)

O referido autor salienta que este conceito revela um “princípio de seleção (e exclusão)” de obras, portanto, vinculado à questão do poder, posto que quem seleciona possui autoridade para fazê-lo, de acordo com seus interesses. Sendo assim, perguntar sobre quais os critérios utilizados para selecionar os textos que representam o cânone de determinada nação, significa questionar os vários processos que estão imbricados na escolha desta ou daquela obra. Tais como “determinações ideológicas, estilos vigentes numa determinada época, gênero dominante, contexto geo-político-cultural, pertencimento de classe e raça”, conforme comenta Schmidt (1996: 117). Mais ainda, é preciso considerar a tradição crítica, decorrente dos discursos dos críticos e das instituições a que eles pertencem.

Naturalmente, discussões sobre o cânone são extremamente polêmicas, tendo em vista que, no atual contexto, muito se fala sobre sua desconstrução e revisão. O valor estético hoje é colocado em xeque, graças ao deslocamento dos referentes que compõem uma determinada cultura. Como resultado, é complexa a tentativa de definir cânones por este viés. Trata-se da chamada crise da imagem do gênio criador e do cânone literário universal, que sempre foi concebido sob uma ótica linear, progressiva e evolutiva, representando a produção literária de determinada nação. A exemplo, o cânone centrado no gênio e na autonomia da arte, que a crítica impressionista sustentava, no século XIX, foi

superado pela mimese da realidade que, influenciada pelas idéias positivistas, fez com que a obra literária fosse julgada principalmente por normas externas. Já no século XX, a partir das leituras formalistas sobre a especificidade da obra literária, os estudos do *New Criticism*, as teorias do Desconstrucionismo, somadas ao ponto de vista de Bakhtin sobre a natureza social da literatura, fizeram com que o conceito de cânone também fosse reavaliado. Tanto é que a vertente de pesquisa literária voltada para a relação entre literatura com a sociedade e a história tem adquirido cada vez mais espaço nas discussões contemporâneas, sobretudo no meio acadêmico.

Podemos citar, como referência, a valorização da relação ficção-história defendida por Linda Hutcheon que, trabalhando com o modelo da metaficção historiográfica, tem contribuído para definição de novos cânones. Sua perspectiva de discutir a natureza da obra de arte se relaciona à valorização do “‘ex-cêntrico’ (seja em termos de classe, raça, gênero, orientação sexual ou etnia) [e que assume] uma nova importância à luz do reconhecimento implícito de que na verdade nossa cultura não é o monólito homogêneo (isto é, masculina, classe média, heterossexual, branca e ocidental)” (1991: 29).

Por isso mesmo, debater sobre o cânone também significa debater a identidade cultural de uma nação. Henry Gates, citado por Mancelos, designa este debate por *shared culture* e observa:

O cânone literário é, não num sentido muito amplo, o livro por todos conhecido de nossa cultura comunal, no qual escrevemos os textos e títulos que desejamos guardar na memória, aqueles [textos e títulos] que possuem um significado especial para nós. De que outro modo aqueles dentre nós que lecionam literatura iriam se apaixonar pelo nosso assunto [literatura] a não ser por meio dos livros que nós todos conhecemos, nos quais registramos, secretamente e em particular, como o faríamos em um diário, aquelas passagens de livros que nos 70 dizem o que durante tanto tempo sentimos em nosso íntimo mais profundo, mas que não conseguíamos expressar? (MANCELOS 2004: 159, **tradução nossa**)<sup>4</sup>

Minha perspectiva é a de que lidar com o cânone, ou seja, lidar com o passado, significa lidar com materializações concretas, isto é, obras literárias tidas como referências de determinada cultura e momento histórico. No caso brasileiro, significa,

---

4 The literary canon is, in no very grand sense, the commonplace book of our shared culture, in which we have written down the texts and titles that we want to remember, that had some special meaning for us. How else did those of us who teach literature fall in love with our subject than through our own commonplace books, in which we have inscribed, secretly and privately, as we might do in a diary, those passages of books that named for us what we had for so long deeply felt, but could not say?

sobretudo, lidar com um cânone alienador, construído no passado e que precisa ser reconstruído no presente, uma vez que ele foi erigido sobre bases européias, tidas como universais, do ocidente, com critérios normativos definidores da qualidade de um texto segundo determinado momento histórico, cultural e político. Schmidt (1996: 116-7) reafirma esta idéia.

A formação canônica das literaturas nacionais periféricas, falando particularmente da literatura brasileira, foi um processo que se desenvolveu em sintonia com o chamado *patrimônio cultural ocidental*. É claro que não se trata de desconsiderar o trabalho do passado na compreensão de nossa memória cultural, contudo é necessário um olhar fora do “centro hegemônico” da cultura ocidental.

Basta pensar, por exemplo, no fato de que muito do que se estuda em literatura está centrado na produção de autores masculinos, reveladora de uma visão falocêntrica. Esta postura, ao lado dos chamados critérios universais, acaba fortalecendo a idéia de um cânone

único, excluindo-se toda produção que revele outras culturas e suas diversidades. Esta exclusão desagrada tanto aos grupos marginalizados quanto aqueles que defendem um cânone mais aberto e variado. As polêmicas em torno do cânone colocam de um lado conservadores, como Harold Bloom (1995), que desejam a manutenção do referencial eurocêntrico, apoiado na teoria da influência, e, de outro, pesquisadores que defendem o alargamento do cânone.

No Brasil, Flávio R. Kothe (1997: 12), no capítulo “O gesto semântico da estrutura profunda”, é categórico ao afirmar que a “historiografia literária brasileira não tem produzido [...] abordagem a partir do horizonte das minorias não-lusas, ainda que historiografias tenham sido escritas por pessoas que delas se originam”. Sua preocupação é a de perceber na estrutura profunda do cânone o sentido da manipulação ideológica que ele veicula. Novamente, estamos discutindo a questão da autoridade de quem pratica a crítica e registra historicamente o corpus literário. Para ele, o cânone representa a voz do poder. Daí a necessidade de se fazer um reexame de suas definições totalizantes, questionando-se as verdades instituídas. Sua ênfase está na questão da chamada política de assimilação e da diferença, o que nos remete, de certo modo, à posição de Mignolo (1993), que apresenta um caminho para se pensar e refletir sobre as diferenças entre literatura e história, na trajetória da tradição ocidental, para contextualizá-las no contexto latino-americano. O crítico provoca

uma reflexão sobre as produções discursivas, ficcionais ou não, que constituem determinadas referências para os estudos literários. Ou seja, pensar numa “filosofia da linguagem” para se compreender as mais variadas manifestações discursivas. Sendo assim, discutir a questão do cânone, como bem sintetiza Coutinho (1996: 70), significa compreender que ela

se estende desde a exclusão de uma produção literária vigorosa oriunda de grupos minoritários, nos centros hegemônicos, e do abafamento de uma tradição literária significativa, nos países que passaram por processos de colonização recente, como a Índia, até problemas relativos à especificidade ou nação do elemento literário, dos padrões de avaliação estética e do delineamento de fronteiras entre constructos como literaturas nacionais e literatura comparada.

Este desvio do olhar, antes centrado sob apenas uma ótica, a universalista, que concebia a literatura como manifestação da chamada alta cultura e que reproduzia um discurso das elites para as elites, tem possibilitado a produção de outros discursos e gerado novas formas de abordar o fenômeno literário, inclusive revitalizando a própria historiografia literária. A propósito, Moreira (2002: 124), ao tratar da crise da historiografia no século XX, ocasionada pelo enfraquecimento do ideal burguês e romântico, observa que:

o cânone oficial, que sustentava esse ideal, para o qual arrematavam-se os autores e as obras representativas dessa ideologia, pluraliza-se e a noção de cânone sofre um abalo; em lugar do substantivo no singular passa-se a flexioná-lo no plural, e o cânone dá lugar aos cânones que sacralizam as minorias, os excluídos e os marginais da História.

É justamente sob esta perspectiva de revisão historiográfica que apresento a seguir algumas reflexões sobre o contexto brasileiro.

### **3.2 O CÂNONE E O CONTEXTO BRASILEIRO**

Ao olharmos para nosso cânone, verificaremos que ele foi criado pelos críticos brasileiros a partir da primeira metade do século XIX, quando estes escreviam bosquejos, florilégios, além de antologias, mais tarde biografias e edições de obras, a que se seguiu a produção dos críticos da fase realista, conforme sintetiza Cairo (2001). Toda esta

produção foi influenciada pela crítica romântica européia visando à configuração de uma literatura nacional. Sendo assim, o cânone brasileiro está muito ligado à visão da própria nação. Para Barbosa (1996: 23), “a formação do cânone literário seguiu, de bem perto, o próprio desenvolvimento de nossas relações de dependência e de autonomia com vistas às fontes metropolitanas”.

Em decorrência disso, o cânone erigido pelas histórias literárias brasileiras permanece vivo até hoje, sustentado, sobretudo, pelas instituições pedagógicas universitárias, embora temas como revisão ou releitura dele estejam no centro das discussões contemporâneas na área dos estudos literários, principalmente os de cunho comparativista. Este cânone, formado sob uma perspectiva histórica positivista, funciona como uma linha do tempo narrativa, estabelecida por princípios de seleção e exclusão selecionados por aqueles críticos que tinham autoridade para determiná-los, a partir de análises pautadas em aspectos a eles familiares. Basta lembrar, por exemplo, o critério da valoração da natureza, eleito pelos críticos românticos, cuja representação conferia nacionalidade à literatura em que ela aparecesse. Assim, o autor que se utilizasse deste artifício em seu texto poderia ter sua obra vista como referência de nossa cultura, uma vez que contribuía para constituir uma nacionalidade e identidade da cultura brasileira, como afirmação de valores diferentes dos da metrópole portuguesa.

Logo, é possível dizer que as questões envolvidas na escolha do cânone literário pertencem ao espaço do poder. São relações de poder que configuram um dado sistema, permitindo a produção de discursos através das chancelas que aí operam. Estas chancelas transformam um objeto cultural (no caso a obra literária) de determinada época e elevam-no à posição de cânone. Para exemplificar, vale lembrar a chancela imperial no século XIX, que funcionava como uma porta de entrada ao campo das belas letras da época. Hoje, pode-se falar em chancela da mídia, da universidade, de instituições como a Academia Brasileira de Letras, além da crítica feita em resenhas de jornais e revistas da área. Sobre esta questão, é válida a observação de Corrêa (1995: 324):

A formação de um cânone tem uma função específica: preservar uma estrutura de valores que seja considerada como fundamental seja para o indivíduo ou para o grupo; esses valores constituem uma norma, sob a qual este ou aquele se guia.

Sob esta norma, portanto, as “verdades” vão sendo perpetuadas, gerando uma tradição que, inclusive, configura a nacionalidade de uma literatura, uma vez que “o

cânone obrigatoriamente reflete características positivas reguladoras de um comportamento compatível com a sociedade em questão” (CORRÊA 1995: 325). O papel do historiador e do crítico neste processo é fundamental, tendo em vista que são eles quem definem o que é ou não canônico. Esta definição está envolta em um contexto histórico e por jogos de interesse, de poder. A crítica literária se une à história literária e torna possível uma visualização do conjunto da produção estética de cada época, já que o crítico realiza a função de mapear autores e obras, estabelecendo, inclusive o cânone literário do país, a partir de certos paradigmas. Por isso mesmo, muitas vezes, ele se torna o próprio guardião ou zelador deste cânone, conforme ilustra Portella (1997), agindo como mantenedor das ideologias da classe dominante.

Conforme observa Reis, durante o Romantismo o cânone literário brasileiro foi sedimentado, impondo tendências como as do indianismo e do sertanismo para representarem a “cor local” da jovem nação. Entretanto, o crítico destaca que um exame cuidadoso revelaria como a produção do período, sobretudo a ficção, diz “mais a respeito das camadas sociais que a escreviam e a fruía do que dos índios ou sertanejos que supostamente pretendiam captar” (REIS 1992: 80). Esta observação chama a atenção para o caráter ideológico do cânone erigido pelas histórias literárias e até hoje perpetuado, sobretudo pelos bancos escolares. Para Reis (1992: 80),

uma considerável parcela da produção literária do Brasil oitocentista acaba se configurando como uma espécie de auto-retrato das elites que a produziam e consumiam. No esforço de forjar uma representação “realista” do país (de sua natureza, de figuras como o indígena ou o homem do interior), na exata medida em que esta captação serviria para delinear o “perfil nacional”, ela acaba se traíndo, se contradizendo e fornecendo um retrato da ideologia dos segmentos senhoriais. Ser brasileiro, para aquelas frações ilustradas, “desterradas em sua própria terra”, era ser europeu nos trópicos. O “nacionalismo” presente nesta produção é aquele que interessa ao projeto de consolidação do estado nacional.

Certamente, a revisão dos processos históricos de cada época, selecionando e reconfigurando determinados períodos, não mais a partir de um ideal burguês e romântico de nação, por exemplo, possibilita rever este cânone, na medida em que “outras vozes”, não contempladas no perfil proposto pelas elites dominantes, podem comparecer no cenário da(s) cultura(s) brasileira(s). É justamente a partir desta postura que o ensino universitário assume papel fundamental, tendo em vista que caberia aos cursos de Letras “re-configurar” as histórias literárias e o cânone nelas proposto, sob uma ótica mais crítica. Portanto, o problema

não está no uso das histórias literárias aí postas, mas sim no “como” os professores delas se utilizam. Tanto é que seria ingênuo indicar uma história literária que fosse ideal para se trabalhar na graduação, uma vez que todas apresentam, a seu modo, contribuições significativas para se compreender a cultura brasileira. Há que se considerar, entretanto, qual a epistemologia ideológica que cada uma apresenta, além de se pensar sobre qual imagem de literatura nacional o professor deseja construir em sala de aula, ou seja, que representação canônica irá eleger de modo a contemplar as diferentes culturas e vozes que compõem a nação brasileira.

Weber (1996: 18) observa, num ensaio intitulado “Historiografia literária e literatura nacional”, ser possível detectar os discursos sobre nação e nacionalidade em nossa historiografia, a partir da visão das classes dominantes e seus segmentos.

A historiografia romântica surgia como expressão dos interesses dos cafeicultores do Vale do Paraíba, que concretizaram a independência política e comandaram o estado monárquico; da mesma forma, era expressão das classes dominantes que, ao final do Império, se alçavam ao poder e criavam a República; ou ler *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, como um texto expressivo do nacionaldesenvolvimentismo conservador das classes dirigentes do Rio de Janeiro; era possível, ainda, ler a *História da literatura Brasileira*, de Nelson Werneck Sodré, como expressão do nacional-populismo, dimensão política da aliança de classes entre os gestores do estado, a burguesia nacional e o proletariado nos anos 50/60; era possível ler, por fim, a *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido, como expressão dos interesses da burguesia paulista.

Assim sendo, a utilização das histórias literárias e adoção de seus cânones dependerá dos protocolos de leitura adotados pelo docente na mediação do conteúdo no cotidiano da sala de aula. Se o protocolo for a condução para uma leitura sobre a expressão de classe, a proposta de Weber acima descrita é significativa, na medida em que analisa os diferentes projetos históricos individuais de cada historiador. Para ele, é possível analisar os “discursos sobre nação e a literatura nacional como expressão de interesse de classe; os discursos historiográficos como projetos fundantes da própria nação; os discursos historiográficos como leitura e releitura da tradição” (WEBER 1996: 21). Para os professores universitários, creio que, independente do caminho possível escolhido, o válido é romper com a visão canônica fechada, numa perspectiva evolutiva de literatura, propondo um outro olhar para as obras propostas pelas histórias. Assim, para se trabalhar a temática do negro na literatura brasileira, não se ocuparia apenas de passagens “clássicas” como a exposta em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, na cena em que o protagonista

rememora a “brincadeira” com o escravo, ou mesmo a leitura de *Essa Negra Fulô*, de Jorge de Lima, que apresenta uma visão estigmatizada da mulher negra-escrava. Outros caminhos surgiriam na abordagem de obras como a de Carolina Maria de Jesus – que não figura no cânone tradicional – e na de autores negros, como os que estão catalogados no Projeto Integrado Afro-Descendências: raça/etnia na Cultura Brasileira<sup>5</sup>.

Tal atitude não significa excluir as obras canônicas, sempre privilegiadas nos programas propostos, como se pode verificar no Apêndice D deste trabalho, mas tão-somente rever o modo de abordagem, a perspectiva crítica, aliada à contraposição com outras obras que ficaram à margem deste cânone, possibilitando um diálogo entre as produções de diferentes (ou do mesmo) períodos. Esta questão será retomada no capítulo final, de conclusão, quando explicitaremos sobre as práticas de abordagem encontradas nas diferentes universidades pesquisadas e sobre outras alternativas possíveis.

### 3.3 CÂNONE E MERCADO

A relação entre cânone e mercado se estabelece de modo conflituoso. De um lado, temos a questão do próprio mercado que se transformou consideravelmente nos últimos anos, sobretudo em função dos avanços tecnológicos que acabam por “baratear” as publicações, oferecendo outros meios de divulgação; de outro lado, o próprio cânone que, como já mencionei, vem sofrendo constantes questionamentos decorrentes da quebra do consenso sobre valor literário. O docente, em meio a esta relação, adota diferentes posições, como bem define Rildo Cosson no texto “Entre o cânone e o mercado: a indicação de textos na escola”. Para ele, há os que “continuam a afirmar a essencialidade do cânone e da tradição”, os que se aliam às editoras, adotando os últimos lançamentos, os que “reformam o cânone escolar incluindo novos autores” (2004: 94), e, também, aqueles que mantêm o cânone, embora modificando as formas de abordá-lo.

É importante resgatar que, diante da pluralidade da produção literária brasileira, por exemplo, a partir da década de 60, surge o questionamento sobre a

---

<sup>5</sup> Projeto coordenado pelo Dr. Eduardo de Assis Duarte. UFMG-FALE. Literatura Afro-Brasileira. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/frame.htm>>. Acesso em 20 set. 2006.

representatividade do texto literário e sua função<sup>6</sup>. Afinal, é nítida uma crise da representação neste tempo chamado pós-moderno, advinda da relação entre, de um lado, o "real" e a "realidade" e, de outro, as formas pelas quais esse "real" e essa "realidade" se tornam "presentes" para nós representadas. O certo é que presenciamos uma "crise" de legitimação que está no centro das nossas formas de conhecer e de representar o mundo.

Há quem, como Baudrillard (1991), por exemplo, faça uma afirmação mais radical: não se trata simplesmente de uma crise, mas de uma verdadeira implosão da representação. Enquanto uns proclamam o fim da representação, entretanto, outros reivindicam o direito à representação. Os questionamentos lançados ao cânone, às estéticas dominantes, aos códigos culturais oficiais partem precisamente de grupos sociais que não se vêem aí representados. Há uma revolta das identidades culturais e sociais subjugadas contra os regimes dominantes de representação. Basta observar que os "universais" da cultura são sistemas de significação cuja pretensão consiste em expressar o humano e o social em sua totalidade. Eles são, entretanto, sempre e inevitavelmente, sistemas de representação: construções sociais e discursivas parciais e particulares dos grupos que estão em posição de dirigir o processo de representação. Trata-se, pois, das esferas do poder e da autoridade já mencionadas.

Neste contexto, a crítica e o mercado acabam por dominar a cena, estabelecendo as leis sobre o que é ou não literatura. Moriconi, durante o VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC (2002), discute sobre a força do mercado e observa que "há cada vez menos lugar para a literatura *stricto sensu* no cômputo geral da vendagem de livros". Ele admite que o mercado editorial brasileiro tem crescido muito incluindo vendagens de obras ficcionais e de poesia, no entanto, chama a atenção de que "é a proporção do literário de qualidade que diminui dentro do conjunto maior da produção de livros". Sua análise é quanto ao domínio na lista dos mais vendidos das obras de auto-ajuda e outros congêneres. Estas observações do autor reforçam, a título de exemplificação, esta esfera de poder que o mercado representa na configuração do cenário literário atual.

Ao professor ou ao crítico, neste contexto, cabe o papel não mais de mediador, mas de conciliador, como diz Perrone- Moisés (2002):

---

<sup>6</sup> Ver, a propósito, as observações ECO (2003) no texto 'Sobre algumas funções da Literatura', *Sobre a literatura.*, no qual o autor retoma a principal função do texto literário, para ele, a de educar o leitor para o Fado e à morte, considerando o poder de representatividade da literatura.

o crítico passará a admitir e elogiar qualquer novidade, conteudística ou formal; reconhecerá a hegemonia do mercado, e a ele se submeterá; cederá ao poder dos lobbies das chamadas minorias. Para não se sentir desatualizado, o professor retirará de seus programas os textos canônicos e introduzirá, no lugar deles, textos de comunicação de massa, best-sellers do momento. [...] valorizará qualquer produto vindo das 'margens', independentemente de seu valor estético [...] substituirá totalmente os livros pelos veículos eletrônicos, as aulas por vídeo conferências ou por consultas na internet.

A citação exemplifica a necessidade de se preservar o juízo crítico contrariando-se a idéia do "vale-tudo". Silviano Santiago observa que um dos problemas do exercício crítico é justamente o da classificação utilizada para "separar o joio do trigo" (2002). Para ele, no final, toda avaliação é feita em favor de alguma coisa e por isso mesmo sempre há equívocos. Esta avaliação é discurso, portanto, carregado de ideologia. Assim, a crítica se encarrega de estabelecer os padrões.

Tanto é que, neste jogo do mercado, um autor como Paulo Coelho tem sua obra divulgada e consumida por milhares de leitores, figurando na lista dos mais vendidos, não apenas no Brasil, mas também no exterior. É claro que se pode fazer uma análise sobre o perfil do leitor que consome livros que manipulam a perspectiva da auto-ajuda, tão comum hoje em dia (como são os do autor citado), mas, de modo geral, o que quero dizer é que a mídia, o jogo da imagem e da propaganda, e resenhas encomendadas, até mesmo aquelas assinadas por críticos de renome, acabam por fazer autor e obra serem "aceitos" como literatura de qualidade. Embora, é preciso considerar, a academia ainda mantenha restrição em relação ao autor.

Outro aspecto a observar é que, numa época em que tudo se vende, em que os padrões de massificação se instalam, a própria literatura tende a ser questionada como produto de consumo, gerando um impasse quanto à concepção de valor a ela atribuído, ou seja, como pensá-la a partir de um modelo único? Portanto, no contexto do multiculturalismo, como apontado, é possível vislumbrar a oportunidade de gerar outros cânones, frutos de leituras sincrônicas operadas pelos leitores críticos, capazes de apresentarem releituras de discursos históricos e literários, daí a importância do papel desempenhado pela universidade e o professor nela inserido.

### 3.4 O PAPEL DA UNIVERSIDADE

A educação brasileira tem se caracterizado, como afirmou Darcy Ribeiro (1986), como a melhor façanha das classes dominantes e o seu maior sucesso, e “como um projeto deliberado de exclusão e dominação social” (CORTELLA 1998: 10). A partir desta afirmação é impossível não questionar: Qual a missão da universidade? Que valores ela defende e divulga? Que marcas ideológicas subjazem em seus programas de ensino? Questões como estas refletem a problematização do ensino superior atualmente e podem ser feitas aos cursos que formam profissionais da área de Letras, particularmente aos futuros professores de Literatura Brasileira.

Não há dúvida sobre o papel formativo da universidade, que se configura como a instituição primeira no processo de criação e difusão do saber. Ela traz em si um processo histórico-político e institucional que não se desvincula das tradições, das ideologias e marcas de cada época. Assim, ao mesmo tempo em que deve ser democrática na difusão do conhecimento pelo ensino pesquisa e extensão, ela também se torna excludente, alienadora e perpetuadora das ideologias das classes dominantes. Por exemplo, Reis (1991: 126), tratando da questão do cânone literário, observa que “a universidade tem o seu quê de conservador e por isso tende a distilar os lançamentos mais recentes adotando nos currículos os autores que já, de alguma forma, tenham passado pelo crivo da fama”. Por isso mesmo, devemos pensar sobre a seleção do cânone a ser trabalhado, a fim de verificar que valores e saberes queremos ver nele representados, conforme observamos no item.2.2. Afinal, a obra literária é propagadora de determinados discursos, em seu modo de representação, e sua utilização na educação literária pode servir como veículo ideológico.

Esta breve reflexão contextualiza, num recorte específico, o papel do professor universitário que se faz também crítico literário, na medida em que ele é o agente primeiro da contestação ou permanência desses valores ideológicos, a partir de suas disciplinas e programas, divulgados pelo meio acadêmico. Bastaria, por exemplo, verificar as linhas de pensamento da crítica literária produzida pelas universidades brasileiras ao longo de suas histórias, para se ter um mapeamento das concepções teóricas e tendências críticas divulgadas e adotadas no processo de formação do docente de literatura, bem como no processo de construção da memória cultural do país.

Certamente, o estudo desta produção acadêmica (ensaios, dissertações e teses) poderia indicar transformações ocorridas nos modos de abordagem do texto literário,

bem como apontar os caminhos seguidos pela crítica literária universitária e, a exemplo, seus desdobramentos na configuração do cânone nacional. Afinal, na medida em que o crítico ou historiador se reveste de maior poder cultural – seja pela sua força institucional, seja pela sua posição relativa no campo da cultura - ele recebe credibilidade de diversas formas, dentre elas a do fato de pertencer a um centro cultural, como a universidade, por exemplo, espaço que legitima sua autoridade. Não custa lembrar, nas palavras de Reis (1991), que a crítica literária se profissionalizou pouco a pouco se inserindo no ambiente universitário e banindo a crítica impressionista que era praticada e divulgada nos jornais, pautada em diversas interpretações, sobretudo aquelas ligadas aos elementos extra-literários. Esta “institucionalização” da crítica resultou numa profissionalização da apreciação do literário por meio da divulgação de teses e revistas especializadas, banindo “os ‘achismos’ dos colunistas, que publicavam seus artigos na imprensa, atribuindo ao professor universitário maior autoridade ainda na emissão de julgamento crítico” (REIS 1991: 126). Estamos nos referindo aqui à figura de Afrânio Coutinho que, a partir da década de 1940, contribuiu para esta renovação crítica voltada para o critério estético da obra e à periodização estilística. Pode-se dizer que sua contribuição em muito colaborou para que a universidade assumisse um certo comando na área dos estudos literários.

Deste modo, infere-se que o docente, ao eleger seu programa de trabalho, também tem suas escolhas legitimadas, geralmente perpetuando aquelas feitas por outros historiadores do passado, reiterando o cânone já selecionado em outra época. Neste sentido, a universidade, ao promover a leitura de textos cuja grandeza é aferida pela sua inclusão nos programas curriculares, bem como pelo destaque que neles lhes concede, torna-se o ponto central da luta pelo monopólio da consagração literária.

Vista por este ângulo, a questão da legitimação do cânone se refere a aspectos metodológicos, por se verificar a manutenção do ensino de Literatura Brasileira na graduação em Letras sob uma perspectiva pedagógica literária tradicional, como reflexo de uma ideologia marcada pelo paradigma da tradição, ou seja, da permanente busca pela afirmação da diferença em relação ao outro. Num momento em que discutimos sobre um cânone aberto, não autoritário e homogêneo, em que tem lugar as minorias e os excluídos, não é possível que o meio universitário (que nos programas de pós-graduação discute estas idéias, produzindo cientificamente sobre o assunto) se mantenha preso à perspectiva linear e fechada no estudo diacrônico da produção literária brasileira, nos cursos de formação de professor de literatura. Cyana Leahy-Dios (2004) analisa esta questão, discutindo sobre os dois principais paradigmas da educação literária no ocidente: um, inspirado no positivismo de Auguste

Comte, na França, e outro, no liberal-humanismo, de John Stuart Mill. No Brasil, é evidente o paradigma do método positivista, voltado para o tratamento historiográfico dos estudos de literatura brasileira. Este modelo brasileiro contribui para a representação do cânone literário nacional nas escolas, posto que solidifica o paradigma historiográfico - com nomes, fatos e características das escolas literárias - sistematicamente organizado por ordem de séculos.

Schmidt (1996: 118) observa que, se

formos verificar *in loco* nos currículos dos programas de pós-graduação e os conteúdos dos cursos de literatura oferecidos em nossas universidades, veremos que, em sua grande maioria, se inserem num quadro de modelos de identificação cultural que fixa, calcifica a retórica canônica a qual, por sua própria natureza, desconhece rupturas, descontinuidades, diferenças: via de regra, lê-se e estuda-se os mesmos autores, os mesmos textos.

Em que pese a distância de dez anos desde que esta afirmação foi feita, é possível perceber, ainda hoje, uma idéia de unicidade do cânone utilizado nos cursos de Letras, desconsiderando-se as diferenças culturais e regionais marcantes, principalmente num país continente como é o Brasil. É óbvia a ideologia de um sistema de ensino mantenedor de uma perspectiva histórica nacionalizante, como se, ao adotar diferentes cânones, resultasse numa desagregação nacional. Esta noção de unicidade está clara, por exemplo, quando se implanta um sistema avaliativo dos cursos de graduação, incluindo o de Letras, como foi o do antigo “provão”, aplicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação e Cultura - INEP/MEC<sup>7</sup>, e a partir de 2005, denominado Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - ENADE. Em sistemas como esses, a adoção de uma listagem de obras, como referência para leitura na graduação e padrão para verificar competências e habilidades na área dos estudos literários, indicava uma espécie de *corpus* universal a ser implantado pelos programas dos cursos de Letras.

Sobre esta questão de modelos ou tendências universais no ensino no Brasil, é preciso considerar que ocorre em todas as áreas e não apenas na de Literatura. Refiro-me aqui ao modo como são elaborados os documentos das diretrizes e parâmetros curriculares que, muitas vezes, não correspondem às realidades regionais, mas que, mesmo assim, são implantadas pelas escolas em todos os níveis de ensino. De qualquer modo, esta é uma discussão que ultrapassa os limites deste trabalho.

---

<sup>7</sup> Sistema nacional de avaliação dos cursos de graduação no país, implantado no Governo Fernando Henrique Cardoso e que estabelecia, em síntese, um *ranking* dos melhores cursos no país.

Retomando a questão do ENADE, pode-se dizer que a universidade permite, portanto, que a literatura passe, em certa medida, a ser controlada politicamente pelo Estado, através do Ministério da Educação, que promove a discussão em torno da definição do cânone curricular. Contudo, este processo, dada a vigência do nosso estado de direito democrático, não é pacífico, pela quantidade de entidades que é necessário convocar para a definição deste cânone.

Jobim, por ocasião do “provão” em 1999<sup>8</sup>, questionava se os autores e obras da lista eram os predominantes nos programas dos cursos a serem avaliados. Ele observa que, para responder a esta questão, seria necessário “um levantamento extensivo dos autores e obras [...] seguido de uma verificação sobre até que ponto estes programas são efetivamente cumpridos no dia a dia das Instituições” (1999). Ainda a propósito deste sistema de avaliação Jobim publicou o artigo “A formação profissional em Letras: do currículo à avaliação” (2000) analisando os efeitos deste processo no currículo dos cursos de Letras e, ao mesmo tempo, fazendo um balanço sobre a relação entre a possibilidade de uma flexibilização curricular em contraponto aos parâmetros nacionais de avaliação. Assim, se as novas diretrizes curriculares abrem espaço para elaboração de propostas pedagógicas com “decisões locais”, como lidar com o “currículo” proposto (ou pressuposto), por exemplo, em uma listagem de obras literárias obrigatórias para o exame nacional? Afinal, como bem salienta Jobim (2000: 129), “a existência de um exame nacional conduz necessariamente a uma certa regulamentação nacional”.

Em 2005, com a implantação do novo processo – o ENADE,<sup>9</sup> nova listagem foi divulgada. Nela, o que chama a atenção é a inclusão de uma autora como Carolina Maria de Jesus, com o seu *Quarto de Despejo*, que nos leva a interpretar uma possível inclusão da voz do negro, marginalizado, no cânone selecionado pela Comissão, uma vez que a autora é referencial importante para os Estudos Culturais, tanto no Brasil quanto no exterior. Do

---

8 José Luis Jobim foi membro da Comissão Assessora para a área de Letras em 1999 e também participou da Comissão que elaborou as diretrizes para o ENADE 2005, que inclui a indicação da listagem de obras literárias.

9 Pela Portaria do INEP nº. 175, de 24 de agosto de 2005, DOU de 26 de agosto de 2005, seção 1, pág. 63, foram divulgadas as diretrizes, os objetivos e outras especificações necessárias à avaliação dos cursos de Letras pelo ENADE. A listagem de obras exigidas para o exame foi elaborada pela Comissão Assessora de Avaliação da Área de Letras, designada pela PORTARIA do INEP, Nº 11, de 14/02/2005, publicada no DOU Nº 31, 16/2/2005, SEÇÃO 2, págs.10/11. Autores e Obras indicados: Poesia: Cláudio Manuel da Costa, Gonçalves Dias, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Oswald de Andrade, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Ana Cristina César, Camões, Bocage, Fernando Pessoa, Baudelaire; Prosa: Aluísio de Azevedo, *O Mulato*, Machado de Assis, *Esau e Jacó*, Guimarães Rosa, *Grande Sertão: veredas*, Graciliano Ramos, *São Bernardo*, Clarice Lispector, *Laços de Família*, Maria Carolina de Jesus, *Quarto de despejo*, Lygia Fagundes Telles, *A noite escura e mais eu*, Eça de Queirós, *Os maias*, José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*, Gabriel Garcia Marques, *Cem anos de solidão*, Jorge Luis Borges, *Ficções*, Gustave Flaubert, *Madame Bovary*. Miguel de Cervantes, *Dom Quixote*, Emile Zola, *Germinal*, José Luandino Vieira, *Luuanda*; Teatro: Ariano Suassuna, *O autor da compadecida*, William Shakespeare, *Hamlet*.

mesmo modo, pode-se pensar na inclusão de Lygia Fagundes Telles e Ana Cristina César, como representantes da voz feminina.

Por outro lado, observo que, pelo menos no que se refere aos programas que analiso nesta pesquisa, Carolina Maria de Jesus não é estudada nas propostas curriculares dos cursos selecionados. Percebe-se que, no plano teórico, a prescrição de um padrão canônico, via um sistema legal de avaliação, e porque não dizer de autoridade, pressupõe um *corpus* mínimo a ser trabalhado. É óbvio que, a partir disso, discussões sobre determinados autores e obras que ficaram inclusos e excluídos sempre aparecerão, além de muitos outros aspectos a serem considerados. Dentre eles, destaco o fato de que a eleição deste ou aquele cânone sempre está enraizada em questões históricas, sociais e culturais, filtradas pelo selecionador, portanto, com uma carga de subjetividade. De tudo isso, é importante pensar na imagem do literário, parafraseando Jobim (1999), que se instaura na formação deste professor de literatura, advinda deste inventário de autores e obras trabalhados durante seu curso.

Em busca desta imagem, apliquei formulário de pesquisa a ser respondido tanto por docentes quanto por discentes de alguns cursos de letras de universidades estaduais paranaenses, que será mais bem explorada no capítulo 4. Em relação ao cânone, aplicamos um formulário de pesquisa que continha a questão “O que é cânone literário?”, com objetivo de detectar quais os padrões de referência a ele. Observei que alguns docentes revelaram posições considerando que o cânone é referência sacralizada pela crítica, representativa de determinada época, enfatizando-se que seu espaço, por excelência, é o da escola, devendo ser mantida a tradição de seu ensino. Há um receio de que sem o estudo dos clássicos e de uma educação tradicional os estudantes desperdicem seu tempo com obras irrelevantes. Por outro lado, destacase o fato de que o conceito sobre o cânone não é fechado, ou seja, ficou clara, pelo menos no plano do discurso, a posição de que esta referência de uma alta literatura é/deve ser questionada na contemporaneidade.

Para os discentes, numa visão geral, o cânone impõe critérios delimitadores que auxiliam aos críticos conceber a obra como literária, estabelece padrão preconceituoso, se configura em obras consideradas indispensáveis ao conhecimento do homem, além de sistematizar a obra consagrada pela crítica, de acordo com a ideologia política dos críticos.

Observa-se que predomina o conceito de que o cânone é eleito pela crítica elitizada e à universidade cabe apenas reproduzir este cânone como referencial para os futuros professores.

Quanto à imagem do literário, relacionada ao cânone, observase uma postura contemporânea, aberta, por parte de alguns docentes, influenciados pelas propostas

dos Estudos Culturais. Por outro lado, os discentes mantêm uma perspectiva voltada para a tradição, para uma visão erudita de cânone e da Literatura.

É certo que, como bem observa Perrone-Moisés (2002: 6), ensinar “aquilo que se chama, às vezes pejorativamente, de ‘tradição’ ou de ‘cânone’, não é imobilizar os estudantes num culto acrítico do passado, mas oferecer-lhes a possibilidade de conhecê-lo, para compreender o presente e preparar o futuro”. Portanto, o que se espera é que esta visão crítica possa estar presente nos cursos de Letras, pois não se trata apenas de pensar numa exclusão curricular das obras consideradas canônicas, mas sim vê-las não como “peso morto, mas como elemento dinâmico e irresolvido, subjacente às contradições contemporâneas” (ARAÚJO 2006: 16).

Na perspectiva de uma revisão do cânone literário brasileiro, considerando-se que ele não resulta de um processo de seleção natural, nem tão pouco foi construído com isenção política, e, ainda, a instância da autoridade docente no meio universitário, vale retomar Randal Johnson, citado por Roberto Reis (1991: 9),

quando ele afirma que uma das tarefas que se apresentam à revisão sócio-crítica do cânon literário brasileiro seria sondar os mecanismos de constituição e funcionamento das instâncias de autoridade e poder dentro do campo intelectual e sua relação com as demais instâncias, mais amplas, de autoridade e poder da sociedade brasileira como um todo.

Na pesquisa, verifiquei que o estudo de Literatura Brasileira, vigente em algumas das universidades selecionadas, é fundamentado em histórias literárias, que apresentam uma abordagem cronológica, baseada em panoramas históricos e características de estilos de épocas, típico modelo franco-brasileiro, fortemente influenciado pelo positivismo, apoiado “sobre o lado histórico-social, aparentemente o mais adequado para um processo de ensino quantificável, tecnicista, objetivamente mensurável” (LEAHY-DIOS 2001a: 49). Na maioria dos programas a proposta se detém na obra de autores canônicos, para exemplificação de determinada "escola" em que se inserem. Certamente, a escolha de autores e obras sob a perspectiva deste modelo historiográfico, “acaba sendo um mecanismo repressor, por excluir do universo escolar uma série de textos que não conseguiriam, por uma razão ou outra, a consagração entre a crítica mais autorizada” (GINSBURG 1998: 80).

No estudo do cânone brasileiro e seus processos de legitimação é preciso levar em consideração, ainda, que o sistema de ensino, bem como as propostas curriculares,

neste caso os programas das disciplinas, acabam se definindo por múltiplas questões, não apenas pedagógicas, e que cristalizam, a seu modo, os critérios chamados universais.

O que nos leva a concordar com Ceia (1998), quando este observa que,

seja em teoria literária, seja em desenvolvimento curricular, o cânone é hoje aceito como a institucionalização de um certo número de autores e textos que *se* tomam como fundamentais para a compreensão de uma dada história e tradição literárias. O facto (*sic*) de ter colocado a partícula *se* em itálico deve-se ao elevado índice de indeterminação do sujeito que ela representa. Por outras palavras, a questão mais calorosa no processo que hoje se chama formação do cânone diz respeito a um problema de jurisprudência dos indivíduos e/ou instituições que são responsáveis por esse processo.

Em resumo, cada uma destas posições evidencia um problema, seja aquele marcado pela resistência às mudanças, ou mesmo o tipo de abordagem do texto que, por vezes, acaba por trivializá-lo. O interessante é que, diante desta pluralidade e diversidade na escolha dos textos a serem trabalhados no espaço escolar, o docente elege seus critérios, ou seja, seu cânone. Certamente, o caminho a seguir é o da reflexão sobre estes critérios, o que permite, de certa forma, uma releitura do cânone perpetuado pelas histórias da literatura brasileira, como já apontamos, numa perspectiva mais crítica e atualizadora, capaz de causar a ruptura no padrão dos estudos que insistem na continuação do consagrado no passado.

### 3.4.1 A Formação do Professor de Literatura

Os problemas existentes na relação literatura brasileira *versus* cânone, história literária *versus* ensino na universidade implicam também na questão da formação do professor. Parece haver um descompasso entre o que a sociedade exige da formação educacional e o que a universidade tem oferecido. Como já se viu, a formação de professores de literatura brasileira, até o início da década de 30 do século passado, esteve ligada a uma concepção/tradição histórica, assim como a de língua materna esteve ligada à tradição filológica e gramatical. A partir deste período, embora com implantação dos cursos de Letras no país, os objetivos previstos para a formação dos profissionais das letras não bastaram para erradicar certos desacordos existentes.

Em 1946, Antonio Candido chamava a atenção para o problema da formação do professor de literatura brasileira. No texto “A literatura e a universidade (I)”, de 13 de junho daquele ano, o professor e crítico literário fala sobre a inexistência do ensino de Literatura Brasileira no sistema universitário. O crítico afirmava que, naquele momento, “a literatura brasileira não é, nas nossas universidades, objeto de estudo, mas, apenas, matéria subsidiária, em nível inferior ao das outras literaturas neo-latinas” (CANDIDO 2000a: 235-6). Ele se explica melhor, dizendo que não há ensino, mas apenas aulas de literatura, visto que a carga horária era de duas aulas por semana, o que inviabilizaria um trabalho de qualidade, por melhor que fosse o professor.

Em 20 de junho do mesmo ano, Candido volta a falar sobre este assunto no texto “A literatura e a universidade (II)”, agora questionando a utilidade da literatura como disciplina universitária. Ele defende que “por se transformar em matéria de experiência intelectual e fator de transmissão de cultura” é que ela pode se enquadrar como disciplina científica (CANDIDO 2000b: 239). Neste sentido, o papel do ensino de literatura na universidade é para ele o de ser “fonte de inspiração e disciplina mental”, principalmente ligado à transmissão de valores. Candido defende ainda o papel da crítica literária exercida pelos professores, argumentando que ela não deve se voltar para si mesma e perder a razão de ser, bem como afirma ser fundamental a participação da universidade nos estudos literários. O interessante deste texto é que o crítico fala da necessidade de se rever os critérios de organização do curso de Letras, no que se refere à disciplina de Literatura Brasileira, de modo que o curso ofereça “discussão do problema crítico, estudos de teorias literárias, da evolução das idéias, do condicionamento históricosocial; formação do gosto, revalorização dos conceitos, combate aos preconceitos que vêm de Romero e, mesmo, de muito antes dele” (2000b: 242).

Como se vê, desde aquela época o ensino de Literatura Brasileira nos cursos de graduação traz em si entraves não somente burocráticos (de legislação, curriculares, etc.), mas também aqueles ligados à própria conceituação do que é literatura e o porquê de se estudá-la. Além disso, muitos destes entraves, específicos à disciplina, estão ligados à própria criação dos cursos de Letras, que traz em si a dicotomia de formar, de um lado, professores para o magistério, e, de outro, pesquisadores. Lajolo (2004)<sup>10</sup> observa que, com a implantação dos primeiros cursos de Letras no país, objetivava-se “a) preparar trabalhadores intelectuais

---

10 LAJOLO, Marisa. 2004. “No jardim das letras, o pomo da discórdia.” Projeto Memória de Leitura. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio36.html>> Acesso em: 7 fev. 2006.

para o exercício das altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica; b) preparar candidatos ao magistério do ensino secundário, normal e superior; c) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituem objeto de seu ensino”.

A propósito, Matencio (1998: 82-3) comenta que,

além da amplitude de objetivos, Lajolo ressalta o problema estrutural dos cursos de Letras, que permanece até os dias atuais, consistindo em uma divisão de responsabilidades: as disciplinas que tratam de estudos da linguagem cabem às faculdades de Letras (as antigas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras) e o ensino de disciplinas de licenciatura às faculdades de Educação ou pedagogia.

Considerando as reformas propostas pelas atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Letras<sup>11</sup>, bem como a Resolução n. 1/2002, do Conselho Nacional de Educação-CNE, que trata da formação de professores da educação básica, e a Resolução n. 2/2002, do Conselho Nacional de Educação-CNE, que fixa a duração e carga horária dos cursos de licenciatura, é possível perceber certos avanços, pelo menos na legislação, em relação a esta problemática estrutural de que fala a autora. Esta Resolução estabelece a carga horária mínima para a formação de professor da educação básica e prevê uma articulação concreta entre teoria-prática por meio da prática como componente curricular (400h) e estágio curricular supervisionado (400h), além das horas destinadas aos conteúdos curriculares de cada disciplina (1800h) e as destinadas à formação complementar (200h).

Esta reformulação, se verificarmos a trajetória do currículo dos cursos de Letras, apresenta como avanço a perspectiva de unir a formação teórica com sua aplicação em sala de aula. Afinal, pelas poucas referências existentes sobre a história dos cursos de Letras no país e seus currículos, sabe-se que a formação pedagógica - mesmo o curso tendo o caráter, desde o início, de formar professores – não era contemplada, sendo que, apenas em 1969<sup>12</sup> foi determinado que os currículos que habilitavam ao magistério deveriam ter disciplinas pedagógicas e Prática de Ensino nas disciplinas de habilitação. No entanto, mesmo com esta obrigatoriedade, sempre houve – e ainda há – uma lacuna entre os professores da área de metodologia e prática de ensino e das disciplinas específicas. Isto porque, de modo geral, os docentes da área de letras julgam que a formação pedagógica não é tarefa deles, deixando de

---

11 Divulgadas pelo MEC, Resolução CNE/CES 18, de 13/03/2002, com base nos pareceres CNE/CES 492/2001 e 1363/2001.

12 Resolução n. 9, de 10/10/1969 – estabeleceu a obrigatoriedade de Psicologia da Educação, Didática, Estrutura e Funcionamento de Ensino de 2º Grau.

lado a preocupação com “o quê” e “como” ensinar. Fato é que as Faculdades de Letras têm formado professores que frequentemente retornam às universidades perguntando-se sobre o que fazer no cotidiano de ensino.

É importante dizer que esta organização permaneceu até a década de 1990, quando, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96, teve início uma série de discussões sobre a reorganização dos cursos de licenciaturas no país. Por isso mesmo, as normas estabelecidas pela Resolução n.2/2002, decorrente das reformulações propostas pela LDB 9394/96, sobretudo no que se refere à flexibilização curricular, bem como dos pareceres do Conselho Nacional de Educação-CNE<sup>13</sup> sobre as diretrizes curriculares para a formação de professores, representam uma possibilidade de mudança, tendo em vista que exigiu dos cursos de Letras, assim como de outras licenciaturas, a reformulação de seus projetos políticopedagógicos sob uma perspectiva mais integrada entre as várias áreas de formação. Assim, na formação do professor de Letras deve estar contemplada toda a prática voltada para o encaminhamento metodológico dos conteúdos teóricos das disciplinas.

De acordo com as diretrizes, os profissionais de Letras devem “ter domínio do uso da língua ou das línguas que sejam objetos de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais”. Espera-se deles múltiplas competências e habilidades para atuarem como “professores pesquisadores, críticos literários, revisores de textos, roteiristas, secretários, assessores culturais, entre outras atividades”. Toda a articulação entre as habilidades e competências no curso de Letras pressupõe o desenvolvimento de atividades de caráter prático durante o curso. Portanto, há uma expectativa de que ocorram mudanças significativas na organização curricular e, conseqüentemente, na formação desta nova geração de docentes.

Todavia, observo que, pelo menos em relação aos programas analisados nesta pesquisa, apenas os de uma das unidades universitárias contemplava esta articulação entre a disciplina de Literatura Brasileira e a área de Metodologia de Ensino, voltada para o estágio supervisionado. Não há, inclusive, uma disciplina de Metodologia e Prática do Ensino de Literatura, que seria ideal para o desenvolvimento do professor nesta área. Isto indica que, embora a legislação vigente acene mudanças, nem sempre elas são concretizadas no espaço do cotidiano acadêmico. Esta “ausência de articulação” será mais bem explorada quando apresentarmos as unidades pesquisadas.

---

13 Ver especialmente os Pareceres 776/97, 492/2001 e 1363/2001.

Neste cenário, dificilmente o professor em formação na área de literatura terá condições de desenvolver habilidades que o faça cumprir satisfatoriamente seu papel de formador de leitores de literatura e de outros produtos culturais de modo crítico. Cabe enfatizar que entendemos o papel do professor universitário como mediador entre o texto literário e o público leitor, neste caso, o professor em formação. Para tanto, sua própria formação deveria ter lhe dado condições de desenvolver práticas de leitura crítica, capazes de ampliar seus horizontes e de fazê-lo atribuir sentidos aos produtos culturais que o circundam, de modo que ele possa “oferecer a [seu aluno] textos mais complexos do que aqueles com que ele se depara habitualmente, mostrar-lhe como os textos se inserem numa história e como produzem sentidos e valores” (PERRONE-MOISÉS 2002).

O que se pode dizer é que na falta deste tipo de formação o professor de literatura acaba por repetir fórmulas prontas adquiridas durante o percurso da educação básica e sacralizadas na graduação. Naquela, seu contato com o texto literário quando muito se deu com a literatura infanto-juvenil e, posteriormente, com a historicização literária no ensino médio. No superior, como temos defendido até aqui, ele volta a se deparar com a periodização estilística e a ter uma repetição da “evolução linear” da produção literária brasileira. Assim, sua formação não se dá no campo da análise de obras concretas (de fruição estética), mas sim no da memorização de escolas, autores e obras de determinado período. Por isso, sua concepção do ensino de literatura acaba voltada para uma abordagem pragmática e intermediária, como salienta Zilberman, ainda na década de 80, quando as discussões sobre leitura e ensino de literatura começaram a despontar fortemente no contexto brasileiro. A estudiosa explica esta concepção conforme segue.

Pragmática, porque o conteúdo da aprendizagem é determinado pelo que se pode e deve lecionar; intermediária, porque instrumento daquela aprendizagem. Simultaneamente, porém, contradiz em seus programas, o conceito que elabora e pratica; teoriza sobre autonomia da obra literária, sua perenidade e transcendência, a possibilidade que tem de representar valores que, mesmo quando de tipo social, tem componentes idealistas. Ao desejar impor, para compensar, uma visão histórica, converte a histórica em cronologia e enumera nomes de obras, autores, estilos, períodos e escolas, os quais são aprendidos porque tema de docência posterior, segundo um processo interminável de reprodução. (ZILBERMAN 1991: 142-3)

Diante deste conflito, que é derivado do fato de que o curso de Letras forma, basicamente, para o mercado de trabalho do magistério, o recém graduado se vê, na prática, sem condições de exercer seu papel de modo transformador e acaba por figurar como mero

transmissor de saberes ideologicamente construídos pela classe dominante e a ele repassados na formação inicial. Por isso mesmo, muitos retornam à universidade, como já mencionamos, à procura de “novas fórmulas”, pois as aprendidas não dão conta de instrumentalizá-lo com estratégias de educação literária para o nível básico. Afinal, sua própria formação literária se deu num processo metalingüístico, em que suas leituras do texto literário ficavam à margem de qualquer possibilidade de produção de sentidos subjetivos e analíticos.

É justamente esta ausência de reflexão sobre o texto literário, sobre o que é educação literária e quais seus objetivos, que revelam a ineficácia do ensino de Literatura Brasileira na graduação, considerando que uma abordagem enciclopédica e informativa da produção literária apenas afasta o graduando da literatura propriamente dita. Talvez resida aí a grande fonte da chamada “crise de leitura” no país (crise esta que é propagada nos meios acadêmicos há pelo menos três décadas e que continua a existir) que, conseqüentemente, está ligada à formação de leitores e, por isso mesmo, à leitura literária, desde as séries iniciais.

Estas considerações nos encaminham a um problema ideológico, que é o da função deste docente na perpetuação de um ensino pautado em uma fórmula pronta, na repetição de receitas de manuais, que só fazem reforçar uma alienação por parte do professor, muitas vezes marcada pela força da tradição. A exemplo, pode-se retornar à perpetuação canônica nos programas das disciplinas por ele elaborado e que, como já dissemos, endossam os valores eurocêntricos, tidos como universais, desvalorizando o fato de que vivemos num país que possui outras culturas que poderiam figurar no espaço da academia, além da erudita, dominante no sistema educacional. Se o graduando tivesse, em sua formação inicial, esta visão plural de cultura, a partir de um currículo de Literatura Brasileira não tradicional que abordasse outras produções (ditas marginais, orais, plurais...) certamente, ao ter contato com seu aluno na educação básica, e que faz parte destas culturas várias, teria condições de explorar o texto literário, advindo destes contextos, com uma visão ideológica mais democrática e não tão conservadora e positivista.

Dessa maneira, voltamos à questão do currículo, das escolhas feitas pelo docente como plano de trabalho em sua disciplina. O professor universitário, tendo função formativa, como a própria universidade a tem, se vê sempre diante de um dilema: o que se espera dele? De modo amplo, a resposta apontaria para um profissional com conhecimento específico em sua área de atuação, mas com formação polivalente ao mesmo tempo, que permita a ele ser flexível para se adaptar a situações diversas, atuando não só no ensino como também na pesquisa. Tudo isso aliado a um compromisso ético e social.

Portanto, os conteúdos que o docente de Letras seleciona para sua atuação na formação de outros professores estão ligados a esta dimensão formadora da prática pedagógica. As escolhas dos conteúdos, abordagens e metodologias adotadas revelam as influências que ele próprio recebeu e que estarão presentes na formação de seu aluno, por meio das atitudes, valores e visão de mundo expostos nas práticas cotidianas em sala de aula. Aqui, interessa a percepção que este professor em formação terá sobre conteúdos da área literária, como resultado dos processos de ensino-aprendizagem elaborados pelo docente na graduação. Jobim (1999) comenta, sobre as habilidades que credenciam o graduando em Letras para lecionar Literatura, que, neste contexto formativo do aluno-professor,

seria necessário [que ele dominasse] o conhecimento histórico e teórico para: refletir sobre as condições sob as quais a escrita se torna literatura; explorar as relações dos textos literários com outros tipos de discurso e com os contextos em que se inserem; relacionar o texto literário com os problemas e concepções dominantes tanto na cultura do período em que foi escrito quanto na atualidade.

Estas habilidades apontam para a necessidade, inclusive, de que estes graduandos sejam capazes de desempenhar o papel de mediadores no processo de desenvolvimento destes conteúdos, formando outros leitores e produtores textuais de modo crítico. Particularmente, penso na educação literária, entendendo-a como um ato que potencializa a subjetividade do leitor no seu processo de formação e, por isso mesmo, favorece a compreensão das produções culturais e seus desdobramentos na constituição de identidades.

Evidentemente, dentre muitos outros aspectos subjacentes à condição docente, tratamos aqui de verificar a imagem do literário que se constrói ao longo da formação do professor de literatura, desde a educação básica, sobretudo no ensino médio com o estudo de história literária, até a graduação, e que estará presente em sua prática. Esta imagem, referente ao curso de Letras, será retomada de modo mais ampliado nos capítulos III e IV, por meio da análise dos programas e dos formulários respondidos pelos discentes e docentes, na tentativa de responder à questão: “por que esses autores e por que essas obras, quando outros autores e outras obras poderiam ser incluídos e estudados nos currículos?”.

Para concluir, no debate sobre os desdobramentos significativos da revisão do cânone e seus processos de legitimação, retomo as palavras de Ginsburg (1998: 82) que, ao tratar sobre “As mudanças na historiografia literária e a formação de professores de literatura

brasileira”, define com propriedade o imbricamento entre universidade, formação de professores e ensino de literatura.

As universidades estão exigindo de si próprias [...] a tarefa de levar adiante, com clareza, a reflexão sobre historiografia literária e o cânone; à medida que essa reflexão sugira alterações, cada vez mais profundas, nos programas institucionais de ensino das licenciaturas em letras, as escolas passarão a sentir o efeito disso. A periodização tradicional dará lugar, cada vez mais fortemente, a novos princípios teórico-metodológicos.

## **CAPÍTULO III**

## 4 CÂNONE E HISTÓRIA LITERÁRIA NO CURSO DE LETRAS

enquanto alunos estudam em detalhes a biografia de determinado autor (em que determinado professor é especialista) durante um semestre letivo, não se oferecem perspectivas críticas de leitura da palavra e do mundo. Tratar do cotidiano merece uma visão menos linear e carece de uma revisão consistente com a importância de inserir questões acadêmicas na vida social, e vice-versa. São especialmente preocupantes os distanciamentos entre [...] a palavra tornada arte literária e a invisibilidade do leitor; entre os pressupostos canônicos e a negação da escritura brasileira, em representação mais ampla e menos “clássica”; entre os conteúdos universitários e os programas das escolas; entre semestres, entre departamentos, e professores da mesma disciplina. Passado mais de um século, os estudos de [...] literatura continuam rigidamente positivistas, quantificados e ‘racionalmente objetivos’, impermeáveis às contribuições da filosofia da ciência e às necessidades interdisciplinares na educação de sujeitos sociais. (LEAHY-DIOS 2001a: 27)

Neste capítulo, apresenta-se uma espécie de “contabilidade” sobre os programas de Literatura Brasileira das unidades analisadas e sobre alguns dados colhidos do formulário respondido pelos docentes. Os dados evidenciam, dentre outros aspectos, o peso que cada curso de Letras dá ao conteúdo de Literatura Brasileira e às atividades a ele relacionadas.

### 4.1 CONTEXTO DA PESQUISA

Como assinali na Introdução deste trabalho, a base empírica de minha reflexão sobre o ensino de literatura brasileira no curso de Letras foi constituída pela minha experiência como professora de Literatura Brasileira, desde 1995, na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procopio, norte do Paraná. Além da docência no ensino superior, esta experiência também foi construída na prática de ensino na educação básica, tanto na rede pública quanto privada, durante o período de 1993 a maio de 2004. Na rede privada, atuei exclusivamente na disciplina de Literatura, no ensino médio, e não apenas em Língua Portuguesa e Literatura como é de praxe na escola pública. Atualmente, portanto, minha prática está ligada apenas ao ensino superior. Quando iniciei a docência na graduação do curso de Letras, assumi as disciplinas de Teoria Literária e Literatura Brasileira. A partir

de 1998, a disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Respektivas Literaturas passou a ser também de minha responsabilidade, juntamente com o estágio supervisionado a ela vinculado.

Julgo importante este breve histórico porque foi a partir desta trajetória, ainda que curta em termos de docência, que muitos dos questionamentos ligados à área de literatura brasileira, e que aqui estão refletidos, foram se fazendo ouvir. Sobretudo nos momentos em que acompanhava as alunas-estagiárias durante o estágio supervisionado em atividades de ensino de literatura nas escolas, pois ficava evidente o descompasso entre o saber acadêmico recebido sobre o “conteúdo literário” e a sua transposição didática.

Esta percepção me fazia questionar não apenas a necessidade de se trabalhar com outras alternativas metodológicas para o ensino de literatura<sup>14</sup>, mas, principalmente, a de rever o modelo de ensino adotado na disciplina de Literatura Brasileira, tendo em vista que não havia uma articulação dos conteúdos desta área com a prática. O que se tinha era um modelo voltado para a periodização estilística que, no momento do estágio, se refletia em aulas em que o professor era mero transmissor de conhecimento, por meio de aulas expositivas e posterior fixação de exercícios, no padrão do “Barroco é isso..., tem tais características..., identifique-as no poema..., destaque no poema versos que comprovem a filiação à escola barroca..., etc”. Assim, o modelo de aula que a maioria dos professorandos internalizou era aquele adotado pelo professor, de acordo com o paradigma positivista, linear, diacrônico, e mantenedor do discurso eternizado nas histórias literárias, via o cânone tradicional.

Estas breves considerações servem como justificativa para minha hipótese de investigação: verificar nos programas da disciplina de Literatura Brasileira e em formulários respondidos por docentes e discentes qual é o paradigma de ensino de Literatura Brasileira nos cursos de Letras, em instituições públicas no Paraná.

Naturalmente, este contexto em que a pesquisa foi pensada e realizada deixa entrever um olhar futuro: o de pensar sobre outras hipóteses de abordagem da Literatura Brasileira como disciplina escolarizada, especialmente em cursos de formação de professor ou pesquisador de literatura.

---

14 Sobre esta questão, a partir de 1999, adotamos no programa de Metodologia e prática de ensino de língua portuguesa e literatura II, do curso de Letras da FAFICOP, ministrada na última série, a proposta de Aguiar e Bordini (1993) sobre os métodos de ensino na formação do leitor, particularmente o Método Recepçional, o que resultou em bons projetos de ensino de leitura e literatura, e, pelo menos na área de estágio, uma solução parcial dos problemas detectados.

A seguir, exponho quais são as unidades em que estão inseridos os programas de ensino e os sujeitos que foram objetos de análise, explicitando a metodologia utilizada tanto neste quanto no quarto capítulo.

#### **4.1.1 As Unidades Universitárias**

##### **4.1.1.1 Universidade Estadual de Londrina – UEL**

Conforme dados no sítio da UEL<sup>15</sup>, o “Departamento de Letras originou-se da antiga FAFILO (Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina), e, em 1990, foi desmembrado em dois: Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e Departamento de Letras Estrangeiras Modernas”, vinculados ao Centro de Letras e Ciências Humanas – CLCH. O curso de Letras: com habilitação: Português e Língua Estrangeira Moderna com as Respectivas Literaturas, foi criado pelo Decreto Estadual n.º 2.568-A, de 25.01.56, e implantado em 01.03.58. O reconhecimento se deu pelo Decreto Federal n.º 49.061, de 06.10.60. A habilitação: Português e Literaturas de Língua Portuguesa foi Criada pela Resolução n.º 100/72, de 25.05.72, e implantada na UEL em 16.02.73, com reconhecimento pelo Decreto Federal n.º 81.840, de 26.06.78.

O Curso de Letras oferecia, até o ano de 2005, habilitação em licenciatura, compreendendo uma licenciatura única em Vernáculas (português e literaturas) e três licenciaturas duplas - em Vernáculas mais uma língua estrangeira (inglês, francês ou espanhol). A partir do ano de 2006, com a reformulação e implantação gradativa do Projeto Político- Pedagógico, o novo currículo propõe a separação das habilitações, com entradas distintas no vestibular, assim distribuídas: Línguas Estrangeiras Modernas (com 40 vagas no vespertino e 40 vagas no noturno) e Língua Portuguesa e Estudos Literários (com 60 vagas no vespertino e 60 no noturno).

Conforme disposto no Projeto, o estudante aprovado no vestibular em Línguas Estrangeiras Modernas deverá optar, ao fim da primeira série, por uma destas habilitações: Licenciatura Única em Língua Inglesa e respectivas literaturas ou Licenciatura

---

15 UEL-Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas. *Histórico*. Disponível em <<http://www.uel.br/cch/let/?content=historico.htm>>. Acesso em 10 maio 2006.

Única em Língua Espanhola e respectivas literaturas, e aquele aprovado em Língua Portuguesa e Estudos Literários deverá optar, ao fim da primeira série, por uma destas habilitações: Bacharelado em Estudos da Linguagem; Bacharelado em Estudos Literários ou Licenciatura em Língua Portuguesa e respectivas literaturas.

Na presente pesquisa, portanto, os programas analisados pertencem ao antigo Projeto Político-Pedagógico.

No que diz respeito à formação continuada, a UEL ocupa um lugar de destaque. Além de ofertar cursos de especialização na área de Letras, disponibiliza também os cursos de Mestrado e Doutorado, tanto na área de Estudos Literários quanto em Estudos da Linguagem, com programas distintos. Conforme informações disponíveis na página do programa, o

PPGL iniciou suas atividades no segundo semestre de 1993, com duas áreas de concentração (Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa), ofertando vagas para o Curso de Mestrado (oitavo a ser ofertado pela UEL). Em 2001, houve a cisão através da criação do PPG em Estudos da Linguagem e conseqüente migração de alunos e docentes da antiga área de Língua Portuguesa; na época, foi criada a área de concentração em Estudos Literários. Em 2003, o PPG em Letras passou a ofertar também vagas para o Curso de Doutorado. Em 2006, a linha de pesquisa "Formação e Revisão do Cânone Literário Brasileiro" foi reorganizada como "Cânones, Idéias e Lugares".<sup>16</sup>

Interessa observar que, dentre as universidades paranaenses ela foi a primeira a ofertar programa de pós-graduação em Estudos Literários, o que poderia indicar um diferencial no ensino de graduação, tendo em vista que as pesquisas desenvolvidas pelos pós-graduandos, em nível de mestrado e doutorado, se reverteriam em “avanços” na área de literatura. Registro que a UFPR oferta esta área de estudo desde final dos anos 90,<sup>17</sup> após sucessivas reformulações do programa de pós-graduação em Letras criado em 1975. Esta observação, portanto, se faz no âmbito das instituições estaduais, como é o caso da UEM que, a partir de 2004, também reformulou seu programa passando a ofertar a área de concentração em Estudos Literários ao lado da de Estudos da Linguagem, mas, como programa específico em Letras – Estudos Literários, a UEL ainda é a única.

---

16 UEL-PPGL. *Rastros Históricos*. Disponível em: <<http://www.uel.br/cch/pos/letras>> Acesso em 30 nov. 2006.

17 UFPR. Programa de Pós-Graduação em Letras. *Histórico*. Disponível em <<http://www.pgletras.ufpr.br/programa/historico.html>>. Acesso em 30 nov. 2006.

#### 4.1.1.2 Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio – FAFICOP

O Curso de Letras da FAFICOP<sup>18</sup> oferece licenciatura plena em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa, possibilitando aos formandos lecionarem ambas as línguas e literaturas correspondentes no ensino fundamental e médio e também no ensino superior, após complementação de estudos em cursos de pós-graduação.

O curso foi instalado em 1966, com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio, e reconhecido pelo governo federal através do Decreto nº 70745, de 21/6/72. Em 1971 foi criado o curso de Letras Franco-Portuguesas, que funcionou até 1976. A matriz em vigor está reconhecida pelo Parecer nº 465/01, do CEE de 09/11/01, retificação do Parecer nº 86/01, aprovando a modificação do Projeto Pedagógico de Licenciatura em Letras com habilitação em Português-Ingês. A adequação, que atende às diretrizes curriculares atuais e às Resoluções 01 e 02/2002, do CNE, está no Conselho Estadual de Educação do Paraná - CEE-PR, após ter sido apreciada (em outubro/2006) pela Comissão verificadora nomeada pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, (conforme Deliberação-CEE-PR 01/1005), que averiguou, *in loco*, as condições do curso atualmente em oferta, dando parecer favorável à renovação do reconhecimento do curso e à proposta pedagógica reformulada. O novo projeto deverá entrar em vigor a partir do ano letivo de 2008, incluindo a abertura de cinquenta vagas no período vespertino.

A adequação do Projeto Político-Pedagógico apresenta uma sensível mudança em relação ao currículo em vigor, não apenas no que se refere à distribuição e flexibilização da carga horária conforme previstas nas diretrizes, mas também pela proposta de se trabalhar de modo articulado os saberes sociológicos e conteudísticos com os saberes práticos (PERRENOUD, 2002), ou seja, está prevista a integração entre as disciplinas específicas de cada área e a disciplina de estágio supervisionado, a partir da elaboração de projetos de ensino em todas as áreas. Como a presente pesquisa foi realizada durante o ano de 2004, os programas das disciplinas de Literatura Brasileira I e Literatura Brasileira II ainda não contemplam esta articulação, configurando-se dentro de um paradigma tradicional.

Atualmente, portanto, a instituição mantém apenas o Curso de Letras: português-inglês, com duração de quatro anos, oferecendo cinquenta vagas por ano: vinte e

---

18 Informações extraídas do Projeto Político-Pedagógico do curso, disponibilizado para consulta pela Chefia do Departamento de Letras.

cinco no vestibular de inverno e vinte e cinco no vestibular de verão. As aulas são ministradas no Campus Universitário, no período noturno, com eventuais atividades extracurriculares aos sábados pela manhã e à tarde. A IES oferece, anualmente, o curso de Literatura e Estudos da Linguagem, em nível de especialização.

#### **4.1.1.3 Universidade Estadual de Maringá – UEM**

O curso de Letras da UEM<sup>19</sup> tem sua origem no curso de Letras da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Maringá (FFCLM), instituição que marca a origem da própria Universidade Estadual de Maringá, em 1969, reconhecida oficialmente em 1967. Entretanto, o curso de Letras já se havia constituído em 22 de fevereiro de 1967, o marco da sua fundação, sendo reconhecido em 12/02/72, pelo Decreto nº 70.156. Em agosto de 1969, o Departamento de Letras criou o Instituto de Línguas, que, a partir de 1971, passou a ser órgão ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. A partir da década de 70, o curso de Letras passa a oferecer cursos de pós-graduação *lato-sensu* nas áreas de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Língua Inglesa. Após duas reformas curriculares, a primeira em 1976 e a segunda em 1991, esta última para o Regime Seriado Anual, o curso oferece três habilitações, a saber: Habilitação Única em Português e Literaturas de Língua Portuguesa; Habilitação Dupla em Português e Inglês e Literaturas Correspondentes; Habilitação Dupla em Português e Francês e Literaturas Correspondentes. E, a partir de 2006, passa a oferecer quatro habilitações, a saber: Habilitação Única em Português e Literaturas de Língua Portuguesa; Habilitação Única em Inglês e Literaturas Correspondentes e Bacharelado em Tradução; Habilitação Dupla em Português e Inglês e Literaturas Correspondentes; Licenciatura Dupla em Português e Francês e Literaturas Correspondentes. Os cursos são ofertados nos períodos matutino e noturno.

Também são ofertados cursos em nível de especialização na área de Letras. Em nível *stricto sensu* houve uma reestruturação do Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada, ofertado desde 1997, para Programa de Pós-graduação em Letras, que passou vigorar em 2004. Com esta mudança foi criada a área de concentração em Estudos Literários, além da de Estudos Lingüísticos.

---

19 UEM. *Letras*. Disponível em: <<http://www.pen.uem.br/cursos/let.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2006.

Os programas analisados nesta pesquisa dizem respeito à graduação em Letras, habilitação única: português e literaturas de língua portuguesa, de acordo com o currículo em vigor no ano de 2004.

#### **4.1.1.4 Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG**

A UEPG oferece, nos turnos vespertino e noturno, os cursos:<sup>20</sup> de licenciatura em Letras português/inglês e respectivas literaturas, reconhecido pelo Decreto Federal nº 32.242, de 10.02.53, publicado no D.O.U. de 20.02.53 e homologado pelo Parecer CFE nº 3.302/76, publicado no D.O.U. de 29/12/76, e o de licenciatura em Letras português/espanhol e respectivas literaturas, reconhecido pelo Decreto Estadual n.º 3.752, de 20.03.01, publicado no DOE de 21.03.01. Oferece, no noturno, o de licenciatura em Letras português/francês e respectivas literaturas, reconhecido pelo Decreto federal nº 32.242, de 10.02.53, DOU de 20.02.53.

Para completar o currículo pleno nas licenciaturas acima o acadêmico deverá perfazer um total mínimo de 3.277 (três mil, duzentas e setenta e sete) horas, sendo 1.819 (mil, oitocentas e dezenove) horas-aula em disciplinas de formação básica geral, 1.122 (mil, cento e vinte e duas) horas-aula em disciplinas de formação específica profissional, 136 (cento e trinta e seis) horas-aula em disciplinas de diversificação ou aprofundamento e 200 (duzentas) horas de atividades complementares, distribuídas em, no mínimo, quatro anos e, no máximo, seis anos letivos. Este currículo está em vigor desde de 1.º de janeiro de 2005, com efeitos retroativos a 1.º de janeiro de 2004.

Em nível de pós-graduação é ofertado curso de especialização na área de Letras.

Para a presente pesquisa foram utilizadas as ementas de Literatura Brasileira I, II e III, em vigor no ano de 2004, que são as mesmas para as três licenciaturas.

---

20 UEPG. *Curso de Licenciatura em Letras Inglês/Português e respectivas literaturas*. Disponível em <<http://www.uepg.br/Catalogo/setor5/letras.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2006.

#### 4.1.1.5 Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO

A UNICENTRO<sup>21</sup> oferece o curso de Letras, no campus de Guarapuava e nos campi de Laranjeiras do Sul e Prudentópolis, com a habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa. Oferece, no campus de Guarapuava, o curso de Letras com habilitação em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa. No campus de Irati, a Universidade oferece o curso de Letras com habilitações em Português, Inglês ou Espanhol. Na pós-graduação *lato sensu* a Universidade oferece o curso Literatura e Contemporaneidade. Para a presente pesquisa foram utilizadas as ementas de Literatura Brasileira I, II e III, em vigor no ano de 2004, pertencentes ao currículo implantado em 2003, na habilitação: português e literaturas de língua portuguesa.

#### 4.1.1.6 Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Na UNIOESTE, campus de Cascavel, é ofertado o curso de Letras, com três diferentes habilitações: português/inglês, português/espanhol e português/italiano. No campus de Foz de Iguaçu, Letras com duas habilitações: português/inglês ou português/espanhol. Em Marechal Candido Rondon, são ofertadas: português/inglês; português/espanhol e português/alemão.

A Instituição oferece cursos de especialização na área de Letras, nos seus campi, e um Programa de Pós-graduação *Strictu sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, nível de mestrado, no campus de Cascavel desde 2003.

Nesta pesquisa utilizamos as ementas de Literatura Brasileira, em vigor no ano de 2004, pertencentes ao currículo do curso de Cascavel (português mais uma língua estrangeira).

---

21 UNICENTRO. *Currículo Pleno de Letras*. Disponível em <[http://www.unicentro.br/graduacao/cch/letras\\_lit\\_gp.pdf](http://www.unicentro.br/graduacao/cch/letras_lit_gp.pdf)>. Acesso em 30 nov. 2006.

## 4.1.2 Os Sujeitos da Pesquisa

### 4.1.2.1 Docentes

A escolha dos docentes que participaram da pesquisa se deu obedecendo tão-somente ao critério de estarem lecionando, no ano de 2004, a disciplina de Literatura Brasileira no curso de Letras ofertado pela unidade universitária a que eles pertencem. Quanto ao vínculo com a unidade universitária, apenas dois docentes eram professores colaboradores, com contratos temporários, os demais pertencem ao quadro próprio das instituições.

Com exceção da UEL e da FAFICOP, em que o contato foi feito pessoalmente, dado ao fato de a primeira ser a unidade em que estou vinculada à pós-graduação, e a segunda ser a que pertencem como docente, nas demais unidades o convite foi feito via correspondência eletrônica (enviada durante o primeiro semestre de 2004). Nela, foi exposto o objetivo de minha pesquisa e questionado se eles poderiam colaborar ou indicar outro docente que estivesse lecionando a referida disciplina.

Ao todo, num primeiro momento, dezessete docentes aceitaram responder ao formulário, o que poderia ser feito via correio eletrônico – apenas um docente preencheu manualmente o formulário. Em princípio seriam dezesseis docentes, uma vez que são dezesseis programas analisados, mas em uma das unidades dois docentes dividiam a disciplina. O tempo utilizado pelo docente para a elaboração das respostas inicialmente seria de dois meses, considerando que o primeiro contato foi feito no mês de setembro de 2004 e o prazo para devolução do formulário novembro do mesmo ano. No entanto, apenas quatro o entregaram no prazo determinado; dois em janeiro de 2005; três em março de 2005; um em abril de 2005; e um em julho de 2005. Na somatória geral, o retorno final foi apenas de onze formulários, dos dezessete iniciais. Por isso, há uma diferença em relação ao número de programas analisados, que é de dezesseis.

É importante observar, portanto, que os docentes tiveram um tempo considerável para elaboração de suas respostas, o que pode ser verificado nas transcrições aqui apresentadas, que evidenciam um cuidado no texto, inclusive citando referências teóricas. Esta observação é válida na medida em que, ao contrário, os acadêmicos responderam ao formulário apenas no espaço de duas horas/aula, ou seja, sem muito tempo para reflexão e cuidado na elaboração, o que fica evidente, por vezes, nas incorreções da

escrita. No entanto, mesmo assim, o discurso deles surpreende pela densidade crítica de algumas das respostas.

O acesso aos programas analisados foi feito da seguinte forma: alguns foram obtidos diretamente na secretaria dos Departamentos de Letras (FAFICOP e UEL); outros enviados via correio convencional pela pró-reitoria de graduação, após minha solicitação por correspondência eletrônica (UEM, UEPG, UNICENTRO); outros, em formato *doc*, via correspondência eletrônica, enviados pelo próprio docente quando da resposta aos formulários (UNIOESTE e um da UNICENTRO). Observo, ainda, que em alguns programas, embora em vigor no ano de 2004, constam datas anteriores, evidenciando a falta de atualização por parte dos docentes.

Os três docentes da UEL e um da FAFICOP, além da resposta ao formulário, também permitiram que eu aplicasse o formulário discente em suas salas de aula, no final de 2004.

#### **4.1.2.2 Discentes**

O contato com os sujeitos discentes se deu de modo impessoal. O professor responsável pela turma autorizou minha ida até a sala, expôs aos alunos que eu realizava uma pesquisa na área de Literatura Brasileira e que aplicaria um formulário, contando com a colaboração voluntária dos alunos. O tempo para o preenchimento do formulário foi curto: 2 horas/aula.

Na UEL, apliquei o formulário em três turmas: em Literatura Brasileira I, no período noturno, na data de 25 de novembro de 2004; em Literatura Brasileira II e III, no período vespertino, em 08 de dezembro de 2004. Em Literatura Brasileira I o número de alunos foi o mais reduzido, treze. Considero apenas os alunos presentes e que responderam ao formulário. Em LBII, o número foi de dezessete alunos. A turma mais numerosa era a de Literatura Brasileira III, com trinta e oito. É importante destacar que, por ser final de ano letivo, os alunos se mostraram cansados e desmotivados em responder ao formulário, embora este apresentasse apenas cinco questões. A preocupação da turma era a de encerrar as atividades e discutir preparativos de formatura (em LBIII), ou fechar notas e entregar trabalhos (LBII). Por tudo isso, conclui que deveria ter aplicado o formulário no início do

semestre e não no final, como foi feito. Talvez a receptividade fosse maior, com mais tempo para eles pensarem e redigirem os textos das respostas.

Na FAFICOP, participaram apenas os alunos de LBII, formandos, pois a turma da 3ª série (LB I) não aceitou participar da pesquisa. Ainda assim, por ser final de ano letivo, mesmo com a explicação sobre o porquê da pesquisa e seus objetivos, de uma turma de quarenta e oito alunos, apenas quinze devolveram os formulários preenchidos.

#### 4.1.3 Instrumentos Utilizados

Para a coleta de dados, que deu suporte ao meu conhecimento empírico, foram utilizados três instrumentos: programas da disciplina de Literatura Brasileira (total de dezesseis); um formulário<sup>22</sup> de pesquisa semi-estruturado para os docentes que ministravam a disciplina de Literatura Brasileira no ano letivo de 2004, e um formulário de pesquisa destinado aos discentes do curso de Letras, em 2004, da disciplina de Literatura Brasileira, da UEL e FAFICOP.

Neste sentido, a fonte primária que constitui esse trabalho é a análise dos programas das disciplinas de Literatura Brasileira. As fontes secundárias são os formulários de pesquisa, discente e docente. A pesquisa, destinada ao docente, consistia em que ele respondesse a um formulário<sup>23</sup> com cinco perguntas abertas, conceituais, e sete objetivas, descritivas. No que se refere aos discentes, foi aplicado formulário<sup>24</sup> com cinco perguntas abertas, conceituais, com o mesmo sentido das aplicadas aos docentes, nas unidades da UEL e FAFICOP, totalizando oitenta e três acadêmicos<sup>25</sup>.

O critério para aplicação do formulário apenas aos discentes da UEL e FAFICOP se deve ao fato de que as duas representam dois extremos na área dos Estudos Literários: uma, serve como referência, por ser a única das universidades estaduais que oferta programa de pós-graduação em Letras, em nível de mestrado e doutorado, na área específica de Estudos Literários; e outra, por se caracterizar como uma faculdade isolada, sem desenvolvimento de pesquisa e extensão na área, ocupando-se quase que exclusivamente com

---

22 Foi utilizado como parâmetro o formulário proposto por Komosinski (1992), com as devidas adaptações ao contexto desta pesquisa.

23 Ver Apêndice A.

24 Ver Apêndice B.

25 Ver Apêndice D, Quadro I.

atividades de ensino. Este extremo faz inferir que a UEL, por todas as atividades desenvolvidas na área, poderia ter como resultado de uma pesquisa discente um nível (ou proposta de ensino) diferenciado, o que denotaria o valor e o retorno dos investimentos realizados na pós-graduação, além da relevância do papel transformador da universidade; já a FAFICOP, por estar na “outra ponta”, a da “periferia”, aparentemente não alcançaria um desempenho importante em contraste com as respostas dos alunos da UEL. No entanto, o que se verificou é que os alunos pesquisados da FAFICOP têm os mesmos conceitos que os da UEL, de onde se pode inferir que os estudos desenvolvidos pelos docentes da pós-graduação da UEL não alcançam de modo integral as estratégias utilizadas no ensino de Literatura Brasileira da graduação, assim, a “abertura” presente no discurso docente não está refletida na graduação: o que ocorre são atividades pontuais, com um ou outro autor/obra, geralmente frutos dos projetos de pesquisas desenvolvidas pelo docente. Assim, o que se objetivou demonstrar, selecionando-se apenas as duas unidades é que (a) se a UEL, por estar à frente na área dos estudos literários, não apresenta avanços nas propostas de ensino de Literatura Brasileira, mantendo-se voltada para uma proposta diacrônica; (b) se a FAFICOP, que mantém apenas uma preocupação com o ensino, também apresenta a mesma proposta diacrônica; (c) provavelmente, os acadêmicos das demais IES, inclusive pelos programas apresentados, também teriam a mesma performance nas respostas.

Todos os questionários foram divididos e numerados em ordem crescente, codificados em SA (sujeito acadêmico nº x) e SD (sujeito docente nº x). A interpretação dos dados compreendeu a transcrição e a análise das respostas dadas. Este procedimento, adotado tanto para docente quanto discente, possibilitou a explicitação das concepções de cada conceito expresso no posicionamento dos sujeitos pesquisados.

Em particular quanto ao sujeito discente, considerando que o número era elevado, optei por selecionar apenas algumas das respostas dadas pelos informantes para transcrevê-las, de modo que pudessem ilustrar os conceitos inferidos na análise do discurso por eles expressos. Deste modo, para a elaboração dos gráficos, estabeleci a metodologia de criar categorias inferidas no conjunto das respostas e efetivar a distribuição delas a partir dos conceitos categorizados.

Estas categorias são as dos conceitos explicitados nos cinco gráficos que expressam o percentual resultante das cinco perguntas teóricas. Por exemplo, quanto ao conceito de cânone, verifiquei haver, no conjunto das respostas, pelo menos cinco categorias que se repetiam, de uma maneira ou de outra, mais o fato de haver aqueles que não responderam à pergunta (v. Gráfico 4). Neste caso, foram categorizados seis itens, a partir dos

quais distribui as diferentes respostas e obtive a numeração a fim de extrair o percentual. Por exemplo, a resposta do sujeito acadêmico 81 (ver Apêndice C), quanto ao que é cânone literário, foi categorizada dentro do conceito dois, uma vez que está voltada para uma concepção ligada ao discurso da crítica literária, como aquele que define o que possui ou não valor literário. Observo também que, em alguns casos, quando não era possível inferir um conceito que se encaixasse em uma das categorias ou que tivesse alguma coerência, a resposta era somada à categoria final – não responderam ou outros, explicitados como: “conceitos que não se enquadram nas categorias gerais inferidas”.

A leitura do Apêndice C, em que estão transcritas fielmente as respostas dos discentes (mantendo-se a redação original, inclusive com incorreções quanto à norma culta), comprova esta “repetição” de conceitos expostos de modo explícito ou mesmo inferidos no discurso do aluno. O procedimento foi o mesmo para as demais questões: após leitura global, inferia-se as categorias presentes e definia os conceitos, para somatória das respostas. A distribuição, portanto, se deu a partir da leitura de cada resposta dada pelo acadêmico às questões e a sua relação com as categorias estabelecidas.

Um outro aspecto metodológico a ressaltar, e importante de se registrar, é que, mesmo considerando a sala de aula como um fenômeno educacional, inserido em um contexto social historicamente localizado, optei por não realizar observação direta ou mesmo entrevista individualizada com os alunos, o que seria interessante para refletir sobre as práticas reais dos docentes e discentes. Todavia, tendo em vista que o foco maior deste trabalho é o de discutir o paradigma positivista, canônico, no ensino de Literatura Brasileira nos cursos de Letras, e não exatamente as práticas de leitura literária, esta metodologia de trabalho não foi contemplada.

Com certeza, um estudo amparado na metodologia da pesquisa-ação, envolvendo a participação direta do pesquisador, além de outros tipos de fontes de dados, revelaria aspectos pedagógicos, relacionados à prática docente em sala de aula, muito mais complexos, a exemplo do que realizou Leahy-Dios (2004), ao investigar a educação literária no Brasil e na Inglaterra, dentre tantos outros trabalhos de pesquisadores que se interessam pelo problema da leitura, da formação do leitor e do ensino de literatura.

## 4.2 TECENDO ANÁLISES

### 4.2.1 Carga Horária, Distribuição dos Conteúdos e Objetivos Propostos

Das seis unidades pesquisadas, duas dividem a disciplina de Literatura Brasileira em LB I e LB II, quatro em LB I, LB II e LB III, em regime seriado anual. A carga horária varia de no mínimo 204 horas ao máximo de 408 horas, na soma geral. Interessante é confrontar a carga horária proposta com os objetivos de ensino da disciplina, bem como bibliografia indicada, pois os dados revelam uma situação irreal, evidenciando uma distância entre o oficial e o real na abordagem da Literatura Brasileira na graduação. Exemplificando: em uma das unidades aborda-se do Realismo até Tendências Contemporâneas da Literatura Brasileira, em LB II, com uma carga horária de 144 horas/ano, o que torna discutível a pretensão de alcançar os objetivos propostos. O que se imagina é que o curso se dê numa rápida visão panorâmica que abrange desde a produção realista, passando por Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, para citar apenas algumas das produções consagradas nestes períodos, até chegar às produções em crônica, conto e romances contemporâneos.

É importante considerar que os programas indicam os caminhos a serem percorridos pelo docente e discente na construção do conhecimento sobre determinada área. Por isso, ainda que eles possam parecer apenas “formais” e não expressar exatamente a realidade da sala de aula é a partir deles que se percebe o sentido dado à disciplina no momento em que ela é programada e que, devido à dinamicidade da sala de aula, vai se transformando.

A perspectiva apontada é a de que o programa da disciplina é um componente curricular e deve expressar a proposta real de trabalho docente. Tal posição está baseada na concepção de que

o currículo escolar é, pois, um substrato que torna o indivíduo capaz de construir seus esquemas de referências para a leitura de mundo e sua práxis como elemento produtivo da sociedade, na medida em que o estudante gradualmente exerce a prática da cidadania enquanto se insere na história da humanidade e no mundo do trabalho. (BURNHAM 1989: 16-7)

Entretanto, ao serem analisados os objetivos de ensino propostos em cada programa, evidencia-se uma idealização utópica de que o acadêmico terá uma formação completa sobre literatura brasileira. Observo que quatro programas (25%) não apresentam os objetivos da disciplina. Todavia, nos que os apresentam, a forma como estão dispostos já revela outra realidade, tendo em vista que eles são sistematizados respeitando-se uma tradição de linhagem historiográfica e canônica. Ou seja, o professor elabora seu programa apresentando um acúmulo de conteúdo, autores e obras, a serem estudados, uma vasta bibliografia como referência teórica, além das histórias, e que, muitas vezes, acabam nem sendo objeto de análise, mas meramente documento oficial de uma disciplina para cumprir questões burocráticas acadêmicas.

O caráter dos objetivos propostos varia entre informativo e formativo. No primeiro, estão contemplados objetivos como “conduzir o aluno ao conhecimento da literatura brasileira dos séculos XIX e XX, bem como da crítica literária que a enfoca”; “estudar a literatura brasileira desde suas origens até o Romantismo, reconhecendo neste período o seu processo formativo”; “estudar a literatura brasileira do realismo ao pré-modernismo, estabelecendo correlações históricoliterárias”; “estudar a literatura brasileira do Modernismo à produção contemporânea, estabelecendo correlações histórico-literárias” (estes três últimos evidenciam uma visão contextual do estudo da disciplina, não apenas privilegiando o caráter imanentista do texto, o que é muito positivo); e, ainda, “conhecer as principais obras do período”.

Quatro objetivos (que se repetem nos programas de três das unidades universitárias: “perceber a formação de uma consciência textual de matriz brasileira”, “discutir a questão das origens e da identidade da literatura nacional”, “estudar e reconhecer a literatura brasileira como forma de expressão da realidade nacional”, “refletir criticamente sobre o caráter nacional e o nacionalismo de nossa literatura, a partir de textos teóricos e críticos”) indicam uma problemática específica da Literatura Brasileira, que é a da valorização da cor local, da busca de elementos que possam estabelecer traços diferenciadores da nacionalidade brasileira. Esta busca está enraizada no próprio projeto de uma história literária brasileira e, por conseqüência, na própria natureza e função da Literatura Brasileira como disciplina escolarizada, conforme vimos no capítulo um.

Os de caráter formativo estão expressos em “induzir o aluno às diferentes formas de abordagem de uma obra de arte literária”, “fazer com que o aluno assuma sua própria formação, dando-lhe voz e respeitando sua leitura das obras pelo professor selecionadas”; “empreender análise literária dos textos, compreendendo o projeto estético e

ideológico dos autores e obras”; e, ainda, “produzir textos analítico-interpretativos, organizados de maneira dissertativa, sobre textos literários brasileiros de diferentes gêneros e, dentro dos padrões mínimos de exigência do discurso científico”. Este último objetivo, em especial, se destaca porque explicita claramente a intenção de direcionar o ensino para a pesquisa, valorizando o caráter do discurso científico, retomando o papel da universidade que é o de ser produtora e não apenas reprodutora de discursos.

Poderia se dizer que o espaço dado ao discurso do aluno é pequeno, porque dos dezesseis programas pesquisados apenas em dois (12,5%), referentes a duas universidades, há menção explícita da produção de textos científicos. No entanto, sabemos que já é uma prática a produção de artigos científicos, monografias ou trabalhos de conclusão de curso em muitos dos cursos de Letras, principalmente por meio de projetos de pesquisa de iniciação científica, apenas isso não é elencado como objetivo, pelo menos nos programas analisados, o que reforça o dito anteriormente: o programa, muitas vezes, parece ser apenas um dado formal, burocrático na vida acadêmico, não sendo atribuído a ele a importância devida como elemento configurador das intenções do professor na abordagem da literatura brasileira como objeto educacional.

Chama a atenção também um objetivo de um programa (6,25%): “propor um projeto de oficina de leitura e recepção do conto e crônica na sala de aula”, tendo em vista que ele revela um elemento diferenciador em relação às demais unidades, por demonstrar uma preocupação efetiva de articulação entre o aprendizado teórico e a formação prática do futuro professor de literatura para o nível de educação básica.

Na observação do conjunto dos vários objetivos propostos, não se percebe, entretanto, a preocupação em elaborá-los numa seqüência da formação do acadêmico, da LB I para a LB II, por exemplo, que denotaria uma gradação no aprendizado do aluno, que não aquele meramente cronológico de sistematização de períodos literários, o que, no mínimo, revela uma problemática metodológica, uma vez que o estudo da literatura brasileira parece condicionado à assimilação diacrônica da tradição literária, compartimentalizada em diferentes estilos.

Para que isso se comprove, basta verificar que a proposta de distribuição dos conteúdos está apresentada quase que de forma unânime nas seis unidades analisadas. Como se constata,<sup>26</sup> em LB I, três unidades abordam Literatura Informativa e Formativa, Barroco, Arcadismo e Romantismo, duas trabalham da Literatura Informativa até o Parnasianismo; em

---

26 Quadro III - Apêndice D.

LB II, uma delas inicia no Romantismo indo até o Modernismo, duas iniciam no Realismo indo até Pré-modernismo e uma do Realismo até Tendências Contemporâneas da Literatura Brasileira; na LB III, duas iniciam no Modernismo até Tendências contemporâneas da Literatura Brasileira e uma trabalha exclusivamente Tendências Contemporâneas da Literatura Brasileira.

Chama atenção uma das unidades por não trabalhar com a periodização estilística, o que representa 16,66%, mas sim com gênero literário, apresentando em LB I “Processo de formação da literatura brasileira e possibilidades de constituição do cânone nacional. Narrativa ficcional curta”; em LB II “Possibilidade de sistematização da produção poética brasileira; movimentos, grupos, obras e autores representativos”; e em LB III “Possibilidade de sistematização da produção ficcional brasileira; movimentos, grupos, obras e autores representativos”. Com esta abordagem, autores e obras são analisados a partir do gênero literário (poesia, conto e romance) e, ainda que o estudo possa ser feito a partir de uma linha do tempo em que ele se configura, pelo menos se diferencia da proposta meramente estilística predominante nos demais programas.

#### **4.2.2 Indicações Bibliográficas**

As indicações bibliográficas a serem expostas foram extraídas dos programas das disciplinas. No entanto, é preciso destacar que poucos deles (apenas cinco - 31,25% - dos dezesseis pesquisados) apresentam indicação de obra literária na bibliografia básica; na verdade, nos formulários respondidos pelo docente houve indicação das obras literárias, tanto obrigatória quanto complementar, a serem estudadas, mas sem que elas constassem no programa oficial, ou seja, são indicadas ao acadêmico além do rol de obras descritas na bibliografia proposta para a série. No formulário respondido pelo docente (no item 2. – Dados sobre leituras indicadas aos alunos – 2.1 Bibliografia obrigatória e 2.2. Bibliografia complementar)<sup>27</sup> há várias indicações. Portanto, novamente observo haver uma disjunção entre o que está proposto formalmente no programa oficial e o que é realizado em sala de aula. No referido item, foi solicitado ao professor que indicasse as leituras

---

<sup>27</sup> Ver Quadro VI, do Apêndice D.

obrigatórias em 2004 e as complementares; dos onze entrevistados, dez preencheram o item das leituras obrigatórias e nove o da bibliografia complementar.

A análise das obras indicadas no programa oficial, e distribuídas conforme a divisão exposta no item anterior, revela uma proposta canônica, de acordo com as considerações expostas no item sobre o cânone e o contexto brasileiro, transitando, pois, entre os nomes e obras consagrados pelas histórias literárias em cada período: Pero Vaz de Caminha, com sua *Carta*, Basílio da Gama, com *O Uruguai*, *Caramuru*, de Santa Rita Durão, os poetas românticos, José de Alencar e sua prosa (em apenas uma das unidades é apresentado o autor como dramaturgo, com *O demônio familiar*), Machado e suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ao lado de *Dom Casmurro*, os naturalistas, os parnasianos clássicos, assim como os modernistas da primeira hora, seguidos de Guimarães, Clarice e João Cabral de Melo Neto.

Por outro lado, as obras indicadas no formulário já revelam outros dados e outra possibilidade de desenho canônico. São poucas as exceções em relação ao cânone tradicional, mas estas apresentam algumas inclusões diferenciadas,<sup>28</sup> como o trabalho com “O ocaso do classicismo” – *Luz mediterrânea*, de Raul de Leoni, e *Caprichos e relaxos* – Paulo Leminski; a Narrativa curta (XIX ao XX) – com leitura de contos de João Gilberto Noll, Raduan Nassar, Valêncio Xavier; a proposta de estudo da produção literária para infância e juventude, Literatura Infantil de Lobato e a situação da produção para infância e a juventude (três gerações do modernismo), além da abordagem de Nélida Pinon, *A casa da paixão*, Zulmira R. Tavares, *Cortejo em abril*, como leituras obrigatórias ao lado de cânones como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e *Primeiras histórias*, ainda como complementar são indicadas as obras *O ponto cego*, de Lya Luft, *O homem de mão seca*, de Adélia Prado, e *Valsa Negra*, de Patrícia Melo (presenças que indicam uma aproximação com os estudos contemporâneos sobre autoria feminina); em uma outra se destaca a literatura contemporânea, principalmente conto e crônicas, com as presenças de *Onde andarás Dulce Veiga?*, de C. F. Abreu, *Budapeste*, de Chico Buarque, *Sombras de reis barbudos*, de J. J. Veiga – como bibliografia básica, e ainda, as complementares com *O que é isso companheiro?*, de F. Gabeira, *A grande arte*, de Rubem Fonseca, *O caso da chácara Chão*, de D. Pellegrini, e *Amazona*, de Sérgio Sant’Anna; e, finalmente, a indicação de *Os tambores de São Luís*, de Josué Montello, para “uma leitura do negro no contexto literário brasileiro”.

---

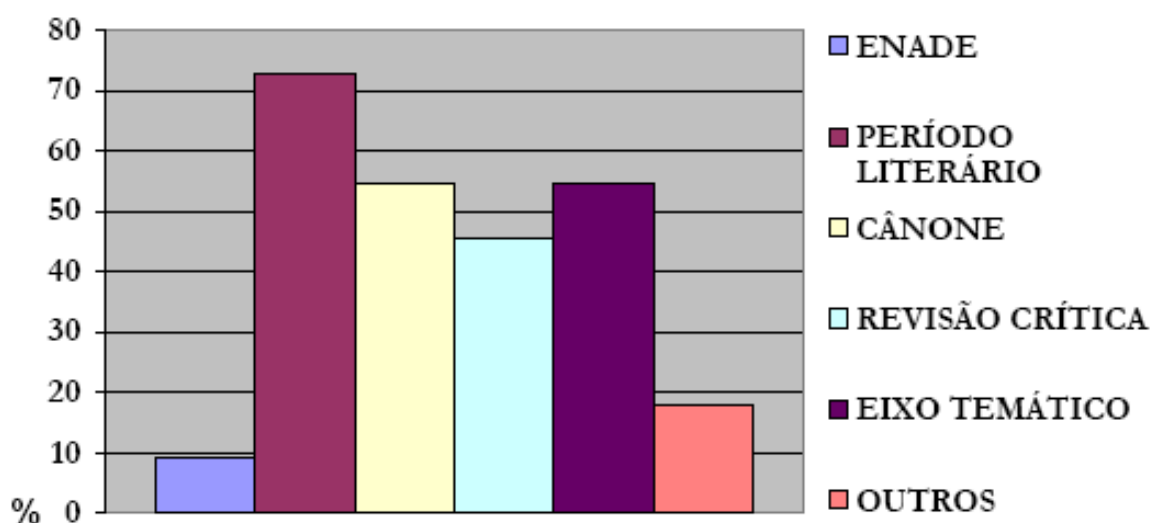
28 Extraídas do formulário respondido pelos docentes, no item sobre leitura indicada aos alunos - conforme Quadro VI, Apêndice D.

Percebe-se uma preocupação com a abordagem de textos contemporâneos, o que contraria a prescrição canônica das histórias literárias, que normalmente não abrangem este período em sua cronologia, a exceção de Bosi, que apresenta em sua *História Concisa*, no capítulo VIII – Tendências Contemporâneas – algumas breves referências, ao lado dos modernistas clássicos, a alguns autores e obras mais contemporâneos. Com isso, evidencia-se, ainda que sutilmente, a inserção de outras vozes em meio ao cânone tradicional, como a das mulheres. Isso denota que a revisão de autores/obras em nível de graduação é mínima. Da mesma forma, a pequena presença de um autor paranaense. Ainda assim, é preciso observar que isso geralmente se dá apenas na disciplina de LBIII, que trata de produções contemporâneas.

Portanto, retomando o que foi exposto no capítulo anterior, é possível dizer que o cânone mapeado nos programas é aquele ligado às histórias literárias, de acordo com a divisão estilística por elas proposta. Todavia, o discurso do professor, pelas respostas dadas no formulário, demonstra uma pequena tentativa de atualização deste cânone, mesmo que seja ligado à produção contemporânea. Cabe destacar que, no que se refere aos séculos anteriores ao XX, ainda permanece o clássico, o que não configura, portanto, uma revisão canônica no meio acadêmico, pelo menos sob o ponto de vista de resgatar autores que ficaram à margem da história oficial, pois a única indicação que chama a atenção é a de Raul de Leoni, que raramente é estudado na graduação.

Ainda foi questionado aos docentes, no mesmo item 2 – “Dados sobre leituras indicadas aos alunos” – quais os critérios utilizados para a seleção das obras. As alternativas dadas e o respectivo resultado seguem abaixo (v. Gráfico 1):

- 1) Obra indicada no ENADE (antigo provão) – 9,09% - 1
- 2) Obra relevante do período literário a ser estudado – 72,7% - 8**
- 3) Obra clássica, pertencente ao cânone literário – 54,5% - 6
- 4) Obra que possibilite revisão crítica na história da literatura – 45,4% - 5
- 5) Obra que compõe certo eixo temático da literatura brasileira – 54,5% - 6
- 6) Outros – 18,1% - 2



**Gráfico 1** – Critério para seleção das obras

Constata-se que 72,7% dos docentes seguem o critério voltado para o período literário, o que confirma a vinculação do programa à periodização estilística, a partir da qual a obra canônica é eleita para o trabalho em sala de aula, o que se confirma com o índice de 54,5%. Aliás, com o mesmo índice de resposta, os entrevistados indicaram “obra que compõe certo eixo temático da literatura brasileira”, o que é curioso, tendo em vista que apenas um sujeito docente argumentou ser interessante trabalhar com temática na abordagem das obras literárias. O que se pode inferir é que a temática pode até ser abordada ao longo do trabalho com as obras indicadas, mas não é o fio condutor deste e o que determina a eleição das mesmas, não se apresentando, portanto, como uma proposta metodológica.

É interessante mencionar que no item 6 houve observação de dois SD (18,1%). Um deles argumentou que a seleção das obras já havia sido feita pelo professor anterior, a quem ele estava substituindo, e, por isso, não foi possível alterar o programa feito. De fato, muitas vezes, quando se é contratado em regime de colaboração o docente fica restrito aos programas já elaborados pelo professor efetivo da disciplina. Neste caso em particular, todo o programa estava elaborado a partir da *História Concisa*, de Alfredo Bosi, no que o SD discordava.

Outro SD argumentou que a seleção é feita pensando numa “obra que possibilite o desenvolvimento do senso crítico do leitor em relação a sua realidade e inserção no mundo e que permita ao leitor o reconhecimento de si mesmo e do outro como seres atuantes no mundo em que se encontram” (SD-11). Percebe-se nesta posição uma vinculação aos pressupostos da Estética da Recepção, em que se privilegia a construção da leitura a partir do ponto de vista do sujeito leitor. Esta afirmação é facilmente compreendida a partir da

informação de que o SD referente está ligado a um programa de pós-graduação *stricto sensu* voltado para a formação do leitor, no qual desenvolve atividades ligadas à questão da Literatura e ensino.

De todas as alternativas chama atenção a mínima indicação do critério ligado ao ENADE (9,09%). Retomamos a questão abordada no capítulo dois, sobre cânone e o papel da universidade, bem como a vinculação dos conteúdos programáticos àqueles indicados pelo INEP, particularmente o das obras literárias. O que já observamos é que a indicação das obras não corresponde à listagem divulgada e, como se pode constatar, não há preocupação do docente em selecionar a obra a ser trabalhada em sala de modo a atendê-la.

Quanto ao item “obra que possibilite revisão crítica na história da literatura” (45,4%), também não há uma indicação que revele preocupação com as questões voltadas para a discussão da formação e revisão do cânone. O próprio conteúdo distribuído com base na periodização estilística já evidencia isso. É certo que, como vimos, no que se refere à literatura contemporânea algumas obras indicadas pelo docente apontam para uma “atualização” do cânone, mas sem interferir na imagem tradicional deste.

Outro ponto de destaque no estudo dos programas das disciplinas é o da indicação bibliográfica geral, que apresenta um número excessivo de obras de crítica literária.<sup>29</sup> No levantamento realizado nos programas da disciplina ela está dividida em “História da Literatura Brasileira”, “Antologias e dicionários”, “Crítica e teoria” e “Obras literárias”. Verifiquei que predomina a indicação de “Crítica e teoria”, havendo programa que apresenta cinquenta e oito indicações como referência para o estudo da disciplina em um ano, o que evidencia uma preocupação excessiva em indicar fontes críticas para o aluno apoiar suas leituras.

Por outro lado, novamente chama a atenção a disjunção entre o programa oficial e o formulário do docente. Na parte em que eles indicaram bibliografia obrigatória e complementar, conforme já mencionado, há também indicação de obra crítica, que não consta do programa (portanto, estão além do número expresso no Quadro IV), como *Tempos da literatura brasileira*, Abdala Jr. e Samira Campedelli, *Iniciação à Literatura Brasileira e Literatura e sociedade*, de Antonio Candido, *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*, de Otto Maria Carpeaux, *Vanguarda européia e Modernismo Brasileiro*, de Gilberto Mendonça Teles, *Dialética da colonização* e *O conto contemporâneo brasileiro*, de Alfredo Bosi, *Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre, *Os donos do poder*, de Raymundo

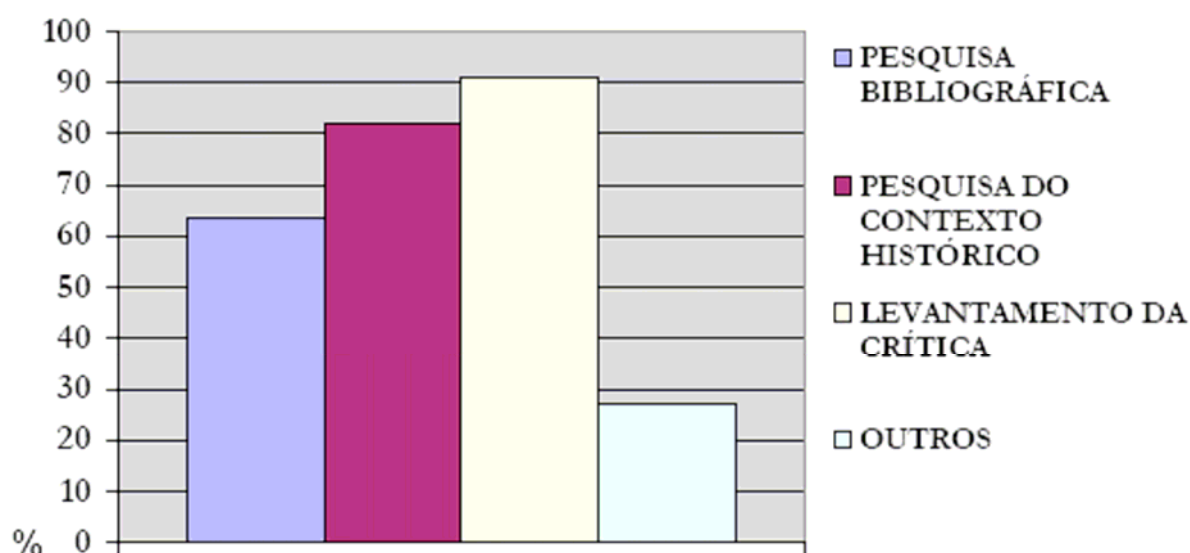
---

<sup>29</sup> Quadro IV, Apêndice D.

Faoro, *Graciliano Ramos – Fortuna crítica*, de Eduardo Coutinho, *José Lins do Rego (fortuna crítica)*, *Guimarães Rosa (fortuna crítica)* e *Carlos Drummond de Andrade (fortuna crítica)*, de Afrânio Coutinho, *A modernidade em Monteiro Lobato*, de Marisa Lajolo, *Sociedade e discurso ficcional*, de Luiz Costa Lima, *A aventura literária: ensaios e ficções*, de José Paulo Paes, *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões políticas culturais*, de Silviano Santiago, *Da urgência à aprendizagem: sentido da história e romance brasileiro dos anos 60*, de Henrique Manuel Ávila. As referências indicam, por sua vez, o cânone crítico que autoriza o professor a falar sobre determinadas obras, endossando a análise feita em sala de aula e que servirá de modelo ao aluno em suas leituras.

Ainda no item 2, do formulário docente, no que se refere às estratégias utilizadas para o aluno ler tanto as obras quanto sobre elas, foi questionado sobre os recursos indicados, com as seguintes alternativas e respostas (v. Gráfico 2):

- 1) Pesquisa bibliográfica de autores – 63,6% - 7
- 2) Pesquisa do contexto histórico do período literário – 81,8% - 9
- 3) Levantamento da crítica em relação à obra estudada – 90,9% - 10**
- 4) Outros – 27,2% - 3.



**Gráfico 2** – Estratégias para leitura das obras

Novamente, o alto índice, 90,9%, que indica “levantamento da crítica em relação à obra estudada” como estratégia adotada, confirma a preocupação do SD em instrumentalizar o aluno com o discurso crítico, numa espécie de endosso do que deve ser “lido” na obra em análise. A seqüência dada em 81,8% complementa esta preocupação, na medida em que o aluno deve buscar no referencial histórico as marcas estilísticas do período que o habilitem para a leitura do texto. O fato de 63,6% dos SD indicarem pesquisa bibliográfica de autores parece revelar certa preocupação em contextualizar o papel do autor no contexto da produção literária dos períodos.

Por fim, 27,2% mencionaram outras estratégias: um deles citou que adota a estratégia de colher “impressões de leitura” – o que indica a preocupação em “ouvir” a produção de sentido dada ao texto pelo aluno; outro destacou a prática de leitura e análise de poemas de João Cabral de Melo Neto e crônicas de Rubem Braga em sala de aula; e o terceiro, “leitura e discussão de obras literárias, proposta de criação e realização de oficinas de leitura e redação de textos críticos sobre leituras realizadas” – o que denota a preocupação em desenvolver práticas de leitura literária em sala de aula. Estas estratégias se destacam uma vez que apontam para trabalho de leitura do literário no ambiente da sala de aula, numa troca dos sentidos produzidos pelo aluno e pelo professor, sem que o sentido deste último seja o dominante, muito menos o sentido dado pelo crítico literário apenas.

Quanto à indicação de histórias da literatura brasileira ela é unânime nos programas.<sup>30</sup> Da LB I à LB III, todas as seis unidades indicam *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, e *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido; cinco delas indicam *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho; cinco indicam *História da Literatura Brasileira*, de Massaud Moisés; três, *História da Literatura Brasileira*, de Luciana Stegagno-Picchio; três indicam *A Literatura Brasileira: origens e unidade*, de José Castello; três, *História da Literatura Brasileira*, de Lucia Miguel Pereira; duas indicam *História da Literatura Brasileira*, de Nelson Werneck Sodré; duas indicações de *História da Literatura Brasileira*, de Veríssimo; as obras *História da Literatura Brasileira*, de Antonio Soares Amora, *História da Literatura Brasileira*, de Romero, *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Ronald de Carvalho, *De Anchieta a Euclides*, de José Guilherme Merquior, *História da Literatura Brasileira*, de Silvio Castro e *História da Literatura Brasileira*, de Joaquim Norberto de Souza, tiveram apenas uma indicação nos programas analisados.

---

30 Ver Quadro V, Apêndice D.

Como se percebe, predomina a obra de Bosi e de Candido. Inclusive, em uma das unidades, em Literatura Brasileira II, todo o programa apresentado é dividido em seminários, cuja abordagem é feita pelo professor e por grupos de alunos, no estudo das obras canônicas propostas, precedidas de apontamentos de leitura feitos a partir dos capítulos elaborados por Bosi. Deste modo, retomando o que apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho, ao falarmos sobre a relação entre história literária e ensino de Literatura Brasileira, é possível afirmar, após a leitura dos dados aqui apresentados, que, de fato, (a) a periodização proposta pelas principais histórias literárias é a que se desenha no cenário acadêmico; (b) é marcante a presença da obra de Antonio Candido, seja *Formação* ou *Literatura e sociedade*, além de outras publicações; e (c) a obra de Bosi, talvez por seu caráter conciso, continua sendo a referência primeira nos cursos de Letras.

### 4.3 SÍNTESE

Os dados extraídos dos programas permitem inferir, numa análise global, embora com as devidas relativizações, que:

- a) o ensino de literatura está fortemente enraizado numa perspectiva de classificação periodológica. Em alguns casos, os conteúdos permanecem anacrônicos, a distribuição é feita cronologicamente, numa perspectiva linear, histórica, posto que a historiografia literária só assimila o que o tempo cristalizou;
- b) neles, não é dada ênfase em literatura regional, marginal, feminina, nem mesmo a paranaense. Excluindo-se, portanto, abordagens fora do cânone;
- c) predominam, no que se refere à bibliografia utilizada, em relação à História Literária, a *História concisa da literatura brasileira*, de Bosi, e a obra de Candido, *Formação da Literatura brasileira*;
- d) destaca-se, em uma das unidades, o trabalho com produção infanto-juvenil (UEM); em outra, projetos metodológicos para a educação básica, como conteúdo da disciplina (UNIOESTE); e o trabalho por gêneros literários (UNICENTRO);

e) a seleção de autores e obras é feita com base na tradição historiográfica, destacando-se os nomes de referência por ela instituídos (o que responde à questão formulada no item 2.4.1: “por que esses autores e por que essas obras, quando outros autores e outras obras poderiam ser incluídos e estudados nos currículos?”).

Neste sentido, embora algumas propostas nos Projetos Político-Pedagógicos implantados ou a serem implantados desde 2004 evidenciem uma preocupação e visão diferente em relação à articulação entre teoria e prática na graduação, parece que, de modo geral, professores universitários e alunos estão coniventes com o modo de abordagem acrítica da Literatura Brasileira. Com isso, percebe-se que o “lugar da história literária no ensino de literatura brasileira” ainda é o de mera sistematização de períodos, autores e obras, conforme proposto nas histórias literárias, ausente de seu possível caráter crítico-reflexivo, o que acaba se refletindo em todos os demais níveis de ensino, principalmente no médio, uma vez que, se o professor se forma nestes moldes, naturalmente seu programa de ensino também se dará nos mesmos parâmetros historiográficos.

É justamente esta imagem da literatura brasileira que se consolida durante a graduação, a partir das concepções de literatura, texto literário e cânone, bem como os métodos adotados no estudo das obras eleitos pelo docente, que será objeto de análise no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO IV**

## 5 CONCEPÇÕES SOBRE LITERATURA, CÂNONE, TEXTO LITERÁRIO E ENSINO: OS DISCURSOS DOCENTE E DISCENTE

O lugar é sempre fonte de pré-concepções que de alguma maneira contribuem para a elaboração de nosso dizer, pois nele se situa o sistema de referências deste dizer – incluindo determinado universo de temas, interesses, termos, etc. –, sistema que sempre já estabelece um limite dentro do qual nosso campo de enunciação se inscreve. (JOBIM 2004)

Neste capítulo são apresentadas as concepções sobre Literatura, cânone, texto literário e metodologias extraídas de formulários respondidos por docentes das Instituições pesquisadas e discentes dos cursos de Letras da UEL e FAFICOP.<sup>31</sup> Objetiva-se expor algumas reflexões sobre estas concepções, explorando as contradições e aproximações nelas expressas, a fim de verificar as implicações metodológicas no ensino de Literatura Brasileira e a imagem do literário que com elas se forma ao longo do curso de graduação.

Os formulários discentes e docentes continham cinco perguntas de caráter aberto, para respostas dissertativas conforme seqüência apresentada a seguir. É importante lembrar que os sujeitos acadêmicos correspondem apenas aos sujeitos docentes da UEL – SD7, SD8 e SD15 – e FAFICOP – SD5 –, como explicitado no capítulo anterior.

A metodologia utilizada para seleção das respostas dos discentes aqui transcritas e elaboração dos gráficos já foi explicitada no capítulo anterior, quando trato dos instrumentos utilizados.

Optei por apresentar uma breve abordagem teórica sobre o assunto proposto nas questões para, em seguida, expor algumas das respostas obtidas, explicitando as concepções nelas evidenciadas, tanto nos depoimentos dos discentes quanto dos docentes.

### 5.1 O QUE É LITERATURA?

Quanto ao conceito de literatura, o objetivo da questão era verificar o posicionamento do sujeito sobre a natureza e o fenômeno literário. A questão era ampla: “Conceitue literatura”. É claro que sabia da problemática de aparência simples, mas

---

31 Conforme formulários expostos nos Apêndices A, B e C.

extremamente complexa, de se formular uma questão como esta. Afinal, como observou um dos entrevistados:

nenhum professor que tenha certa formação ou, quando menos, certo convívio com questões de teoria literária e que já se tenha engalfinhado com a pergunta quanto ao *quê* [...] da literatura não se arriscaria a responder à solicitação sem antes fazer um bom exame de consciência ou uma boa pesquisa a respeito. Seria muito esperar que se aventurasse a esboçar uma conceituação desse teor, que coubesse no limite das vinte e cinco linhas impostas pelo formulário (SD13).

Por isso mesmo, é necessário explicitar que compreendo o limite imposto pela maneira como a questão foi formulada; quer seja o espacial quer seja o teórico, haja vista que poderia obter respostas evasivas, abstratas e até mesmo poéticas sobre o que é literatura, dado ao caráter amplo e subjetivo da pergunta. No entanto, talvez mesmo pelo fato de se tratar de uma pesquisa, que pressupõe a literatura como objeto de estudo científico, os entrevistados partiram da premissa de que deveriam tentar um conceito teórico, objetivo, para a questão formulada. Assim, por mais que a questão possa parecer tendenciosa, dirigida, uma vez que eu mesma, como pesquisadora, possua meus próprios conceitos, os parâmetros para interpretação das respostas são os que apresento a partir de breve abordagem de alguns teóricos, princípio este adotado para as demais questões formuladas na pesquisa.

O conceito de literatura, segundo Abreu (2003), está vinculado à multiplicação de produtos culturais e de meios de difusão uma vez que estes forçariam o alargamento daquele. No entanto, os primeiros historiadores da literatura tomavam como ponto de partida um conceito muito mais amplo, designando como tal todo um conjunto de saberes, desde história, poesia, crítica, eloquência, notícia de “boas letras”, conceituando-a, portanto, como erudição. A pesquisadora argumenta que este conceito vigorou até o século XIX, quando passou a ser definido apenas como produção literária de uma “nação, de um país, de uma época”.

A definição moderna de literatura se fez no momento em que entraram em cena novos leitores, novos gêneros, novos escritores e novas formas de ler. Escritores e leitores eruditos interessaram-se fortemente em diferenciar-se de escritores e leitores comuns a fim de assegurar seu prestígio intelectual, abalado pela disseminação da leitura. Isso os levou a eleger alguns autores, alguns gêneros e algumas maneiras de ler como os melhores. Convencionaram chamar a isso de literatura. (ABREU 2003: 28)

Como bem observa a autora “o jogo é complicado”, porque depende de inúmeros outros fatores para se dizer que a obra é literária, como gênero, autoria (de prestígio), grupo de leitores da obra, jogo do mercado e tais como. Uma falha num destes fatores pode fazer com que a obra seja excluída do grupo seletivo de textos literários de qualidade.

É preciso ressaltar, ainda, que até o século XVIII a literatura possuía uma função educativa. No espaço escolar, como vimos no capítulo primeiro, a literatura foi integrada ao currículo, diluída entre Gramática, Lógica e Retórica. Posteriormente, foi privilegiado o ensino da cultura clássica, bem como o texto literário servia de modelo para se estudar as línguas grega e latina.

No século XIX, na França, houve uma valorização da literatura nacional, como consequência da Revolução Francesa, e a história literária, como vimos, tomou pra si a função de eleger autores e obras que representassem um *corpus* nacional. Assim, também no Brasil, houve uma consagração da língua dos poetas como língua oficial, e a escola utilizava-se da Literatura para veicular e difundir a língua, a cultura e a identidade nacional do país.

Zilberman e Silva (1990: 15-6) observam, por exemplo, que a “Literatura foi institucionalizada e deixou de ter finalidade intelectual e ética para ter cunho lingüístico, vernáculo”. Portanto, o texto literário passa a ser utilizado muito mais ideologicamente, como produto para manter certas ideologias, do que exatamente como elemento capaz de educar para a leitura literária.

Perrone-Moisés (2002: 2) argumenta que, evidentemente, “o conceito de ‘literatura’ é histórico. Não há uma essência literária, imutável através dos tempos. Entretanto, em cada momento, e segundo as circunstâncias, é possível chegar a um consenso provisório acerca do que se entende por ‘literatura’”. Assim, o conceito que se tem de literatura, sendo variável de acordo com cada época e seus modos de produção, divulgação e recepção, também se desdobra em diferentes funções. Por isso, o estudo de literatura deve vê-la como um processo social e comunicacional, não mais preso a meros padrões ligados a conceitos de beleza. Como uma definição possível, Perrone-Moisés (2002: 2) afirma que, para ela, literatura,

salvo alguma segunda ordem, é aquele tipo de texto verbal em que o modo como se diz e determinante do que se diz, isto é, o modo de dizer produz suplementos de sentido que o texto puramente informativo, referencial, comunicacional não produz. Esse suplemento de sentido, que é também abertura o mesmo para múltiplas interpretações, depende de um determinado arranjo dos signos. É o que antigamente se chamava de arte.

Podemos adotar, ainda, o conceito de literatura proposto por Candido (2000: 68), que utiliza o argumento de sistema literário para falar sobre a formação da literatura brasileira:

A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

É clara a noção de influência das obras sobre os leitores e dos leitores sobre os autores e, conseqüentemente, sobre as obras. Seu conceito está baseado num pressuposto sociológico, sempre pensando na relação que a literatura estabelece com a sociedade em que surge. Neste sentido, é possível retomar o conceito de Malard (1985: 11).

A literatura é uma prática social tanto para quem a escreve quanto para quem a lê. Prática social no sentido de atividade humana em intenção transformadora do mundo, que expressa o peculiar da relação do homem com o mundo, os modos de ser do homem no mundo. Já não se dá mais crédito ao valor eterno e universal da linguagem literária em si, como produtor da genialidade do produtor. A literatura é uma prática historicizada, influenciada por valores defendidos pela classe que domina a sociedade e pelos da classe que a ela se contrapõe. Existe em determinado tempo e espaço históricos projetados no prosseguir da história.

A literatura pode ser encarada como discurso sagrado e inquestionável ou como questionadora da própria palavra literária, oferecendo inúmeros caminhos para se compreendê-la, tudo depende do ponto de vista que se adota ao elegê-la como objeto de estudo. Por isso mesmo, esta variedade de perspectiva de análise do texto literário, desde a antiguidade até os conceitos mais modernos, deveria estar presente nas abordagens pedagógicas da literatura no espaço escolar. Todavia, não parece ser o que ocorre no ensino de literatura em nossas escolas, tendo em vista que o aluno, leitor passivo, absorve o que elas dizem que é dotado de valor e, por isso mesmo, inquestionável, dada à autoridade que pertence à instituição de ensino (lugar de que se fala) e ao professor (quem fala). Abreu (2000: 125) sintetiza bem esta questão.

A escola – seguindo os passos da história literária – seleciona algumas obras dentre todos os textos narrativos, poéticos ou dramáticos já escritos e os apresenta aos alunos como a literatura, desqualificando todos os demais como subprodutos ou como formas imperfeitas. Raramente explica-se aos alunos o processo pelo qual estas obras chegaram a representar o cânone literário, fazendo supor – ou mesmo dizendo explicitamente – que elas possuem uma literariedade e uma qualidade intrínsecas, portanto a-históricas e a-culturais. Ou seja, qualquer leitor deve ser capaz de reconhecê-las; os que não as apreciam são ingênuos mal formados, despreparados.

Diante deste cenário, é necessário pensar a literatura como um instrumento capaz de superar possíveis diferenças, sobretudo as que estão ligadas à classe leitora (elite *versus* massa). É preciso ver que, pela natureza interrogativa e aberta do texto literário, cria-se a possibilidade de despertar a consciência crítica do leitor, favorecendo um espaço para reflexão sobre a sociedade contemporânea e seus valores.

### 5.1.1 O Discurso Docente

É possível verificar que, para o SD8, a visão que se tem é a de que a obra literária é um objeto social a vincular autor e leitor. É nítida a visão de Antonio Candido, de que a literatura tem função humanizadora.

Literatura é arte, e como tal, **ficção**, ou seja, o que apresenta não é a verdade em termos reais, mas a **verossimilhança**, ou seja, aquilo que “poderia ter sido”, mas não foi. A arte **objetiva desestabilizar o leitor, conduzi-lo a uma postura crítica...** (SD8, grifo do entrevistado).

Na fala do SD3 transparece, além da visão humanizadora, a influência marcante de caráter esteticista, que é a de Coutinho, bem como na fala do SD16.

Uma construção ficcional da linguagem capaz de abordar as questões mais relevantes de um determinado grupo, e, ao mesmo tempo, aquelas recorrentes ao ser humano de um determinado tempo. (SD16)

Tomo como pressuposto a conceituação de Afrânio Coutinho, por acreditar ser aquela que melhor define o termo, quando diz que: “a Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do

espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades factuais. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas, gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgota o quadro. A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana. (COUTINHO, Afrânio) Enfim, parafraseando outras leituras, podemos nos furtar da tarefa complexa de definir Literatura e nos enterrarmos em outra não menos complexa ao abordá-la pela perspectiva de suas funções, dizendo que a literatura desempenha, entre outras funções, como a de entretenimento, a de evasão, e a de jogo, a função primordial de proporcionar conhecimento e, a função ainda mais fundamental, a de participar de forma preponderante e singular da própria humanização do homem. (SD3)

Na resposta do SD15, infere-se que ele defende a idéia da questão do gosto, vendo a obra literária como parte indissociável da política e ideologia de cada época, de acordo com a posição de Terry Eagleton e de teóricos contemporâneos.

Conceituar o que vem a ser literatura é tarefa árdua e complexa, pois o que chamamos de literatura hoje, vemos que, ao ser transportado no tempo, se chama literatura algo que não era considerado como literatura. (SD15).

O SD7 deixa transparecer em seu discurso uma posição voltada ao multiculturalismo, demonstrando que o conceito de literatura é amplo e variável. Note-se que este sujeito dá ênfase a uma visão mais contemporânea de literatura. Para o SD5, ela é expressão da sociedade. Na fala do SD2 também está clara a noção de relatividade do conceito, posto que depende do quando, quem e de onde se fala dela, assim como se posiciona o SD11.

Precisamos conviver com mais de um conceito de literatura, ainda que estes conceitos sejam conflitantes. Um deles, de origem formalista, diz respeito à manifestação de uma linguagem poética: é este conceito que consagra

grande parte da produção literária em versos, inclusive na contemporaneidade. Outro conceito corresponde ao que Terry Eagleton apresenta como escrita altamente valorizada em uma determinada época: é este conceito que não nos permite negligenciar certos nomes, especialmente do passado, e suas obras. Outro conceito, mais elástico e recente, abrange produções escritas nem sempre tão norteadas pelo caráter estético da linguagem, mas capazes de compor um ideário de um tempo, através de manifestações pessoais expressas em correspondências, diário autobiografias, crônicas, etc.: seria um conceito mais adequado às práticas dos Estudos Culturais, tão significativo nos dias atuais. (SD7)

A literatura é linguagem a serviço da invenção e do prazer. De acordo com Aristóteles, “a arte literária é mimese; é a arte que imita pela palavra”. No entanto, o artista literário nos constrói uma transfiguração do real, uma realidade recriada através do sentimento do homem, a partir da tentativa de retratar com verossimilhança a sociedade da qual faz parte. Segundo Antonio Candido, a literatura é um processo histórico”, ou seja, é a expressão da sociedade através da palavra. É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. (SD5)

O conceito de literatura é algo bastante vasto, que sofre alterações de acordo com o local de onde se fala e da época. No meu caso, professor de literatura brasileira, crítico literário e escritor (romancista, contista e poeta), literatura é o texto que adensa a linguagem no sentido de aprofundar a condição humana, fazendo aflorar as tensões mais recônditas. Este conceito é válido quando o crítico tem que dar conta das produções literárias do momento, pois as obras ditas clássicas não precisam mais de um conceito para que sejam ou não enquadradas na categoria literária, são um consenso crítico de gerações e posições sociais diferentes, o que mantém a obra dentro de uma certa unanimidade. Nelas, o atributo literário está consolidado e esta consolidação, que não depende mais do leitor de agora, se deu porque a obra se fez um delta para onde confluem as questões mais relevantes de um momento histórico e de uma sensibilidade artística. (SD2)

Difícil tarefa, já que inúmeros e respeitados teóricos têm mostrado a impossibilidade de conceituar essa manifestação artística. Entretanto, podemos apontar algumas diretrizes a partir das quais encaminhamos nossos estudos literários. Além do sentido amplo, que reconhece a literatura como sendo tudo o que é impresso, podemos dizer que o conceito varia muito de época para época e de cultura, como atestam Eagleton, Culler Compagnon e outros estudiosos do assunto, no momento. Alguns consideram que literatura são os grandes escritores, negando valor a obras não canônicas. Entretanto, um dos textos que auxiliam muito na compreensão do que entendemos por literatura é “Estímulos da criação literária”, de Antonio Candido (in: *Literatura e sociedade*). Nesse texto, já clássico, Candido, além das funções da literatura, elenca elementos indispensáveis para que pensemos sobre a arte literária, a partir da transfiguração do real e não de sua representação

(ver *Literatura e Sociedade*, 5. ed. p.53): – transposição do real para o ilusório;  
 – estilização formal;  
 – vinculação à realidade natural ou social;  
 – manipulação técnica;  
 – atitude de gratuidade (SD11)

Tendo em vista o modo como venho pensando a literatura no âmbito das pesquisas que tenho desenvolvido, penso que seja impossível redigir um “conceito” único de literatura. Para isso seria necessário que eu a entendesse a partir de um conjunto fixo de características que fossem inerentes a ela independentemente do contexto em que ela surge. Assim o texto seria literário se nele estivessem presentes tais características. Historicamente a crítica literária tem demonstrado que jamais houve consenso acerca dos critérios utilizados para se definir um texto como sendo literário ou não. Tanto é que as diversas correntes críticas que têm surgido no decorrer dos tempos valorizam aspectos diferentes do texto literário. Às vezes a ênfase está no próprio texto, às vezes no leitor, às vezes no autor, às vezes no contexto... Assim, considerando que a literatura é um fato social, suscetível à história, penso que o modo de entendê-la e de equacioná-la (ou de defini-la) varia no mesmo compasso da história. Conforme a instituição que estiver emitindo o juízo de valor, conforme os valores sociais em voga na época e conforme, até, os aspectos mercadológicos subjacentes à circulação do livro, um texto poderá ou não ser considerado literário. (SD12)

Em conjunto, as posições evidenciam não apenas um, mas vários conceitos de Literatura. O que era previsível, uma vez que muitas são as vozes ouvidas, com seus respectivos repertórios teóricos, além dos “lugares” de que falam, ou seja, a condição de pertencer a instituições universitárias, de certo modo, periféricas, se comparadas aos grandes centros de difusão de saber como as do eixo Rio-São Paulo, dentre outros aspectos como o da formação de cada docente, sobretudo a da pós-graduação: alguns, oriundos do grupo paulista, da USP ou da UNESP-Assis, com forte influência do pensamento de Antonio Candido; outros, ligados às universidades cariocas.

No entanto, mesmo na diversidade, é possível inferir que os sujeitos docentes entrevistados entendem a literatura como um patrimônio cultural, revestido de uma áurea estética e transformadora (humanizadora), e capaz de revelar aspectos sociais de uma época ou período. Aceita-se, portanto, que o conceito de literatura é móvel, distanciando-se dos padrões fixos e estetizantes da chamada alta modernidade. Afinal, em tempos pós-modernos, percebe-se, cada vez mais, que a própria instituição Literatura e seus critérios de valor são relativizados, basta ler a definição dada pelo SD14.

O conceito de literatura tem sido modificado e ampliado consideravelmente nos últimos anos. Extrapolou-se a esfera das belas letras, o que não significa dizer que não se continua a trabalhar com a idéia de cânone, mas hoje se tem vários e não apenas um. Os livros podem participar deste ou daquele cânone por diferentes motivos: por serem representativos de um determinado período histórico, por serem representativos de uma determinada corrente, por serem representativos de uma certa temática, etc. Nem mesmo o fato do texto não ser necessariamente ficcional ou poético o eliminará da possibilidade de ser estudado. Pode-se trabalhar com memórias, diários, relatos de viajantes sem pudores. As fronteiras continuam a existir, mas elas deslizam e são porosas. (SD14)

### 5.1.2 O Discurso Discente

Optamos por transcrever apenas algumas das falas dos alunos, de modo a ilustrar o percentual que está exposto no Gráfico 3, apresentado adiante.

Como se observará, a visão “multicultural” exposta pelos docentes não se apresenta no discurso discente. Nele, predominam definições que revelam uma visão elitizada de Literatura, ou seja, por um lado, revestida de um raro valor, como um objeto aristocrático, destinado à contemplação e elevação do espírito; de outro, como objeto de estudo para se conhecer a cultura de um país. Por isso, também vista como reflexo histórico-cultural de um povo, como objeto de representação social, inclusive pela linguagem. Não que estes conceitos não possam ser aplicados ao que se entende por Literatura, o fato a se destacar é o de que, contrapondo-se ao discurso docente e a visão multicultural por ele revelado, esta não se manifesta na visão dos acadêmicos, sendo mantida a posição de belas letras destinadas à Literatura.

Pode-se assim dizer que, em virtude disso, uma abordagem diacrônica, linear e positivista de Literatura, segundo os pressupostos das histórias literárias, não causa estranhamento aos acadêmicos, uma vez que os conceitos acima referidos formam a imagem do literário que eles possuem (e que continuarão a reproduzir quando docentes).

É possível perceber, portanto, um distanciamento entre educação literária e leitura. Há, ainda, um contraste entre a idealização da disciplina - já que a literatura é vista, pelos alunos, como belas letras, a arte da palavra bela em si e para si - e a prática concreta de seu ensino, que é, muitas vezes, fragmentado.

A literatura é o conjunto de todas as obras de todas as espécies de pensamento que mantêm registro por escrito. Assim, um livro, uma revista, um caderno de músicas se enquadram como obras literárias. Não importa se o livro é técnico ou se é de poesias: sendo um livro, ele faz parte do acervo literário de um povo; não importa se a revista é um mero gibi ou se é uma publicação semanal de atividades, pois também faz parte do acervo literário de um povo. (SA1)

O esforço para traçar um conceito exaustivo e preciso do que seria literatura tem sido cercada de muita controvérsia. Porém, para a formulação de um conceito de literatura é necessário considerar os aspectos temporais e geográficos; ou seja, as manifestações literárias têm que ser atreladas aos aspectos históricos em que ocorreu, e os geográficos. A partir dessas considerações iniciais, nós poderíamos nos arrojar a dizer que a literatura é o resultado final da reconstrução, reformulação e imitação do mundo que cerca o artista. As manifestações literárias podem ser verbais e não verbais de acordo com a perspectiva que o ser criador pretender. (SA2)

A literatura não representa em si o pensamento do homem em uma dada sociedade, porém ajuda a construí-lo. (SA4)

A literatura são textos escritos e até mesmo orais que são usados para divulgar acontecimentos, pensamento, isso tudo pode vir acrescentado de muito sentimento. A reorganização do mundo também é feita através da arte, se não podemos captar o mundo em sua totalidade, usaremos um fragmento desse mundo, mas é necessário que haja a essência. Percebemos que a literatura trabalha mais com a verossimilhança pois fica mais fácil analisar poucos fatos, representa, assim, as coisas como ela deveria ser e não como realmente são, tornando a compreensão maior. (SA6)

Literatura é o nome dado ao conjunto de obras que têm características textuais formais e simbólicas utilizando a palavra como ferramenta. Essas obras são a representação social, econômica, cultural de uma época ou um lugar específico. É uma reorganização do mundo, em termos de arte. [...] A literatura é um elemento humanizador, conscientizador e extremamente importante à formação do ser humano, tanto cultural como pessoalmente. (SA8)

Literatura abrange todos os tipos de obras que expressam a identidade cultural de seus respectivos povos. (SA9)

Literatura é o estudo de obras literárias, onde cada autor cria seu mundo da maneira que considera ideal para se viver ....(SA10)

Literatura é, sem dúvida um compêndio da história da humanidade na sua forma mais rica. (SA11)

Literatura é tudo o que é escrito em verso ou em prosa, e que de certa forma cause estranheza, ou seja, que provoque sensações, emoções, etc. (SA18)

Literatura, em linhas gerais, engloba todas as expressões culturais de determinados povos, quer ocidentais quer orientais. Podemos considerar literatura como relato de experiências vividas, imaginadas, podendo ser narradas por escrito ou oralmente. Enfim, literatura é toda preservação da cultura de um povo. (SA20)

É a arte do bem escrever e expressar os pensamentos e sentimentos, cuidando na construção, estruturação da linguagem. (SA23)

O termo literatura é usado na maioria das vezes para designar os textos que passam pela aprovação de determinadas pessoas, críticos. Alguns textos não são considerados literatura no momento em que foram escritos, mas depois a situação muda e algo que não era considerado literatura passa a ser. (SA24)

A literatura é o estudo das obras de autores, bem como sua vida. É o estudo dos períodos literários e seus respectivos escritores/livros. (SA26)

Literatura é uma área do conhecimento que estuda a arte do “bem escrever”. Está ligado ao “belo”. A literatura é conceituada conforme sua época, pois o que se considerava literatura a algum tempo atrás, pode ser que hoje não seja mais considerada. Hoje consideramos literatura muitas formas de manifestações orais, por exemplo, que antes era considerada com folclore apenas. A literatura, na minha opinião, é uma arte que leva informação, conhecimento, mas não com este propósito, ela informa através do “belo” do “prazeroso”. (SA27)

Estudo de obras literárias. Estudo de autores de obras. Estudo de escolas literárias. (SA28)

É o estudo que se faz sobre o universo da produção literária. A literatura procura através desse estudo analisar quais são os elementos que caracterizam uma obra como obra literária. (SA32)

Literatura é texto escrito de uma forma diferente da que é usada no cotidiano. Algumas pessoas defendem que a literatura não deve servir para nenhum fim exato o próprio prazer estético. Não obstante, há aqueles que julgam a literatura como uma forma de luta social. Para estes, essa deve veicular algo de útil (engajamento social, político, talvez até religioso). (SA35)

Estudo das manifestações artísticas de um país. (SA38)

Literatura é uma arte – conjunto de obras que trabalha artisticamente com a linguagem. (SA40)

Apresentação estética, linguagem elaborada. (SA43)

Literatura é uma arte que apresenta sua característica artística na linguagem, de modo que representa um momento histórico político e social, além de refletir a cultura de um povo em um determinado momento. (SA44)

Literatura é toda obra escrita em forma de poema ou prosa podendo ou não ter um valor literário. (SA51)

Literatura tem a função de estudar os textos (poesia, conto, crônica, etc.) de acordo com as suas épocas, levando em conta o autor no determinado período em que vive. É a expressão do autor de acordo com a sua época, ou seja, de acordo com o seu momento histórico. (SA52)

Instrumento de estudo, fonte do saber, imitação da realidade, portas que levam o ser humano a se compreender. (SA69)

Literatura é a arte da palavra que tem como função humanizar o homem e transmitir seu modo de pensar. (SA72)

É a arte que imita a vida, transfiguração da realidade, instrumento pelo qual se pode identificar, através da palavra, como cada autor interpreta a realidade. (SA76)

É a expressão de um pensamento, de um indivíduo ou sociedade, e isso dá o direito a quem lê a sua liberdade de interpretação... (SA82)

Mediante as falas dos discentes, é possível categorizar, para análise, os seguintes conceitos, expressos no gráfico:

**1) Literatura é a arte da palavra. Manipulação da linguagem. Arte do bem escrever. Representação estética pela recriação da palavra. = 45 = 54,20%**

2) Literatura é o estudo de autores, obras, períodos literários, estilos de época e estudo das artes: 14 = 16,86%

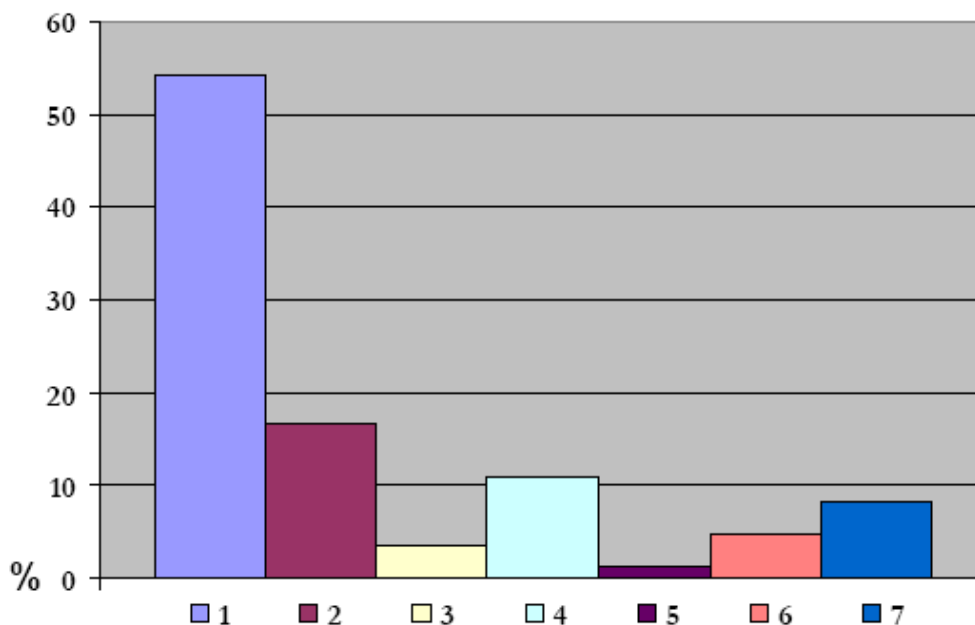
3) Literatura é tudo o que está escrito: 3 = 3,61

4) Literatura não pode ser definida: 9 = 10,84%

5) Literatura é imitação do mundo: 1 = 1,24%

6) Literatura tem função humanizadora: 4 = 4,82%

7) Literatura é o conjunto de textos de um país, que representa a cultura do povo: 7 = 8,43%



**Gráfico 3** – Conceito de literatura – Discurso discente

## 5.2 O QUE É CÂNONE LITERÁRIO?

Sobre o conceito de cânone, a pergunta visava a detectar quais os padrões de referência ao cânone. Foi questionado, tanto aos docentes quanto aos discentes: “O que é cânone literário”?

As considerações sobre cânone literário foram expostas no capítulo dois, quando abordei não apenas o conceito tradicional de cânone, mas também as relações com suas instâncias legitimadoras, tais como o mercado, a crítica e a universidade. Podemos recorrer, à guisa de conceituação, à definição de Compagnon (2001: 227):

Um cânone é [...] nacional (como uma história da literatura), [...] promove os clássicos nacionais ao nível dos gregos e dos latinos, compõe um firmamento diante do qual a questão da admiração individual não se coloca mais: seus monumentos formam um patrimônio, uma memória coletiva.

É justamente esta relação com a memória de uma comunidade que elabora a tradição canônica de uma nação e, assim, constrói sua referência histórica, tal como se coloca nas histórias literárias. A universidade, pelas mãos do professor, em muito colabora para a construção destes monumentos, que se transformam em referência de uma determinada

cultura dominante. A exemplo disso, Leahy-Dios (2001a: 56), ao analisar o uso dos textos canônicos em ambiente escolar, observa que

na maioria das salas de aula [eles] são estudados silenciosamente e passivamente como verdades e saberes já digeridos, com alunos expectadores não participantes daquela *cultura* superior que lhes é apresentada como uso exemplar da língua, objeto inacessível e modelo de veneração e respeito.

Para Reis (1992: 73-5), a reverência ao cânone define hierarquias de interesse, sustentadas pela autoridade que atribuímos a críticos e historiadores da literatura. Por isso, é importante pensar num ensino que, ao contrário de absorver meramente o cânone, o repertório canônico de uma nação, busque ampliá-lo ou mesmo apontar substituições em sua formação. Vimos nos capítulos um e dois que a formação e fixação de nosso cânone tem a marca na nacionalidade, na representação da cultura do país. Observamos que foi este critério básico que elegeu, selecionou nas histórias, antologias e estudos críticos as obras e autores que melhor definem nossa literatura, revelando-nos o espírito da cultura nacional.

Uma concepção de cânone fechada e ainda ligada a estes critérios tende a desconsiderar outras possibilidades de revisão tanto das obras já consagradas, pertencentes ao quadro canônico dominante, quanto daquelas que ficaram à margem. É necessário que o professor assumira uma postura mais aberta, ventilada, em relação a este quadro canônico, para que se possam produzir outros discursos críticos sobre produções “esquecidas” pela historiografia. O que ocorre é que modelos canônicos são repressores, porque excluem outros textos que ficaram à margem da crítica e história literária. Daí a importância de não se trabalhar apenas de modo diacrônico e linear como propõe a maioria das histórias literárias.

A idéia é a de que a reflexão sobre esta perspectiva canônica historiográfica possa gerar uma outra ação: a da releitura crítica das ideologias dominantes que elegeram o próprio cânone. Assim, sintetizando a questão, pode-se dizer que o problema não está em trabalhar com o cânone, com a tradição, mas sim no *como* se trabalha com ele: acriticamente, de modo alienador, sem questionamentos do porquê e como se elegem determinadas obras em determinados períodos e se excluem outras.

### 5.2.1 O Discurso Docente

O discurso docente revelou posições tais como as de que o cânone é referência sacralizada pela crítica, representativa de determinada época. Destaca-se o fato de que o conceito sobre o cânone não é fechado, ou seja, ficou clara a posição de que esta referência de uma alta literatura é/deve ser questionada na contemporaneidade, muito de acordo com o conceito de literatura dado anteriormente. Ainda, um dos sujeitos da pesquisa enfatizou que o espaço por excelência do cânone é o da escola. 90% dos entrevistados fizeram observações sobre a relativização do cânone e sobre a necessidade de alterar seu conceito, considerando que o cânone tem excluído a produção de autores não pertencentes à concepção hegemônica de escrita (representada pelo homem, branco e burguês).

Vejamos alguns dos posicionamentos que comprovam o exposto acima.

Assim como o conceito de literatura, o conceito de cânone literário camufla a noção de poder e precisa ser discutido de forma abrangente e histórica, pois produz um tipo de saber que funciona como forma de dominação de um discurso sobre outros discursos. O critério para atribuir o estatuto literário a um determinado texto, canonizando-o (e excluindo a outros), é conferido por certas instâncias de legitimação a partir de determinadas condições históricas e ideológicas. Na definição corrente, cânone literário significa um conjunto de obras-primas, que devem ser estudadas e preservadas como patrimônio da humanidade, por serem consideradas paradigmas universais e atemporais: os clássicos. Tal definição naturaliza o processo de canonização das obras literárias, ocultando os mecanismos de poder a ele subjacentes. Para uma obra ser incluída na historiografia literária precisa receber um julgamento positivo da crítica literária, necessita corresponder aos valores que presidem os critérios eleitos por essa crítica em um determinado momento histórico. Embora a crítica procure alegar objetividade e neutralidade em sua avaliação das obras, sabe-se que, inúmeras vezes, as razões da exclusão de uma obra não passaram por questões textuais, e sim por questões extra-textuais: preconceitos de classe, etnia, sexo e outros, excluindo pobres, índios, negros, asiáticos, homossexuais, mulheres, etc. Ao analisar os mecanismos subjacentes ao processo de canonização, é possível compreender que os critérios de avaliação de uma obra literária foram inventados historicamente por instâncias de legitimação. As obras que possuem as qualidades valoradas pela crítica são canonizadas e as que não possuem são excluídas em função desses critérios. Estudos como os de Bourdieu (1996), Williams (1979), Eagleton (1994) e Culler (1999) têm contribuído muito para a revisão das exclusões arbitrárias de obras e para novas abordagens e disputas realizadas no campo literário. (SD15)

Cânone literário é o conjunto de obras aceitas como as que melhor efetivaram a natureza e a função da literatura. São organizadas por escritores-críticos e, quando resultantes de consenso, inseridas nas histórias literárias. A lista de obras canônicas está em constante movimento. Compete à escola oferecer a seus alunos conhecimento do cânone no momento de efetivação da formação dos mesmos. Tendo conhecimento do cânone, os alunos tornam-se capazes de, posteriormente, quando já tiverem uma visão do conjunto, julgar estas mesmas obras e o próprio cânone. Não é possível queimar etapas. É preciso antes conhecer para depois julgar. Crê-se que seja nefasta a conduta do professor que induz o aluno à não aceitação do cânone. Apresentar com maus olhos Joaquim Manuel de Macedo ou José de Alencar, por exemplo, limita a competência de julgamento do aluno. Ele deve julgar por si e apreender como valor de conduta só julgar quando já tiver apreendido. Julgamentos prévios representam irresponsabilidade e desrespeito pelo que já ocorreu e que se consagrou através da canonização. (SD8)

O cânone literário corresponde a um conjunto de obras consagradas em determinado tempo. O Cânone é passível de alterações (exclusão ou inclusão de uma determinada obra), mas o tempo dificulta um trânsito rápido neste processo. Chegar ao cânone é difícil, sair dele também. É arriscado pensar que Shakespeare deixará o cânone literário ocidental e que Machado de Assis não integrará mais o cânone literário brasileiro. É possível, mas daqui a muitos anos, talvez séculos. Ao mesmo tempo, apostar em algum escritor brasileiro que tenha iniciado sua produção nos anos 80 ou 90 é uma missão de alto risco. Rever o cânone para absorver novos nomes é uma prática que tem sido utilizada em estudos feministas e estudos étnicos. O sucesso desses empreendimentos somente poderá ser bem avaliado no futuro, mas é inegável que estes esforços já dão resultados em locais que contêm universidades formadas por mestres e doutores relativamente jovens. (SD7)

O cânone é uma ficcional construção a posteriori da história – projeção, constituindo estruturas organizadas que definem para nós verdades, e verdades absolutas. Existe uma imposição de cânone na construção de nossa tradição, reforçado através da crítica ao mencionar os mesmos cânones, que ao associar-se ao fluxo, o crítico sacraliza; caracterizando o poder subversivo da escrita. No entanto, a historiografia literária consolida modelos de interpretação segundo interesses oligárquicos, e qualquer interpretação que postule algo diverso, periférico, é ignorado ou excluído, se às vezes mencionado, acaba por ser esquecido – reforçando o cânone através das forças para história presente. Enfim, há um processo de construção social através de textos literários e na medida que você escolhe um, vê um cânone nele. (SD5)

Aquelas obras de autores considerados os mais representativos de um determinado período e que passam, então, a serem consideradas as mais importantes de uma época. Indiscutivelmente, o cânone se constitui pela sacralização de determinados autores e obras em detrimento de outras e autores. (SD16)

É corrente o entendimento de cânone literário como conjunto de obras eleitas representativas de uma determinada cultura, guiadas por um apelo classicizante, tendo como resultado uma rígida hierarquização de gêneros, raças e modelos culturais. Porém, há de se questionar esta idéia de cânone e pensar sempre sobre quais critérios tal idéia é elaborada. Por que determinadas obras e autores e não outros? O que as mantém como canônicas? O que assegura a permanência da tradição literária? (SD3 )

O cânone literário pressupõe uma visão elitista da literatura, que não se refere à procedência do autor, mas ao fato da obra ser enquadrada como alta literatura. Os estudos culturais e históricos recentes proporcionaram uma alteração considerável nesse quadro até pouco tempo bastante restrito. E, se não é possível dizer que o cânone tenha morrido, ao menos já se pode falar em alteração no seu conceito. Isto é, existem livros que são representativos dentro do seu gênero, dentro do seu momento histórico, dentro de uma determinada orientação sexual, dentro de um determinado grupo racial ou social, etc. Bem como existem livros que se revelam importantes em diferentes contextos ou em diferentes “cânones”, depende de onde se gera o “cânone”. (SD14)

Os defensores do cânone literário, como o crítico norte-americano Harold Bloom, normalmente o definem como uma lista de obras literárias representativas de uma cultura que merecem ser lidas durante nossa vida justamente em função do alto valor estético das mesmas. Nesse sentido, ao contrário do que eu disse no item anterior, a alta literatura encerraria em si certas características que apenas os grandes gênios seriam capazes de edificar. No entanto, compactuo com outra tendência crítica que entende o cânone literário tradicional como um perene e exemplar conjunto de obras-primas, representativas de uma determinada cultura, constituído, historicamente, pelo homem ocidental, branco, de classe média-alta. Isso implica dizer que o cânone literário ocidental tem excluído sistematicamente os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das minorias sexuais e dos segmentos sociais menos favorecidos. Há, portanto, que se desconfiar dele como uma lista desinteressada que serve apenas como guia para os leitores que vivem em média apenas 70 anos e que, portanto, não podem, por absoluta falta de tempo, ler tudo o que existe, necessitando, então, de uma lista com os melhores textos já escritos pela humanidade. Dependendo do ângulo sob o qual é examinado, textos não canônicos podem ser tão bons quanto aqueles eleitos pela elite intelectual para figurar na famosa lista. (SD12 )

Dito de forma sumária, o cânone é um conjunto de obras referendadas por várias gerações de leitores-críticos e que, de certa maneira, representa o tecido literário e histórico de uma língua ou de um país, funcionando como ápice de um conceito de civilização. (SD2)

O cânone literário é constituído por obras que atendem aos interesses culturais de camadas sociais dominantes, vinculadas à tradição, em determinados momentos histórico-culturais. Como um sistema, é regulado por normas e preferências, pretensamente, consideradas universais. O lugar do cânone, por excelência, é o espaço escolar. (SD11)

### 5.2.2 O Discurso Discente

Algumas das respostas, abaixo transcritas, evidenciam a concepção de cânone pelo discente. Por cânone literário entende-se aquelas obras mais comuns a que temos nos dedicado desde os primeiros anos do curso fundamental até a formação acadêmica ou de pós-graduação. São, por exemplo, as obras de machado de Assis, de história e Geografia do Brasil e geral, o *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, etc. Em resumo, são todas aquelas obras mais conhecidas de que todos os professores lançam mão para a formação geral dos discentes. (SA1)

As manifestações artísticas são compostas por um grupo de obras que perpassam os vários momentos – desde seu início até sua época atual, de sua existência. A partir dessa consideração, podemos entender que a existência de parâmetros para determinar se uma obra é ou não literária, é essencialmente necessária. Dentro de nossa história literária brasileira, por exemplo, nós temos obras valorosas como *Uraguai*, *Senhora*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Grande Sertão: veredas*, *O auto da compadecida*, *Iracema*, *Romanceiro da Inconfidência*. Tais obras são inegavelmente reconhecidas como literárias porque atenderam a critérios delimitadores que ajudaram aos críticos literários concebê-las como valorosas. (SA2)

É aquele conjunto de obras que adquiriram grande importância em um contexto nacional ou mundial. Como exemplo, podemos citar *Os Lusíadas*, maior expressão renascentista literária. Entendo que podemos dizer também que os autores mais famosos e mais conceituados se incluem também neste termo, isto é, quando falamos de cânone literário pensamos no que há de mais importante na literatura. (SA4)

é uma espécie de modelo para as novas obras, pois em grande parte das vezes um autor retoma outro e uma obra se parece com outra, então poderíamos falar que o cânone literário contribui para a preservação de grandes obras e grandes escritores. (SA6)

é o acervo de obras que compõe o primeiro escalão de nossa literatura. Obras que não “caem da moda”, não perdem seu valor de acordo com o tempo ou novos estilos. Obras pedidas em vestibulares, em concursos, obras que estudamos no colegial, que analisamos em estudo mais aprofundado. Obras de referência de um período literário ou época cronológica, ou ainda que servem de referência para analisar determinadas obras ou temas diversos. Obras que utilizamos como exemplo em uma aula, que indicamos sua leitura como sendo importante para a interpretação e compreensão de um fato, uma época, um regime, estilo social, político, econômico, cultural, enfim. São obras de grandes literatos como Machado de Assis, Camões, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, entre outros grandes nomes da literatura nacional e mundial. Ainda o cânone compreende estudiosos e pesquisadores de renome como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Mattoso Câmara, Marina Colasanti, escritores de obras às quais nos curvamos dentro do curso de Letras e exploramos ao máximo suas informações e colaborações a nosso conhecimento. (SA8)

Cânone literário são as obras clássicas; aquelas que são muito estudadas e lembradas, aquelas que realmente definem a escola literária e suas características; aquelas que se tornaram famosas e fizeram de seus autores homens e mulheres famosos. (SA10)

O cânone literário seria uma espécie de padrão no qual as obras devem se encaixar. O cânone é extremamente preconceituoso, retrogrado e equivocado, pois elege apenas obras que “agradam” às elites. Ele ainda divide a literatura de forma contestável: literatura de massa, popular e consumo; é contestável, pois as obras literárias têm um caráter de difícil definição, pois muitas, como *Memórias de um sargento de milícias* são obras de transição, o que o tradicional cânone literário não admite. A definição de cânone é muito difícil, mas o que é muito claro é o preconceito que ele estabelece diante da produção artística. (SA14)

É um conjunto de obras que apresenta características que se enquadram em uma determinada época literária. (SA19)

O cânone literário é o conjunto de obras de determinados autores que são considerados clássicos, dentro de uma determinada literatura (ex.: literatura brasileira). Estas obras são indicadas pelas escolas e faculdades como obra de importância com relação a determinados períodos literários. Esta é uma questão polêmica e muito discutida nos meios acadêmicos; a revisão do cânone poderia valorizar e trazer à tona a obra de autores que ficaram à margem da literatura. (SA25)

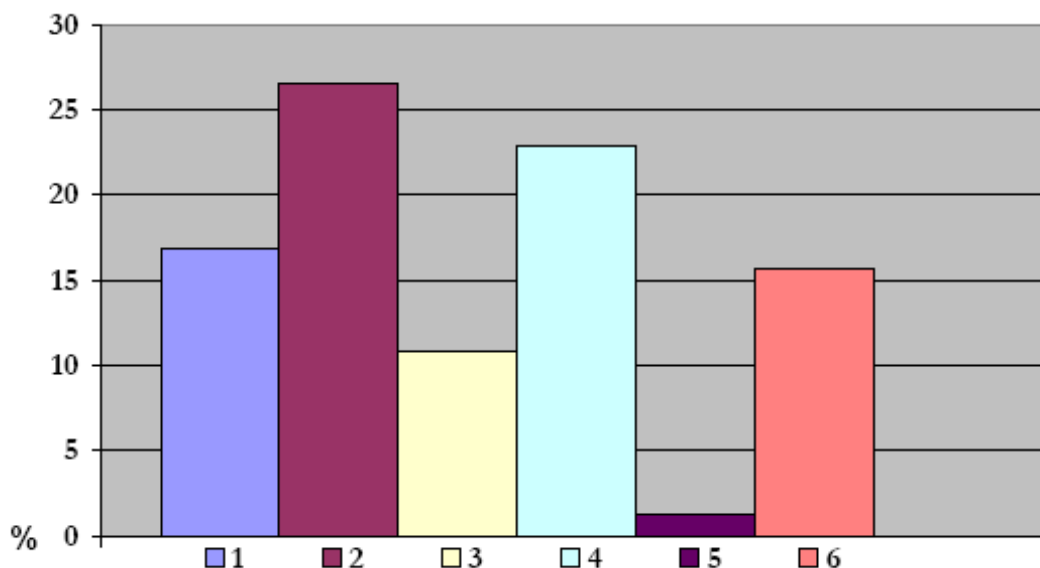
É o que é considerado um modelo de literatura, uma referência na literatura. (SA38) obras consideradas pelo seu valor pela crítica literária. (SA41)

Cânone literário é formado por obras que a crítica consagrou, levando em consideração juízos de valores tradicionais. (SA65)

Para os discentes, numa visão geral, o cânone impõe critérios delimitadores que auxiliam aos críticos literários conceber a obra como literária, estabelece padrão preconceituoso, se configura em obras consideradas indispensáveis ao conhecimento do homem, além de sistematizar a obra consagrada pela crítica, de acordo com a ideologia política dos críticos. Observa-se que predomina o conceito de que o cânone é eleito pela crítica elitizada e à universidade cabe apenas reproduzir este cânone como referencial para os futuros professores. Novamente, percebe-se um distanciamento entre a posição de alguns dos docentes e a dos discentes.

Os conceitos possíveis para cânone literário, de acordo com os discentes, são os que seguem:

- 1) Obra (ou conjunto de obras) que representa o contexto social e histórico de uma sociedade, povo, nação, e que se enquadra em períodos literários – 14 = 16,86%
- 2) Obra que atenda aos critérios de delimitadores de valor impostos pela crítica, consagrada em determinado período pela qualidade estética, registrada na historiografia = 22 = 26,53%**
- 3) Obra indicada na escola (educação básica), na universidade, referenciada em vestibulares ou indicadas pela Academias de Letras = 09 = 10,84%
- 4) Obra tida como referência, famosa, importante, universal, obra-prima, clássica = 19 = 22,89%
- 5) Obra que se transforma em modelo para novas obras, como um padrão a ser seguido = 06 = 7,22%
- 6) Não responderam ou outros (conceitos que não se enquadram nas categorias gerais inferidas) = 03 + 10 = 15,66%



**Gráfico 4 – Conceito de Cânone Literário – Discurso discente**

### 5.3 O QUE É TEXTO LITERÁRIO DE QUALIDADE?

Com a questão “O que é um texto literário de qualidade?” objetivava verificar quais os critérios de seleção de obras por parte dos docentes e discentes, considerando que, para tal análise, era importante ver os conceitos que eles têm de literatura e cânone. Além do mais, é preciso considerar que a avaliação feita da obra, considerando-a ou não como literária, de qualidade, está imbricada ao conceito do que é estético, bem como de suas relações com o mercado.

Também é necessário levar em conta que a classificação da obra como literária depende de um enquadramento ou não a um estatuto organizado e imposto pela elite culta especializada, como já apontamos no capítulo sobre cânone (item 2.3), ao abordarmos aspectos ligados à autoridade das instâncias canônicas. Para exemplificar, basta lembrar um dos variados aspectos que é aquele ligado ao mercado editorial, inserido na indústria cultural, que acaba por fazer autor e obra serem “aceitos” como literatura de qualidade; afinal, nos tempos atuais, a criação e valor da obra estão relacionados com este mercado, que acaba por relativizar a noção da qualidade literária. Assim, esta noção depende em muito da comunidade que interpreta a obra dando-lhe valor ou não, o que muitas vezes revela que sua importância está mais ligada à autoria (o nome do autor) e não ao valor estético do trabalho com a linguagem e conteúdo.

Neste contexto, é impossível não pensar nas discussões clássicas sobre literatura erudita e de massa, dicotomia esta consolidada com o advento da indústria cultural. Para Regina Zilberman (1984: 26), a literatura trivial ou de massa é resultado de vários acontecimentos de teor quantitativo ligados ao processo de industrialização da cultura. Segundo ela, mesmo o termo “popular” está ligado aos números (maior número de pessoas) que representam a classe média, “principal beneficiária dos processos de coletivização e industrialização propiciados pela burguesia desde o século XVIII”.

Não se pode deixar de considerar o advento da imprensa e do jornal e o conseqüente surgimento de uma nova cultura, que trouxe em seu bojo uma indústria cultural iniciada em fins do XVII e que chegou ao século XXI espelhando um poder de comunicação, ao lado da TV, capaz de superar quaisquer outros veículos. Esta cultura de massa, conseqüência natural da descoberta de Gutenberg, buscou a “adequação do gosto e da linguagem às capacidades receptivas da média” (ECO s/d: 12), gerando, naturalmente, as condições de produção de cada época. Assim, a tríade autor-obra-público fica condicionada ao reflexo imediato do que se espera ler, vender, consumir.

Não é estranho o fato de que, para Eco, o termo cultura de massa seja genérico e ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que se fala de cultura erudita e de massa, observa-se que “o universo das comunicações de massa é – reconheçamo-lo ou não – o nosso universo; e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visual e auditiva” (ECO s/d: 11). Sob este olhar, a cultura de massa espelha a superior, pois aquela representa esta.

Aspectos como estes levam a observar o quanto as transformações experimentadas nos processos de comunicação, relacionadas aos processos artísticos e seus produtores, influem na estética e culturas existentes numa época. A questão central, pois, acaba sendo a do critério de julgamento da crítica literária que, se aplicados numa análise, nos levaria a conclusões diferentes sobre alguns textos já consagrados e outros excluídos. Para Abreu, é óbvio que, para os leitores médios, o conceito de beleza e fruição da obra é diferente daquele da classe elitizada intelectualmente. Isto significa que, ao adotar uma postura contemporânea sobre as relações de recepção de texto, é possível aceitar que o “gosto e a apreciação estética não são universais, mas dependem do universo cultural no qual se inserem os sujeitos [e que] uma mesma obra é lida, avaliada e investida de significações por diferentes formações culturais” (ABREU 2000: 129).

Considerada esta posição, talvez seja possível, por exemplo, avaliar textos tendo em vista o sistema de valores em que foram criados. Daí a relatividade com que hoje se tenta conceituar o que é literário ou não, tendo em vista que estes conceitos variam de acordo com o que se entende por produto artístico e também mediante os interesses ideológicos da crítica e de outros mecanismos. Os Estudos Culturais, de certo modo, contribuem para ampliar esta relativização, na medida em que valorizam a cultura e a produção de pessoas menos privilegiadas, dando-lhes valor e voz. Assim, a noção de cultura de elite e de massa se relativiza por completo. Interessante é observar como esta relativização conceitual sobre o texto literário comparece (ou não) no discurso dos docentes e discentes, posto que é tema recorrente, contemporaneamente falando, no meio acadêmico.

A título de conceituação, para Sodré (1978: 15), a expressão literatura de massa designa “a totalidade do discurso romanesco tradicionalmente considerado como diferente e opositivo ao discurso literário culto, consagrado pela instituição escolar e suas expansões acadêmicas”. É, neste sentido, o texto voltado para o lazer e entretenimento, diversão e distração, contrária à erudita, que explora a capacidade de inteligência, de sensibilidade, de reflexão e crítica dos leitores e que, sobretudo, considerando o mercado editorial contemporâneo, não “vende” tanto quanto a primeira. Como se vê, de fato, o texto literário de qualidade sempre será aquele ligado aos conceitos tradicionais de estética, do gosto dominante. A literatura de massa sempre está ligada à busca pela evasão por meio da leitura, o que é visto pela crítica como fator de alienação do leitor, daí o sentido negativo a ela atribuído; embora não se deva desconsiderar que ela trabalha com a imaginação, ainda que ofereça formas já conhecidas ou facilitadas para o leitor, o que explica o sucesso dos *best-sellers* e telenovelas.

É justamente a partir da posição do leitor que se configura o conceito de bom texto literário ou não. Para Iser (1979), por exemplo, a literatura é mais arte quando força o leitor a uma nova postura diante de seus códigos e expectativas habituais. Afinal, como o texto literário, devido à sua natureza, evoca uma multiplicidade de significados, este exigirá também uma seleção a ser feita pelo leitor, e para cada leitor.

Um outro aspecto a considerar, e o que mais nos interessa, é o de que metodologicamente damos um enfoque estético ao texto tido como de elite, e ao texto de massa damos uma abordagem sociológica, mais redutora, conforme atesta Zilberman (1984: 15). Assim, no que se refere à escolarização da literatura a academia insiste em valorizar apenas o canônico, ligado à tradição, portanto, ligado ao que considera literatura de elite.

Komosinski observa que, ao se encarar a produção literária como um legado cultural a ser cultivado, normalmente adota-se critérios espaciais, temporais, formais ou ideológicos para selecionar textos merecedores de estudo. Assim, ao selecionarmos um cânone, “o texto deverá ser nacional, representar o período áureo de um estilo de época, ser a expressão do gênero mais desenvolvido no período e, acima de tudo, ser de elite” (1992: 43). Por isso, parece que o critério ideológico é o que sempre prevalece, reforçando o caráter institucional, legítimo, da herança cultural e que deve ser preservado.

De tudo isso, o certo é que tentar uma definição única e imutável para o que seja texto literário de qualidade significaria também admitir um único conceito para o que é literatura. Portanto, seria uma utopia, uma vez que, vista como obra aberta, a ser posta a funcionar pelo leitor, a obra literária sempre dependerá de fatores variáveis para a sua definição. Novamente, como síntese, recorro às palavras de Abreu (2000:126), para quem

a avaliação que se faz de um texto depende muito de critérios exteriores à obra, como o parentesco com uma tradição reconhecida, a posição do autor no campo literário – sua filiação intelectual, condição social e étnica, relações políticas, etc. -, a imagem feita pela crítica literária do que seja literatura e do que seja um autor em cada época, o mercado editorial, convenções éticas e morais. Normalmente, nenhum destes critérios é explicitado, uma vez que o discurso da crítica é construído a partir da afirmação de uma imanente literariedade.

### 5.3.1 O Discurso Docente

De início, são percebidas três posições, conforme atestam as transcrições abaixo.

Para os SD 2, 3, 8 e 15 é nítida uma visão de texto literário voltado para a teoria do efeito estético, ou seja, para a relação entre o texto e o leitor. São inferidos, portanto, alguns pressupostos da Estética da Recepção, em que se privilegia o diálogo do leitor com a produção do autor.

Um texto literário de qualidade é aquele capaz de ampliar o horizonte de expectativa dos leitores, que consegue romper com o convencional e instaurar novas possibilidades. (SD15)

É aquele que respeita o leitor, que confia em sua sensibilidade e inteligência. Não é papel de uma obra de arte literária a mera transmissão de clichês. Ela deve apresentar-se como realidade autônoma a solicitar do leitor competência para adentramento na mesma, compreensão de sua estrutura e busca de seu significado. Aquele que mantém constante contato com obras desta natureza melhor se desenvolve como ser humano. (SD8)

O texto literário de qualidade é o texto aberto, original no tratamento dos temas, rico no plano da linguagem e no tratamento do gênero que o ancora. (SD3)

Em poucas palavras, é o texto aberto – para usar a expressão de Umberto Eco, modificando-a –, ou seja, que contém uma potencialidade de significação que é sempre maior do que qualquer leitura individual ou grupal. É um texto que se renova no contato com o leitor, tornando deslocado o conjunto de idéias críticas colado a ele. É um texto em que se manifesta de forma hegemônica o-comodizer, legando para segundo plano o o-que-dizer, possibilitando assim a contínua transcendência histórica de sua mensagem. (SD2)

Já os sujeitos 7 e 5, se voltam mais para o aspecto da construção do texto, no sentido de atribuir ao autor a capacidade de produzir uma representação do real, artisticamente, por meio da manipulação da linguagem.

Tal resposta requer um posicionamento muito pessoal e particular. Vamos a ele: é necessário que o autor saiba colher uma imagem surpreendente, uma situação rica em possibilidades de leitura, como o encontro entre os dois prisioneiros de *O beijo da mulher aranha*, de Puig, o vaivém no tempo de Bentinho, em *Dom Casmurro*, os dilemas de Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*, a perplexidade do sujeito lírico em diversos poemas de Baudelaire e a expressão das emoções em romances de Goethe, entre muitos outros exemplos. (SD7)

São textos que abordam temas universais, que possam representar a sociedade, atitudes e pensamentos do homem – o que chamamos de clássicos, pois são eternos, permanecem com seus valores. A qualidade de um texto literário também depende da intenção do autor ao escrever, pois há autores que escrevem para expressar subjetivamente sua postura diante da sociedade, na tentativa de desvendar, ou melhor, desnudar a sociedade ao leitor; outros escrevem o que os leitores “querem ler”, no intuito de vender sua obra, que é a literatura de consumo, sem valor literário. (SD5)

Numa terceira posição, dentro de uma perspectiva voltada para o sistema literário, é possível inserir as falas dos SD 11, 12 e 14, que endossam o que dissemos anteriormente sobre a relativização do conceito do que é texto literário de qualidade, visto que seus discursos estão ancorados na noção (implícita) de literatura como produto histórico social, daí sua relação com os meios de produção, circulação e recepção do texto.

Um texto literário de qualidade é aquele que permite diferentes inserções, diferentes leituras. Naturalmente essa qualidade está condicionada a fatores que são mais ou menos oscilantes. Como se vive atualmente um momento que tende a valorizar mais a história das mentalidades, a se revisar o passado, a buscar outras vozes, isso altera drasticamente o que se entende por um texto literário de qualidade. Afinal, não se trata apenas de uma preferência subjetiva. A qualidade será postulada culturalmente, será construída dentro de determinados interesses que vão além do indivíduo que lê. São as editoras, a academia, a crítica de revistas e jornais, etc. que de uma forma ou de outra definirão quais são os critérios para classificar os livros. Eu, como indivíduo, não defino quase nada, eu apenas dialogo com várias outras vozes – concordando ou discordando delas. A literatura não me pertence, ela é um bem cultural móvel, dinâmico. (SD14)

Quando se pensa num texto literário de qualidade, as associações com a ampliação do imaginário, com a emoção estética, com uma visão crítica da realidade, etc. são inevitáveis. Segundo a crítica tradicional, esse patamar é atingido quando o texto contém valores como universalidade, concisão, maestria técnica, visualidade, exatidão, intensidade, etc. No entanto, ao invés de escolher alguns desses valores para responder a sua pergunta, prefiro dizer que o texto literário de qualidade é aquele que preenche as expectativas fundamentais do leitor no momento da fruição. E entenda a categoria “leitor” não no sentido de leitor individual, já que assim a boa literatura seria definida pelo “achismo” de cada leitor em particular, mas leitor no sentido de comunidade (críticos literários, a escola, o mercado editorial, etc.). Esta sim é quem define um texto como sendo ou não literário, como sendo ou não de boa qualidade. Tudo de acordo com o contexto, com os valores vigentes, com a ideologia subjacente ao ato da leitura. Esse modo de entender o que seja “literatura de boa qualidade” não implica, absolutamente, tomar como literário qualquer escrito guiado pela criatividade espontânea, sem qualquer competência ou formação, desprezando a tradição e a cultura. Implica apenas questionar as autoridades opressoras e abrir caminho para novas formas de escrita, diferentes daquelas norteadas pelos valores construtores do cânone tradicional. (SD12)

Cada período, cada momento histórico/estético considera determinado modo de agregar qualidade a um texto literário. Para mim, um texto de qualidade é aquele que instiga e provoca o leitor em seu modo de formar. (SD11)

### 5.3.2 O Discurso Discente

Para os discentes, um texto literário de qualidade está ligado ao critério imposto pela crítica, portanto, canônico. Em suas falas é possível perceber quatro diferentes posições: a primeira, voltada para uma concepção primária do texto literário, para atender as necessidades do leitor, daí alguns apontarem a questão do prazer em ler, em perceber a mensagem do texto, prender a atenção do leitor; uma segunda tem cunho mais pragmático, pois se volta para a definição relacionada ao cânone, ao uso efetivo do texto para conhecer a cultura e identidade de um povo, muito ligado ao aspecto histórico da produção. Uma terceira é a que se volta para o efeito estético do texto, daí sim se revela a noção de que o texto literário deve agir sobre o leitor, provocando-lhe, fazendo-o reagir criticamente a ele. Uma quarta tendência se volta apenas para o aspecto estrutural do texto, ou seja, para a sua construção a partir da manipulação artística da linguagem. Das quatro, sem dúvida, a que nos interessa é a tendência que se volta para o efeito estético da obra, posto que ela sinaliza para uma relação do leitor com o texto literário.

Um texto literário de qualidade deve apresentar um enredo interessante, expressar uma boa idéia e, principalmente, um tipo de reflexão. Uma literatura que considero de qualidade são duas obras – uma de Cecília Meireles, “O romanceiro da Inconfidência”, e a outra de Rachel de Queiroz, “O Quinze”. Ambas autoras nos revelam e nos fazem ao mesmo tempo refletir sobre os assuntos, a primeira nos retrata a inconfidência e a segunda obra nos relata a seca que aconteceu no Brasil; entendo que toda obra que relata assuntos de seu país se torna um texto literário de boa qualidade. (SA3)

Poderíamos dizer que textos literários de qualidade são aqueles que levam o leitor a refletir sobre o que lê e tirar algum proveito da situação. (SA6)

Um texto literário de qualidade é aquele que faz com que o leitor se identifique com ele, que tenha prazer em ler a obra. (SA7)

Reconhece-se um texto de qualidade pelo estilo de linguagem utilizado, pela capacidade de sobreviver ao tempo e pelo valor que tem em todas as épocas que seja lido. Em geral, os textos literários utilizam a norma culta como padrão, o que é positivo na transmissão de conhecimento da língua na sua forma pura e não usual. (SA11)

É um texto que transmita uma boa mensagem. Um texto que possa ser refletido e estudado. Texto gostoso de leitura. Texto que prenda a atenção do leitor. (SA28)

Um texto literário de qualidade é aquele considerado cânone, ou seja, um texto usado como referência, apreciado por poucos. (SA45)

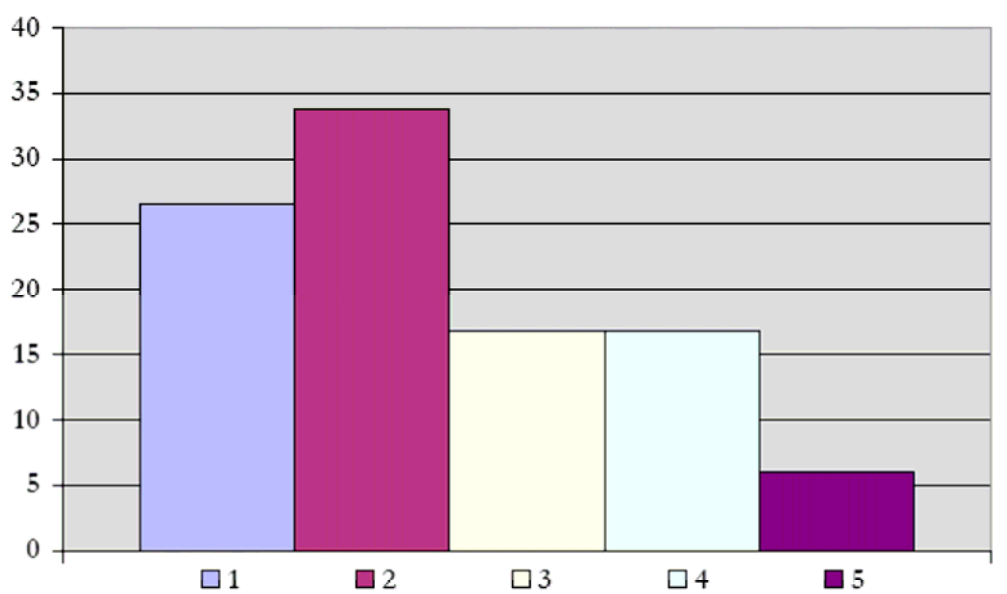
É o texto que “não se revela” de princípio, é um texto que tem informações nas entrelinhas. Também é o texto provocativo, que interage e faz com que o leitor passe pela catarse. (SA55)

Para mim, um texto literário é aquele em que o receptor real, leitor, pode fazer intertextualidade; também provocar inquietação, reflexão... (SA66)

É o que transmite melhor os modos de pensar de um povo ou grupo social. (SA72)

Os conceitos categorizados apontam, portanto, para as definições do que é texto literário de qualidade:

- 1) Aquele que proporciona leitura prazerosa, que tenha bom enredo, que agrade ao leitor, que tenha suspense, transmita alguma mensagem = 22 = 26,53%
- 2) **Aquele que está ligado ao cânone, apreciado pela crítica, que pertença à periodização literária, revelando o estilo da época, que tenha relação com a história e representa a cultura de um povo = 28 = 33,73%**
- 3) Aquele que permite uma relação do leitor com o texto, que propicie um efeito estético, cause estranhamento, desenvolvendo espírito crítico = 14 = 16,86%
- 4) Aquele que apresente um trabalho com a linguagem, que tenha boa estrutura e literariedade = 14 = 16,86%
- 5) Não responderam, outros (conceitos que não se enquadram nas categorias gerais inferidas) = 03 + 02 = 6,02%



**Gráfico 5** – Conceito de texto literário – discurso discente

#### 5.4 EM QUE CONSISTE ENSINAR/ESTUDAR LITERATURA NO CURSO DE LETRAS?

Quanto ao porquê do ensino de literatura no curso de Letras, com a questão “Em que consiste ensinar/estudar literatura no curso de Letras?”, a intenção era a de detectar a concepção de ensino e objetivos adotados pelos docentes e a visão dos discentes. Este questionar deriva do fato de que, como é de consenso entre muitos pesquisadores da área, enquanto as teorias apresentam a literatura como um artefato dialógico, polifônico e aberto a ser transformado em objeto estético pelo leitor, o ensino insiste em tratá-la como monológica, fechada, expressão de uma única verdade, detentora de um único sentido.

É importante esclarecer que tomamos como ponto de partida, para pensarmos no ensino de literatura, a definição de Leahy-Dios (2001a: 49):

A educação literária se apresenta como uma figura geométrica tridimensional, um triângulo multi/inter/transdisciplinar que utiliza a língua como instrumento de realização artística; que se define como expressão de arte e cultura; e que se situa em dado contexto social, político, histórico de produção e de consumo.

Esta posição se justifica pela aceitação de que a literatura é um produto social e, por isso mesmo, no espaço escolar, passa a ter também uma função social.

Educar pela literatura implica entender que a arte literária se situa em determinado momento no tempo e no espaço, carregando questões sociais, culturais, políticas e econômicas inevitáveis e preciosas. Se levarmos em consideração o tripé conceitual e filosófico em que se apóia a educação literária, escaparemos das garras da linearidade historicizada, enriquecendo a leitura e análise do texto escrito com elementos lingüísticos, éticoestéticos e socioculturais, de questionamento crítico e consciente. (LEAHY-DIOS 2001a: 56)

Para Mello (2003)<sup>32</sup> as finalidades da educação literária no espaço escolar são várias:

O cultivo do prazer de ler; a formação do gosto estético; o desenvolvimento da capacidade de subjetivar o universo imaginário do texto literário (antropológico, cultura e social, etc.); o conhecimento do patrimônio literário clássico e contemporâneo e o conhecimento das suas relações com outras culturas e literaturas; o conhecimento de uma diversidade de formas literárias e de realizações da língua através da literatura; o desenvolvimento de saberes culturais adquiridos por meio da leitura do texto literário; o desenvolvimento da capacidade de ler os textos de forma crítica; o desenvolvimento do pensamento problematizante quanto às várias dimensões do texto literário, sua natureza e funções; o desenvolvimento da capacidade de auto-avaliar-se nas diversas atividades de leitura implicadas no estudo do texto literário (comentar um texto na totalidade ou em partes, explicar idéias, apresentar teses, justificar, comprovar, etc.); o desenvolvimento de competências de escrita relacionadas com as atividades do estudo do texto literário: a explicação, a análise, o comentário, o ensaio.

As finalidades acima expostas dão conta de evidenciar que não se deve ensinar literatura apenas para transmitir conhecimento de acervo de textos consagrados, acessíveis apenas a alguns iniciados. Ao contrário, esta visão de literatura, muito voltada para o estudo de história literária e a conseqüente repetição de juízos críticos, reveladoras de uma passividade diante do cânone, está ultrapassada. O que deve ser valorizado é um ensino que respeite a natureza aberta do próprio texto literário, que possibilite interpretações em diferentes tempos e espaços, dado o repertório de leitura de cada leitor.

Por fim, é importante pensar que, segundo Candido (1972: 805), a literatura

---

32 Informação dada por Cristina Mello, da Universidade de Coimbra, em curso intitulado *Leitura literária e cognição*, Estudo Avançado, ministrado na Universidade Estadual de Londrina, no período de 31/07/03 a 1/08/03.

pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes [...]. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras.

Por isso, ao ser trabalhada no espaço escolar apenas como representação histórica, a literatura corre o risco de se transformar meramente em apêndice no ensino. Não sendo vista como obra de arte e prestando-se apenas a exprimir valores ideológicos ou moralizantes. Aguiar e Bordini (1993: 15) resumem muito bem o valor do texto literário.

A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor; sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano.

Diante destas considerações, o porquê do ensino de literatura se apresenta como um direito natural, por corresponder a uma necessidade universal do homem, parafraseando Candido (1995); negá-la seria mutilar a própria humanidade.

Especificamente tratando da literatura na formação do professor de literatura, deve-se compreender que ela não é um artefato criado e concebido apenas para pessoas privilegiadas, mas sim como produto que possibilita ao leitor tornar-se e reconhecer-se como sujeito histórico, desenvolvendo sua consciência crítica, na medida em que vai desvelando os desafios propostos e construídos pelo jogo da linguagem no discurso literário. Tanto professor quanto acadêmico deve partilhar destas descobertas; o primeiro, agindo como mediador do processo; e o segundo, interagindo e produzindo sentidos para os textos lidos. Por isso, uma proposta de ensino de literatura preocupada apenas em transmitir estudos já consagrados, canônicos, vistos como verdades absolutas, não possibilita a que o aluno produza conhecimentos. É, portanto, sob outra perspectiva, a da reflexão, do questionamento, da produção, que o ensino de literatura deve ser pensado e praticado nos cursos de Letras.

### 5.4.1 O Discurso Docente

Duas visões são expostas. Uma delas, representada pelos SD 7, 8 e 15, revela a preocupação com o caráter humanizador da literatura, evidenciando uma preocupação de por meio dela desenvolver o senso crítico dos alunos, capacitando-os a compreender o mundo pela leitura literária.

O curso de Letras objetiva formar conhecedores de diferentes línguas. A literatura é uma de suas manifestações. Acontece que a literatura constitui-se como estrutura exemplar de manifestação da língua, uma vez que se trata da realização da liberdade no que tange às normas instituídas. Na obra literária as palavras são utilizadas por sua eficiência para emocionar o leitor e para levá-lo a um posicionamento crítico frente ao instituído. Sendo uma realidade autônoma que tem, obviamente, suas raízes no real, uma vez que seu criador é um ser inserido num tempo e num espaço determinados, frente a ela o leitor é obrigado a, se quiser usufruí-la, posicionar-se de maneira reflexiva, procurando em sua estrutura pelo significado. A prática constante de compreensão do texto literário acaba por conduzir a uma prática com o real, formando seres capazes de discernirem, de reconhecerem e compreenderem a realidade que o circunda, a realidade do outro e a realidade de si mesmo. (SD8)

O ensino de literatura no curso de Letras fundamenta-se, a meu ver, por uma questão específica: literatura é uma linguagem dotada de qualidades especiais. Não se trata apenas de um elogio ao belo ou do preciosismo vocabular e sintático, aspectos que também não devem ser menosprezados. Trata-se de uma linguagem que transcende os limites do cotidiano, permitindo a descoberta de expressões inesperadas pelos leitores das mais variadas épocas. (SD7)

Entendo o conceito de literatura como uma prática discursiva e social, que não apenas representa mas também cria a realidade, estou trilhando um caminho na busca por um ensino de literatura que seja de libertação. A literatura oferece inúmeras contribuições na socialização, na valorização do indivíduo como ser pensante e atuante em seu meio, possibilitando a construção de sociedades mais justas e plurais. (SD15)

Na minha opinião, visto que este é o meu objeto de trabalho, a literatura – também, as outras linguagens das artes em geral – é capaz de resgatar o frescor da linguagem, desgastada e banalizada pelo uso contínuo, e, ao fazer isso, discutir e aprofundar questões para além da banalidade cotidiana e é onde a linguagem se manifesta em sua maior capacidade e abrangência. Tenho convicção que a literatura ajuda àqueles que se interessam – e que

optam pelo esforço de tentar compreendê-la – a ler e a compreender melhor o homem no mundo. No entanto, acredito também que esta percepção não se aplica a todas as pessoas, há que se ter – e não sei de onde vem esta tendência – um certo interesse pelas diferentes dimensões da linguagem. (SD16)

Por que a literatura é o maior repositório de conhecimento e experiência que a humanidade já produziu, às vezes discorrendo inclusive sobre o que não foi ainda produzido ou sobre o que não está ainda manifesto. A literatura é fonte privilegiada para se buscar conhecimento e experiência, por isso, podendo e devendo fazer parte de outros currículos na área da educação e do ensino. (SD3)

É bem nítida a idéia de literatura como objeto estético, como um artefato que, transformado pela leitura, é capaz de operar mudanças no indivíduo, ampliando sua criticidade.

A outra visão revela-se nas falas dos SD 2, 5 e 12, voltadas para uma concepção pragmática da literatura, ou seja, seu uso pelos futuros profissionais de Letras. Parece haver uma preocupação maior com o conhecimento do que seja canônico para poder, futuramente, transmitir este patrimônio cultural. Além disso, são inferidas preocupações com a formação cultural do futuro professor.

Porque o estudante de Letras futuramente poderá lecionar a disciplina de Literatura, portanto deverá ser um conhecedor de historiografia e crítica literária, pois é a partir desse conhecimento que ensinará as respectivas obras que representam nossa literatura. (SD5)

Primeiramente, porque se não ensinássemos literatura no curso de Letras não seria um curso de Letras. Depois porque na área das ciências humanas, a literatura me parece ser o maior e o melhor veículo para se atingir a essência do que seja “humanidades”, do que se refere ao homem, seu desejo, suas frustrações, suas perdas, ganhos, valores, vícios, virtudes... (SD12)

A literatura é a língua em sua potência semântica máxima. Supondo-se que um curso de letras seja uma instituição formadora do profissional de línguas, alguns viraram extensões das disciplinas didáticas, filosóficas ou sociais, é de se crer que o estudo de literatura é a grande oportunidade para formar o professor com densidade de linguagem, com capacidade global de compreensão, com visão cultural abrangente e com sensibilidade para o uso artístico da linguagem. Estuda-se literatura porque ela é, na sua variedade estilística e contudística, o cerne saboroso de uma língua e de uma identidade. (SD 2)

Nota-se nesta posição uma visão informacional, culturalista e até historicista de literatura por parte dos docentes, uma vez que revela preocupações com o caráter diferenciador, como patrimônio artístico, da obra literária.

Por outro lado, de modo bem crítico os SD 11 e 14 resumem alguns entraves do ensino de literatura, conforme as posições expostas em suas falas.

Na verdade não se ensina literatura e acho que nem se deveria ensinar. O que se ensina, ou se pretende ensinar, é a ler criticamente e com ferramentas teóricas o texto literário. Feita essa ressalva, “ensina-se” porque a literatura ainda ocupa um lugar de destaque dentro da produção cultural e artística nacional. Esse lugar ocupado pela literatura está mais condicionado à tradição do que ao nosso momento histórico atual e isso explica em parte as inúmeras dificuldades encontradas pelos professores da área. Ou seja, os alunos, na sua franca maioria, não são leitores de obras literárias poéticas ou de ficção. Não fiz uma pesquisa séria sobre o assunto, mas sempre os indago informalmente – se são leitores – nos primeiros dias de aula. A resposta quase invariável é que tiveram um professor de literatura na escola fundamental ou média que era tão apaixonado que contagiava os alunos. No entanto, à medida que a disciplina avança, percebe-se facilmente que os alunos desconhecem os autores abordados e tampouco conhecem outros. “Ensinar” literatura é ir na contra-mão de uma cultura midiática massificadora presente na televisão e mais recentemente na Internet. “Ensinar” literatura é propor ou apresentar a possibilidade de um outro universo cultural que permita aos alunos um tempo para reflexão, para pensar. (SD14)

O SD acima toca numa questão fundamental atualmente, que é o do império da imagem e da tecnologia. O ponto de discussão deve ser o porquê da validade de estimular a leitura literária se o mundo é visual: nele imperam a imagem televisiva, os meios de navegação na rede e as informações nos chegam de modo veloz e atemporal. Este novo padrão cultural proposto pela massificação e “democratização” dos bens, criou uma geração voltada para o consumo voraz de informações – o que não significa reflexão sobre as informações obtidas – o que contradiz os protocolos de leitura voltados para o gosto da leitura, pelo contato com o livro, pela busca de informações em livros na estante das bibliotecas. Ensinar literatura neste contexto significa, como bem observa o sujeito pesquisado, ofertar a possibilidade de conhecer e refletir sobre outras linguagens que não a da informatização e da tecnologia.

De maneira geral, nossas escolas, sejam elas de ensino fundamental, médio ou mesmo de nível superior, salvo raras e valiosas exceções, têm revelado dúvidas semelhantes quando se trata de questões ligadas ao ensino da

literatura. Por vezes, o texto literário é jogado, de modo inadequado, sobre o aluno, ou seja, é apenas desculpa para que o pobre leitor/estudante receba uma carga de informações, de dados como biografias, nomes de obras e autores, completamente isoladas de uma consciência histórico-cultural, por exemplo, como se o texto literário estampasse um panorama estanque, uma visão estática de períodos e tendências, com data marcada para início e fim.

Os alunos acabam, muitas vezes, sendo bombardeados por dosagem excessiva de termos técnicos, teóricos e críticos, provocando um desvirtuamento das funções do ensino da literatura. É quando, professor e alunos, extasiados, repetem certo código, apenas para os iniciados, também conhecido como literatês, afastando-se, na maioria dos casos, do que realmente interessa que é a fruição do texto literário. É quanto as analepses, as anáforas, as metáforas e as figuras das mais variadas estirpes contam mais que o conteúdo do que foi lido. Entretanto, ensinar literatura é, fundamentalmente, ensinar a Ler literatura. Em primeiro lugar, é preciso ler, pois, se assim não for, que validade tem ensino de um objeto ausente? É claro que, formado o leitor, podemos pensar em história da literatura e outros aspectos que compõem a grade do que se convencionou chamar ensino de literatura. (SD 11)

Percebe-se que os sujeitos acima têm a visão de que o ensino de literatura é, na verdade, educação literária, ou seja, educar para a leitura, utilizando-se das qualidades do texto literário. Esta perspectiva revela, portanto, o grave problema do ensino de literatura em todos os níveis, que é o de não aprofundar leitura dos textos, mas meramente trabalhar com fragmentos ou com leituras prévias que sirvam para ilustrar determinado aspecto lingüístico ou histórico, dentre outros.

#### **5.4.2 O Discurso Discente**

Após leitura das falas dos discentes, fica nítida a compreensão de que, segundo eles, se estuda literatura para conhecer autores e obras; ou seja, o acadêmico assimilou a concepção de que literatura é o conjunto de autores e obras que representam uma nação. Por isso, sua idéia é a de que estudá-la significa conhecer os representantes desta cultura eleitos pelos parâmetros dos críticos literários. Percebe-se novamente uma disjunção entre o discurso docente, que prega o estudo da literatura, por meio da leitura literária, como vimos acima, que oportunize ao aluno a formação de uma leitura crítica, numa perspectiva mais produtiva, com a participação deste no processo.

O estudo da literatura no curso de Letras deve ser considerado tão fundamental quanto assuntos gramaticais, lingüísticos e pedagógicos. A razão para essa afirmação é simples. O contato com as obras literárias, bem como com a sua teoria, é o modelo mais seguro para que o aluno entenda a sua língua (convencionada socialmente), a sua cultura (revelada historicamente), a sua identidade (construída cuidadosamente), e o seu nacionalismo, sendo assim, a literatura constitui um elemento unificador entre as várias dimensões do saber, enquanto formação completa do indivíduo, e um rico recurso para a expansão e constatação da habilidade do ser humano para refletir e criar o seu mundo inferior e exterior. (SA2)

Esse estudo é de extrema e fundamental importância para um curso de letras. Tal disciplina desperta o interesse para o estudo histórico, como é o caso da literatura brasileira que traz consigo a identidade nacional de nosso país. Através dela podemos acompanhar todo o processo cultural que aqui se desenvolveu, dos fatos que influenciaram determinadas situações e ainda analisar a literatura atual, de seus novos autores, de suas novas maneiras de escrita, enfim, trata-se de um conjunto inteiramente interligado, onde passado se prende com o presente, direcionado-se para o futuro. (SA9)

Estudar literatura consiste em conhecer os diversos estilos de época, suas características e sua importância no contexto-histórico-social. Além disso o estudo da literatura nos proporciona, particularmente, um enriquecimento cultural muito grande. (SA25)

No nosso curso, esta instituição, consiste em estudar os autores e suas obras, inseridos em sua respectiva escola literária. as obras eu são estudadas são as mais “conhecidas” ou “importantes”, no ponto de vista do professor. (SA26)

Consiste em conhecer e aprender sobre obras autores e escolas literárias, não só relacionadas ao nosso país, mas uma literatura mundial. Acredito que as aulas fossem mais proveitosas caso os professores não corresse tanto para conseguir ministrar todo o conteúdo, e dessa forma fazendo com que os alunos não consigam fazer uma leitura prazerosa e sim uma leitura obrigada e corrida. Não compreendo porque de termos que aprender neste curso, ou melhor, em um só ano, todos os períodos, do início até o Modernismo. (SA29)

Estudar literatura no curso de letras consiste em ter contato com toda a produção literária canonizada acumulada ao longo dos anos e entender o processo de formação da literatura e o que a influencia. (SA34)

A partir dos fragmentados citados, bem como leitura dos demais formulários, é possível agrupar as falas nos seguintes conceitos, sobre por que estudar literatura:

1) Para saber ensinar Literatura = 12 = 14,45%

2) Para entender língua, cultura e identidade do país, através dos modelos literários = 17 = 20,48%

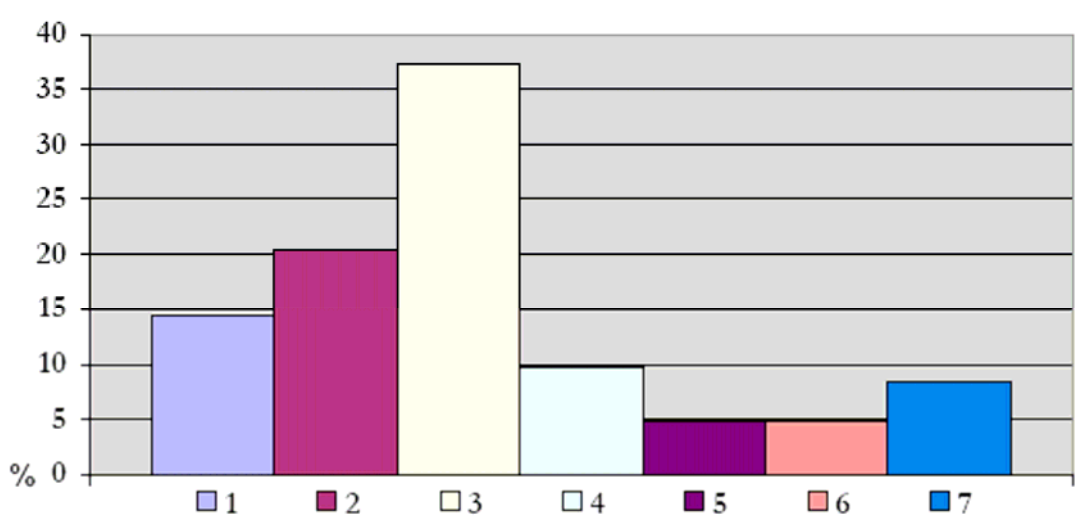
**3) Para conhecer os clássicos, o cânone, a história literária, as escolas, bem como a teoria e a crítica da literatura brasileira = 31 = 37,36%**

4) Para saber ler criticamente = 8 = 9,64%

5) Para compreender o mundo, dado o papel humanizador da literatura = 4 = 4,82%

6) Para ler textos literários = 4 = 4,82%

7) Não responderam, outros (conceitos que não se enquadram nas categorias gerais inferidas) = 02 + 05 = 8,43%



**Gráfico 6** – Para que estudar literatura no curso de letras – discurso discente

## 5.5 QUAL METODOLOGIA?

A fim de refletir sobre possíveis perspectivas para o ensino da literatura, foi questionado: “Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?”

De início, é importante dizer que é impossível pensar em metodologia do ensino de literatura sem pensar nas questões ligadas à leitura. A leitura literária não pode ser vista como acúmulo de informações sobre clássicos, sobre gêneros ou estilos, escolas ou correntes literárias, mas sim o modo de realização dessa leitura, em que o fator individual (experiências pessoais) e o fator comunitário (dados culturais) do leitor no momento da leitura, o levam a pensar, a refletir sobre questões relativas ao seu mundo social. Por isso, se para se constituir a literatura precisa de pessoas que produzam textos e de pessoas que leiam esses textos, o leitor desempenha papel fundamental na constituição do sistema literário. No espaço escolar, a sua importância se torna mais significativa ainda, uma vez que ele deverá aprender a ler criticamente, produzindo sentidos ao texto literário, por isso, a teoria de Wolfgang Iser (1979), reforçando o papel do leitor num processo de comunicação literária, é totalmente adequada a um ensino que se pretenda democrático.

Regina Zilberman (1989: 49), ao definir a teoria da Estética da Recepção, afirma que esta

propõe uma inversão metodológica na abordagem dos fatos artísticos: sugere que o foco deve recair sobre o leitor ou a recepção, e não exclusivamente sobre o autor e a produção. Seu conceito de leitor baseia-se em duas categorias: a de horizonte de expectativa, misto de códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas; e a de emancipação, entendida como finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade.

Se, por um lado, o historicismo positivista entende os fenômenos literários como determinados pelos fatos sociais em uma relação de origem unilateral, em que a obra é sempre consequência e nunca causa, o conceito de historicidade da Estética da Recepção é o de relação de sistemas de eventos comparados: a obra é um cruzamento de apreensões que se

fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada.

Ao discutir sobre leitura literária, Lajolo (2000) destaca que não se deve esquecer que à literatura, como linguagem e como instituição, se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos per meio dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Daí a importância do trabalho do professor de Literatura na educação básica, na formação do leitor; como bem observa Perrone-Moisés (2000: 350):

[a] literatura, tal como a entendemos desde o início da modernidade, não é ensinável. Mas a leitura literária não apenas pode ser ensinada como necessita de uma aprendizagem, e é por isso que os professores de literatura ainda existem.

Portanto, ao falarmos em metodologia do ensino de literatura, estamos propondo que se dê ênfase à leitura literária, sobretudo nos cursos de licenciatura em Letras, nos quais “ensinamos aqueles que irão ensinar”. Afinal, uma metodologia tradicionalmente historiográfica não parece atender às necessidades pedagógicas atuais. A este respeito, podemos citar Gens, para quem

o que está em questão é que o modelo consagrado pelas histórias da literatura reflete um sistema e uma estrutura de ensino que repercute os ideais positivistas do século XIX, tais como: a continuidade da linha do tempo, a idéia de um projeto literário evolutivo, a exclusão dos textos não canônicos, leituras decisivas e decisórias de obras de autores consagrados. Diante das novas orientações pedagógicas que proclamam subjetividades, diferenças culturais, hipertextualidade, o formato atual das histórias da literatura parece obsoleto, porque já não dá conta das novas demandas do atual movimento literário, do ensino, dos alunos e dos professores. (2006: 6)

Veja-se, portanto, que o problema está no modo pelo qual o docente utiliza as informações presentes nas histórias literárias, ou seja, abordando-as de modo acrítico. Da mesma forma, o cânone não pode ser responsabilizado pela metodologia adotada pelo professor. Dito assim, é claro que o problema está no modo de abordagem no processo de educação literária. Afinal, o método que o professor vai utilizar necessariamente tem que objetivar o resgate emancipatório e libertador do ensino de literatura. Destacando-se que o ensino da literatura é essencialmente leitura.

Uma situação exemplar é a prática dos seminários, já condenada por Osman Lins em 1977, quando ele criticou os abusos no ensino aprendizagem dos cursos de graduação em Letras, deixando claro que era um mal utilizado pelos professores para amenizar suas tarefas em sala de aula. Inclusive, para citar um exemplo, o sujeito acadêmico 28 observa que o contato que teve com a literatura foi realizado por meio de seminários, registrando que a cada semana um autor era abordado, bem como sua obra, o que resultou em um estudo superficial do conteúdo. É necessário dizer que o problema não está no método, mas na organização dele; tendo em vista que o docente, no início do semestre, divide os grupos de trabalho para cada obra a ser “estudada” e ao longo do ano estes grupos apresentam suas abordagens. O que ocorre é que o acadêmico acaba, quando muito, lendo apenas sua obra, sempre a partir da perspectiva de algum crítico literário ou referências feitas pelo docente que, no momento da apresentação, “amarra” as idéias. O resultado, obviamente, é a ausência de educação literária.

### **5.5.1 O Discurso Docente**

O discurso docente revela, de modo geral, uma preocupação em ofertar ao aluno o conhecimento de obras referenciais, canônicas. Por isso, a adoção da cronologia. No entanto, mesmo com esta posição, a articulação entre a produção do passado e do presente deve comparecer na abordagem dos textos. Ao retomarmos o conceito de cânone, parece haver um descompasso, na medida em que eles sugerem uma abertura na abordagem das obras canônicas. Portanto, a concepção não coaduna com a metodologia utilizada, que acaba sendo aquele tradicional em que desfilam autores e obras, numa seqüência cronológica, além do que, muitas vezes, o professor acaba reproduzindo não a sua própria voz, mas a do crítico ou a das histórias literárias.

Os docentes se manifestaram conforme citações transcritas a seguir.

A partir do final do século XX, época que se convencionou chamar de pós-moderna, tornou-se tarefa relevante questionar o processo de canonização de obras literárias efetuado por nossa historiografia literária tradicional, ancorada pelo conceito estético dos “estilos de época”, desconstruindo idéias que sempre legitimaram a manutenção do poder de uma classe. No momento atual, essa nova orientação dos estudos literários tem suscitado muita polêmica e pesquisas promissoras para a área. Acho que toda essa

diversidade de novos caminhos buscados para ensinar literatura brasileira são tentativas válidas desde que consigam formar com eficácia o professor-leitor crítico e reflexivo que atuará na formação de leitores. Não se trata de destruir ou desconsiderar a literatura canônica, mas abordar a tradição literária brasileira com um olhar crítico, questionando idéias de caráter cultural hegemônico. Penso que a literatura denominada de erudita pode contribuir para o crescimento humanístico do indivíduo, por meio do diálogo com outras produções culturais e da ruptura com qualquer forma de colonialismo. As diferentes abordagens metodológicas devem, por exemplo, enfatizar que as nossas raízes indígenas e africanas devem ter a mesma importância das nossas origens européias. Nesse sentido, um caminho bastante instigante foi levado a cabo recentemente por Marisa Lajolo na obra *Como e por que ler romance brasileiro* (2004), que faz um mapeamento do romance brasileiro de uma perspectiva da leitura e dos leitores. (SD15)

A literatura brasileira deve ser abordada em sua seqüência cronológica, atendo-se às obras canônicas. Assim sendo, no segundo ano, devem ser abordados os seguintes autores:

- a) Pero Vaz de Caminha;
- b) Gândavo
- c) Anchieta
- d) Gregório de Matos
- e) Vieira
- f) Cláudio Manuel da Costa
- g) Tomás Antônio Gonzaga
- h) Basílio da Gama
- i) Santa Rita Durão

Ao estudar uma obra específica deve, no entanto, haver preocupação com com obras

contemporâneas, vínculos com obras do passado e com aquelas que estão por vir. Estudar *O Uruguai* pede o enfoque paralelo de *Caramuru* bem como dos cronistas do século XVI, de Macunaíma, do filme de Nelson Pereira dos Santos (*Como era gostoso o meu francês*). O eixo, no caso, é um só: o registro na arte do confronto de duas diferentes raças. Sendo *O Uruguai* ponto de partida, a constelação deve ser montada pelo professor de acordo com seu conhecimento da literatura como um todo. O papel da universidade consiste em fazer conhecer o básico, o cânone, posicionando-se com respeito em relação ao mesmo. Tendo o básico, o aluno adquire instrumentalização para atuar como profissional competente e discernir entre obra literária com seu objetivo humanizador e obra estruturada para transmissão de valores autoritários. (SD8)

Considero a divisão cronológica ainda o melhor ponto de partida para o ensino de literatura, no que diz respeito à organização e divisão de disciplinas ao longo de um curso de Letras. Penso que o aluno precisa ter a orientação de que um texto, um autor, estão ligados a uma determinada época. Assim, avalio que estudar o século XIX deve preceder uma disciplina dedicada ao século XX, a ser ministrada em semestre ou ano posterior. Não acho que, com isso, o professor deva evitar confrontos entre a produção do século XIX e a do século XX, desde que haja ênfase em um determinado período. No interior da disciplina, no entanto, acho muito

válida a abordagem por temáticas. Por exemplo, se a disciplina é voltada para o século XX, vejo as temáticas como um eixo mais produtivo do que os gêneros. (SD7)

A metodologia mais adequada para o ensino de Literatura Brasileira seria elencar diversos historiadores e críticos literários e suas respectivas obras, para um estudo aprofundado sobre seus pensamentos e posicionamentos diante da construção de nossa literatura. A cronologia ou seqüência de autores e obras seria resgatada de maneira crítica por esses teóricos, uma consequência do conhecimento histórico e crítico adquirido pelos estudantes.(SD5)

A abordagem cronológica é problemática. Estudar a literatura a partir de sua estrutura, dos seus sentidos, num simultaneísmo que ao invés de pecar contra a razão só tem a acrescentar: o novo passa a servir de termômetro para a avaliação do antigo. Presentificação valorativa do passado. (SD 12)

Abordagem temática, pois, a partir dela, pode-se trabalhar gêneros, mentalidades, etc. (SD 11)

Divisão por gêneros na IES. Não é a melhor escolha. Por outro lado, não sei como seria trabalhar com literatura feminina, *gay*, negra, pois nunca trabalhei assim. De qualquer maneira essas divisões todas me parecem precárias. O importante talvez seja discutir com os alunos as opções metodológicas indiferentemente de qual se adote. (SD14)

acredito que qualquer abordagem deve vir da obra. Conjunto de obras para compreender um conceito de arte/nação, definição de uma identidade artística nacional... (SD2)

dentre as perspectivas que já adotei acho que a abordagem temática é a mais rica por podermos lançar mão dos pressupostos da literatura comparada e intertextualidades. (SD3)

Acho problemático fazer uma única opção. Fundamentalmente, o professor tem que ter um bom domínio da linguagem literária, das contingências sociológicas – não biográficas – implícitas ao contexto de produção, bem como da recorrência de determinados temas. Além disso, não acredito que uma das opções acima seja a ideal e sim a mescla de várias. Tendo, sempre, o cuidado de orientar o aluno quanto a qual abordagem está sendo utilizada. (SD16)

Diante das posições acima, é impossível não pensar sobre qual foi o modelo de aula que os acadêmicos-professorandos internalizaram durante os anos em que estudaram literatura brasileira, a partir da metodologia de seus docentes. Sabe-se que o professor recém-graduado acaba assumindo a mesma postura de seus professores, ou pelo menos daquele com quem ele mais se identificou durante a graduação, quando tem que pôr em prática os conteúdos no cotidiano escolar. Assim, se o docente não explicita claramente sua metodologia, fins e objetivos, dificilmente o acadêmico conseguirá defini-la sozinho, o que inevitavelmente gera um círculo vicioso: o professor agrupa autores e obras considerados importantes em cada período, distribui seminários ou temas para pesquisa de acordo com determinados críticos e histórias e assim passa o semestre/ano; o aluno, ao ir para sala de aula, como docente, acaba por realizar a mesma ação, acrescido do fato de que ele, ao contrário de uma história literária ou ensaios críticos, utilizará o livro didático como norteador de seu trabalho.

É o mesmo faz de conta, a mesma “metodologia”, a mesma repetição de discursos. Sem projetos de leitura, sem projetos de educação literária.

### **5.5.2 O Discurso Discente**

O descompasso entre algumas posições teóricas do docente (sobre literatura, cânone e texto literário) acaba se evidenciando no discurso do aluno sobre qual metodologia seria adequada ao ensino de literatura, uma vez que este revelou a preferência por múltiplas tendências. O que permite inferir que ele não conhece e não sabe identificar exatamente os objetivos da metodologia praticada pelo docente. Neste sentido, sua visão é de que tudo é possível e que seria ideal conhecer todas as possibilidades de abordagem para se ter uma visão mais ampla de como ensinar literatura. É importante retomar o que dissemos no capítulo três sobre a ausência de objetivos claros para o ensino de literatura brasileira, uma vez que esta ausência está refletida na falta mesma de uma definição metodológica.

Por outro lado, pelo discurso docente, a abordagem temática revelou-se como uma possibilidade de substituição do modelo diacrônico, historicista. Confrontando com a visão sobre metodologia do docente, percebe-se que o aluno também vê na visão diacrônica um método positivo, o que é natural, posto que é a que ele mais identifica na prática cotidiana em sala de aula.

O melhor caminho seria abordarmos de várias maneiras possíveis, mas como não dispomos de muito tempo, costuma-se abordar os estilos da literatura brasileira e realmente essa é a melhor maneira. Através do estudo dos estilos literários conhecemos os diferentes tipos de textos literários, além de conhecer os autores e a qual época pertenceram. Digamos que no curso de letras fazemos uma abordagem fragmentada da literatura brasileira, pois analisamos somente as obras famosas e muitos autores e obras brasileiras continuam desconhecidas apesar da excelente qualidade. (SA6)

Acho todos os aspectos importantes, mas acredito que a história da mentalidade está diretamente ligada à produção literária. Acredito ser de extrema importância se aliada à abordagem do tema e da forma, para com esses elementos traçar um perfil para a literatura de cada época. (SA8)

Para o estudo da literatura deve-se seguir por ordem cronológica do Barroco e indo até a atualidade, dando ênfase às obras, fazendo com que os alunos leiam mais, pois muitas faculdades não cobram isso do aluno, sendo assim, ele se torna um aluno mal informado e sem condições de exercer a profissão de professor de literatura. (SA10)

Todas são extremamente importantes e cabe ao professor analisar, em relação aos objetivos que deseja atingir, qual abordagem seria melhor para determinado fim. O professor não deve eleger uma dessas abordagens e usá-la de forma inflexível. O uso conjunto dessas abordagens pode ser um bom mecanismo no estudo da literatura, mas tem que ser usado com critérios. (SA18)

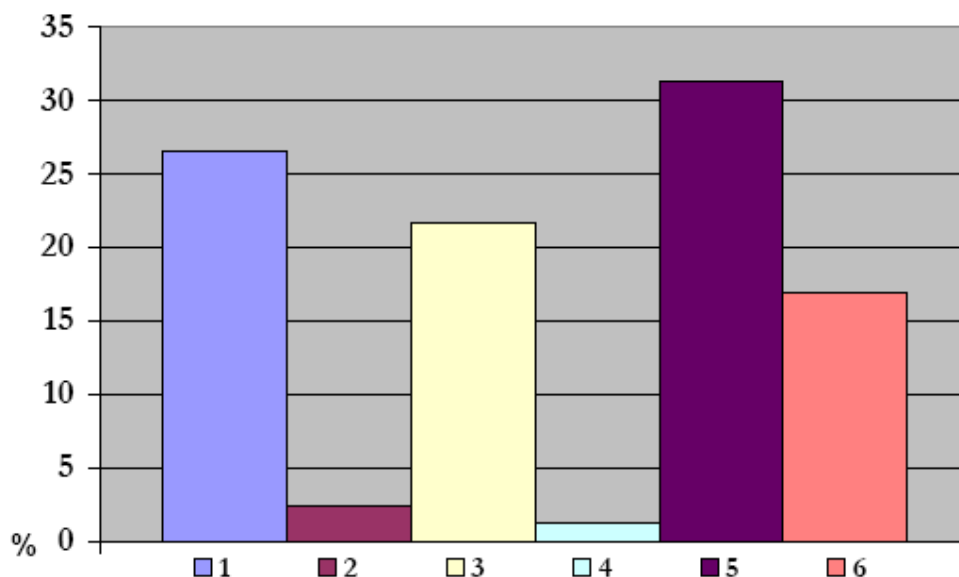
No curso de letras da minha instituição o contato que os alunos puderam ter com a literatura brasileira foi através de seminários que os próprios alunos apresentavam. Praticamente, quase todo o ano de curso havia seminários todas as semanas de diferentes escritores da literatura brasileira. O objetivo era de que os alunos que apresentassem os seminários fizessem uma análise da obra e que expusessem para sala o estudo feito da obra; o grupo também deveria apresentar o enredo do livro. O professor tinha a intenção de que todos os alunos lessem os livros solicitados, porém, muitas vezes, isso não ocorria e com isso se percebia uma certa falta de conhecimento mais ampliado com relação às obras literárias. (SA28)

Tivemos diversas abordagens durante o curso, a que mais me identifiquei foi a que trabalhamos por temática (amor/morte/mulher/etc) contextualizada. (SA46)

Nesta universidade a abordagem é feita de forma diacrônica. É interessante, porém a abordagem por temática possibilita visões mais variadas. (SA47)

É possível agrupar os conceitos inferidos nas falas dos acadêmicos, conforme os itens abaixo:

- 1) Por temática e história das mentalidades = 22 – 26,52%
- 2) Por estudo sincrônico = 2 = 2,40%
- 3) Por períodos literários, estilos de época, perspectiva histórica diacrônica = 18 = 21,67%
- 4) Por gêneros literários = 1 = 1,24%
- 5) Por um conjunto das abordagens propostas, considerando os objetivos propostos pelo docente, numa perspectiva interdisciplinar = 26 = 31,31%**
- 6) Não responderam, outros (conceitos que não se enquadram nas categorias gerais inferidas) = 07 + 07 = 16,86%



**Gráfico 7** – Qual metodologia utilizar no ensino de literatura brasileira – discurso discente

## 5.6 ALGUMAS CONCLUSÕES

Diante dos dados expostos, é possível chegar a algumas conclusões quanto às questões formuladas:

a) sobre o conceito de literatura: o discurso docente revelou uma postura que aceita a literatura como um patrimônio cultural, revestido de uma área estética e transformadora

(humanizadora), e capaz de revelar aspectos sociais de uma época ou período; já os discentes mantêm a visão de que a literatura é produzida por alguém privilegiado e que, do mesmo modo, também é para privilegiados, ou seja, a literatura tem uma aura, é elitizada, é patrimônio cultural;

b) sobre o conceito de cânone: a posição docente revelou uma compreensão de cânone contextualizada com a atual prática dos estudos literários, ou seja, visão aberta, com caráter revisionário sobre os critérios de julgamento de uma obra; já os discentes, se mostraram presos a uma concepção fechada, elitizada, isto é, o cânone é estabelecido pelo discurso crítico e deve ser respeitado, sacralizado, muito de acordo com o conceito elitizado de literatura;

c) sobre texto literário: para o docente, aquele que instiga ao desafio da leitura e amplia a criticidade do leitor, além do fato de que a noção de valor está ligada ao momento histórico-social e aos processos de produção e recepção da obra; para o discente, aquele que representa a cultura de elite, que são exemplares dos estilos de época e gêneros literários a serem estudados, sacralizados pela crítica e pela instituição escolar.

d) sobre ensino/estudo de literatura brasileira: foi possível verificar um discurso docente voltada para o desenvolvimento crítico do aluno, por meio da leitura literária, bem como uma preocupação em manter um patrimônio cultural pela representação artística do texto literário; quanto ao discente, estuda-se literatura de acordo com uma visão voltada para a noção de patrimônio cultural, assimilado pela representação canônica de nossas obras.

Estudar literatura é, portanto, apropriar-se de informações sobre história literária, para deter cultura;

e) sobre metodologias: o discurso docente revela uma preocupação com a manutenção de obras canônicas, mas contextualizando-as de acordo com o presente, não há definição de uma única metodologia, mas há destaque para a abordagem temática. Vale lembrar que, conforme vimos no capítulo terceiro, os programas se mostram bem tradicionais na proposta de ensino; os discentes apresentaram um discurso em que se observa a ausência do conhecimento de uma metodologia específica, mas, ao mesmo tempo, uma tendência a se trabalhar com o estudo temático e interdisciplinar.

Por fim, quero retomar uma questão formulada apenas aos docentes (item 1.4 do formulário – dados complementares). A questão era: “A disciplina de Literatura Brasileira é envolvida pela Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (estágio supervisionado)?”

Seu objetivo era o de esclarecer se existe uma articulação entre teoria e prática, voltada para a formação do professor, posto que os cursos são de licenciatura. Quatro docentes responderam que não; seis responderam que sim e apenas um se absteve de responder. Caso a resposta fosse positiva, o SD deveria identificar as estratégias, de acordo com as alternativas abaixo transcritas:

- 1) Por meio do desenvolvimento de conteúdos de literatura infanto-juvenil brasileira?
- 2) Por meio do desenvolvimento do conteúdo de literatura paranaense?
- 3) Por meio de conteúdos “clássicos” de literatura brasileira?
- 4) Outros. Citar:

O resultado foi o seguinte: três assinalaram a alternativa 1; um assinalou a alternativa 2; quatro assinalaram a alternativa 3; um assinalou a 4 e explicou: “estudo da produção literária brasileira contemporânea a partir de projetos temáticos ou a partir de gêneros”. Um sujeito, que assinalou o item 3, esclareceu que “não diz, no entanto, respeito aos professores de literatura. Os alunos levam na bagagem o que aprenderam, sendo estes conteúdos trabalhados sob orientação de professores de Metodologia do ensino de Literatura” (aqui fica clara a posição de afastamento de qualquer preocupação com o como ensinar). Um

outro fez uma observação esclarecendo que “no novo currículo, há carga horária para atividades práticas para todas as disciplinas. No velho, isso ficava a cargo do professor de prática”.

Como se nota, a eterna distinção entre professor e pesquisador permanece. De um lado, teríamos o docente responsável pela transmissão do conhecimento teórico sobre literatura brasileira (inevitavelmente aquele que desenvolve pesquisas sobre determinados autores, temas, obras, etc.), ou seja, que elabora um discurso crítico; de outro aquele que deve se comprometer com o como ensinar literatura brasileira: o professor de prática e estágio. A impressão que se tem é a de que a tarefa de se preocupar com o como o acadêmico, futuro professor, lidará com o ensino dos conteúdos teóricos vistos na graduação não lhe pertence. Assim, sua função é a de dar a “base” e a de outros professores pensar no ensino. Não penso desse modo, pois é necessário que todos os docentes tenham uma prática interdisciplinar, respeitadas as especificidades de suas disciplinas, a fim de ofertar ao futuro professor uma visão de conjunto sobre o ensino. Leahy-Dios (2001a: 73) destaca a importância desta integração, pois é “preciso reconhecer que toda disciplina de formação específica nos cursos de Letras é, necessariamente, vinculada a um fazer social, a uma ação pedagógica que é, sempre, política”. Sendo assim, articulação entre todas as disciplinas, que integram o curso de licenciatura em Letras, é fundamental. No último capítulo veremos que algumas das IES aqui citadas já implantaram em seus novos projetos político-pedagógicos esta articulação, evidenciando a tentativa de melhor integrar a área de literatura de seus cursos de Letras.

Aos verificarmos, finalmente, como se dá a proposta de ensino de Literatura Brasileira nos cursos de Letras exposta nos programas analisados no capítulo terceiro, bem como os discursos dos docentes e discentes, aqui revelados, o que se percebe é uma postura paradoxal:

- a) os programas apontam para uma visão tradicional do ensino, segundo o paradigma positivista;
- b) por outro lado, o discurso docente, nos formulários, aponta para uma postura mais transgressora no que se refere aos conceitos tradicionais, sobretudo de cânone e literatura, o que indicaria uma proposta de ensino mais contestadora, pendendo para conceitos de revisão da historiografia e, conseqüentemente, do próprio cânone;
- c) no entanto, a fala dos discentes revela um estudo de literatura brasileira condicionado aos mesmos paradigmas tradicionais, dispostos em uma

linha cronológica, tendo uma visão evolutiva da produção literária brasileira.

- d) assim sendo, a visão tradicional das histórias literárias - como detentora da verdade sobre a constituição de nosso cânone, a partir das elites dominantes e institucionalizado pelas várias instâncias canônicas, conforme vimos nos capítulos 1 e 2 - ainda é a que prevalece nos nossos cursos de Letras, a despeito de algumas experiências e tentativas de romper com o referido paradigma.

**CAPÍTULO – V**

## 6 CONCLUSÃO

### LITERATURA BRASILEIRA NOS CURSOS DE LETRAS: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos, se não fora  
A mágica presença das estrelas!  
Mário Quintana

O objetivo a que me propus neste trabalho, inserido numa perspectiva de revisão e formação do cânone, foi o de refletir sobre a abordagem canônica e historiográfica da Literatura Brasileira em alguns cursos de Letras, licenciatura, em universidades estaduais paranaenses, tendo em vista que parece haver um descompasso entre a formação e o avanço das pesquisas na área, que a historiografia brasileira iniciada no século XIX até os dias de hoje constituíram a solidez do nosso cânone e que há, por isso mesmo, necessidade de rever os padrões ideológicos e políticos que configuraram este mesmo cânone.

Diante disso, procurou-se responder às perguntas formuladas inicialmente na Introdução, conforme sintetizadas a seguir:

- 1) Quanto à primeira delas “Como é abordado o estudo de Literatura Brasileira nos cursos de Letras?”, o que se viu pela análise dos programas e formulários é que a proposta predominante é a da classificação por períodos estilísticos, seguindo os critérios propostos pelas divisões das histórias literárias.
- 2) A segunda, “De que modo o uso das histórias literárias contribui para a formação dos conceitos de cânone e literatura?”, revelou que os conceitos inferidos nas respostas docentes e discentes seguem uma visão mais aberta, sobretudo nas dos docentes; por outro lado, o programa da disciplina de Literatura Brasileira não apresenta esta abertura na seleção dos textos a serem trabalhados. Daí ser possível afirmar que o uso do padrão historiográfico proposto pelas histórias literárias contribui para a solidificação de conceitos de cânone e literatura alicerçados em padrões

ideológicos conservadores. Por isso, defendemos que se faz necessário abandonar o modo diacrônico com que a literatura é ensinada, rompendo com este historicismo acrítico.

- 3) Como resposta à terceira questão “É possível se criar nova metodologia para o estudo de Literatura Brasileira, desvinculada de uma proposta diacrônica, historicista?”, nossa perspectiva é a de que a possibilidade existe, mas depende de uma articulação tanto dos professores da disciplina de LB, quanto dos de Teoria Literária, de outras literaturas e de Práticas de Ensino na área, tendo em vista uma perspectiva transdisciplinar. Há também que explicitar os objetivos do ensino de Literatura Brasileira de modo a se ter clareza do que se quer na formação do professor na área. É importante que o docente de Literatura Brasileira tenha uma visão do significado da educação literária na formação deste profissional, valorizando a leitura crítica e participativa, dando voz ao aluno para que este produza seu próprio discurso. A idéia é que os alunos saiam das universidades com condições de discutir literatura de modo mais renovado, sem a marca da tradição ideológica canônica. Afinal, a literatura é uma percepção da vida, lida com fatos da vida e, neste sentido, o leitor de literatura tende a compreender como esta funciona. Ademais, é preciso entender que estudar literatura, como disciplina escolarizada, implica saber transitar entre os espaços que ela ocupa como objeto de estudo não propriamente literário (como é o caso de suas relações com as disciplinas de Retórica, Lingüística ou Sociologia, para citar apenas algumas áreas) ao lado do específico (como a Teoria, a História e a Crítica Literárias), não esquecendo de considerar, ainda, os espaços sem fronteiras abertos pelos estudos da Literatura Comparada.

Diante das questões e respostas acima descritas, concluo que nos estudos realizados não foram detectadas soluções para o problema do ensino diacrônico da literatura brasileira. Todavia, há algumas tentativas quanto às metodologias, sobretudo nos novos Projetos Político-Pedagógicos, implantados nos últimos três anos na maioria das universidades pesquisadas, o que revela pequenas variações inseridas no modelo diacrônico, conforme explicitamos a seguir, objetivando, inclusive, fornecer alguma contribuição para mudanças futuras.

Uma abordagem integrada à prática de ensino de literatura por meio de projetos é o que apresenta a UNIOESTE. Os projetos são desenvolvidos segundo os conteúdos previstos nas ementas da disciplina de Literatura Brasileira, embora estes ainda estejam elaborados pelo critério periodológico- estilístico. A instituição mantém uma maior articulação com a rede de ensino, preocupada com a perspectiva do aluno, utilizando métodos, como o Recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1993). O novo Projeto Político-Pedagógico apresenta esta preocupação e a disciplina de Literatura Brasileira a contempla na carga horária destinada à prática como componente curricular obrigatória. Além disso, ele propõe, na área de Estudos Literários, várias disciplinas optativas, para a 3ª série, concentradas em pedagógicas ou específicas: na primeira, “Gêneros literários na escola”, “Literatura Infantil contemporânea”, “Linguagem e produção cultural na contemporaneidade”, “Literatura e ensino”, “Oficina de criação literária”; na segunda, “Literatura Dramática do período Clássico ao Renascimento”, “Literatura dramática do período Moderno ao Contemporâneo”, “Tópicos de Literatura Comparada: intertextualidade, temas, motivos e imagologia”, “Crítica literária”, “Literatura e cinema”, “estudos da Ficção contemporânea”, “Estudos da Poesia contemporânea” e “Literatura, História e Memória”.

A UEL apresentou nos programas analisados uma perspectiva diacrônica, embora no depoimento de alguns acadêmicos a presença da abordagem temática tenha sido observada, e elogiada por eles. O diferencial parece estar na nova proposta, implantada gradativamente a partir de 2006, que passa a oferecer dois cursos: Línguas Estrangeiras Modernas e Língua Portuguesa e Estudos Literários. O aluno de Línguas Estrangeiras Modernas, ao final da primeira série, optará entre habilitação em Licenciatura única em Língua Inglesa e respectivas literaturas ou em Licenciatura única em Língua Espanhola e respectivas Literaturas. Aquele que ingressou em Língua Portuguesa e Estudos Literários também fará opção, no mesmo período do curso, por Bacharel em Estudos da Linguagem, Bacharel em Estudos Literários ou Licenciatura em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Não é apenas pela criação de um bacharelado específico em Estudos Literários, que é a área de nosso interesse, ou pela licenciatura em Língua Portuguesa e literaturas, que o projeto chama atenção. É sobretudo pela proposta de se trabalhar em módulos na primeira série, comum a todos os ingressantes em Língua Portuguesa e Estudos Literários. Estes módulos – “Linguagem e identidades”, “História e Usos da Leitura e da Escrita”, “Linguagem como manifestação artística” e “O profissional de Letras” – com carga horária de 136 horas cada um, visam à solução do eterno problema da dissociação

língua/cultura perceptível na maioria dos cursos de Letras. A intenção é a de que eles oportunizem o diálogo “entre os diferentes profissionais com os alunos”.<sup>33</sup> Além dos módulos, os alunos devem cumprir 200 horas de atividades de Formação Livre Complementar e de Estudos Complementares, atuando em projetos ligados ao ensino, pesquisa e extensão.

Assim como na FAFICOP, UNIOESTE, UEPG, e UNICENTRO o projeto da UEL também oferta disciplinas opcionais, porém apenas no Bacharelado. Já nas Licenciaturas, como se resolveu o conflito da “dupla habilitação” não há opcionais, posto que o aluno se forma na sua especificidade, tendo que cumprir apenas mais 68h em “Disciplinas Especiais Programadas” ofertadas pelo Departamento.

No entanto, em que pese a inovação da proposta, sobretudo pelo trabalho em módulos e opção de habilitação após um ano de curso, no que se refere à disciplina de Literatura Brasileira, objeto de nossa pesquisa, a clássica divisão em Literatura Brasileira I, II e III permanece.

Nas ementas, propõem-se “estudos de obras do período colonial e suas interlocuções”, “estudos de obras do período de 1800 a 1945 e suas interlocuções” e “estudos de obras do período pós 1945 e suas interlocuções”, respectivamente. É claro que, analisando o currículo proposto, verifica-se a oferta de disciplinas como “Períodos e estilos literários” (4ª série do Bacharelado e da licenciatura) e “Tópicos de Literatura Brasileira” (4ª série do Bacharelado) e as optativas exclusivas do Bacharelado, que evidenciam uma formação complementar não apenas à Literatura Brasileira, mas também às outras literaturas. Contudo, parece, pela disposição da ementa, que se mantém a perspectiva linear, periodológica, na proposição ao estudo específico da produção literária brasileira.

Outra proposta de abordagem é a que realiza a UNICENTRO – o trabalho com gêneros literários – que distribui o conteúdo de literatura brasileira em três anos, dando ênfase à poesia, narrativa curta e romance. A vantagem desta proposta é a possibilidade de se dedicar um tempo maior à leitura e análise do gênero selecionado, em diferentes momentos de produção, inclusive verificando possíveis transformações estruturais. Por outro lado, pelo modo com que está distribuída na ementa, vê-se que a proposta ainda é diacrônica, pois o gênero (seja conto na LB I, poesia na LB II ou romance na LB III) segue uma cronologia a partir de autores e obras de cada período literário, segundo a historiografia literária brasileira.

Na UEPG há uma valorização da literatura regional. É importante destacar que a literatura local ou regional revela um cuidado com o espaço político-geográfico a que

---

33 Conforme Projeto Político-Pedagógico, no item “Diretrizes do Projeto Político-Pedagógico”

pertence e, por isso, ao ser inserida no currículo do curso de Letras, este transmitiria para as gerações as manifestações literárias que se apresentam naquele contexto, preservando a identidade local, por meio da instituição universidade. Do mesmo modo, poderia se pensar na chamada literatura marginal, incluindo-se a literatura de massa, de autoria feminina, de ex-detentos, de afro- descendentes e outros.

Há que se destacar, ainda, que o Projeto Político-Pedagógico implantado em 2005, na UEPG, apresenta disciplinas de diversificação ou aprofundamento, com carga horária de 68h cada: “Literatura e cinema”; “Tópicos de civilização francesa: aspectos culturais da França”; “Literatura e mulher”; “Textualidades contemporâneas”; “Prática III – Literatura”, nesta são organizadas oficinas voltadas para a formação do leitor e do produtor de textos literários, elaborando-se propostas de abordagem da literatura no ensino fundamental e médio; “Crítica literária: a crítica literária no contexto dos estudos literários”.

A flexibilização do currículo, oportunizando ao graduando uma formação variada na área literária, é positiva, posto que ela pode suprir algumas lacunas no processo de construção do conhecimento. Afinal, a disciplina de Literatura Brasileira não consegue abranger, e nem é de sua natureza, conteúdos da área de crítica literária ou de outras correlatas, como as citadas acima.

Na FAFICOP, o novo Projeto Político-Pedagógico deverá ser implantado apenas em 2008, mas não apresenta mudança significativa na área de Literatura Brasileira, pois a proposta ainda é cronológica, dividida em períodos literários nas duas últimas séries do curso. A mudança fica por conta da metodologia voltada para elaboração de projetos de ensino para a educação básica com conteúdos estudados na disciplina, a exemplo do proposto pela UNIOESTE. Há, ainda, a alternativa do aluno escolher, na terceira série, disciplinas optativas nas áreas de Estudos Literários e Estudos da Linguagem, conforme a seguinte disposição: para a primeira, opção entre “Crítica Literária”, “Narrativa contemporânea brasileira”, “Formação do romance” e “Literaturas africanas”; para a segunda, “Semiótica”, “Tecnologia da Informação e ensino” e “Linguística aplicada”. A disciplina optativa será ofertada por semestre. Assim, durante o ano letivo, o acadêmico terá um módulo na área de Estudos literários e outro na área de Estudos da Linguagem. Ambos terão sua dimensão prática e teórica, num total de 40 horas cada. Este procedimento possibilita ao aluno uma complementação dos estudos e lhe dá, ao mesmo tempo, a oportunidade de abordar temas relacionados à sua monografia de conclusão de curso.

Na UEM o novo currículo, implantado em 2006, propõe a disciplina de Literatura Brasileira assim distribuída: “Literatura Brasileira: drama”, “Literatura Brasileira:

narrativa” e “Literatura brasileira: poesia”, diferenciando-se do programa anterior, que possuía um ementário periodológico. Como se percebe nas ementas atuais, a proposta é a de estudar as manifestações da literatura brasileira a partir dos três gêneros literários (como na UNICENTRO), mas não é possível definir (sem que se analise o programa completo) se a seleção de autores e obras é canônica e se a perspectiva é diacrônica. De qualquer modo, há uma preocupação, expressa nas ementas das disciplinas do curso com habilitações em licenciatura, com a dimensão teórica-prática na formação do profissional em Letras. Quanto ao currículo anterior, a que pertencem os programas analisados nesta pesquisa, o destaque se deu no estudo da produção literária infanto-juvenil, o que revelou uma preocupação com a articulação entre literatura e ensino, concretizada, inclusive, nas pesquisas em nível de mestrado, em programa de pós-graduação ofertado pela universidade, que problematizam a formação do leitor.

Conforme já observei, esta flexibilização, presente nos projetos pedagógicos e conciliada à prática como componente curricular obrigatória (cf. Resolução 02/2002 – CNE), se configura em um avanço na formação do professor, tendo em vista que propicia o espaço necessário à articulação entre os conteúdos específicos e transversais relacionados à área da disciplina de Literatura Brasileira.

Ressalto, no mesmo sentido, ser importante que os docentes universitários busquem a atualização de conhecimentos sobre metodologias do ensino da literatura e de abordagem do texto literário, de modo a valorizar mais os estágios supervisionados e as práticas de ensino na área, exercendo não apenas a função de pesquisador, mas também a de professor. Afinal, um dos maiores problemas enfrentados no meio universitário é justamente esta dicotomia entre professor x pesquisador. Assim, pesquisas na área de Teoria Literária, das Correntes Críticas, da Literatura Infanto-Juvenil e ensino de Literatura para a educação básica, devem servir de amparo para o desenvolvimento de atividades interdisciplinares e experiências transdisciplinares no ensino de Literatura Brasileira. É justamente, por isso, que, no caso específico desta disciplina, não se deve recomendar nenhuma história literária específica como fonte primeira, porque o problema não está em usar esta ou aquela, mas sim no “como utilizá-las”.

Observe-se que não falo da existência de uma prática ideal, mas sim de práticas que sejam efetivas na formação do docente de literatura. Deste modo, a perspectiva de se adotar metodologias que contemplem o exposto acima daria conta de formar um professor que (a) valorizasse a interação em sala de aula para favorecer a manifestação da voz do aluno; (b) criasse espaço para possibilitar leituras que não ficassem presas a roteiros

pré-estabelecidos, para favorecer leituras mais pessoais; (c) oportunizasse diálogo entre os leitores para que haja uma discussão de temas transversais ligados à experiência de cada um; (d) constantemente reavaliasse suas concepções básicas sobre texto, leitura e literatura; (e) desempenhasse com segurança seu papel de mediador no processo de leitura.

O princípio da idéia acima expressa é o de que a universidade deve formar indivíduos que sejam capazes de desenvolver uma prática didático-pedagógica em que se estimule a criatividade, a curiosidade, o espírito investigativo e a capacidade analítico-interpretativa e crítica. Por isso a readequação de matrizes curriculares dos Cursos de Letras, numa perspectiva integrada no Projeto Político-Pedagógico, deve ser feita (sempre) de modo a valorizar os estágios supervisionados e as práticas de ensino, com ênfase na educação literária. Não se pode esquecer, ainda, que é preciso romper com a eterna aliança entre os conteúdos exigidos em processos seletivos (vestibulares) e o ensino de literatura no ensino médio, que propõe seus currículos baseados naqueles conteúdos, uma vez que muitos deles solidificam um modelo tradicional de abordagem da literatura brasileira, meramente historiográfico. A propósito, Ginsburg (1998: 80), ao tratar do ensino de literatura e da formação de professores da educação básica, observa que “se houvesse uma dinâmica mais eficiente de difusão de informação no Brasil, ou se pelo menos os professores da rede escolar tivessem maior possibilidade de acesso à bibliografia renovada, cursos e seminários de atualização, poderia estar ocorrendo um processo de transformação, em alta escala, das estratégias de trabalho com literatura nas escolas”. O fato é que embora se discuta muito sobre o assunto, poucos professores (e mesmo os que estão em formação) chegam a ter acesso a estas tendências pedagógicas atuais.

Retomando as possibilidades de abordagens, observo que o trabalho por temáticas, mencionado anteriormente - e que tem sido objeto de investigação nas pesquisas de pós-graduação desenvolvidas pela UEL na área de revisão do cânone, à luz da história das mentalidades - se mostra uma boa alternativa metodológica, pela perspectiva sincrônica que oferece. Como já afirmei, os programas da disciplina de Literatura Brasileira daquela universidade são diacrônicos, mas foi possível notar, pelos formulários docentes e discentes, a presença da abordagem temática em alguns depoimentos, o que se deve, talvez, aos reflexos dos trabalhos da pós-graduação. Em um deles, desenvolvido como Dissertação na área de Estudos Literários, ao investigar a temática da morte na poesia romântica brasileira, Fernandes (2005: 6) assim conceitua a história das mentalidades:

[ela] não é episódica, pois pretende referir-se a um período de longa duração, na medida em que as mentalidades coletivas modificam-se lentamente. Ela investiga o comportamento social diante de determinados temas como a família, o medo, o amor e a morte, partindo das mentalidades coletivas, diferentemente do que ocorre com a história episódica, que se debruça sobre as ações de determinados sujeitos históricos. A história de longa duração utiliza variadas fontes para pesquisar seus temas como, por exemplo, a iconografia no que se refere às várias manifestações artísticas ou não artísticas. Estas últimas se exemplificam em documentos de cunho objetivo; as primeiras podem ser exemplificadas através da literatura.

Malard (1985: 44), a propósito do trabalho com temáticas, sob o enfoque das mentalidades, chama atenção para o fato de que:

O que marca as diferenças no tratamento da temática não é o estilo (elemento da língua literária) mas os modos de captação de parcelas do mundo real, diretamente relacionados à posição do escritor em determinado contexto histórico, social, político e econômico, a qual se apresenta como determinante de sua visão de mundo. Se existe grande incidência de certos temas e a quase ausência de outros em dada época, a explicação deve ser buscada nesse contexto amplo, nos mecanismos sociais que justificam a propriedade de tal matéria como portadora de literatização, em maior, menor ou zero grau.

Neste sentido, parafraseando Fernandes (2005), a história sincrônica é entendida como aquela que não se conduz essencialmente pela cronologia dos fatos históricos, mas sim pela percepção de uma determinada mentalidade social ocorrida vagarosa e duradouramente. É válido registrar que, em decorrência disso, mesmo no trabalho com a abordagem sincrônica, por núcleos temáticos, é inevitável que o diacrônico compareça, contribuindo para a percepção do momento sócio-histórico em que o texto esteja inserido. Entretanto, sendo o enfoque realizado a partir de temas, o importante é que podem ser conciliadas diferentes produções de diferentes épocas, sem o rigor cronológico da historiografia tradicional.

Gens (2002: 5) expõe que, na prática do ensino de literatura nas faculdades de Letras, há uma preocupação em elaborar listas de autores e obras, “geralmente acompanhadas de extensa bibliografia inacessível aos destinatários”.

Autores e obras desfilam um a um através de uma organização linear do tempo na qual se omitem imbricações e relações presentes no traço intertextual inerente à produção literária de um país. Sublinha-se o

isolamento de autores e obras e, quando se permitem diálogos, inevitavelmente ocorrem, apenas para demonstrar a prevalência de temas, jamais para um exame relativo à literariedade. A apresentação dos escritores fica condicionada às informações rotuladas que se fazem acompanhar de posologia e vide-bula. O resultado traduz-se em cursos sem vias de comunicação, ou porque se reproduz a organização das histórias das literaturas ou porque se apresentam problemas específicos já discutidos em obras de crítica literária sem entradas para que o aluno possa participar como sujeito na produção de saber. (2002: 5)

Diante desta realidade, propõe um trabalho voltado para diferentes linguagens, formas e gêneros, a partir de uma temática comum. Ele argumenta que “um planejamento deve propor articulações, diálogos, encontros, debates e convivências entre o popular e o culto, entre o midiático e o folclore, entre as obras canônicas e as ditas marginais, entre as obras do passado e as produzidas na contemporaneidade, entre a literatura e as demais modalidades da arte” (2002: 11).

Diante do exposto, opção adequada é a de dividir as disciplinas por temática e não pelo diacrônico, dando ênfase para uma leitura não linear, voltada para textos de diversas naturezas. Esta abordagem pode ser articulada às práticas de ensino, criando-se, por exemplo, a Prática de Ensino de Literatura, com vistas a articular o conteúdo com a prática pedagógica na educação básica.

A título de exemplificação, cito a proposta desenvolvida por Gens na Faculdade de Formação de Professores, unidade de São Gonçalo, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, na qual ele organizou o planejamento em eixos temáticos, como “O regionalismo na literatura brasileira”, por exemplo. Sobre este grande tema ele abordou “campos de leitura, textos de natureza e tempo diversos”, que pudessem dar conta das várias regiões do Brasil. À guisa de exemplo, em um dos campos de leitura, intitulado “Vozes regionais: textos, sons e ritmos”, foram agrupados as músicas *Estrada do sertão*, de João Pernambucano e Hermínio Bello de Carvalho, *A favela vai abaixo*, *Amar só uma mulher* e *Gosto que me enrosco*, de Sinhô, *Sou da cidade* e *Baile da Pesada*, de Fernanda Abreu, e o romance *O sertanejo*, de José de Alencar (GENS 2002: 11).

O estudioso dividiu sua proposta em mais quatro temáticas: “Tipos e perfis: a gente brasileira”, “Casos diversos: histórias críveis e incríveis”, “Meninos rurais: confissões e casos” e “Homens e trabalho: ossos do ofício”. É importante destacar que em todas as unidades havia a presença de obra canônica, mas ao lado de outras contemporâneas, incluindo aquelas ligadas à oralidade, dos mais variados gêneros textuais.

Além desta linha de trabalho voltada para as temáticas, que, segundo minha compreensão, traria uma mudança significativa na formação do professor de literatura, quero registrar que uma outra proposta diferenciada na abordagem da literatura pode ser a do ensino digitalizado, conforme experiência desenvolvida na UFRGS e relatada no texto “Informática e ensino da literatura na UFRGS” (2004), de Gilda Neves da Silva Bittencourt, que evidencia a necessidade de articular o ensino de literatura às novas tecnologias. Segundo Bittencourt (2004: 56), em relação ao projeto inicial,

o objetivo principal [...] era elaborar um conjunto de informações literárias informatizadas, reunidas num CD-Rom ou numa home-page da Internet, com as quais os alunos (preferencialmente dos cursos de Letras) pudessem trabalhar autonomamente em seus computadores.

Com caráter interdisciplinar, o projeto, iniciado em 1998, reuniu professores e alunos de graduação e pós-graduação do curso de Letras, além dos de curso de Informática, a fim de elaborar o material que resultaria num sistema de hipertexto para o ensino de literatura<sup>34</sup>. Conforme apresentação da *home page*, resultante do projeto, o

material se constitui de um sistema de hipertextos, formado por obras literárias ou textos teóricocríticos, apresentados parcial ou integralmente, acrescidos de imagens e sons, e através dos quais você poderá navegar no universo da literatura e áreas afins. Estão disponíveis também fontes de referência bibliográfica e biográfica de autores e obras, como forma de ampliar o campo de consulta.

Também chama atenção a sessão intitulada “pergunte ao professor”, que abriu espaço para consultas dos mais variados tipos sobre questões literárias, não apenas de estudantes de Letras mas também de pessoas ligadas a outras áreas. Além disso, a *home page* passou a ser utilizada como fonte de pesquisa pelos professores das disciplinas envolvidas, como complemento às atividades propostas em sala de aula, configurando-se em fonte de pesquisa e espaço para sanar dúvidas quanto aos conteúdos por eles abordados.

Dado o sucesso desta primeira experiência, foi proposto um curso de extensão na modalidade ensino à distância, durante o período de março a dezembro de 2002. Neste projeto, o objetivo era o de atender professores do Ensino Médio, alunos de graduação em Letras e outras licenciaturas, a fim de ampliar “seus conhecimentos quanto às obras

---

34 Para conhecer o trabalho, consultar <http://www.ufrgs.br/proin>.

clássicas da Literatura Ocidental” (2004: 59). A avaliação das duas atividades, em seus diferentes momentos e com diferentes objetivos, foi positiva e, segundo Bittencourt (2004: 60), serviu para refletir “sobre a utilização, funcionalidade e o tipo de usuário de um *site* de literatura”.

Esta experiência – o projeto encerrou suas atividades em 2004 – é relevante porque faz pensar na necessidade que os cursos de Letras têm de “atualizar” suas metodologias de ensino, oportunizando aos alunos, sobretudo aos futuros professores, a possibilidade de conhecerem novas tecnologias e seu uso em sala de aula. É o caso, por exemplo, de citar o novo Projeto Político-Pedagógico da UEL, que prevê o trabalho com estas tecnologias, “tanto no âmbito das técnicas didáticas como de acesso a informações”<sup>35</sup>. Assim, as disciplinas devem propor atividades que contemplem o acesso a estes mecanismos tecnológicos. Com o mesmo enfoque, no novo Projeto Político-Pedagógico da FAFICOP, uma das disciplinas opcionais é justamente a de “Tecnologias de Informação e ensino”<sup>36</sup>, além das demais curriculares que devem oportunizar metodologias relacionadas à área.

Relatadas as experiências acima, em que pese o registro destas diferentes propostas, de modo geral, não há como não chegar à constatação de que a tradição no modo de abordar literatura brasileira nos cursos de Letras gerou certas áreas de conflito, assim resumidas por Leahy-Dios (2001b: 5): dissociação entre ler e estudar literatura; a não valorização da educação literária nos currículos; manutenção do perfil historiográfico nos estudos literários e tratamento acríptico do cânone. Diante deste cenário, fica a certeza de que necessitamos que os alunos saiam das universidades com condições de discutir literatura de modo mais renovado, sem a marca da tradição ideológica canônica.

É preciso compreender que, do ponto de vista formativo, as instituições universitárias é que exercem este papel. No entanto, ao alimentar uma tradição mais informativa na área de literatura brasileira, apenas enfocando escritores e obras que representem o estado nacional, sob uma perspectiva ideológica burguesa, institucionalizando um cânone pedagógico, a universidade esquece o papel formativo e transformador que lhe é peculiar, transformando-se em mero espaço de manutenção de velhas ideologias. Como se viu no Capítulo I, a partir da década de 70 estudos se desenvolveram no Brasil com vistas a uma revisão do cânone, sobretudo no que se refere à questão da identidade nacional, uma vez que

---

35 Conforme Projeto Político-Pedagógico, no item “Diretrizes do Projeto Político-Pedagógico”.

36 Ementa: O processamento cognitivo da escrita. Fontes de problemas de leitura. Conceitos de aprendizagem, o papel do professor, do aluno e da escola. A relevância das novas tecnologias para a prática do ensino de leitura e da escrita. As implicações das novas tecnologias no ensino da língua portuguesa e inglesa e respectivas literaturas. Parâmetros para a análise e produção de atividades didáticas usando o computador. Análise de software. Planejamento e avaliação de atividades didáticas usando a informática.

as categorias de análise adotadas sempre foram às ligadas à cultura européia. Em decorrência disso, faz-se necessário ampliar, rever o passado histórico, dando-lhe uma nova roupagem, e um dos espaços apropriados para que isso ocorra é aquele ofertado pelo ambiente universitário, onde se deveria refletir sobre as mais variadas instâncias ideológicas.

Entretanto, o que se verificou é que, infelizmente, embora o discurso docente indicasse uma atualização nas novas práticas de estudos literários, percebe-se que a teoria passa ao largo, mas a prática continua. Ou seja, desde as correntes da Nova Crítica, do Estruturalismo, da Estética da Recepção e do multiculturalismo, para citar apenas algumas tendências, o que se vê é muita discussão e teorização em nível de produção acadêmica *strictu sensu*, mas a prática em sala de aula continua diacrônica. Afinal, mesmo quando há ênfase na imanência ou na estrutura do texto, na recepção da obra ou no diálogo com outras produções, numa perspectiva interartes, o resultado sempre é perseguido pela perspectiva linear, mapeando-se escritores e obras que possam representar determinado período.

Dito isso o que fica é a certeza do descompasso entre teoria *versus* prática, entre discurso docente *versus* discente, entre uma visão “aberta” *versus* e “fechada” do que seja canônico, ou seja, texto literário de qualidade e que atende aos critérios (quais?) da crítica literária. Descompasso mesmo entre o que é literatura e os novos conceitos advindos dos estudos literários contemporâneos. Diante disso, fica clara a necessidade de se refletir sobre os critérios utilizados pela crítica para estabelecer o valor estético das obras e a de familiarizar o futuro professor com produções contemporâneas ainda não canonizadas, bem como refletir sobre o papel que a história literária deve representar e ocupar nos curso de Letras, sobretudo quando compõe a proposta de ensino elaborada pelo docente.

Fica também a certeza de que, ao se falar sobre formação do professor de literatura, inúmeros fatores devem ser levados em conta, dentre eles, principalmente, a de que a formação do leitor-professor também envolve práticas familiares e de seu contexto social, além daquelas que ele irá vivenciar na universidade. Isto significa compreender que ele é também um leitor comum, que irá se transformar num leitor institucional. Por isso, pesquisas desenvolvidas na área de leituras do professor, como as Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE, da FAE/UFMG – e que podem ser conferidas em MARINHO (1998) – em muito auxiliam na configuração deste cenário complexo que é o do universo da formação docente.

É importante registrar, por fim, que o percurso trilhado nesta pesquisa se mostrou, em certa medida, espinhoso, posto que lidar com o discurso daqueles que são nossos pares, numa pesquisa qualitativa que envolve aspectos sociais, históricos, individuais e

coletivos dos sujeitos envolvidos e de suas unidades, sempre é delicado e, muitas vezes, conflituoso. No entanto, julgo que reflexões como as que estão expostas neste trabalho, podem oportunizar o desenvolvimento de propostas alternativas para o ensino de literatura brasileira na universidade e, neste sentido, por mais espinhoso que o caminho possa ter sido, ele terá valido a pena.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. 2003. “Letras, belas-letas, boas-letas.” Carmen Zink Bolognini. *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP. 11-69.

\_\_\_\_\_. 2000. “As variadas formas de ler.” Aparecida Paiva et al. *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica. 121-134.

AGUIAR, Vera Teixeira de, e Maria da Glória Bordini. 1993. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.

AMORA, Antonio Soares. 1961. *História da literatura brasileira*. Lisboa: Ática.

ARAÚJO, J. L. M. de. 2006. “A formação, os deslocamentos: modos de escrever a história literária brasileira”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.9, 13-33.

BARBOSA, João Alexandre. 1996. *A Biblioteca Imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial.

\_\_\_\_\_. 1980. *Opus 60: ensaios de crítica*. São Paulo: Duas Cidades.

BAUDRILLARD, Jean. 1991. *Simulacros e simulação*. Trad. Maria João da C. Pereira. Lisboa: Relógio d'Água.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. 2004. “Informática e ensino da literatura na UFRGS.” *Revista Texto Digital*, ano 1, n.1, 56-62. Disponível em: <<http://www.textodigital.ufsc.br>> Acesso em 30 jun. 2006.

BLOOM, Harold. 1995. *O cânone ocidental. Os livros e a escola do tempo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BOSI, Alfredo. 1994. *História concisa da literatura brasileira*. 33. ed. São Paulo: Cultrix.

\_\_\_\_\_. 2000. “Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão na história literária.” *Teresa: revista de Literatura Brasileira, FFLCH/USP*, n.1, 9-47.

BURNHAM, Terezinha F. 1989. “Qualidade de ensino e qualificação para o trabalho da educação no Brasil.” *Cadernos IAT*, n. 3, 15-19.

CAIRO, Luiz Roberto Velloso Cairo. 1997. "História da Literatura, Literatura Comparada e Crítica Literária: Frágeis Fronteiras Disciplinares." *Poligrafias, Revista de Literatura Comparada*, Facultad de filosofia y Letras/Universidad Autónoma de México, n. 2, 35-45.

\_\_\_\_\_. 2001. "Memória cultural e construção do cânone literário brasileiro." Eduardo F. Coutinho, org. *Fronteiras imaginadas: cultura nacional/teoria internacional*. Rio de Janeiro: Aeroplano. 225-240.

CAMPOS, Haroldo de. 1975. *A arte no horizonte do provável*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva.

CANDIDO, Antonio. 1995. "O direito à literatura." *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades. 234-63.

\_\_\_\_\_. 2000. "O escritor e o público." *Literatura e Sociedade*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Publifolha. 67-81.

\_\_\_\_\_. 1997. *Formação da literatura brasileira*. 8. ed. 2v. Belo Horizonte: Itatiaia.

\_\_\_\_\_. 1972. "A literatura e a formação do homem." *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, set., 803-9.

\_\_\_\_\_. 2000a. "A literatura e a universidade (I)." *Literatura e Sociedade*, São Paulo, FFLCH/USP, 235-238.

\_\_\_\_\_. 2000b. A literatura e a universidade (II). *Literatura e Sociedade*, São Paulo, FFLCH/USP, 239-242.

CARVALHO, Ronald. 1984. *Pequena História da literatura brasileira*. 13.ed. Belo Horizonte: INL/Fundação Nacional Pró-memória.

CEIA, Carlos. 1998. « A questão do cânone literário: da teoria aos programas escolares." *Ciberkiosk*, n.º 2, Maio 1998. Disponível em: <<http://www.ciberkiosk.pt/arquivo/ciberkiosk2/index.htm>>. Acesso em 20 fev. 2006.

CÉSAR, Guilhermino. 1978. *Historiadores e Críticos do Romantismo. 1. A Contribuição Européia: Crítica e História Literária*. São Paulo: EDUSP. CHARTIER, Roger. 1997. "Crítica textual e história cultural – o texto e a voz, séculos XVI-XVII." *Leitura: teoria & prática*, Campinas: ALB, dez., n. 30, 67-75.

CHIAPPINI, Ligia. 2000. "Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos." *Literatura e Sociedade*, FFLCH/USP, n. 5, 18-28.

COMPAGNON, Antoine. 2003. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

CORRÊA, Almir Aquino. 1995. "Historiografia, cânone e autoridade." *Anais do VIII Seminário do CELLIP*. Umuarama, 323-328.

\_\_\_\_\_. 1998. "Para uma história do conceito de literatura nacional." *Anais do V Congresso Internacional da ABRALIC*, 3 vols. Florianópolis: UFSC, 2, 45-56.

\_\_\_\_\_. 1995. "Política e literatura nacional." *Anais do VIII Seminário do CELLIP*, Umuarama, 329-333.

\_\_\_\_\_. 1996. "O Romantismo e a nacionalidade da Literatura Brasileira." *Remate de Males*, Campinas, 16, 43-51.

CORTELLA, Mário Sérgio. 1998. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez.  
234

COSSON, Rildo. 2004. "Entre o cânone e o mercado: a indicação de textos na escola." Graça Paulino e Rildo Cosson, orgs. *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 93-98.

COSTA, Marisa Vorraber, Rosa Hessel Silveira, e Luis Henrique Sommer. 2003. "Estudos culturais, educação e pedagogia." *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED, n. 23, maio-ago, 35-61.

COUTINHO, Afrânio, dir. 1997. *A Literatura no Brasil*. 4ª ed. 6 v. São Paulo: Global Editora.

\_\_\_\_\_. 1968. *A tradição afortunada: O espírito de Nacionalismo na Crítica Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio.

COUTINHO, Eduardo. 1996. "Literatura Comparada, Literaturas Nacionais e Questionamento do Cânone." *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 3, 67-73.

CULLER, J. 1999. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca. EAGLETON, Terry. 1997. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução Waltencir Dutra. São Paulo: Martins Fontes.

ECO, Umberto. 1979. *Leitura do texto literário*. Lisboa: Presença.

\_\_\_\_\_. s/d. "Retórica e Ideologia em Os Mistérios de Paris de Eugène Sue." *Apocalípticos e integrados*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva. 181-206.

\_\_\_\_\_. 2003. *Sobre a literatura*. São Paulo: Record.

FERNANDES, Alessandra Navarro. 2005. O tema da morte na poesia romântica brasileira. Diss. Universidade Estadual de Londrina.

FRANCHETTI, Paulo. 2002. "História literária: um gênero em crise." *Semear – revista da cátedra Padre Antonio Vieira de estudos portugueses*, Rio de Janeiro, n. 7. Disponível em: <[www.lettras.puc-rio-br/Catedra/revista/7Sem-18.html](http://www.lettras.puc-rio-br/Catedra/revista/7Sem-18.html)> Acesso em: 20/10/2005.

GENS, Armando F. 2002. "O ensino de Literatura Brasileira nas faculdades de Formação de professores: propostas metodológicas." *Anais do 13º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. 2006. "O ensino de Literatura Brasileira e a formação do professor: uma questão epistemológica." *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIC*. Rio de Janeiro: ABRALIC. CD-ROM.

GINSBURG, Jaime. 1998. "As mudanças na historiografia literária e a formação de professores de literatura brasileira." *Expressão*, UFSM, v. 2, n. 2, 79-82.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. 1996. "História da literatura: fragmento de uma totalidade desaparecida?" Heidrun Krieger Olinto. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática. 223-239

HUTCHEON, Linda. 1991. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago.

ISER, Wolfgang. 1996. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34.

\_\_\_\_\_. 1979. "A interação do texto com o leitor." Luiz Costa Lima, org. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 83-132.

JAUSS, Hans Robert. 1979. "A Estética da Recepção: colocações gerais." Luiz Costa Lima, org. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 43-61.

JOBIM, José Luís. 2000. "A formação profissional em letras: do currículo à avaliação." *Acta Scientiarum*, v. 22, n. 1, 127-33.

\_\_\_\_\_. 2004. "A história da literatura como questão no Brasil." *Anais do IX Congresso Internacional ABRALIC – Travessias*, Sessão Semi-plenária, 18 a 21/07/2004. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. 1999. "O cânon literário e a avaliação dos cursos de Letras." *Matraga*, n.11, 1º semestre.

KOMOSINSKI, Lionira Maria Giacomuzzi. 1992. *Literatura nos cursos de Letras: um ensino centrado no leitor*. Porto Alegre. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul.

KOTHE, Flávio. 1997. *O cânone colonial: ensaios*. Brasília: UNB.

\_\_\_\_\_. 1987. *O herói*. 2.ed. São Paulo: Ática.

LAJOLO, Marisa. 2000. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 5.ed. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. 1995. "O Cônego Fernandes Pinheiro, sobrinho do Visconde, vai à escola." *Anais do IX Encontro Nacional da Anpoll* (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). João Pessoa, 1. v., 252-3.

\_\_\_\_\_. 1982. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na república velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LEAHY-DIOS, Cyana. 2004. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. São Paulo: Marins Fontes.

\_\_\_\_\_. 2001a. *Língua e Literatura: uma questão de educação?* Campinas: Papyrus.

\_\_\_\_\_. 2001b. “Reverendo os limites e possibilidades do modelo brasileiro de educação literária”. *Revista Literatura e cultura*, v.1, n.1. Disponível em: <[http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista\\_litcult/volume1/ler.php?id=5](http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_litcult/volume1/ler.php?id=5)> Acesso em 29 ago. 2005.

LEITE, L. C. M. 1983. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

LIMA, Luiz Costa. 1996. “Literatura e nação: esboço de uma releitura.” *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 3, 33-9.  
237

LINS, Osman. 1977. *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus Editorial.

MALARD, Letícia. 1985. *Ensino de literatura no 2º grau: problemas e perspectivas*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

\_\_\_\_\_. 1995. “Nelson Werneck Sodré: a ruptura e o reflexo.” Letícia Malard, org. *História da Literatura: ensaios*. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 55-74.

MANCELOS, João de. 2004. “Hey, Hey, Ho, Ho, Western Culture’s Got To Go”: Desafios ao Cânone Literário Norte-Americano.” *Máthesis*, 13, 159-176. Disponível em: <[www4.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat13/Mathesis13\\_159.pdf](http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat13/Mathesis13_159.pdf)>. Acesso em 22/11/05.

MARINHO, Marildes, e Ceris Salete Ribas da Silva, orgs. 1998. *Leituras do professor*. Campinas: Mercado de Letras/ALB.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. 1998. *Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento*. Campinas: Mercado de Letras.

MELO, Tarso de. 2004. “Resenha.” *Tempo e memória*, v .2, n. 2, 227-230, jan.-jul. Disponível em: <[www.smarcos.br/tempoemememoria/imgs/n1\\_resenha.pdf](http://www.smarcos.br/tempoememoria/imgs/n1_resenha.pdf)> Acesso em: 25 de agosto de 2006.

MELO NETO, João Cabral de. 1989. *Antologia Poética*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

MIGNOLO, Walter. 1993. "Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e viceversa." Lígia Chiappini e, Flávio Wolf de Aguiar, orgs. *Literatura e história na América latina*. São Paulo: EDUSP. 115-161.

MIRANDA, Wander Melo. 1995. "Nações Literárias." *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 2, 31-8.

MOACYR, Primitivo. 1936. *A instrução e o império*. São Paulo: Editora Nacional. 3v.

\_\_\_\_\_. 1941. *A instrução e a República*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 8v.

MOREIRA, Maria Eunice. 2002. "História da literatura: algumas considerações teóricas." *Vidya*, Santa Maria, v. 21, n. 37, jan./jun., 121-9.

\_\_\_\_\_. 1995. "Regionalismo literário rio-grandense: invenção da historiografia literária." Letícia Malard, org. *História da Literatura: ensaios*. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 75-100.

MORICONI, Ítalo. 2002. "A literatura ainda vale? (Literatura e prosa ficcional brasileira: estados da arte – notas de trabalho)." *Anais do VIII Congresso Internacional Abralic - Mediações*. Belo Horizonte: UFMG. CD ROM.

MOTTA, Arthur. 1930. *História da literatura brasileira: época de formação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

NAKASATO, Oscar Fussato. 2000. "A periodização na história da literatura brasileira." *Revista de Letras*, CEFET-PR, n.3. Disponível em: <[www.cefetpr.br/deptos/dacex/oscar3.htm](http://www.cefetpr.br/deptos/dacex/oscar3.htm)> Acesso em: 13 de junho de 2004.

NUNES, Benedito. 1998. *Crivo de papel*. 2.ed. São Paulo: Ática.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. 1999. A historiografia brasileira da Literatura Inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951). Campinas. Diss. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/teses/tese19.doc>> Acesso em: 15 jan. 2006.

OLIVEIRA, Marly Amarilha de. 1982. O ensino de Literatura brasileira na universidade: subsídios para uma abordagem crítica. Florianópolis. Diss. Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. 2002. O romance-folhetim no Brasil: uma leitura de *O Filho do Pescador*. Assis. Diss. Universidade Estadual Paulista.

ORT, Claus-Michael. 1996. "História literária "empírica": comentários teóricos sobre o conceito de mudança histórica na ciência da literatura." Heidrun Krieger Olinto. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática. 193-209.

PEIXOTO, Afrânio. 1931. *Noções de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

PELOSO, Silviano. 1996. "Identidade nacional e sociedade multicultural." *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 3, 165-9.

PERRENOUD, P. 2002. *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. 2002. "A literatura como mediação." *Anais do VIII Congresso Internacional Abralic - Mediações*. Belo Horizonte: UFMG. CD ROM.

\_\_\_\_\_. 2000. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Cia das Letras.

PICCHIO, Luciana Stegagno. 1997. *História da literatura brasileira*. Tradução por Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. Rio de Janeiro: Nova Aguillar.

PORTELLA, Eduardo. 1997. "Como se fosse um diário: anotações sobre o cânone." *Revista Tempo Brasileiro*, nº. 129: Aporias do cânone, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, abril-junho, 5-7.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. 2000. O espelho da nação: a antologia nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971). Tese. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

REIS, Roberto. 1992. "Cânon." José Luís Jobim, org. *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago. 65-92.

\_\_\_\_\_. 1991. "Prefácio: As Idades do Texto." Roberto Reis, ed. *Toward Socio-Criticism: selected proceedings of the Conference "Luso-Brazilian Literatures, A Social-Critical Approach"*. Tempe, AZ: Center of Latin American Studies, Arizona State University. 1-10.

\_\_\_\_\_. 1994. "Preguiça pastosa – repensando o cânon literário brasileiro." *Santa Barbara Portuguese Studies*. Santa Barbara, CA: Center for Portuguese Studies/University of California, v. I. 122-139.

RIBEIRO, Darcy. 1986. *Sobre o óbvio: ensaios insólitos*. Rio de Janeiro: Guanabara.

RIBEIRO, Santiago Nunes. 1972. "Da nacionalidade da literatura brasileira." Afrânio Coutinho, org. *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas/INL-MEC, v. 1. 42-72.

ROCCO, Maria T. F. 1981. *Literatura/ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática.

ROCHA, João Cezar de Castro, e Valdeci Lopes de Araújo, orgs. 2003. *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UERJ.

ROMERO, Sílvio. 1943. *História da literatura brasileira*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

RÖSING, Tânia M. K. 1988. *Ler na escola: para ensinar literatura no 1º, 2º e 3º graus*. Porto Alegre: mercado Aberto.

SANTIAGO, Silviano. 2002. *Nas malhas da letra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco.

SCHMIDT, Rita Terezinha. 1996. "Cânone/contra-cânone: nem aquele que é o mesmo nem este que é o outro." Colóquio Internacional (1: 1995: Porto Alegre). *O Discurso Crítico na América Latina*. Porto Alegre: Iel. 315-321.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. 1997. *Bosquejo da história da poesia brasileira*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.

SODRÉ, Muniz. 1978. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

SODRÉ, Nelson Werneck. 1969. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SOUZA, Marcelo Paiva de. 2005-6. "A centopéia, o ranheta e outros bichos: sobre historiografia literária hoje." *Especulo - Revista de estudos literários*. Faculdade de Ciências de La información, Universidad Complutense de Madrid, n.31, ano X, nov.2005-feb.2006. Disponível em: <[www.ucm.es/info/especulo/numero31/centope.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/centope.html)> Acesso em: 5/6/2006.

SOUZA, Roberto Acízelo de. 1999. *O Império da Eloquência, Retórica e Poética no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF.

VENTURA, Roberto. 1995. "História e crítica em Silvio Romero." Letícia Mallard, org. *História da Literatura: ensaios*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 37-54.

VERÍSSIMO, José. 1998. *História da literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Record.

WEBER, João Ernesto. 1996. "Historiografia literária e literatura nacional." Antonio Sanseverino, Cátia Simon e Homero José Vizeu Araújo, orgs. *Prestando contas: pesquisa e interlocução em literatura brasileira*. Porto Alegre: Sagra-D.C. Luzzatto. 13-26.

WELLEK, René, e Austin Warren. 2003. *Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes.

WOLF, Ferdinand. 1955. *O Brasil literário - história da literatura brasileira..* São Paulo: Companhia Editora Nacional.

ZILBERMAN, Regina. 1989. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. 1995. "A fundação da literatura brasileira." *Cadernos do Centro de Pesquisas literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v. 1, n. 2, jun., 7-13.

\_\_\_\_\_. 1991. *A leitura e o ensino da literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto.

\_\_\_\_\_. 1984. "A Literatura e o apelo das massas." Ligia Averbuck, org. *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel. 9-31.

ZILBERMAN, Regina e Ezequiel Teodoro da Silva. 1990. *Literatura e Pedagogia*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A**  
**FORMULÁRIO DOCENTE: MODELO**

**APÊNDICE A – FORMULÁRIO DOCENTE: MODELO****UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – DOUTORADO EM LETRAS – ÁREA DE ESTUDOS LITERÁRIOS

DOUTORANDA: VANDERLÉIA DA SILVA OLIVEIRA  
ORIENTADOR: Prof. Dr. ALAMIR AQUINO CORREA

---

O CÂNONE LITERÁRIO E OS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LETRAS DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS PARANAENSES: PERSPECTIVAS PARA UMA ABORDAGEM SINCRÔNICA NO ESTUDO DA LITERATURA BRASILEIRA  
(PESQUISA)

---

S1 - Prezado(a) Colega

Esta pesquisa tem como objetivo levantar alguns dados sobre o conceito de cânone e as abordagens da Literatura Brasileira nos cursos de graduação em Letras do Estado do Paraná, tema da minha tese de doutorado.

Para obtê-los, apresento um questionário descritivo e quatro perguntas bastante gerais, objetivando com elas respostas do mesmo âmbito. Ao respondê-las, procure expressar seu pensamento abrangendo todos os aspectos pertinentes a cada uma das perguntas.

Procure, ainda, redigir suas respostas num espaço aproximado de 20 a 25 linhas.

Garanto que as informações serão tratadas com ética, sendo mantido o anonimato de cada participante. As questões serão tabuladas de acordo com a identificação numérica de cada formulário.

Pela sua valiosa e indispensável colaboração, meus sinceros agradecimentos.

VANDERLÉIA DA SILVA OLIVEIRA

Ciente: Prof. Dr. ALAMIR AQUINO CORREA

## FORMULÁRIO S1 - Questionário para professores de Literatura Brasileira

## IDENTIFICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
 ESTUDOS LITERÁRIOS - PESQUISA EM NÍVEL DE DOUTORADO  
 PÓS-GRADUANDA: VANDERLÉIA DA SILVA OLIVEIRA  
 ORIENTADOR: ALAMIR AQUINO CORREA

OBJETIVO DA PESQUISA: Coletar dados para apresentar um diagnóstico sobre a concepção de cânone e o ensino de Literatura Brasileira, expressos nos currículos e práticas de alguns cursos de Letras do PR.

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A)

1) Nome: \_\_\_\_\_

2) IES: \_\_\_\_\_

3) Formação superior:

\_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

Em realização:

\_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

4) Disciplina(s) em que atua:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## 2 – DADOS SOBRE LEITURAS INDICADAS AOS ALUNOS

## 2.1 Relação de obras indicadas em 2004 (bibliografia obrigatória - máximo de 5 livros)

Autor	Título	Editora	Data de publicação

## 2.2 Bibliografia complementar

Autor	Título	Editora	Data de publicação

## 2.3 Outros recursos utilizados

1.  pesquisa bibliográfica de autores;
2.  pesquisa do contexto histórico do período literário;
3.  levantamento da crítica em relação à obra estudada;
4.  outros. Citar: \_\_\_\_\_

## 2.4 Qual o critério utilizado para essa seleção?

1.  obra indicada no ENADE (antigo provão)
2.  obra relevante do período literário a ser estudado;
3.  obra clássica, pertencente ao cânone literário;
4.  obra que possibilite revisão crítica na história da literatura
5.  obra que compõe certo eixo temático da literatura brasileira;
6.  outros. Citar: \_\_\_\_\_

## 3 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 3.1 Conceitue literatura.

1 \_\_\_\_\_

2 \_\_\_\_\_

3 \_\_\_\_\_

4 \_\_\_\_\_

5 \_\_\_\_\_

6 \_\_\_\_\_

7 \_\_\_\_\_

8 \_\_\_\_\_

9 \_\_\_\_\_

10 \_\_\_\_\_

12 \_\_\_\_\_

13 \_\_\_\_\_

14 \_\_\_\_\_

15 \_\_\_\_\_

16 \_\_\_\_\_

17 \_\_\_\_\_

18 \_\_\_\_\_

19 \_\_\_\_\_

- 20 \_\_\_\_\_
- 21 \_\_\_\_\_
- 22 \_\_\_\_\_
- 23 \_\_\_\_\_
- 24 \_\_\_\_\_
- 25 \_\_\_\_\_

3.2 O que é cânone literário?

- 1 \_\_\_\_\_
- 2 \_\_\_\_\_
- 3 \_\_\_\_\_
- 4 \_\_\_\_\_
- 5 \_\_\_\_\_
- 6 \_\_\_\_\_
- 7 \_\_\_\_\_
- 8 \_\_\_\_\_
- 9 \_\_\_\_\_
- 10 \_\_\_\_\_
- 11 \_\_\_\_\_
- 12 \_\_\_\_\_
- 13 \_\_\_\_\_
- 14 \_\_\_\_\_
- 15 \_\_\_\_\_
- 16 \_\_\_\_\_
- 17 \_\_\_\_\_
- 18 \_\_\_\_\_
- 19 \_\_\_\_\_
- 20 \_\_\_\_\_
- 21 \_\_\_\_\_
- 22 \_\_\_\_\_
- 23 \_\_\_\_\_
- 24 \_\_\_\_\_
- 25 \_\_\_\_\_

3.3 Por que ensinar literatura no curso de Letras?

- 1 \_\_\_\_\_
- 2 \_\_\_\_\_
- 3 \_\_\_\_\_
- 4 \_\_\_\_\_
- 5 \_\_\_\_\_
- 6 \_\_\_\_\_
- 7 \_\_\_\_\_
- 8 \_\_\_\_\_
- 9 \_\_\_\_\_
- 10 \_\_\_\_\_
- 11 \_\_\_\_\_
- 12 \_\_\_\_\_
- 13 \_\_\_\_\_
- 14 \_\_\_\_\_
- 15 \_\_\_\_\_
- 16 \_\_\_\_\_
- 17 \_\_\_\_\_
- 18 \_\_\_\_\_
- 19 \_\_\_\_\_
- 20 \_\_\_\_\_
- 21 \_\_\_\_\_
- 22 \_\_\_\_\_
- 23 \_\_\_\_\_
- 24 \_\_\_\_\_
- 25 \_\_\_\_\_

### 3.4 O que é um texto literário de qualidade?

- 1 \_\_\_\_\_
- 2 \_\_\_\_\_
- 3 \_\_\_\_\_
- 4 \_\_\_\_\_
- 5 \_\_\_\_\_
- 6 \_\_\_\_\_
- 7 \_\_\_\_\_
- 8 \_\_\_\_\_
- 9 \_\_\_\_\_
- 10 \_\_\_\_\_
- 11 \_\_\_\_\_
- 12 \_\_\_\_\_
- 13 \_\_\_\_\_
- 14 \_\_\_\_\_
- 15 \_\_\_\_\_
- 16 \_\_\_\_\_
- 17 \_\_\_\_\_
- 18 \_\_\_\_\_
- 19 \_\_\_\_\_
- 20 \_\_\_\_\_
- 21 \_\_\_\_\_
- 22 \_\_\_\_\_
- 23 \_\_\_\_\_
- 24 \_\_\_\_\_
- 25 \_\_\_\_\_

### 3.5 Qual é seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da Literatura Brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

- 1 \_\_\_\_\_
- 2 \_\_\_\_\_
- 3 \_\_\_\_\_
- 4 \_\_\_\_\_
- 5 \_\_\_\_\_
- 6 \_\_\_\_\_
- 7 \_\_\_\_\_
- 8 \_\_\_\_\_
- 9 \_\_\_\_\_
- 10 \_\_\_\_\_
- 11 \_\_\_\_\_
- 12 \_\_\_\_\_
- 13 \_\_\_\_\_
- 14 \_\_\_\_\_
- 15 \_\_\_\_\_
- 16 \_\_\_\_\_
- 17 \_\_\_\_\_
- 18 \_\_\_\_\_
- 19 \_\_\_\_\_
- 20 \_\_\_\_\_
- 21 \_\_\_\_\_
- 22 \_\_\_\_\_
- 23 \_\_\_\_\_
- 24 \_\_\_\_\_
- 25 \_\_\_\_\_

## 4 – DADOS COMPLEMENTARES

**Número de semestres da disciplina de Literatura Brasileira carga horária**

1ª série

<b>Número de semestres da disciplina de Literatura Brasileira</b>	<b>carga horária</b>
1ª série	
2º série	
3º série	
4ª série	

Se a resposta for sim, identificar:

1. ( ) Por meio do desenvolvimento de conteúdos de literatura infanto juvenil brasileira?
2. ( ) Por meio do desenvolvimento do conteúdo de literatura paranaense?
3. ( ) Por meio de conteúdos “clássicos” de literatura brasileira?
4. ( ) Outros. Citar: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B**  
**FORMULÁRIO DISCENTE: MODELO**

## APÊNDICE B – FORMULÁRIO DISCENTE: MODELO



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – DOUTORADO EM LETRAS – ÁREA DE ESTUDOS LITERÁRIOS

DOUTORANDA: VANDERLÉIA DA SILVA OLIVEIRA  
ORIENTADOR: Prof. Dr. ALAMIR AQUINO CORREA

---

O CÂNONE LITERÁRIO E OS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LETRAS DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS PARANAENSES: PERSPECTIVAS PARA UMA ABORDAGEM SINCRÔNICA NO ESTUDO DA LITERATURA BRASILEIRA  
(PESQUISA)

---

Prezado(a) Aluno(a)

Esta pesquisa tem como objetivo levantar alguns dados sobre o conceito de cânone e as abordagens da Literatura Brasileira nos cursos de graduação em Letras do Estado do Paraná, tema da minha tese de doutorado.

Apresentamos a você cinco perguntas bastante gerais, objetivando respostas do mesmo âmbito.

Ao respondê-las, procure expressar seu pensamento abrangendo todos os aspectos pertinentes a cada uma das perguntas.

Procure, ainda, redigir suas respostas num espaço aproximado de 15 a 20 linhas.

Pela sua valiosa e indispensável colaboração, meus sinceros agradecimentos.

VANDERLÉIA DA SILVA OLIVEIRA

Ciente: Prof. Dr. ALAMIR AQUINO CORREA

## FORMULÁRIO 2 – Questionário para graduandos em Letras (SA Nº\_\_\_)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - ESTUDOS LITERÁRIOS

PÓS-GRADUANDA: VANDERLÉIA DA SILVA OLIVEIRA

ORIENTADOR: ALAMIR AQUINO CORREA

OBJETIVO DA PESQUISA: Coletar dados para apresentar um diagnóstico sobre a concepção de cânone e o ensino de Literatura Brasileira, expressos nos currículos e práticas de alguns cursos de Letras do PR.

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

Instituição de ensino em que você estuda:

\_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue literatura.

1 \_\_\_\_\_  
 2 \_\_\_\_\_  
 3 \_\_\_\_\_  
 4 \_\_\_\_\_  
 5 \_\_\_\_\_  
 6 \_\_\_\_\_  
 7 \_\_\_\_\_  
 8 \_\_\_\_\_  
 9 \_\_\_\_\_  
 10 \_\_\_\_\_  
 12 \_\_\_\_\_  
 13 \_\_\_\_\_  
 14 \_\_\_\_\_  
 15 \_\_\_\_\_  
 16 \_\_\_\_\_  
 17 \_\_\_\_\_  
 18 \_\_\_\_\_  
 19 \_\_\_\_\_  
 20 \_\_\_\_\_  
 21 \_\_\_\_\_  
 22 \_\_\_\_\_  
 23 \_\_\_\_\_  
 24 \_\_\_\_\_  
 25 \_\_\_\_\_

#### 2.2 O que é cânone literário?

1 \_\_\_\_\_  
 2 \_\_\_\_\_  
 3 \_\_\_\_\_  
 4 \_\_\_\_\_  
 5 \_\_\_\_\_

6 \_\_\_\_\_  
7 \_\_\_\_\_  
8 \_\_\_\_\_  
9 \_\_\_\_\_  
10 \_\_\_\_\_  
11 \_\_\_\_\_  
12 \_\_\_\_\_  
13 \_\_\_\_\_  
14 \_\_\_\_\_  
15 \_\_\_\_\_  
16 \_\_\_\_\_  
17 \_\_\_\_\_  
18 \_\_\_\_\_  
19 \_\_\_\_\_  
20 \_\_\_\_\_  
21 \_\_\_\_\_  
22 \_\_\_\_\_  
23 \_\_\_\_\_  
24 \_\_\_\_\_  
25 \_\_\_\_\_

### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

1 \_\_\_\_\_  
2 \_\_\_\_\_  
3 \_\_\_\_\_  
4 \_\_\_\_\_  
5 \_\_\_\_\_  
6 \_\_\_\_\_  
7 \_\_\_\_\_  
8 \_\_\_\_\_  
9 \_\_\_\_\_  
10 \_\_\_\_\_  
11 \_\_\_\_\_  
12 \_\_\_\_\_  
13 \_\_\_\_\_  
14 \_\_\_\_\_  
15 \_\_\_\_\_  
16 \_\_\_\_\_  
17 \_\_\_\_\_  
18 \_\_\_\_\_  
19 \_\_\_\_\_  
20 \_\_\_\_\_  
21 \_\_\_\_\_  
22 \_\_\_\_\_  
23 \_\_\_\_\_  
24 \_\_\_\_\_  
25 \_\_\_\_\_

### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

1 \_\_\_\_\_  
2 \_\_\_\_\_  
3 \_\_\_\_\_  
4 \_\_\_\_\_  
5 \_\_\_\_\_  
6 \_\_\_\_\_  
7 \_\_\_\_\_  
8 \_\_\_\_\_  
9 \_\_\_\_\_  
10 \_\_\_\_\_  
11 \_\_\_\_\_

12 \_\_\_\_\_  
13 \_\_\_\_\_  
14 \_\_\_\_\_  
15 \_\_\_\_\_  
16 \_\_\_\_\_  
17 \_\_\_\_\_  
18 \_\_\_\_\_  
19 \_\_\_\_\_  
20 \_\_\_\_\_  
21 \_\_\_\_\_  
22 \_\_\_\_\_  
23 \_\_\_\_\_  
24 \_\_\_\_\_  
25 \_\_\_\_\_

2.5 Qual é seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da Literatura Brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

1 \_\_\_\_\_  
2 \_\_\_\_\_  
3 \_\_\_\_\_  
4 \_\_\_\_\_  
5 \_\_\_\_\_  
6 \_\_\_\_\_  
7 \_\_\_\_\_  
8 \_\_\_\_\_  
9 \_\_\_\_\_  
10 \_\_\_\_\_  
11 \_\_\_\_\_  
12 \_\_\_\_\_  
13 \_\_\_\_\_  
14 \_\_\_\_\_  
15 \_\_\_\_\_  
16 \_\_\_\_\_  
17 \_\_\_\_\_  
18 \_\_\_\_\_  
19 \_\_\_\_\_  
20 \_\_\_\_\_  
21 \_\_\_\_\_  
22 \_\_\_\_\_  
23 \_\_\_\_\_  
24 \_\_\_\_\_  
25 \_\_\_\_\_

**APÊNDICE C**  
**FORMULÁRIO DISCENTE: TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS**

## APÊNDICE C – FORMULÁRIO DISCENTE: TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS

### SUJEITO DISCENTE Nº 1

#### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

#### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

##### 2.1 Conceitue Literatura

R.: A literatura é o conjunto de todas as obras de todas as espécies de pensamento que mantêm registro por escrito. Assim, um livro, uma revista, um caderno de músicas se enquadram como obras literárias. Não importa se o livro é técnico ou se é de um poço; não importa se a revista é um mero gibi ou se é uma publicação semanal de atualidades, pois também faz parte do acervo literário de um povo. Se como diz o ditado “papel aceita tudo”, a literatura é formada por muita coisa ruim e muita coisa boa. Compete ao povo selecionar e consumir o que lhe apraz e isso é feito levando em conta seu grau cultural formal. Uma pessoa com pouca formação cultural formal quando lê, e se ler, lerá a parte nociva ou que não acrescenta quase nada à sua formação. Mas a boa literatura é a responsável pela formação elevada de parte da população.

##### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Por cânone literário entende-se aquelas obras mais comuns a que temos nos dedicado desde os primeiros anos do curso fundamental até a formação acadêmica ou de pós-graduação. São, por exemplo, as obras de Machado de Assis, de história e Geografia do Brasil e geral, o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, etc. Em resumo, são todas aquelas obras mais conhecidas de que todos os professores lançam mão para a formação geral dos discentes.

##### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar literatura no curso de letras tem um objetivo mais abrangente que estudar literatura em Portuguesa e Literatura em todos os seus aspectos a alunos do ensino fundamental, médio e superior, inclusive de Letras. Por isso o desenvolvimento do ensino de literatura no curso de Letras é tão intenso.

##### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto literário de qualidade geralmente é feito por quem tem formação acadêmica em Letras, ou se não a tem, que domine muito bem a Língua Portuguesa (no caso de literatura produzida nos países de língua portuguesa). Um texto literário de qualidade deve ser escrito por quem domine ou conheça profundamente a matéria sobre a qual vai escrever, seja qual for – um tratado de botânica, ou de matemática, ou de direito, por exemplo – mas deve também dominar muito bem a Língua Portuguesa em seu aspecto formal. Em suma, o autor da obra tem de dominar muito bem a matéria sobre que vai escrever, mas não basta isso se não escrever obedecendo as regras de Língua portuguesa formal; e também não basta dominar a ciência do bem escrever se não conhecer profundamente o assunto sobre o qual vai escrever.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Sobre este assunto não tenho opinião. Penso que como está sendo dada a matéria, está muito bem.

## SUJEITO DISCENTE Nº 2

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: O esforço para traçar um conceito exaustivo e preciso do que seria literatura tem sido cercado de muita controvérsia. Porém, para a formulação de um conceito de Literatura é necessário considerar os aspectos temporais e geográficos; ou seja, as manifestações literárias têm que ser atreladas aos aspectos históricos em que ocorreu, e os geográficos. A partir dessas considerações iniciais, nós poderíamos nos arrojar a dizer que a literatura é o resultado final da reconstituição, reformulação e imitação do mundo que certa o artista. As manifestações literárias podem ser verbais e não verbais de acordo com a perspectiva que o seu criador pretender.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: As manifestações artísticas são compostas por um grupo de obras que perpassam os vários momentos – desde seu início até sua época atual, de sua existência. A partir dessa consideração, podemos entender que a existência de parâmetros para determinar se uma obra é ou não literária, é essencialmente necessária. Dentro da nossa história literária brasileira, por exemplo, nós temos obras valorosas como: Uruguai, Senhora, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Grande sertão Veredas, O Auto da Compadecida, Iracema, Romanceiro da Inconfidência. Tais obras são inegavelmente reconhecidas como literárias porque atenderam a critérios delimitadores que ajudaram aos críticos literários concebê-las como valorosas.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: O estudo da literatura no curso de Letras deve ser considerado tão fundamental quanto assuntos gramaticais, lingüísticos e pedagógicos. A razão para essa afirmação é simples. O contato com as obras literárias, bem como com a sua teoria, é o modelo mais seguro para que o aluno entenda a sua língua (convencionada socialmente), a sua cultura (revelada historicamente), a sua identidade (construída cuidadosamente), e o seu nacionalismo. Sendo assim, a literatura constitui um elemento unificador entre as várias dimensões do saber, enquanto formação completa do indivíduo, e um rico recurso para a expansão e constatação da habilidade do ser humano para refletir e criar o seu mundo interior e exterior.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: As teorias que nos cercam e que tratam das qualificações de um texto literário são diversas e controversas também. Mas, em alguns pontos básicos nós temos encontrado uma certa sintonia. Então, para um texto ser literário é preciso conter alguns elementos intertextuais, como por exemplo: enredo, personagens, ação, temática, focalização, tempo, imagens, caráter verossímil, etc. Os elementos intratextuais também são essenciais para a caracterização do texto literário: intertextualidade, receptividade, aceitabilidade, etc. Com isso, um texto literário não precisa ser, necessariamente, escrito, ele também pode ser verbal.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Pessoalmente, não concordo com as metodologias que focalizam o ensino da literatura como manifestações isoladas, independentes e sem vínculos sociais, históricos e culturais. Quero dizer que, a abordagem metodológica mais eficaz é aquela que ocorre interdisciplinarmente, ou seja, é aquela entremeada com as artes e com as ciências.

## SUJEITO DISCENTE Nº 3

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: A literatura é um termo que abrange toda área erudita do nosso curso, literatura é um termo erudito provindo do latim. É através da literatura que conseguimos entender as grandes obras literárias, os períodos literários de nossa época. A literatura, em nossos dias pode ser visto como um eixo temático que serve de ligação entre os dias atuais e as outras épocas, se não fosse a literatura, através da teoria da literatura que conseguimos entender o que Aristóteles julgava como literatura, as grandes epopéias, as tragédias. Pois é através da literatura que conseguimos entender os períodos, as diferenças que constituem as obras. A literatura é um termo que usa da verossimilhança, ou seja relata os fatos que poderiam ter acontecidos.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: O cânone literário está ligado as obras que estudamos nas escolas, nas faculdades, são assim as obras e autores de grande importância, como Guimarães Rosas, Machado de Assis, Pe. Antonio Vieira, Cecília Meireles, autores que se destacaram e continuam sendo estudado até os dias atuais, são teses elaboradas, projetos, como o projeto da Professora Adelaide caramuru, sobre Guimarães rosa que mostra a grande importância desse autor.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar literatura no curso de Letras consiste no fato de ser uma disciplina que nos ensina muito, pois ela não só abrange as obras, os autores mas também o contexto histórico de cada época, a literatura nos informa muito pois é através do estudo dela que compreendemos porque determinado autor escreveu assim e não do outro, através disso entendemos porque Basílio da Gama escreveu Caramuru, mostrando que Pombal estava certo de expulsar os jesuítas, pois os jesuítas através da catequização estava destruindo toda essa cultura se perdendo a sua identidade. Por isso acredito que a literatura é extremamente importante no curso de letras, pois ela nos revela e ensina o valor que cada obra tem na formação da identidade da literatura brasileira.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: um texto literário de qualidade deve apresentar um enredo interessante, expressar uma boa idéia, e principalmente um tipo de reflexão. Uma literatura que considero de qualidade é duas obras uma de Cecília Meireles “Em o Romanceiro da Inconfidência” e a outra de Rachel de Queiroz em “O Quinze”. Ambas autoras nos revela e nos faz ao mesmo tempo refletir sobre os assuntos, a primeira nos retrata a inconfidência e a segunda obra nos relata a seca que aconteceu no Brasil, entendo que toda obra que relata assuntos de seu país se torna um texto literário de boa qualidade.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acredito que o caminho mais certo é abordar todos esses tipos metodológicos, pois não seria interessante estudar tudo isso separadamente, pois deve se estudar isso profundamente e não superficial, pois assim teríamos uma melhor formação em literatura, pois um período literário está ligado com os outros, e estudar essas metodologias separadas não ajudaria entendermos tais abordagens na literatura brasileira.

## SUJEITO DISCENTE Nº 4

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é uma arte, a arte de transmitir idéias e/ou pensamentos de uma maneira organizada. É um meio pelo qual um autor em um dado momento busca expressar sua idéia fazendo uso de uma história, de personagens, de metáforas, etc. Vale dizer que não é apenas o escrever organizado, pois se assim fosse, esta resposta se enquadraria na definição acima. Porém, a literatura tem uma finalidade mais específica e encorpa uma abrangência maior. Textos ou livros mal escritos ou menos importantes não deixam de ser literatura, apenas foram insuficientes ao papel que se proporam. Uma tarefa difícil conceituar Literatura, porém, quando este termo vem à nossa mente, pensamos na imortalidade das palavras e em sua importância histórica. A literatura não representa em si o pensamento do homem em uma dada sociedade, porém ajuda a construí-lo.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário é aquele conjunto de obras que adquiriram grande importância em um contexto nacional ou mundial. Como exemplo podemos citar “Os Lusíadas”, maior expressão renascentista literária. Entendo que podemos dizer também que aos autores mais famosos e mais conceituados se incluem também neste termo, isto é, quando falamos de cânone literário pensamos no que há de mais importante na literatura.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar literatura no curso de Letras consiste, entre várias coisas, em aprender o apreciar melhor esta arte. Consiste em tentar entender melhor o papel e o pensamento do homem em períodos históricos diferentes. Consiste em prazer, cultura, idéias pois a literatura faz bem à alma. Consiste em um dos ramos deste curso que ajudarão a me tornar um melhor profissional na área do ensino. Estudar literatura no curso de letras também não é, muitas vezes, uma tarefa fácil, mas um bom profissional não é construído apenas de facilidade. Existem coisas chatas e livros chatos, mas que também devem ser conhecidos.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: uma pergunta difícil, já que o conceito de qualidade pe muito individual, porém de uma maneira geral, devo dizer que temos um texto de qualidade ao passo que este texto possua uma qualidade na transmissão de suas idéias, ou na maneira em que este texto venha impactar ou proporcionar bons momentos ao seu leitor, mesmo que este texto não tenha idéias tão importantes porém é necessário uma interação entre autor leitor.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: na minha opinião a melhor abordagem seria a abordagem sincrônica já que teríamos dentro disso os momentos históricos, as correntes filosóficas, os diferentes tipos de gêneros e a maneira/motivo como estes foram construídos. Minha opinião corrobora com a maneira a qual vindo sendo realizada e se há um melhor método eu não sei, mas deve ser discutido, já que é uma questão importante.

## SUJEITO DISCENTE Nº 5

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Para Aristóteles a poesia conceitua todos os tipos de manifestações literárias, ex: verso, lírica, música e a própria literatura. Porém, nos dias atuais, a literatura mudou de conceito, sendo este o conceito dado por Aristóteles de uma maneira inversa, o que antes para Aristóteles é poesia hoje para os literários é literatura.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Compreende-se por cânone literário o conjunto de “obras-primas” de toda a literatura, ex: “Os Luzíadas”, “Dom Casmurro”, “Passeio ao Farol”, “Grande Sertão Veredas”, “Os sertões” enfim, pode-se considerar como parte fundamental para uma obra pertencer ao cânone literário a sua representação na sociedade e com isso a sua universalidade, ou seja, uma obra como “Odisséia” mesmo tendo sido escrita na antiguidade clássica possui leitores e marcas significantes na atualidade, ou seja, é um “cânone literário”.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em nos proporcionar uma visão histórica do mundo, aprendermos diversas culturas e como essas eram representadas por diversos povos em diferentes épocas. Ajuda-nos a interpretar, criar e principalmente sermos cidadãos críticos.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que põe em questão os anseios, as dores, “os monstros” da humanidade, possuindo caráter, crítica, sendo universal. O texto literário por trabalhar com a verossimilhança e não a verdade possibilita-nos a usar de metáforas ex.: “A metamorfose” – mesmo tendo um personagem inseto o autor utiliza do “Realismo fantástico” para colocar em palta os acontecimentos da época: ascensão da burguesia, prenunciando com a 1ª guerra mundial, enfim, nós leitores nos identificamos com tais obras. Antonio Candido diz que ao entrarmos em contato com verdadeiras obras literárias, faz com que entremos em choque pois é a visão do diferente, do outro que estaremos analisando e com isso aprendendo a ser verdadeiros críticos.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: É necessário que haja diferentes abordagens no curso de letras devido ao fato que precisarmos ter um estudo sincrônico, superficial, do que acontecia e termos noções de gêneros, tempo, narrador, enfim... Para depois de ter passado essa etapa podermos nos aprofundar no diacrônico, no estudo geral, haja visto que uma escola literária não muda de uma hora para outra, é um processo, uma transformação envolvendo o momento político-social de uma época. Por isso, não há como estudar de uma maneira fatiada, dispersa, separada, pois, devemos ter a visão do todo literário.

## SUJEITO DISCENTE Nº 6

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: A Literatura são textos escritos e até mesmo orais que são usados para divulgar acontecimentos, pensamentos, isso tudo pode vir acrescentado de muito sentimento. A reorganização do mundo também é feita através da arte, se não podemos captar o mundo em sua totalidade, usaremos um fragmento desse mundo, mas é necessário que haja a essência. Percebemos que a literatura trabalha mais com a verossimilhança, pois fica mais fácil analisar poucos fatos, representa, assim, as coisas como elas deveriam ser e não como realmente são, tornando a compreensão maior. Podemos dizer que a literatura é uma arte de grande expressão, devido a sua enorme abrangência.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: O cânone literário pe um conjunto de obras que se destacaram na literatura, obras que marcam períodos e tornam seus autores conhecidos por todo mundo. O cânone literário é capaz de repassar conhecimentos, transmitir idéias e até mesmo fatos históricos e culturais. Através dele surgem novos escritores que se apaixonam pela literatura e seus diferentes estilos. Podemos dizer que ele é uma espécie de modelo para as novas obras, pois em grande parte das vezes um autor retoma outro e uma obra se parece com outra, então poderíamos falar que o cânone literário contribui para a preservação de grandes obras e grandes escritores.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: O estudo da literatura no curso de letras nos prepara com mais qualidade, pois dentro da literatura podemos estudar gramática, lingüística, música e outras coisas mais. A literatura é muito abrangente, ela é capaz de ampliar nossos pensamentos e nossos conhecimentos. Através dela conhecemos pessoas, fatos e muitas lições de vida que encaixamos no nosso cotidiano. Estudar a literatura facilita a compreensão da mesma, nesse estudo podemos fazer uma interpretação mais interessante, analisando o contexto que foi escrito e a repercussão que existe nos dias atuais.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: A definição da qualidade de um texto literário é muito complexa, percebemos isso quando obras que hoje são sucesso no mundo todo, foram criticadas e definidas como obras não-literárias. Entretanto poderíamos dizer que textos literários de qualidade são aqueles que levam o leitor a refletir sobre o que lê e tirar algum proveito da situação. A definição de qualidade depende da época e do contexto em que a obra está representando.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: O melhor caminho seria abordarmos de várias maneiras possíveis, mas como não dispomos de muito tempo, costuma-se abordar os gêneros da literatura brasileira e realmente essa é a melhor

escolha. Através do estudo dos gêneros literários conhecemos os diferentes tipos de textos literários, além de conhecer os autores e a qual época pertenceram. Digamos que no curso de letras fazemos uma abordagem fragmentada da literatura brasileira, pois analisamos somente as obras famosas e muitos autores e obras brasileiras continuam desconhecidas apesar da excelente qualidade.

## SUJEITO DISCENTE Nº 7

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: A literatura sempre esteve presente na vida do ser humano, desde a antiguidade clássica até os dias de hoje. Ela pode ser classificada como um conjunto de obras destinada a leitores diversos, porém a literatura vai muito mais além. E através da literatura que o autor tem a possibilidade de conduzir as mentes humanas ou, em outras palavras, o leitor passa a ter uma visão sobre o que o autor pensa.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário seriam as obras clássicas da literatura. São as obras que são consideradas universais. Nós temos por exemplo Os Lusíadas, de Camões, A Divina Comédia de Dante, Germinal de Zola, Memórias Póstumas de Machado de Assis, O nome da Rosa, de Umberto Eco e muitos outros. Essas obras são consideradas universais porque tanto aqui, no Brasil, como na Europa ou em qualquer outro lugar elas possuem um valor muito significativo. Independente da data em que elas foram publicadas, elas serão sempre consideradas clássicos da literatura.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: A literatura é uma disciplina fundamental no curso de letras. Quem opta por fazer vernáculos no 2ª ano tem a disciplina Literatura Brasileira I, já quem faz alguma língua estrangeira não tem a possibilidade de fazer essa matéria. Acredito que isso seja uma grande falta, pois no 3º ano, nos que fazemos vernáculos iremos dar continuidade na matéria com essa grande bagagem. Com essa matéria nós conseguimos, de uma forma ou de outra, compreender o mundo em que vivemos.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto literário de qualidade é aquele que faz com que o leitor se identifique com ele, que tenha prazer em ler a obra. É claro que algumas questões tem muita relevância em relação a um texto literário. A palavra texto significa entrelaçar, amarrar, e é isso que um texto literário deve ter, uma união de idéias que sejam coerentes, bem elaboradas, de uma maneira que o leitor se identifique com ele.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: No meu curso eu não sei qual o método que a professora utiliza, porém, admiro muito a maneira com a qual ela dá aula. Em suas aulas ela aborda não só temas que são referentes às obras, e sim seu contexto histórico e também fazendo comparações com obra de diferentes períodos com o mesmo tema.

## SUJEITO DISCENTE Nº 8

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é o nome dado ao conjunto de obras que têm características textuais formais e simbólicas utilizando a palavra como ferramenta. Essas obras são a representação social, econômica, cultural de uma época ou um lugar específico. É uma reorganização do mundo, em termos de arte. A literatura pode ser de variados tipos, variados gêneros, de acordo com aspectos formais ou de conteúdo e época. Há literatura de informação voltada, como o próprio nome sugere, para a transmissão de conhecimentos ou informações; a literatura que abrange as poesias, obras líricas, dramáticas, narrativas... o que pode afirmar-se, de forma geral, é que a literatura tem contribuição fundamental à compreensão dos fatos do nosso país e do mundo como um todo, uma vez que nos leva à uma revisita, a cada vez que lemos uma obra, seja ela de qualquer gênero ou estilo, estamos olhando com outros olhos para um mesmo fato. Olhos mais atentos e sensíveis. A literatura é um elemento humanizador, conscientizador e extremamente importante à formação do ser humano, tanto cultural como pessoalmente.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É o acervo de obras que compõe o primeiro escalão de nossa literatura. Obras que não “caem de moda”, não perdem seu valor de acordo com o tempo ou novos estilos. Obras pedidas em vestibulares, em concursos, obras que estudamos no colegial, que analisamos em estudo mais aprofundado. Obras de referência de um período literário ou época cronológica, ou ainda que servem de referência para analisar determinadas obras ou temas diversos. Obras que utilizamos como exemplo em uma aula, que indicamos sua leitura como sendo importante para a interpretação e compreensão de um fato, uma época, um regime, estilo social, político, econômico, cultural; enfim, são obras de grandes literatos como Machado de Assis, Camões, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, entre outros grandes nomes da literatura nacional e mundial. Ainda o cânone compreende estudiosos e pesquisadores de renome como Antonio Candido, Alfredo Bosi, Mattoso Câmara, Marina Colassanti, escritores de obras às quais nos curvamos dentro do curso de Letras e exploramos ao máximo suas informações e colaborações a nosso conhecimento.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Conhecer e entender os períodos literários, com suas particularidades como época, contexto histórico e social, entender e aprender teorias acerca da literatura; aprender a analisar obras, ver e ouvir o que está nas entrelinhas, no não-dito. Aprender, com certeza, a gostar e respeitar o que antes parecia um bicho de sete cabeças durante o colegial; por exemplo uma obra de Machado de Assis ou Os Lusíadas de Camões. É desenvolver nossa sensibilidade, ampliar nossa visão, ou melhor, nossa percepção acerca do nosso meio ou do que está longe, pois a literatura nos aproxima do entendimento. Também é desenvolver nossa capacidade de criar literatura, de amá-la e divulgá-la. É aprender a conversar com o passado, ouvir melhor o que grandes mestres nasceram para nos dizer...

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto que apresenta coesão, conteúdo, um texto que traz em si uma boa linguagem, uma sábia forma de trabalhá-la, um tema agradável, sedutor, envolvente, engraçado, transparente ou nebuloso; um tema com o qual possamos aprender algo, ter uma mensagem inesquecível. Aliás, a maior prova de um bom texto literário é sua capacidade de permanecer maior tempo na memória de seu leitor; ele tem que ser “o texto”, dentro do que se propôs a tratar.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acho todos os aspectos importantes, mas acredito que as histórias das mentalidades está diretamente ligada à produção literária. Acredito ser de extrema importância se aliado à abordagem do tema e da forma, para com todos esses elementos traçar um perfil para a literatura de cada época.

## SUJEITO DISCENTE Nº 9

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: literatura abrange todos os tipos de obras que expressam a identidade cultural de seus respectivos povos. Ela é a arte de expressar sentimentos, idéias, fatos históricos através da escrita, a qual se torna imortal e acessível a todos. Seus temas são bastante variados, podendo retratar o amor, a vida simples do campo, as rotinas da cidade, enfim, cada leitor se identifica com seu gênero e passa a lê-los, conseguindo com isso um acervo cultural de grande importância.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone é o conjunto de obras consideradas clássicas que são exigidas suas leituras em escolas, faculdades, vestibulares, etc. É a iniciação à esse tipo de leitura, onde se começa a conhecer a vida de grandes autores com suas respectivas obras e a relacioná-las ao contexto histórico e com a atualidade.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Esse estudo é de extrema e fundamental importância para um curso de Letras. Tal disciplina desperta o interesse para o estudo histórico, como é o caso da Literatura Brasileira que traz consigo a identidade nacional de nosso país. Através dela podemos acompanhar todo o processo cultural que aqui se desenvolveu, dos fatos que influenciaram determinadas situações e ainda analisar a literatura atual, de seus novos autores, de suas novas maneiras de escrita, enfim, trata-se de um conjunto inteiramente interligado, onde passado se prende com o presente, direcionando-se para o futuro.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que expressa realmente o que o autor pretendia passar. É aquele texto que desperta algo diferente no leitor, que o leve a refletir e que o leve a prosseguir sua leitura em outras obras, cultivando seu prazer pela cultura e descobrindo com isso novos mundos, conquistando novos horizontes. Em outras palavras, é quando o leitor se sente realizado ao terminar sua leitura, e vê que foi gratificante o conteúdo expresso nas páginas do livro e se sente diferente com a leitura. Para cada pessoa a literatura agirá de formas diferentes, mas com um só objetivo: de fazer a pessoa ser transportada para dentro do livro e se desligar do mundo em que vive para que, por um instante, viva o que o autor lhe propõe.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Penso que a melhor maneira seria a abordagem por temática, onde se extrairia todo o conteúdo possível e só depois ser apresentado outro tema. Estudado todos eles, aí sim poderia interligá-los e mostrar a literatura no geral.

## SUJEITO DISCENTE Nº 10

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é o estudo de obras literárias, onde cada autor cria seu mundo da maneira que considere ideal para se viver, onde autores descrevem o meio onde vivem. Através da literatura podemos fazer viagens ao tempo, começando pelo barroco e indo até o modernismo, vemos várias maneiras de escritas.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário são as obras clássicas; aquelas que são muito estudadas e lembradas; aquelas que realmente definem a escola literária e suas características; aquelas que se tornaram famosas e fizeram de seus autores homens e mulheres famosos. Um exemplo disso é Marília de Dirceu, onde o autor abre espaço para contar sua própria história, falando de seu grande amor por Marília e dificuldades enfrentadas por eles. Ele dá ênfase também para a vida no campo, retratando bem as características do Arcadismo. Obras como essas são consideradas cânones literários, pois fizeram história.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar literatura no curso de letras consiste em primeiro lugar fazer conhecer os grandes obras literárias e também consistem em aprender a evolução da língua portuguesa, sendo que se analisarmos as obras do barroco e do modernismo, poderemos perceber claramente as diferenças que existe nas palavras e nos métodos de escrita, pois a cada dia a língua se renova e os autores criam características diferentes para seus textos. Por isso a literatura deve ser estudada no curso de letras, pois a leitura e análise e compreensão de textos é fundamental para formação de um professor de língua portuguesa.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto de qualidade consiste em respeitar as normas de escrita; é um texto que desperte o interesse de quem for ler, para que ele não desista de ler a obra na metade; consiste também em clareza para que o leitor não tenha dificuldade em entender; e finalmente, consiste em tratar de um bom tema que chegue ao máximo da vida real.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Para o estudo da literatura deve-se seguir por ordem começando do barroco e indo até a atualidade, dando bastante ênfase as obras, fazendo com que os alunos leiam mais, pois muitas faculdades não cobram isso do aluno, sendo assim ele se torna um aluno mal informado e sem condições de exercer a profissão de professor de literatura.

## SUJEITO DISCENTE Nº 11

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Entendo que literatura é toda obra escrita de qualidade que mantém-se viva e atua no tempo. Uma obra literária deve ser uma contribuição pela forma como trata o uso da linguagem e estilo que representa. O conteúdo da literatura ao perpetua-se adquire valor de conhecimento ao ser estudado e analisado no aprendizado do aluno de literatura. Como forma de conhecimento e sem dúvida em valioso objeto de erudição que serve para o profissional de letras bem como para todo ser que busca o refinamento do espírito pela arte. Literatura é sem dúvida um compêndio da história da humanidade na sua forma mais rica.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É todo o conjunto de obras literárias de todos os tempos que vão se subdividindo como se fosse capítulos e um gigantesco livro. Bem verdade que procuramos classificar como literatura textos e obras de qualidade que sobrevivem ao tempo, não faz parte desse “cânone” os artigos, as colunas e as notas de jornais que ao contrário da verdadeira literatura têm vida curtíssima. As verdadeiras obras literárias que formam o “cânone literário” são imortais, a exemplos delas temos os imortais da academia, que representam a imortalidade de suas obras.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consistem em literatura e estudo de forma ordenada e metodologia dos conceitos e das obras literárias, bem como uma ampla discussão para que haja melhor assimilação e compreensão do período ou da referida obra em questão. O curso de letras propicia ao aluno condições de formar uma visão geral e completa da literatura com clara compreensão para conceituá-la futuramente no ensino da mesma. O aluno de letras tem possibilidade e oportunidade de enriquecer seu conhecimento literário ampliando suas leituras da época e obra estudadas.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Reconhece-se um texto de qualidade pelo estilo de linguagem estilizado, pela capacidade de sobreviver ao tempo e pelo valor que tem em todas as épocas que seja lido. Em geral os textos literários utilizam a normal culta como padrão de narrativa, o que é positivo na transmissão do conhecimento da língua na sua forma pura e não na usual. Ainda as histórias narradas são compêndios de expressões e sentimentos existenciais que perpetuam-se de geração em geração afetando a humanidade.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acho que a metodologia de ensino da literatura brasileira aplicada hoje na universidade (ou pelos nesta universidade) atende a necessidade ou a evolução do conhecimento literário. A metodologia é boa e bem aplicada, propicia uma compreensão e visão que vai tecendo uma estrutura que permite prever uma visão do conjunto do que vem a ser literatura brasileira. Tanto a parte teórica como a tentativa de ler a obra possibilita ao aluno a construção da literatura num nível superior com abertura para o aprofundamento, a especialização.

## SUJEITO DISCENTE Nº 12

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é o estudo de obras através dos tempos. É a arte de jogar com as palavras. Na literatura conseguimos visualizar como cada autor no seu tempo consegue demonstrar sua sensibilidade de acordo com a sociedade de cada época. Literatura também é imitação, como podemos observar em Oswald de Andrade quando faz sua paródia “Pau Brasil” se referindo a Carta de Pero Vaz de Caminha, ele imita a idéia e usando-se do conceito de que um texto é criado porque influência de um texto já existente de Bahktin, ele faz e tece comentários sobre o 1º documento histórico do Brasil.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São obras clássicas como “Os Lusíadas” de Luiz de Camões, ou obras de Machado de Assis, José de Alencar, Basílio da Gama, Pe. Antônio Vieira. Obras que relatam muito além do que uma história ou crítica, mas através dela podemos fazer reflexões de como era a sociedade, o ponto de vista das camadas da sociedade, acontecimentos históricos entre outros.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Literatura é um dos pilares no estudo do curso. Nela interpretamos textos escritos há muito tempo. No nosso curso pode ser visto como marca em qualquer época, mostrando sentimentos do autor, visão crítica da sociedade. E inovações como podemos ver na Semana de arte moderna, realizada em uma época que a literatura era considerada por seus precursores, como, Mário de Andrade ou Oswald de Andrade, uma arte retrógrada que deveria ser mudada. Acredito que as idéias dessa época não foram ainda totalmente absorvidas, pois ainda temos autores que seguem a literatura “tradicional”.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Aquele em que você encontra elementos da criação do autor e suas características. Os cânones são textos literários de qualidade pois tem todos os itens que a literatura traz. Eu particularmente gosto muito do que se diz respeito a Semana de arte moderna, pra mim isso é um clássico. Mário de Andrade que é seu principal precursor, mostra em Macunaíma uma visão moderna da arte, que foge da estrutura tradicional, mas com sua escrita que abrange o índio, o negro, a sociedade moderna, a questão de aquisição de bens como o homem que rouba o muiraquitã ou Macunaíma, entre outros, tudo isso indo de forma cômica e ao mesmo tempo reflexiva perante valores da sociedade.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Na minha opinião a literatura brasileira deve ser um conjunto de todas as opções, mas a temática deve ser enfatizada seguida dos gêneros, pois são elas que nos dão uma visão maior de cada época, de cada autor, de cada estilo. Nas temáticas podemos discorrer sobre tudo o que o autor cria para escrever

sua obra. Como por exemplo: Basílio da Gama que fala dos Jesuítas e dos índios em seu livro “O Uruguai”. Nele vemos a visão e a tematicidade daquela época. Vemos a interferência dos jesuítas na cultura indígena, e este mesmo índio criando sua identidade nacional.

## SUJEITO DISCENTE Nº 13

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é a arte do Bem escrever, o conjunto de obras (textos) bem escrito. Literatura é a arte que o homem consegue expressar através de letras, assim como o pintor expressa através de seus desenhos seus sentimentos e sua subjetividade, podendo também retratar sua época e situação social. Tomando o exemplo do pintor que esmera seus desenhos de ornamentos e detalhes, o poeta (ou literato) esmera seus textos, tornando “Bem escrito” (ricos em detalhes e muito bem interligados em suas tramas). Parte da necessidade do homem em se tornar através de sua obra, sua história (sentimento) ou a história de sua sociedade imortal.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São obras imortalizadas. Que expressam seu modelo ou contexto de maneira, a condensar seu período histórico-social. Obras dotadas da arte do Bem escrever. Obras que expressam temas “Universais”. Obras que nos ajudam, através de seus relatos e passagens a compreender o passado.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Aprender as técnicas de criação literárias e sua evolução Socio-econômica Histórico. Identificar os textos e Autores, que foram consagrados por várias gerações e estão imortalizados. Interligar entre os diferentes pontos globais as características de construção do texto. Adquirir conhecimento o suficiente para que depois possamos transmiti-lo.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É aquele que consegue ser compreendido por todos (levando em considerações os classes). Pode ser aqueles também dotados de adornos estéticos: Metonímia, Hipérbole, etc e que contenha palavras tão complexa ao ponto de termos que olhar no dicionário para interpretá-la. Para mim um texto com qualidade é aquele que foi lido por gerações, e pela sua riqueza, chegou até a minha, farto dessa concepção pois um texto ruim não duraria muito tempo.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acho que no curso de letras, principalmente na área literária, falta-nos um pouco da prática, do sentir realmente a coisa como ela é. De brincarmos de sermos autor, ora de um ora de outro capítulo, ora do livro todo. Se estamos estudando os poemas camonianos, escreveríamos como tal, se as crônicas de Rubens Braga a mesma coisa. Agora quando as opções dadas acima, acho que quase todas elas ou não são ressaltadas em solo ou se são, de maneira enrustida em contexto histórico, vida e obra do autor, etc.

## SUJEITO DISCENTE Nº 14

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: De acordo com alguns autores, bem tradicionais como: Wellek, Waman, Moises, a literatura não pode ser definida e sim conceituada, e esse seria, a grosso modo, um conjunto de textos verbais, geralmente escrito ou ainda, uma definição muito mais equivocada, tudo o que esteja escrito em letra de forma. Isso ocorre em vários problemas, o que não é o intuito da pergunta. Acho que o conceito de literatura requer um grande aprofundamento, mas de um modo mais simplificado, se puder, literatura pode ser conceituada como texto que apresentem plurisignificação, trabalho com a língua portuguesa (subversão da norma culta, sintaxe, semântica) e ainda, obra extra lingüística, como o autor e público, ou seja a abrangência da obra, o que e como ela representa na vida dos leitores.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: O cânone literário seria uma espécie de “padrão” no qual as obras devem se encaixar. O cânone é extremamente preconceituoso, retrógrado e equivocado, pois eleger apenas obras que “agradam” as elites. Ele ainda divide a literatura, de forma contestável: literatura de massa, popular e consumo; é contestável pois as obras literárias tem um caráter de difícil definição pois muitas, como : Memórias de um Sargento de Milícias, são obras de transição, o que o tradicional cânone literário não admite. A definição de cânone é muito difícil, mas o que é muito claro é o preconceito que ele estabelece diante da produção artística.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Levando em consideração o conceito, ou a tentativa do que seja literatura, estudá-la no nosso curso de letras é fundamental porque ela tem como uma de suas características é a abertura na visão de mundo, do conceito do que nos cerca, e a abrangência dos temas, que compõe o cotidiano do ser humano, chegamos a conclusão que estudar literatura no curso de letras e não só nesse curso como em outros (ensino médio) é importante para um desenvolvimento intelectual pois literatura trabalha com um simulacro do cotidiano, com a alma, com os sonhos, isso é importante para o crescimento do ser humano.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: A questão não é o que é um texto literário de qualidade e sim o que é um texto de qualidade. Se esses textos comprimem todas as características estabelecidas por Bronckardt nas questões de gêneros do discurso e tipos de textos, serão textos de qualidade o que os literários compreem, além de apresentarem uma óptica do cotidiano, do fantástico enfim, do que está contido na pergunta 2.1.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: A abordagem tradicional, embora com algumas falhas, ainda mostra-se a melhor, ou a menos problemática. Se optamos por uma abordagem metodológica temática certamente deixamos de estudar obras importantes para a formação acadêmica. Essa abordagem compromete, de uma forma didática, a compreensão linear (o que hoje é utilizado), mas não das obras – se pensarmos em literatura comparada. Isso recai para os gêneros, histórias das mentalidades e outras, pois as divisões feitas são estritamente didáticas porque nenhuma “escola literária” ou “período literário” começa quando seu antecessor termina.

## SUJEITO DISCENTE Nº 15

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é a arte da escrita, porém não podemos delimitar esse conceito. Literatura é o conjunto de obras escritas de um país, de um povo, a partir do qual podemos compreender muitos dos homens retratados.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É o que os especialistas da área consideram como obras indispensáveis ao conhecimento dos cidadãos. O cânone seleciona aquilo que tem como obras-primas; livros dos quais ultrapassam o tempo e continuam tendo muita importância.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudamos desde a teoria literária ou seja, posicionamentos de críticos e especialistas a respeito de literatura. E, além disso, estudamos as escolas literárias e a partir delas aprendemos um pouco mais sobre as obras literárias.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Depende. Muitas vezes um texto literário de qualidade não é assim considerado pelo cânone, mas nem por isso ele não apresenta qualidade. Por exemplo, muitos críticos consideram o gênero crônica “menor” mas isso não é verdade. Temos verdadeiras obras primas do gênero crônica.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Na minha opinião o melhor caminho seria abordar por temática. Assim sendo, as aulas e seminários poderiam ser mais interativos e menos massante. Para mim, esse caminho motivaria mais os estudantes em geral.

## SUJEITO DISCENTE Nº 16

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é a arte do fazer literário. Nesse sentido é difícil conceituar literatura, já que ela corresponde desde os grandes escritores literários até as grandes obras. Literatura é aquela que ultrapassa o tempo e que contribui, significativamente, para sociedade.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone são os grandes representantes literários. São aqueles que ultrapassam o tempo e que contribuem, significativamente, para a sociedade.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar literatura no curso de Letras consiste em leitura. Além disso, é estar sempre apto a debater e participar das classes. Com muita dedicação, a fim de adquirir conhecimento e preparação para a vida. No curso de Letras estudamos teoria literária, literatura brasileira e literatura portuguesa.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto literário de qualidade é aquele que traz além de um bom conteúdo, a reflexão crítica colocando as pessoas a participarem de maneira engajada na sociedade.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acredito que por temática, já que dá mais espaço para os alunos usarem seus conhecimentos e desenvolverem suas idéias.

## SUJEITO DISCENTE Nº 17

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é o conjunto de textos de alguns escritores de um país. É a arte pela qual podemos denunciar quadros sociais como fome, corrupção, pobreza, tecer críticas aos sentimentos humanos tais como ganância, vingança e até de temas universais como o ciúme.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânones literários são como representantes da literatura de um país. Sua importância é questionável, pois são muito conhecidas classificadas como clássicas e não podem deixar de ser lidas. São atemporais, o que justifica seu nome.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em conhecer os escritores de nosso país, conhecer o nosso passado. São registros de um povo, que constrói gerações formando senso crítico, tornando-os mais conscientes de seus direitos e deveres, fora que é uma fonte de cultura e lazer.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Aquele que é lido por várias gerações, um cânone. Também aquele que gera um questionamento e que seja formado de caráter. Não podemos esquecer do engajamento que o autor tem que possuir e também das críticas sociais que a obra carrega.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Depende do objetivo que quer ser atingido. Creio que o curso de letras deve explorar um pouco de tudo, dando mais ênfase às discussões, pois as teorias podem ser adquiridas de várias formas. Acredito que a temática seria um bom caminho pois levantaria várias discussões sobre o tema e também auxiliaria a desenvolver o aluno para interpretação de textos literários.

## SUJEITO DISCENTE Nº 18

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é tudo o que é escrito em verso ou em prosa, e que de certa forma cause estranheza, ou seja, que provoque sensações, emoções, etc.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É um conjunto de obras que têm características em comum, essas obras apresentam estruturas bem elaboradas e, geralmente apresentam características que as enquadram num determinado período literário.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de letras?

R.: Aprende mais a fundo sobre a arte da ficção, compreende os diversos tipos de personagens, a estrutura da obra literária. Desenvolver o senso crítico através da leitura literária.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: O texto literário deve apresentar personagens bem elaborados, uma trama coerente, fazer nos refletir sobre o tema, fazermos sentir vontade de ler a obra novamente, despertar mais interesse pela leitura.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Todas são extremamente importantes e cabe do professor analisar em relação aos objetivos a que quer atingir, qual a abordagem seria melhor para determinado fim. O professor não deve eleger uma dessas abordagens e usá-la de forma inflexível. O uso conjunto dessas abordagens pode ser um bom mecanismo no estudo da literatura, mas tem que ser usada com critérios.

## SUJEITO DISCENTE Nº 19

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura são versos ou prosa escrita que desperta emoções.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: é um conjunto de obras que apresenta características que se enquadram em uma determinada época literária.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em aprender a arte da ficção, períodos literários, contexto histórico, costume de uma época, etc.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: São aquelas que apresentam personagens de qualidade. Para mim tem que mostrar muita emotividade.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Todas são importantes e cabe ao professor analisar em relação ao que quer ser atingido durante o curso.

## SUJEITO DISCENTE Nº 20

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura, em linhas gerais, engloba todas as expressões culturais de determinados povos, quer ocidentais quer orientais. Podemos considerar literatura como relato de experiências vividas, imaginadas, podendo ser narradas por escrito ou oralmente. Enfim, literatura é toda preservação da cultura de um povo.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário são aqueles livros de leitura obrigatória para todos estudantes. São importantes pela sua significância no cenário literário. Algumas outras definições para essa lista de livros, é clássicos, porque não caem de moda, estão sempre nas listas dos vestibulares. No meu ponto de vista, cânone literário é o livro que prima pela sua grandeza estética sem o qual não podemos entender, resgatar integralmente a evolução da literatura.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Para mim, estudar literatura e conhecer o uso contextualizado, efetivo da língua. O estudo da literatura possibilita ao futuro profissional de Letras conhecer e dominar as técnicas, pelo menos do ponto de vista teórico, de muitos escritores. Sem a literatura a língua morre com as pessoas e no cenário atual ela ocupa um espaço menor do que a mídia consegue atingir.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto bem escrito, que respeita o estilo ao qual se propõe. Deve também apresentar vários significados para o leitor escolher o caminho a seguir.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acredito que a abordagem por gênero seja a melhor administrável, em termos de conceitos do que as demais. Isso, facilita a sistematização do aprendizado de maneira mais eficaz.

## SUJEITO DISCENTE Nº 21

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é uma arte que normalmente ligamos á escrita, pois estuda-se o que o livro tem, sua linguagem e características e associamos a uma escola literária. Porém acredito que a literatura seja algo mais abrangente que se vincula a outras artes e traz delas influências. Seria difícil pôr em palavras uma definição, pois muitos teóricos já tentaram fazê-lo e podemos dizer que nenhuma delas foi muito concreta ou muito abrangente quanto a noção de literatura pode ser. Além disso, a literatura tem algo de social, humano e que não pode ser desconsiderado.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Acredito que o cânone literário seja modelos, exemplos da nossa literatura, que não são fixos mas que servem de orientação para aqueles que queiram inovar. Atualmente se fala muito em mudança do cânone e talvez seja uma boa idéia pois muito tem sido revisto.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Creio que estudar literatura traz-nos muito conhecimento, em especial da nossa língua ou da qual se insere uma obra e também a sociedade e a própria época. Temos contatos com obras e autores dos mais variados tipos, com textos dos mais variados gêneros e acho isso importante para um profissional da área.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Acho que a resposta para isso é muito subjetiva, pois sobre isso recai a noção de qualidade em um texto literário. Alguns podem ver a qualidade na forma ou na linguagem de um texto literário, outros podem dizer que o importante para se ter um texto de qualidade é a expressão de uma realidade ou outros aspectos. E ainda se deve levar em conta que estamos inseridos em uma dada época e vivemos em uma dada sociedade que valoriza alguns conceitos.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: No currículo do curso de Letras há uma matéria que deveria tratar das teorias e acho que deveriam formar uma base forte para quando estudássemos a parte de literatura brasileira. E a escolha de uma abordagem depende de cada um.

## SUJEITO DISCENTE Nº 22

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é arte, uma expressão de liberdade de pensamentos, de sonhos, de opiniões e crítica a realidade/ sociedade. Pode ser expressada através da escrita e oralidade. Conceituar literatura é um pouco difícil, pois é uma área muito abrangente. Em minha opinião não há uma definição concreta, é um pouco subjetivo, é como interpretar um poema, cada um vê de um jeito, conceitua de maneiras diferentes.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É uma orientação, um modelo para ser seguido. Como por exemplo, quando um autor é considerado “bom” pelos demais escritores, ele serve de modelo para estes, para que possam ter uma referência.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar literatura no curso de Letras é fundamental, pois precisamos ter mais contato com linguagem de autores e épocas diferentes. Mas penso que esta área em nossa faculdade deveria ser mais abordada, principalmente para os que optaram por língua estrangeira, já que o estudo da literatura para estes é um pouco restrito.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Acho que não existe um determinado texto literário de qualidade, pois depende de cada leitura subjetiva, da época que você lê, do estilo que faça o seu gosto. Cada pessoa deve eleger seu texto ou autor, de acordo com sua realidade, com o conhecimento que deseja receber com a leitura.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Penso que os métodos deveriam ser mudados. A temática, gêneros, etc., deveria ser dada em Teoria da Literatura no 1º ano. Seminários são proveitosos quando são realizados em um único semestre e não o ano todo como tivemos esse ano. E para os que optaram por língua estrangeira, não temos Literatura Brasileira I, o que nos faz falta, pois deveria ser uma continuação, fica uma falha ao conteúdo.

## SUJEITO DISCENTE Nº 23

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: É a arte do bem escrever e expressar os pensamentos e sentimentos, cuidando na construção, estruturação da linguagem.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Entendo como um modelo consagrado de literatura. Uma obra em que todos os que trilham o caminho do estudo da literatura, em um determinado momento de sua vida, buscam auxílio, inspiração (ou mesmo uma simples pesquisa). Um exemplo seria o “Don Quijote de la Mancha” da literatura espanhola. Como cânone literário nosso posso citar “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar as origens de nossa cultura, a sua formação. Conhecer os diversos aspectos da cultura brasileira em relação à manifestação literária. Estudar e conhecer os cânones da literatura brasileira.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É aquele que, além de estruturação formal correta, traz algo que contribui para tornar o mundo melhor e mais feliz. Uma obra pode, às vezes, parecer exatamente o oposto do que propõe, isto é, um contra-exemplo, mas se serve para provocar polêmica e reflexão a partir dela, então poderá ser considerada como texto literário de qualidade, cumpridas, é claro, as exigências formais (gramática, sintaxe...). Um texto literário de qualidade deve sempre acrescentar algo novo ao leitor.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: -----

## SUJEITO DISCENTE Nº 24

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é uma forma de arte que pode ser expressa de diversas maneiras orais, escritas, etc. O termo literário é usado na maioria das vezes para designar os textos que passam pela aprovação de determinadas pessoas, críticos. Alguns textos não são considerados literatura no momento em que forem escritos, mas depois a situação muda e algo que não era considerado literatura passa a ser.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário são aquelas obras consideradas “obras-primas” pela crítica literária. Estas obras servem de modelos para nossos escritores, por exemplo, uma obra do romantismo pode ser o cânone literário de sua escola, e, isso acontece na maioria dos movimentos literários: cada movimento tem uma ou mais obras que são consideradas cânones literários.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Acredito que consiste em muito, e deste muito não tivemos nem 1/3. Muitos professores faltosos, desistentes, etc. Acho um absurdo termos literatura brasileira II ser termos tido a brasileira I, já que não faço Vernáculos, e, sem letras-anglo. Fomos prejudicados, porque, Teoria da Literatura I e II praticamente não tivemos e isso fez muita falta no decorrer do terceiro ano.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto que não seja difícil de entender, que transmita algo de interessante para sua formação.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Talvez este caminho seja interessante para ser trabalhado na disciplina de literatura brasileira, porque você vai partir do estudo da parte para o todo.

## SUJEITO DISCENTE Nº 25

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: A literatura é a arte das belas letras. A arte que trabalha com a recriação da realidade através do conceito de mimese, elaborado por Aristóteles. Faz parte da literatura o trabalho com a linguagem, que os autores realizam, buscando um objetivo estético, o conceito de beleza.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: O cânone literário é o conjunto de obras de determinados autores que são consideradas clássicas, dentro de uma determinada literatura (ex: literatura brasileira). Estas obras são indicadas pelas escolas e faculdades como obras de importância com relação a determinados períodos literários. Esta é uma questão polêmica e muito discutida nos meios acadêmicos, a revisão do cânone poderia valorizar e trazer a tona obras de autores que ficam a margem da literatura.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar literatura consiste em conhecer os diversos estilos, suas características e sua importância no contexto histórico-social. Além disso o estudo da literatura me proporciona, particularmente, um enriquecimento cultural muito grande.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É aquele que se encaixa dentro das prerrogativas das escolas literárias em que se inserem. Isso de certa forma acabam se encaixando na ideia das obras canônicas.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Eu acho que as abordagens da literatura brasileira na graduação é boa o que eu noto é a falta de interesse de muitos alunos quanto a essa matéria.

## SUJEITO DISCENTE Nº 26

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: A literatura é o estudo das obras de autores bem como sua vida. É o estudo dos períodos literários e seus respectivos escritores/livros. Recria a arte pela mimeses Aristóteles.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É o conjunto de obras de determinado autor, as quais são consideradas clássicas e, também, as melhores por determinados críticos literários.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: No nosso curso, nesta instituição, consiste em estudar os autores e suas obras, inseridos em sua respectiva escola literária. As obras que são estudadas são as mais “conhecidas” ou “importantes”, no ponto de vista do professor.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Posso dizer, que é aquele que a crítica literária julga rico, bom, que está dentro dos preceitos literários.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Eu acho que deveria ser todo um conjunto. Os alunos têm que ter várias posições/visões sobre a literatura.

## SUJEITO DISCENTE Nº 27

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é uma área do conhecimento que estuda a arte do “bem escrever”. Está ligado ao “belo”. A literatura é conceituada conforme sua época pois o que se considerava literatura a algum tempo atrás, hoje pode ser que não seja mais considerada. Hoje consideramos literatura muitas formas de manifestações orais, por exemplo, que antes era considerada como folclore apenas. A literatura, na minha opinião, é uma arte que leva informação, conhecimento, mas não com este propósito, ela informa através do “belo” do “prazeroso”.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário é um conjunto de obras consagradas num determinado período. O que consideramos como cânone hoje, pode ser que daqui a algum tempo seja desconsiderado.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar literatura no curso de letras consiste em estudar as obras literárias, as escolas, os autores, a crítica, mas de uma forma mais profunda, mais consistente do que se estuda no ensino médio. Também estudamos teoria literária que não tínhamos visto no ensino médio. Através desta teoria foi possível analisarmos várias obras e entrar mais profundamente no universo literário destas obras e do contexto que as envolvem.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Texto literário de qualidade é aquele que consegue prestígio e reconhecimento não só da crítica, mas também do público leitor. É aquele texto que consegue manter sua mensagem viva no decorrer dos anos, ele não “envelhece”.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Eu acho que a abordagem deveria ser por escolas literárias e também por Gêneros.

## SUJEITO DISCENTE Nº 28

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Estudo de obras literárias. Estudo de autores de obras. Estudo de escolas literárias.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Conjunto de obras de autores literários.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Ter conhecimento de autores de livros literários. Conhecimento de diversas obras literárias. Conhecimento de escolas literárias em que se encaixa cada obra

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: é um texto que transmita uma boa mensagem. Um texto que possa ser refletido e estudado. Texto gostoso de leitura. Texto que prenda a atenção do leitor.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: No curso de Letras da minha instituição o contato que os alunos puderam ter com a Literatura Brasileira foi através de seminários que os próprios alunos apresentavam. Praticamente, quase todo o ano de curso, haviam seminários todas as semanas de diferentes escritores da literatura brasileira. O objetivo era de que os alunos que apresentassem os seminários fizessem uma análise da obra e que expusessem para a sala o estudo feito da obra; o grupo também deveria apresentar o enredo do livro. O professor tinha a intenção de que todos os alunos lessem os livros solicitados, porém, muitas vezes, isso não ocorria e com isso percebia-se uma certa falta de conhecimento mais ampliado com relação às obras literárias.

## SUJEITO DISCENTE Nº 29

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Estudo das artes. Ciência que estuda as obras em determinada época. Estudo de determinadas obras inseridas em contextos diversos. Estudo das escolas literárias de todas as épocas.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Conjunto de obras de autores literários inseridos em diversos contextos históricos e sociais.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em conhecer e aprender sobre obras, autores e escolas literárias, não só relacionadas ao nosso país, mas uma literatura mundial. Acredito que as aulas fossem mais proveitosas caso os professores não corresse tanto para conseguir ministrar todo o conteúdo, e dessa forma fazendo com que os alunos não consigam fazer uma leitura prazerosa e sim uma leitura obrigada e corrida. Não compreendo o porque de termos que aprender neste curso, ou melhor em um só ano todos os períodos, do início até o Modernismo.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que apresenta riqueza de informações. É onde se torna possível identificar características e estilo do autor, e seu conteúdo é aceitável pela crítica.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Em minha opinião a literatura deve ser abordada em toda sua amplitude. O que não concordo é com essa divisão das obras por escola. Até o presente momento nenhum professor conseguiu explicar sobre como é feita essa divisão, que critérios são utilizados para que uma obra se inclua nesse ou naquele período. Semelhanças podem ocorrer em todas as obras de todas as escolas, e a explicação para isso sempre são as influências sofridas por essa obra daquele período.

## SUJEITO DISCENTE Nº 30

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Estudo de obras literárias. Estudo de autores que se destacaram. Estudo das escolas literárias – suas características, autores e obras.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Conjunto de obras. Conhecimento de obras literárias de diversos autores e escolas literárias.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Conhecer de forma mais aprofundada autores e suas obras, bem como suas características e influência.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto bem estruturado, com uma linguagem elaborada, porém de fácil compreensão. Texto bem desenvolvido.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Temos estudado Literatura Brasileira dividida em escolas Literárias. Infelizmente não posso opinar a respeito das abordagens citadas acima, pois não possuo conhecimento suficiente das mesmas.

## SUJEITO DISCENTE Nº 31

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: É uma arte cujo meio de expressão é a linguagem escrita, a língua. Reúne as obras que pertencem ao cânone literário.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Grupo de obras que reúnem as características necessárias para serem consideradas literatura.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Adquirir uma noção dos principais autores do cânone literário brasileiro e português. Estudar suas obras e conhecer as características das escolas ou tendências literárias de destaque.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Que possa trabalhar a língua e as idéias de forma a atingir o seleto grupo dos leitores que conhecem o contexto em que foi escrito e possa também criar interesse em outras pessoas.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acredito que no 4º ano há a necessidade de um número maior de aulas de literatura brasileira. O caminho não está errado, acredito que são dados ao aluno os meios para se aperfeiçoar no conhecimento da literatura brasileira, e como tudo, vai do interesse do aluno por pesquisar mais sobre os assuntos do seu interesse.

## SUJEITO DISCENTE Nº 32

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: É o estudo que se faz sobre o universo da produção literária. A literatura procura através desse estudo analisar quais são os elementos que caracterizam uma obra como obra literária.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É o conjunto de teóricos com suas respectivas conceituações sobre a literatura.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Creio que estudar a literatura é conhecer o passado e entendê-lo, perceber o presente. Com a literatura podemos aprender sobre os vários aspectos da sociedade ao qual ele se refere. Estudar literatura é conhecer o mundo.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É aquele que agrada o leitor. Há várias obras que são exaltadas por teóricos como universais e clássicas, porém não serão apreciadas pela maioria das pessoas que tem um certo hábito de leitura.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Abordagem por temática e histórias das mentalidades parece que é mais fácil de ser entendida.

## SUJEITO DISCENTE Nº 33

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura uma das formas de arte, assim como a pintura e a arquitetura. Na literatura a arte é apresentada através de textos (romances, poemas, contos, crônicas) ou da representação das obras no teatro, entre outras formas.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É o que há de melhor na literatura. é a literatura “top de linha”.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar literatura no curso de Letras consiste em abordar de uma forma geral todas as escolas e correntes literárias. Nessa abordagem são vistas as principais características de cada escola e de seus principais autores.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto de qualidade é aquele que segue as “normas” de uma determinada escola literária.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acho que está bom da forma como está sendo ensinada a literatura (suas escolas, características principais, autores principais, etc.).

## SUJEITO DISCENTE Nº 34

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é uma manifestação através da escrita. Ela recria o sentido das palavras por meio de figuras de linguagem, da estilística originando uma interpretação que cabe ao seu leitor.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário é a literatura consagrada pela crítica.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar literatura no curso de Letras consiste em ter contato com toda a produção literária canonizada acumulada ao longo dos anos e entender o processo de formação da literatura e o que a influencia.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que recria o sentido das palavras de forma criativa.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Poderia ser abordada melhor a teoria aliada à análise dos textos literários.

## SUJEITO DISCENTE Nº 35

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é texto escrito de uma forma diferente do que é usada no cotidiano. Algumas pessoas defendem que a literatura não deve servir para nenhum fim exceto o próprio prazer estético. Não obstante, há aqueles que julgam a literatura como uma forma de luta social. Para estes, essa deve veicular algo de útil (engajamento social, políticos, talvez até religioso).

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário é o conjunto de obras que recebem e continuam a receber maior valor do que recebem outras obras “não canonizadas”. Esse cânone, entretanto, não é institucionalizado, ou seja, não foi propositalmente criado por estudiosos ou por academias de Letras. As obras vão adquirindo valor com o tempo.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Durante o curso de Letras da UEL, deu-se maior relevância aos textos literários propriamente ditos, deixando de lado, um pouco, os textos críticos e históricos. O biografia dos autores também não são levados em consideração, o que é feito coerentemente.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: O texto deve ser criativo, seu autor deve mostrar conhecimento profundo do “mundo das letras” e filosofia e conseguir expressá-los bem nos textos.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Pessoalmente, prefiro estudar literatura seguindo períodos literários. Isso dá maior noção de cada um deles. Um ponto fraco desse “método” é sua restrição. O estudo por temática dá uma visão mais abrangente, no entanto é confuso.

## SUJEITO DISCENTE Nº 36

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Não existe conceito exato de literatura. A literatura pode ser considerada cânone ou não, mas não acho que se possa definir algo como literatura por conceitos concretos.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: A literatura canonizada é aquela que possui características consagradas pelos críticos literários.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Para nos tornarmos leitores críticos, capazes de perceber as várias leituras que uma obra oferece, bem como a forma como a literatura reflete a realidade.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Qualidade é bastante relativo, mas eu acho que a qualidade está ligada ao fato de uma obra conseguir impressionar, prender o leitor.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Este ano trabalhamos com gêneros e temática, e acredito que a temática foi a abordagem mais válida pra mim e pretendo trabalhar dessa forma.

## SUJEITO DISCENTE Nº 37

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Quando entrei no curso de Letras já sabia que a minha paixão era língua estrangeira. Mas qual foi a minha surpresa quando descobri a beleza da literatura, saber diferenciar o que era ou não literatura e principalmente a Literatura Brasileira. Infelizmente, algumas pessoas não se preocupam em preservar este “encantamento” e acabam por quebrar todas as belezas que nos encantam a literatura com uma maneira ridícula de avaliar. Como que pode um professor não perceber quando o aluno leu uma obra ou não? Pois é, ele não só não percebeu, como atribuiu notas superiores a vários alunos que não levam os livros pedidos, assim como muitos que levam não conseguiram alcançar só nota. Mas fica uma pergunta no ar: Será que Deus conseguiria?? Espero um dia poder voltar a gostar de literatura.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: ----

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: ----

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: ----

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: ----

## SUJEITO DISCENTE Nº 38

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Estudo das manifestações artísticas de um país.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É o que é considerado um modelo de literatura, uma referência na literatura.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em , inicialmente, conhecer o conceito de “literatura”, conhecer sua história, sua manifestação através dos tempos e sua implicação na economia, na política e no âmbito social de um país.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que é considerado um cânone, ou seja, são textos que são referência no estudo da literatura. É uma obra que deve ser escrita para ser apreciada por pouco e não um texto para a “literatura” de massa.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: O caminho seria estudar a literatura um pouco em cada âmbito pois para cada um desses caminhos citados acima se tem uma visão diferente das manifestações literárias. Um aluno do curso de Letras deve conhecer a literatura por todas as abordagens acima.

## SUJEITO DISCENTE Nº 39

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura são as obras pertencentes a um povo, onde a cultura, o pensamento, a ideologia, etc. estão presentes nela.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário é a parcela da literatura mais seleta, ou seja aquela de grande qualidade.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: estudar literatura no curso de Letras, é estudar a cultura de nosso povo e de outros, uma vez que entramos em contato com particularidades de cada país.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto literário de qualidade é aquele que ao seu término deixa o leitor intrigado, cheio de questionamentos, fazendo com que ocorra uma reflexão abrangente muitas vezes com os subtemas existentes no livro.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Seria mais interessante abordar por temática, pois facilita a conexão entre o tema abordado com o período estudado.

## SUJEITO DISCENTE Nº 40

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é uma arte conjunto de obras que trabalha artisticamente com a linguagem.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São obras de maior destaque dentro da academia literária e da crítica.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Um aprofundamento maior da compreensão literária, através do conhecimento crítico, estrutural e mais amplo das obras.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Aquele que muda a visão de mundo, que causa um estranhamento, que realmente mexe com a gente.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: O caminho seria abordar por temáticas e gêneros.

## SUJEITO DISCENTE Nº 41

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: É uma arte que como todas causa primeiramente um impacto e dese, o leitor busca uma reflexão.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São as obras consideradas pelo seu valor pela crítica literária.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: é importante para um aprofundamento maior da compreensão literária. Além disso, é importante pois é considerada como tendo função humanizadora.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que busca reflexão e explora artisticamente a linguagem.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acho que falta no curso de Letras da UEL abordar mais a literatura universal.

## SUJEITO DISCENTE Nº 42

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é a produção, expressão textual, de uma época ou período. Esta produção leva em conta a impressão de mundo que é apresentada aos leitores com uma linguagem estética, especial.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Acervo de textos literários reconhecidos como clássicos, que transcendem sua época.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Conhecer os principais autores e obras das escolas literárias da literatura brasileira e Portuguesa.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É o texto literário, que com sua estética e temática consegue ser inovador em sua época, no tempo em que está inserido.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: O ideal seria estudar a literatura brasileira não apenas de forma sincrônica, mas também a história das mentalidades, o contexto histórico envolvido nas produções literárias.

## SUJEITO DISCENTE Nº 43

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Representação estética. Linguagem elaborada.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone é o conjunto de obras que se consagram com o passar do tempo. Obras de grande representatividade e valor estético. Obras que são consideradas “relevantes” por estudiosos e críticos.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: O estudo de literatura no curso de letras deveria ser mais embasado em críticas e teorias e ensaios sobre literatura. Alguns conceitos de forma e construção de textos literários. Acho que poderíamos estudar isso de forma conjunta (obras e teoria) e mais tempo.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: A qualidade do texto só pode ser verificada por quem lê, nós, acadêmicos temos um conceito, porém pessoas que não têm contato com tudo o que estudamos tem outro senso “crítico”.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acredito que o estudo temático é muito produtivo porém não pode ser desvinculado de visões históricas contextualizadas.

## SUJEITO DISCENTE Nº 44

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é uma arte que apresenta sua característica artística na linguagem, de modo que representa um momento histórico, político e social, além de refletir a cultura de um povo em um determinado momento.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: O termo cânone refere-se a obras consagradas o que difere a literatura da paraliteratura.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em atentar mos para questões da sociedade brasileira, reveladas através da literatura, a fim de abranger a nossa visão de mundo. Acredito que falta discutir a importância da literatura no currículo escolar, além de prepararmos para o ensino dessa matéria.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Acredito que um texto literário de qualidade é marcado por um conteúdo interessante através de uma linguagem inovada.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acredito que abordar por temática permite um cruzamento maior entre as obras literárias e uma visão mais abrangente da literatura.

## SUJEITO DISCENTE Nº 45

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é o estudo das manifestações artísticas.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone é o considerado importante e que se toma como base para a literatura.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Primeiramente entrar em contato com a teoria literária o que dá grande base para futuras leituras, tanto teóricas quanto não teóricas. A partir daí, a apresentação das obras e seus respectivos autores e escolas literárias.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto literário de qualidade é aquele considerado cânone, ou seja, um texto usado como referência, apreciado por poucos.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: O caminho deve ser adotar todas as abordagens para que assim o aluno tenha uma visão mais ampla sobre a literatura.

## SUJEITO DISCENTE Nº 46

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: De acordo com estudos realizados em sala nas aulas de literatura, acredito que não exista definição para literatura. Pode ser vista como arte ou ciência.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Obras literárias que foram consideradas “obras primas” (de qualidade) por críticos e estudiosos.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Aprofundamento da cultura, conhecimento sobre a própria língua, elaboração (aprimoração) de raciocínio crítico e interpretativo e relação história-cultura trabalhada na literatura.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Não sou qualificada para analisar a qualidade de obras literárias, assim, considero boas as obras que são consideradas importantes para a literatura mundial e/ou regional.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Tivemos diversas abordagens durante o curso, a que mais me identifiquei foi a que trabalhamos por temática (amor, morte, mulheres, etc.) contextualizada.

## SUJEITO DISCENTE Nº47

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: é difícil dar um conceito de literatura, uma vez que, por ser muito ampla é arriscado delimitá-la.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São autores ou obras de alto valor literário, que proporcionam diversos estudos.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em dar ao aluno um panorama geral da literatura, com a análise de textos teóricos e críticos que embasem leituras e discussões sobre o tema.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Há vários textos literários de qualidade, porém, de diferentes escolas literárias. É possível perceber que o conceito de qualidade é variável, pois obras hoje que são consideradas de extrema importância, não obtiveram este conceito quando foram escritas.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Nesta universidade a abordagem é feita de forma diacrônica. É interessante, porém a abordagem por temática, possibilita visões mais variadas.

## SUJEITO DISCENTE Nº 48

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é forma de expressão e análise. É complicado conceituar literatura uma vez que aprendemos a não delimitar literatura.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É a obra/autor universal, conhecido devido a sua forma de escrever (destaque).

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Conhecer autores/ obras e a teoria de análise em torno de certos momentos. Em vários momentos não há um foco no ensino médio, a teoria é mais ampla.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que se enquadra nas características da época em que ele foi escrito. ter qualidade ou não é relativo, o que é belo para uns não é para outros.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acredito que diferentes abordagens nos dão melhores condições de aprendizado. Diferentes pessoas diferentes abordagens. Uma forma de padronização seria o uso de diacrônia/ escola.

## SUJEITO DISCENTE Nº 49

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: É a arte de escrever textos, obras de qualidade, estudo de manifestações artísticas através do qual autores podem transmitir suas idéias, sentimentos vivências para as pessoas.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: é um “título” que serve de modelo e base na literatura.É como se tal autor ou obra fosse um referencial na literatura.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Primeiramente é importante entender a teoria literária para distinguir o que é literatura e o que não é. Depois é relevante ler e estudar as obras para conhecer “na prática”, nas leituras o que é literatura; as diferenças de estilo dos autores, o momento histórico, etc.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Aquele com preocupação na escrita, um texto estruturado, com diversos recursos literários diferentes temas, gêneros, etc.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: é importante o professor permitir um contato amplo de diferentes abordagens para que o aluno possa conhecê-las. As diferentes temáticas permite ao aluno conhecer diversos textos. O gênero também é outro aspecto bastante importante neste processo.

## SUJEITO DISCENTE Nº 50

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é uma arte expressada através dos textos.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São obras consideradas “grandes”, de autores renomados.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: A literatura é importante porque é o nosso objeto de estudo: a língua. Através dela aprendemos melhor a linguagem.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É aquele que abrange todos os pré-requisitos para que um texto seja considerado literário e, além disso, seja universal. Como por exemplo: Madame Bovary, Crime e Castigo, Grande Sertão: Veredas.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Pra falar a verdade, não tenho uma opinião formada. Mas acredito que seja importante uma sistematização, a melhor forma depende do professor, dos alunos, do objetivo do ensino superior de Letras.

## SUJEITO DISCENTE Nº 51

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é toda obra escrita em forma de poema ou prosa podendo ou não ter um valor literário.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É quando o autor passa a ser reconhecido como um membro da sociedade e vem a ser analisado de forma histórica (contexto, forma, etc.).

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Analisar autores e obras que foram relevantes na época em que foram escritas e que conseqüências trazem nos dias atuais.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Como existem muitas escolas literárias, é difícil dizer qual a qualidade de um texto, tendo em vista a análise do contexto histórico, influências, etc.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.:Fica difícil dizer qual a melhor abordagem metodológica, visto que depende do professor que aplica determinada aula.Mas o correto seria uma abordagem que fosse a mesma durante os quatro anos de curso.

## SUJEITO DISCENTE Nº 52

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura tem a função de estudar os textos (poesia, conto, crônica, etc.) de acordo com as suas épocas, levando em conta o autor no determinado tempo em que vive. É a expressão do autor de acordo com a sua época, ou seja, de acordo com o seu momento histórico.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São as grandes obras, consideradas as melhores, de autores renomados.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: O aspecto dos textos literários, da evolução, o crescimento das qualidades de nossos autores. Sabe, mais sobre nossa evolução, através desses estudos, comparando os diversos pensamentos de determinados autores em determinada época.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: é um texto rico em conhecimento; um texto que a leitura encomoda, pois pede reflexão, não vêm tudo mastigada. Exige certa reflexão e conhecimento.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: O professor deve ser flexível, e levar em consideração, o tempo, o espaço e o aluno.

## SUJEITO DISCENTE Nº 53

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Uma obra “bem trabalhada”, capaz de expressar a mentalidade de uma época, sempre sobre uma ótica subjetiva, seja ela inovadora ou não. A capacidade de demonstrar, até mesmo as coisas simples e cotidianas, de uma forma agradável ou “bem desenhada”, onde se causa um impacto, ou chamando a atenção do receptor.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: O cânone literário é onde se registra aquilo que é considerado “grandes obras literárias” ou até mesmo nomes de grandes autores.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: De uma forma simples, porque a literatura é uma das “ferramentas” ou trabalho de quem pretende ser professor; por outro lado, porque através da literatura são abertos horizontes para o conhecimento da nossa própria língua (cultura).

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Aquele que não precisa ser explicado, mas sim conhecido através da intertextualidade do leitor; um texto bem escrito, objetivo, que deixa expectativas para interpretação e desperta a reflexão no seu leitor.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Seria bom abordar um tema geral, porém é necessário conhecermos, ao menos, um pouco de tudo. Até mesmo porque através de um conhecimento geral, podemos jugarmos as mesmas escolhas, optar por aquilo que temos mais afinidade e até mesmo porque podemos conhecer pontos desconhecidos.

## SUJEITO DISCENTE Nº 54

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Segundo críticos como Terry Eagleton, literatura não possui um conceito exato como se fosse matemática, ou física. Pode-se falar em escritos literários que narram histórias reais ou não. Pode-se lembrar de alguns conceitos como o de Aristóteles (mimesis) ou seja, que a literatura tenta exprimir o que os homens fazem, pensam. Pode-se falar em fazer poético ou literário; no poeta ou escritor que observa o mundo ao seu redor e junta isso tudo como sua invenção. Mas literatura é isso, isso... não existe!

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É um conjunto de obras, consideradas literárias, de valor literário. Obras de qualidade, que permanecem apesar de todo tempo que possa ter transcorrido. São clássicos. Não são considerados parte do cânone a literatura de massa, por exemplo.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Fundamental! Literatura é registro histórico, lingüístico... Para o futuro professor de línguas e literatura seria deveras “manco” se não se estudasse literatura na universidade que forma professores.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É o texto que sobrevive ao tempo, ao público, à crítica.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Temática, Interessante!

## SUJEITO DISCENTE Nº 55

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Arte.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Pessoa que tem sua produção literária reconhecida.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Conhecimento dos principais autores de obras, desenvolvimento do senso crítico e artístico da literatura.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É o texto que “não se revela” de princípio, é um texto que tem informações nas entrelinhas. Também é o texto provocativo, que interage e faz com que o leitor passe pela catarse.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: ---

## SUJEITO DISCENTE Nº 56

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Segundo o Professor Doutor Henrique Manuel, conceituar literatura não é muito fácil e um conceito específico não existe. Mas, pode-se dizer que é um estudo de obras – ou obras mesmo – que apresentam as várias formas, gêneros, linguagem, estilo, etc., de determinadas épocas.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário seria as obras conceituadas pela Academia de Letras, tanto a brasileira quanto a de determinados países específicos, como “as mais” importantes e que seguem as “normas” consideradas por eles para se ter uma “boa literatura”.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em termos um maior aprofundamento nos estudos das épocas e obras literárias porque foram somente nos apresentados no Ensino Médio. Também, porque como futuros professores, devemos aprender melhor a nossa literatura para transmitirmos tal conhecimento aos alunos.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É aquele que apresenta tudo de bom, que consiste a atenção do leitor e a vontade de aconselhá-lo aos autores para lerem.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acho que o legal é trabalhar por temática.

## SUJEITO DISCENTE Nº 57

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura seria todo conjunto de obras, as quais trabalham com a linguagem de uma forma artística e refletindo, contextualizando a ação do homem no mundo.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: O cânone seria as obras literárias significantes que compõe o quadro literário.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Sabe-se que no curso de Letras estudamos os assuntos referentes a Linguagem, portanto é necessário estudar a linguagem explorada artisticamente e quais os elementos significantes presentes naquela.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Que possui um trabalho bem elaborado, que explore todos os recursos estilísticos. Tanto na forma como no que se refere a conteúdo.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: As abordagens deveriam ser em todos aspectos.

## SUJEITO DISCENTE Nº 58

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Segundo os professores que me deram aula é algo extremamente difícil de ser definido, e até hoje eu procuro entender o que dizer sobre ela.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É o conjunto de obras consagradas pela academia Brasileira de Letras, no caso do Brasil. Num conceito mais geral, é um consenso sobre o que é clássico e merecedor de estudos, gerado por elites culturais.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Assimilar conceitos sobre estrutura história, e função dos textos escritos e considerados literatura.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Na minha humilde concepção é todo aquele que traz prazer e/ ou faz refletir.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Eu creio que é preciso, nos primeiros anos, trabalhar melhor a estrutura e nos anos seguintes aprofundar as análises das obras; É muito difícil analisar obras quando a teoria é capenga.

## SUJEITO DISCENTE Nº 59

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é uma arte, sobre a qual não existe apenas um conceito, pois este pode ser muito abrangente.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário é um conjunto de obras consagradas, consideradas por críticos através de valores tradicionais.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Deveria consistir em estudar tanto obras quanto teoria literária (durante todos os anos de graduação).

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que causa alguma reação do leitor. Que mexe com o seu eu.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Na minha opinião, a disciplina deveria se desenvolver cronologicamente, com mais ligações histórica.

## SUJEITO DISCENTE Nº 60

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: É o estudo da arte, obras, autores, referentes a uma determinada época e suas manifestações artísticas.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É o que serve de base na literatura, como referência, os autores e obras que são significativos na literatura.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Estudar inicialmente a teoria literária o conceito depois as manifestações artísticas política e socioeconômicas. Aprofundar os gêneros literários.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É o texto considerado um cânone. Um texto que possui conteúdo, algum fundo crítico, e aborde vários temas.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: O caminho seria estudar o conceito, a teoria literária depois os gêneros para se conhecer mais, depois aprofundar a temática e as análises poéticas.

## SUJEITO DISCENTE Nº 61

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Não há um conceito exato definido.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É um conjunto de autores consagrados e estudados.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste no conhecimento de uma amostra, já que há sempre algo nesse campo a ser estudado.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É aquele reconhecido e apreciado por um grupo de pessoas.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: A abordagem deve estar de acordo com os interesses e objetivos daquele que estuda.

## SUJEITO DISCENTE Nº 62

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Não há um conceito exato de literatura.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Conjunto de obras a autores consagrados.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste na base crítica para as outras matérias.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Muito relativo.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Gêneros, pois esta é uma das abordagens que já vem sendo feita nos anos escolares (ensino médio).

## SUJEITO DISCENTE Nº 63

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Manifestação cultural. Documentação de uma dada época. Registro cultural. Manifestação artística. Manifestação da linguagem.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: As obras reconhecidas. As obras mais valorizadas. O arcabouço literário que mais se destaca.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: “Re”conhecer diversas manifestações de linguagens. “Re”conhecer culturas, costumes. Reconhecer o que as pessoas sentiram em determinadas épocas. Identificar algumas raízes culturais de maneira diferente das que estão nos livros de história.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Muito difícil definir. Varia de acordo com a concepção adotada. Pode ser um que provoque reação no leitor. Pode ser um que proporcione entretenimento.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: A maneira como foi abordada está excelente, uma vez que partiu das obras. Da “prática” para a teoria.

## SUJEITO DISCENTE Nº 64

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é a arte e não é. É o estudo de tudo o que é produzido no âmbito literário de forma aprofundada. Literatura é a depuração de emoções.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Creio que é tudo que engloba teóricos, estudiosos e obras clássicas ou não.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste ter contato com o universo literário, ler e buscar aplicar a teoria aos livros, temas. Abrir caminho para um universo muito vasto.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que possibilita ao leitor a reflexão, que provoca emoções (catarse); que possibilita a quem lê ter uma dimensão maior do que mundo que o cerca.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acredito que o melhor caminho seria abordar por temática, gêneros, ... , de diversas formas afim de suprir um pouco as falhas que ocorreram ao longo da vida escolar do indivíduo. Poderia ser trabalhado um ano por gêneros, em outro por temas e assim sucessivamente.

## SUJEITO DISCENTE Nº 65

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura - um conceito bastante discutido, amplo e que não possui uma conclusão correta e única. Literatura são textos nos quais a linguagem/ a palavra é muito trabalhada, tratada especialmente; temos a presença de um tema, o qual, unido ao trato da linguagem, deve transcender, ser universal.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário é formado por obras que a crítica consagrou, levando em consideração juízos de valores tradicionais.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em aprender e/ou reaprender a ler, interpretar não só textos, mas a sociedade como um todo, tornando-nos mais críticos.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Texto literário de qualidade é aquele capaz de transcender, independente se a linguagem escolhida; e a culta ou coloquial; se os temas são grandiosos ou corriqueiros.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acredito que o caminho seja este, mas em primeiro lugar a literatura deveria ter uma carga horária maior.

## SUJEITO DISCENTE Nº 66

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é o estudo das artes em seus respectivos momentos.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É um bom literário, admirado, etc...

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em ensinar á “futuros” professores conceitos e características sobre literatura, de acordo com o seu período e, respectivamente, em relação a diversas “linhas” de pensamento, crítica. A literatura é arte, assim, a importância em estudá-la.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Para mim , um texto literário é aquele em que o receptor real, lido. Pode fazer intertextualidade, também, provocar inquietação, reflexão. Não só um texto preocupado em “vendas”, mas sim um texto preocupado com o conteúdo, mensagem, forma, etc...

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Para mim , o professor deveria mostrar mais as correntes críticas literárias, por exemplo: este texto, crítico tem uma postura mais romântica, classicista , etc...

## SUJEITO DISCENTE Nº 67

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é a linguagem artística voltada para si mesma. Linguagem fictícia, imaginativa e subjetiva, voltada para si mesma.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São obras consagradas por possuir um valor estético acima da média.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em expandir a visão de mundo, expandir a capacidade de leitura das obras por parte dos alunos, pelo estudo da pluralidade significativa do texto literário.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que atende aos padrões convencionais de qualidade estética pela sua riqueza semântica.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Não sei. Acho que se bem trabalhada, qualquer forma pode ser feita.

## SUJEITO DISCENTE Nº 68

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: É a arte de trabalhar com as palavras, de transpor perante um caderno e uma caneta conhecimentos... É um grupo de material que forma um estilo artístico. Definir literatura é igual definir arte???

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São obras que se enquadram dentro de um parâmetro estabelecido pela sociedade e pelos estudiosos de literatura. O que hoje compõe o cânone literário nas próximas décadas podem não se enquadrar, e assim também as obras que hoje não estão num grupo podem pertencer a ele.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: No decorrer dos quatro anos de curso, estudei Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literatura em Língua Inglesa e Teoria Literária. Abordando de forma geral, autores conceituados no cânone literário e suas principais obras. Bem com, os estudos de teóricos e historiadores da literatura.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Aquele que contenha a arte de transmitir emoção e conhecimento, que ao ser elaborado pelo escritor, seja recheado de sabedoria e saiba atender o seu público para o qual ele foi destinado.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Penso que as diferentes metodologias aplicadas pelos professores foram satisfatórias, embora cada um com a sua. Penso que a padronização de uma única metodologia não seja viável para o ensino aprendizagem do aluno. Tendo em vista que cada aluno assimila o conhecimento de forma personalidade. Enquanto, uma metodologia é satisfatória para o meu processo de ensino-aprendizagem pode ser que não seja para o meu colega. Todos esses tópicos mencionados são importantes para a formação do aluno de Letras, se trabalhado pelos professores de forma interativa como o aluno, levando o aluno a buscar conhecimentos sobre o assunto.

## SUJEITO DISCENTE Nº 69

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Instrumento de estudo. Fonte do saber. Imitação da realidade. Portas que levam o ser humano a se compreender.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São os melhores autores destacados pela literatura. Os “maravilhosos” da literatura.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Compreender a história. Analisar o melhor da literatura e saber valorizá-la

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Aquele que nos traz algo que possa nos servir futuramente. O que nos serve de exemplo em nossas vidas.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Tudo serve para ensinar literatura brasileira desde que ela traga conhecimento, exemplo em nossas vidas.

## SUJEITO DISCENTE Nº 70

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO (A) ACADÊMICO (A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Existem vários tipos de Literatura, não somente a escrita mas também uma pintura, uma peça, uma música. Enfim há vários meios para se considerar literatura. Acredito que independente da fonte, literatura é o meio que o receptor reflita sobre a obra (independentemente das citadas) e a interiorize e a transforme em obra que seja realmente bom pois ele é para as pessoas do seu grupo social.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Pode-se dizer que se trata de nomes e/ ou obras mais famosos ou conceituados que realmente pode trazer informações importantes ao leitor, respondendo do momento em que se é lido.

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Indispensável, pois por ela pode aprimorar o método, torna as pessoas abertas a terem um pensamento mais crítico, entrar em contato com outras culturas para que criemos um paralelo entre as culturas estudadas e a nossa.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Acredito que não haja um texto literário de boa ou má qualidade, pois cada obra tem uma mensagem a transmitir e, dependendo do estado emocional do leitor, uma obra que é julgada como ruim, para ele pode ser boa. Contudo acredito que não deve haver esse tipo de separação: boa ou má qualidade.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: ----

## SUJEITO DISCENTE Nº 71

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é ficção, é uma recriação através das palavras é a maneira pela qual cada autor tem de interpretar a realidade.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: ---

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: ---

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: ---

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: ---

## SUJEITO DISCENTE Nº 72

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é a arte da palavra que tem como função humanizar o homem e transmitir seu modo de pensar.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É o que há de melhor na literatura, os melhores livros e autores.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Conhecer a língua estudada no decorrer de sua história.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É o que transmite melhor os modos de pensar de um povo ou grupo social.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: ---

## SUJEITO DISCENTE Nº 73

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procopio.

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é a visão que o homem tem da realidade a qual faz parte. Pois, através da mesma o homem pode expressar seus sentimentos, anseios e desejos escondidos atrás da face encoberta de cada ser humano. Cada vez que pedem para conceituar literatura como agora lembro de um texto “Formação do homem na literatura” de Harold, que traz contidas em suas linhas e entrelinhas muito bem esse conceito.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário é uma hierarquização de críticos com suas respectivas obras marcadas de grandes traços literários expresso no texto, que em sua maioria fazem parte de determinado movimento, estética literária. Saliento também que para uma obra entrar para o cânone da literatura, ela precisa passar pelos crivo dos críticos que muitas vezes estão atrelados á ideologia política.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Eu considero o estudo de literatura indispensável, pois através da mesma aprendemos e entramos em contato com outras culturas, que nos fazem refletir sobre a nossa (que é uma miscigenação). Já que desde a época do império com a fundação do Colégio D. Pedro II em 1837 estudava a língua e a sua literatura, isso foi trazido para nós hoje. Permanecendo a Língua Portuguesa com sua respectiva literatura (Literatura Portuguesa) e assim por diante.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Um texto literário de qualidade na minha opinião são os que fazem parte dos cânones literários, por não se extinguirem por mais que a sociedade em seu processo constante de evolução. Esse tipo de texto não estará descontextualizado independente da época em que ele seja trabalhado.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acho que cada professor tem sua própria abordagem metodológica, mas na minha opinião como formanda do curso de Letras, a sua metodologia é sensacional nós sofreremos um pouco mais aprendemos muito, mas não estou menosprezando os outros professores. Então, acho que eles devem abordar a temática contida o texto como você o faz, já que trabalhar gêneros isolados e através de uma poética sincrônica seria trabalhar a literatura por partes (fatiá-la).

## SUJEITO DISCENTE Nº 74

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio.

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é ficção, é uma recriação através de palavras é a mimese.é a maneira pela qual cada autor tem de interpretar o cotidiano, o mundo, a sociedade e seus conceitos.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: São os autores o obras que compõe a historiografia de um país.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: É importantíssimo pois nos remete a história, á várias teorias filosóficas, a sociedade e costumes.Nos prepara mesmo para sermos professores.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Que tem estética, literatiredade, conteúdo, algo elaborado.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: O caminho deve ser seguido através da historiografia.

## SUJEITO DISCENTE Nº 75

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é a expressão da sociedade através das palavras, é a arte, a ficção vista sob uma certa realidade, a maneira de contar um fato real com um pouco de fantasia.O trabalho dos artistas (escritores) seus pensamentos, seus sonhos, sua maneira de ver a vida.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário seria a elite da literatura, os grandes nomes, mais conceituados escritores.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em estudar todas as áreas, ampliar o nosso conhecimento, artístico, filosófico, político e literário compreendendo melhor os fatos históricos passados, o que poderemos levar para nossa futura sala de aula e também para nossa vida.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: é o texto que nos sugere algumas idéias, aquele que podemos ler e perceber alguma coisa boa que possa nos servir de experiência crítica.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: O caminho seria abordar a historiografia, pois através dela estudamos o conteúdo histórico, os fatos mais importantes da época, como viviam a sociedade, os principais autores, as grandes obras.

## SUJEITO DISCENTE Nº 76

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio.

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: é a arte que imita a vida, transfiguração da realidade, instrumento pelo qual se pode identificar, através da palavra, como cada autor interpreta a realidade.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É um grupo formado por autores minuciosamente escolhidos por críticos e historiadores.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Ampliar nossos conhecimentos, nossa visão sobre obras e autores diferenciados. Viajar pelo mundo imaginário das realidades individuais e coletivos.é poder participar das ações, dos momentos de diferentes ambientes sociais e contextos históricos.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Que trabalha coma estética, que é bem elaborado, que tem conteúdo e literariedade.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: De uma forma ou de outra as abordagens estão interligadas. Para se estudar um gênero ou temática, por exemplo, é válido estudar a historiografia.

## SUJEITO DISCENTE Nº 77

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio.

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é um oceano formado por palavras, onde somente o mais bravo homem desvendará seus mistérios e alcançará sua plenitude. Literatura é viver, sonhar e imaginar através dos textos literários, a sociedade de cada período, sendo a literatura verdadeira a partir do momento que desmascara ávida e relata como é o mundo, visto a partir do olhar dos autores.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário é a escala em que obras e autores são colocados, varia de acordo com a qualidade da obra e a situação do autor. O cânone literário é composto das melhores obras onde são estudadas e tem como enredo um texto literário, ou seja, um texto que apresente as marcas da literatura. É importante também salientar que para a formação do cânone existe uma política a qual comporta seus interesses e às vezes desvincula autores excelentes, sendo assim o cânone literário é uma relação onde estão algumas das maiores obras, contudo não se pode desmerecer alguma obra que não pertença ao cânone, por detrás dessa formação, há mais interesse do que apenas “literatura”.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Literatura no curso de Letras é conhecer, interpretar e analisar as diversas épocas existentes; é mais que uma simples matéria, é a nostalgia de aprender a entender a sociedade de uma maneira suave. Mas com olhar crítico, e perceber através de poemas ou prosa o que o texto realmente quer desvendar. Literatura é uma infinidade, por isso os estudantes devem compreendê-la em sua essência, ter a capacidade de analisá-la e o poder de transmiti-la. Estudar a literatura é uma constante busca pelo mundo imaginário das letras, onde valhe colocar a imaginação e criar, mudar as marcas, pressentir na sociedade e ensinar como que a “literatura” pode mudar comportamento e desmitificar valores inerentes às pessoas.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Não sei se sou apta a dizer o que é um texto literário de qualidade, pois confesso que amo ler, mas leio desde Machado de Assis a Dan Brow, porém conheço um pouco e considero em um texto literário aquele que detém certos elementos, tais como coerência, coesão, enredo e tema desenvolvidos dentro de padrões, os quais acompanhem uma linguagem culta, pois o texto deve ser lido e compreendido em sua essência e em um texto literário é uma tarefa difícil, visto que a linguagem literária não é fácil.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Eu concordo com a metodologia abordada no curso de Letras, só acho que deveria existir professores que exigissem mais dos alunos, obrigando-os a compreender textos teóricos, que com sua dificuldade fazem os alunos crescer. Se existissem mais professores como você o alunos sairiam com uma formação excelente.

## SUJEITO DISCENTE Nº 78

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio.

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: É a arte por meio do qual autores expressam seu ponto de vista, expressam sua visão da realidade é a arte que imita a vida.As palavras são o meio de expressão, de transformação da realidade e da vida, a literatura é o reflexo de uma sociedade em uma determinada época, de acordo com o ponto de vista de quem escreve.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Cânone literário é a escala utilizada para classificar as obras e os autores, de acordo com a qualidade e o tipo de suas obras.Ele se compõe das, consideradas, melhores obras, que são escolhidas por um grupo de “especialistas” .O cânone é escolhido de acordo com um político, que seleciona as obras tão boas quanto os que foram consideradas no cânone.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: O estudo da literatura, consiste em conhecer, interpretar e analisar obras, autores, dados relacionados á época, contexto e tudo o que possa ser estudado dentro da literatura.É o estudo realizado de maneira que nos leve a conhecer e a interpretar textos em prosa e em verso, fazendo uma comparação , uma análise crítica do texto e da realidade.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: Falar sobre um texto de boa qualidade em literatura, não é fácil, não sei se sou capaz, pois apesar de gostar de ler, conheço pouco da tão ampla e rica literatura de nosso país.No entanto, penso que um texto literário de boa qualidade é aquele que nos faz sentir prazer em ler, que nos faz querer ler mais e conhecer mais sobre a rica literatura de nosso país.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Eu concordo com as metodologias abordadas, pois consegui adquirir e assimilar muitos dados importantes de nossa realidade literária, fazendo com que eu, formanda queira aprender, continuar buscando conhecimentos que possam enriquecer o que aqui aprendi, por meio dos professores maravilhosos que tive.

## SUJEITO DISCENTE Nº 79

## 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Universidade Estadual de Londrina

## 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

## 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é arte, é cultura, é conhecimento. Através da literatura teremos contato com a história, dos autores, poetas, cronistas de nossa literatura e outras literaturas.

## 2.2 O que é cânone Literário?

R.: ---

## 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Conhecer sobre diferentes culturas. Ter acesso a evolução da literatura. Saber as respectivas literaturas de outros países. Conhecer literaturas.

## 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: ---

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: ---

## SUJEITO DISCENTE Nº 80

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio.

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Literatura é a manifestação escrita de um povo através de textos ficcionais e poéticos com a finalidade de fazer o leitor se tornar parte da história que está sendo apresentada, se esta for uma literatura que a pessoa se identifique com ela e ainda por cima goste.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É a lista dos escritores mais aceitos pela crítica literária o que muitas vezes se restringe a uma elite de escritores, os mais clássicos. Essa restrição muitas vezes se torna preconceituosa, gerando um grande preconceito por parte da crítica achando que certas obras não merecem consideração.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em estudar para ensinar os futuros alunos.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É um texto que contém todas as qualidades que um texto tem que ter.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Deveria ser mais dinâmico abordando todos os caminhos que a literatura tem mostrado.

## SUJEITO DISCENTE Nº 81

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio.

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Basicamente, diz-se que literatura é a Arte da palavra. Assim, podemos encontrar diversas formas de literatura, ou seja, a literatura brasileira, a literatura portuguesa, a literatura inglesa... Mas estas também possuem subdivisões, pois podem ser jornalística, acadêmica, médica, dentre outras. Isto quer dizer que o conceito de literatura é muito amplo.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: é um grupo de autores, tidos como os mais importantes, e escolhidos pelos críticos literários.

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Acredito que o estudo da literatura no curso de Letras é importante porque é por meio dele que podemos conhecer não apenas a cultura de nosso país, mas também a de muitos outros lugares. Além disso, por meio da literatura, pode-se “fugir” no tempo e no espaço, aventurando-se por “mundos” muito diversos dos quais fazemos parte.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: é um texto que permita, ou melhor que dê a possibilidade de diversas abordagens interpretativas. Isto significa dizer que o texto literário de qualidade consegue prender a atenção de seu leitor fazendo com que ele viaje ao longo de sua trama. Além disso, este tipo de texto é uma excelente forma de aquisição de conhecimento e também de aprendizado, pois é bem estruturado, que também tem um conteúdo bem interessante.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Acredito que a história, de um modo geral, é um ótimo modo de se abordar a literatura. Afinal, por meio da história é possível conhecer a sociedade da época, seus costumes, hábitos e também o pensamento. Portanto, por meio da história, podemos reconhecer a literatura, as influências que ela sofreu, no período da qual ela faz parte.

## SUJEITO DISCENTE Nº 82

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio.

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: É trabalhar pensamentos, ideologias, sonhos, entre outros, através da palavra.É a expressão de um pensamento, de um indivíduo ou sociedade, e isso dá o direito a quem lê a sua liberdade de interpretação.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: Grandes nomes da literatura.Pessoas consagradas por já terem sido estudadas e analisadas por diversos críticos, trata-se da “nota” literária (Os meus: Machado de Assis e Cecília Meireles).

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: Consiste em ampliar o nosso conhecimento filosófico, artístico, político, histórico; dando assim uma visão mais aberta e crítica em relação a tudo o que houve e ainda há no mundo.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É o que permite ao leitor perceber uma visão diferente de outro leitor; ou seja, interpretações diferentes.É quando o autor utiliza os artifícios certos, na hora certa, prendendo a atenção do leitor e fazendo com que o mesmo saia daquela “viagem” com um novo pensamento, novas idéias e quem sabe, novos ideais.Depois de uma boa literatura, ninguém sai como entrou.Duas coisas principais: coesão e coerência.

#### 2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: Através das histórias das mentalidades, podemos saber o que a sociedade pensava na época e saber o que a sociedade pensava na época e conseqüentemente vem os estilos literários.Creio que literatura é uma conseqüência da história, afinal trata-se da expressão do ser humano, em diferentes épocas e ocasiões.Tudo tem um porquê na literatura e isso nós sabemos pela histologia.

## SUJEITO DISCENTE Nº 83

### 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ACADÊMICO(A)

R.: Faculdade Estadual de Filosofia ,Ciências e Letras de Cornélio Procópio.

### 2 – SOBRE CÂNONE E LITERATURA

#### 2.1 Conceitue Literatura

R.: Posso entender por literatura autêntica, textos ou músicas que tenha conteúdo significativo, que consegue penetrar na mente humana e transformar, revolucionar valores.

#### 2.2 O que é cânone Literário?

R.: É o conjunto de autores, escritores considerados literários.Eles fazem parte do cânone por isso são bem conhecidos, suas obras são sempre citadas, as vezes em outro autor, escritor poderia até ser tão bom quanto mas ficou em oculo porque não entrou para o cânone.Mas que fatores determinam a entrada para o Cânone literário?

#### 2.3 Em que consiste estudar literatura no curso de Letras?

R.: As vezes é o único momento em que o estudante entra nessa universo literário.Também ao entrar no curso de Letras começamos a enxergar a literatura como algo real, começa a fazer parte de nossas vidas. É uma forma de conhecer melhor, outras visões e assim buscamos novos meios para o seu ensino.

#### 2.4 O que é um texto literário de qualidade?

R.: É aquele texto que diz mais do que está escrito, que diz além do óbvio.

2.5 Qual é o seu posicionamento sobre as diferentes abordagens metodológicas da literatura brasileira no curso de Letras? Ou seja, o caminho seria abordar por temática, gêneros, histórias das mentalidades, poética sincrônica, etc.?

R.: As histórias das mentalidades seria o melhor caminho, dentro dela está todas as outras temáticas, também necessárias.

**APÊNDICE D**  
**QUADROS**

## APÊNDICE D – QUADROS

UNIDADE UNIVERSITÁRIA (11)	Nº DE SUJEITOS: DOCENTE (11)	Nº DE SUJEITOS: DISCENTE (83)	PROGRAMAS DISCIPLINAS (16)
UEL	3	13 17 38	Lit. Brasileira I – 68h Lit. Brasileira II – 136h Lit. Brasileira III – 68h
UEPG	1	0 0 0	Lit. brasileira I – 68h Lit. brasileira II – 68h Lit. brasileira III – 68h
UNIOESTE	2	0 0	Lit. Brasileira I 136h Lit. Brasileira II – 136h
UNICENTRO, Guarapuava	2	0 0 0	Lit. Brasileira I – 136h Lit. Brasileira II – 102 h Lit. Brasileira III – 136h
UEM	2	0 0 0	Lit. Brasileira I – 136h Lit. Brasileira II - 136h Lit. Brasileira III - 136h
FAFICOP	1	15 0	Lit. Brasileira I – 144h Lit. Brasileira II – 144h

**Quadro I** – Síntese dos Instrumentos de Pesquisa

UNIDADE	OBJETIVOS
UEL	LB II: Conduzir o aluno ao conhecimento da literatura brasileira dos séculos XIX e XX, bem como da crítica literária que a enfoca; Induzir o aluno às diferentes formas de abordagem de uma obra de arte literária; Fazer com que o aluno assuma sua própria formação, dando-lhe voz e respeitando sua leitura das obras pelo professor selecionadas; Dar igual peso aos diferentes gêneros literários, incentivando a leitura de peças teatrais.
UNIOESTE	LB I: Propiciar ao acadêmico um conhecimento teórico e analítico da literatura brasileira da fase colonial ao final do século XIX. LB II: Conhecer os principais estilos, obras e autores da literatura brasileira do século XX e produção literária significativa do século atual. Compreender a produção literária brasileira como expressão estética da sociedade. Empreender análise literária dos textos, compreendendo o projeto estético e ideológico dos autores e obras. Propor um projeto de oficina de leitura e recepção do conto e crônica na sala de aula.
UEPG	LB I: Acompanhar as origens da literatura brasileira. Analisar criticamente a mudança das idéias estéticas nos três movimentos do período: Barroco (1601-1768), Arcadismo (1768-1838) e romantismo (1836-1881); perceber a formação de uma consciência textual de matriz brasileira; conhecer as principais obras do período LB II: Acompanhar a entrada da realidade nacional na literatura brasileira. Analisar criticamente a mudança das idéias estéticas nos movimentos do período: Realismo (Parnasianismo e Naturalismo) Simbolismo e Pré-modernismo. Perceber a formação de uma consciência textual crítica. Conhecer as principais obras deste período. LB III: Acompanhar a afirmação entusiástica da modernidade brasileira. Analisar criticamente a mudança das idéias estéticas ocorrida no século XX. Perceber a formação de uma consciência textual da matriz experimental. Conhecer as principais obras deste período.
UNICENTRO	LB I Analisar obras, autores e gêneros da literatura brasileira. Articular diferentes teorias da literatura com obras da literatura brasileira. Discutir a questão das origens e da identidade da literatura nacional. Buscar comparar as obras através da intertextualidade. O estudo desses temas e da bibliografia crítica da literatura brasileira, bem como de suas condições de produção, circulação e recepção das obras de sua literatura, deverá levar o graduando a relacionar a reflexão teórico-crítica com os domínios da prática, de modo a dar prioridade à abordagem intercultural, que concebe a diferença como valor antropológico e como forma de desenvolver o espírito crítico frente à realidade.
UEM	LB I, II e III: Estudar e reconhecer a literatura brasileira como forma de expressão da realidade nacional; Produzir textos analítico-interpretativos, organizados de maneira dissertativa, sobre textos literários brasileiros de diferentes gêneros, e dentro dos padrões mínimos de exigência do discurso científico. LB I: Estudar a literatura brasileira desde suas origens até o Romantismo, reconhecendo neste período o seu processo formativo. LB II: Estudar a literatura brasileira do realismo ao pré-modernismo, estabelecendo correlações histórico-literárias. LB III: Estudar a literatura brasileira do Modernismo à produção

	contemporânea, estabelecendo correlações histórico-literárias
FAFICOP	<p>LB I: Auxiliar o aluno na compreensão das manifestações literárias que vão desde a Literatura colonial ao realismo/naturalismo; Refletir criticamente sobre o caráter nacional e o nacionalismo de nossa literatura, a partir de textos teóricos e críticos.</p> <p>LB II: Proporcionar ao educando conhecimentos da literatura brasileira simbolista do final do século XIX as apresentar numa visão crítica da primeira metade do século XIX; Evidenciar ao aluno a evolução de estruturas e ideologias presentes na literatura moderna e contemporânea</p>

\* Em Literatura Brasileira I e III da UEL, não constam objetivos de ensino. Do mesmo modo, em LB II e LB III, da Unicentro.

## **Quadro II** – Objetivos do Ensino de Literatura Brasileira

DIVISÃO	UEL	UNI-OESTE	UEPG	UNICEN-TRO	UEM	FAFICOP
Literatura Informativa e Formativa	LB I	LB I	LB I		LB I	LB I
Barroco	LB I	LB I	LB I		LB I	LB I
Arcadismo	LB I	LB I	LB I		LB I	LB I
Romantismo	LB II	LB I	LB I		LB I	LB I
Realismo	LB II	LB I	LB II		LB II	LB I
Parnasianismo	LB II	LB I	LB II		LB II	LB I
Simbolismo	LB II	LB II	LB II		LB II	LB II
Pré-modernismo	LB II	LB II	LB II		LB II	LB II
Modernismo	LB II	LB II	LB III		LB III	LB II
Tendências contemporâneas da Literatura Brasileira	LB III	LB II	LB III		LB III	LB II
Processo de formação da literatura brasileira e possibilidades de constituição do cânone nacional. Narrativa ficcional curta				LB I		
Possibilidade de sistematização da produção poética brasileira; movimentos, grupos, obras e autores representativos.				LB II		
Possibilidade de sistematização da produção ficcional brasileira; movimentos, grupos, obras e autores representativos.				LB III		

**Quadro III** – Divisão do Critério Periodológico

UNIDADE	DISCIPLINA E CH	História da Literatura Brasileira	Antologias e dicionários	Crítica e Teoria	Obras literárias	Total
UEL	LB I - 68	06	00	26	10	42
	LB II - 136	04	00	50	00	54
	LB III - 68	04	03	51	00	58
UNIOESTE	LB I - 136	06	00	13	13	32
	LB II - 136	04	00	21	00	25
UEPG	LB I - 68	06	00	04	01	11
	LB II - 68	04	00	16	00	20
	LB II - 68	04	00	16	02	22
UNICENTRO	LB I - 136	06	00	07	00	13
	LB II - 102	03	00	11	00	14
	LB III - 136	04	02	34	00	40
UEM	LB I - 136	07	01	15	00	23
	LB II - 136	10	01	21	00	32
	LB III - 136	01	01	12	00	14
UNESPAR-FAFICOP	LB I - 144	05	00	10	03	18
	LB II - 144	06	00	09	00	15

**Quadro IV** – Bibliografia Indicada nos Programas

OBRAS-AUTORES	UEL	UNI-OESTE	UEPG	UNI-CENTRO	UEM	FAFICOP	TOTAL
<i>História Concisa da Literatura Brasileira</i> Alfredo Bosi	X	X	X	X	X	X	06
<i>Formação da Literatura Brasileira</i> Antonio Candido	X	X	X	X	X	X	06
<i>A literatura no Brasil</i> Afrânio Coutinho	X	X	-	X	X	X	05
<i>História da literatura brasileira</i> Massaud Moisés	-	X	X	X	X	X	05
<i>História da Literatura Brasileira</i> Luciana Stegagno-Picchio	X	-	X	X	-	-	03
<i>História da Literatura Brasileira</i> Silvio Castro	-	-	X	-	-	-	01
<i>A literatura brasileira: origens e unidade</i> José Aderaldo Castello	X	X	-	X	-	-	03
<i>História da literatura brasileira</i> Lucia Miguel Pereira	X	-	-	X	X	-	03
<i>História da Literatura Brasileira</i> Antonio Soares Amora	-	-	-	-	-	X	01
<i>História da Literatura Brasileira</i> Nelson Werneck Sodré	-	-	-	-	X	X	02
<i>História da literatura brasileira</i> Silvio Romero	-	-	-	-	X	-	01
<i>História da literatura brasileira</i> José Veríssimo	-	X	-	-	X	-	02
<i>Pequena história da literatura brasileira.</i> Ronald de Carvalho	-	-	-	-	X	-	01
<i>De Anchieta a Euclides</i> José Guilherme Merquior	-	-	-	-	X	-	01
<i>História da literatura brasileira</i> Joaquim Norberto de Sousa	-	-	X	-	-	-	01

**Quadro V** – Histórias da Literatura Brasileira Indicadas nos Programas

OBRA-AUTOR	UNIDADE	DISCIPLINA
<i>Grande sertão: veredas</i> , Guimarães Rosa <i>Vestido de noiva</i> , Nelson Rodrigues <i>Onde andarás Dulce Veiga?</i> , Caio Fernando Abreu <i>Budapeste</i> , Chico Buarque <i>Sombras de reis barbudos</i> , J. J. Veiga	UEL	LB III
<i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i> , Lima Barreto <i>Urupês</i> , Monteiro Lobato <i>Macunaíma</i> , Mario de Andrade <i>O Quinze</i> , Rachel de Queiroz <i>São Bernardo</i> , Graciliano Ramos	UEL	LB II
<i>A Carta de Pero Vaz Caminha</i> , Silvio Castro <i>Literatura comentada. Gregório de Matos</i> , Antonio Dimas (org.) <i>Os melhores contos de Tomás Antonio Gonzaga</i> , Seleção de Alexandre Eulálio <i>O Uruguai (Canto IV)</i> In: <i>Obras Poéticas de Basílio da Gama</i> , Ivan Teixeira <i>Caramuru: poema épico do descobrimento da Bahia (Canto IV)</i> , Santa Rita Durão	UEL	LB I
<i>História Concisa da Literatura Brasileira</i> , Alfredo Bosi <i>Dialética da Malandragem</i> , Antonio Candido <i>A Literatura no Brasil</i> , v.5. Cap. 5, Afrânio Coutinho	FAFICOP	LB II
<i>Macunaíma</i> , Mario de Andrade <i>São Bernardo</i> , Graciliano Ramos <i>Primeiras Estórias</i> , Guimarães Rosa <i>A Casa da paixão</i> , Nélida Piñon <i>Cortejo em Abril</i> , Zulmira R. Tavares	UEM	LB III
<i>História Concisa da Literatura Brasileira</i> , Alfredo Bosi <i>Tempos da Literatura Brasileira</i> , Abdala Jr. e Samira Campedelli <i>Iniciação à Literatura Brasileira</i> , Antonio Candido <i>A formação da literatura brasileira</i> , Antonio Candido	UEM	LB II
Contos, de Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Valêncio Xavier e João Gilberto Noll	UNI-CENTRO	LBI
<i>Macunaíma</i> , Mario de Andrade <i>A paixão segundo GH</i> , Clarice Lispector <i>Vidas Secas</i> , Graciliano Ramos <i>Fogo Morto</i> , José Lins do Rego <i>Grande sertão: veredas</i> , Guimarães Rosa	UEPG	LB III
<i>História Concisa da literatura Brasileira</i> , Alfredo Bosi <i>Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira</i> , Otto Maria Carpeaux <i>Formação da literatura brasileira</i> , Antonio Candido, 2 v. <i>A literatura no Brasil</i> , Afrânio Coutinho	UNI-OESTE	LB II (Cascavel)

<i>Vanguarda européia e Modernismo Brasileiro</i> , Gilberto Mendonça Teles		
<i>Literatura e sociedade</i> , Antonio Candido <i>Dialética da colonização</i> , Alfredo Bosi <i>Sobrados e Mucambos</i> , Gilberto Freyre <i>Os donos do poder</i> , Raymundo Faoro Graciliano Ramos – <i>Fortuna crítica</i> , Eduardo Coutinho José Lins do Rego ( <i>fortuna crítica</i> ), Guimarães Rosa ( <i>fortuna crítica</i> ) e Carlos Drummond de Andrade ( <i>fortuna crítica</i> ) - Afrânio Coutinho	UNI- OESTE	LB II (Rondon)

**Quadro VI** – Outras obras Indicadas – Não Constantes da Bibliografia dos Programas

OBRA-AUTOR	UNIDADE	DISCIPLINA
<i>O que é isso companheiro</i> , Fernando Gabeira <i>A grande arte</i> , Rubens Fonseca <i>A hora da estrela</i> , Clarice Lispector <i>O caso da chácara chão</i> , Domingos Pellegrini <i>Amazona</i> , Sérgio Sant'Anna	UEL	LB III
“Uma ferroada no peito do pé”. In: <i>Vale quanto pesa</i> , Silvano Santiago <i>A modernidade em Monteiro Lobato</i> , Marisa Lajolo <i>Vanguarda européia e modernismo brasileiro</i> , G. N. Teles <i>As manhas do Jabuti no manifesto Antropófago</i> , B. L. Mendes <i>Roteiro de Leitura: poesia de Manuel Bandeira</i> , J. C. Garbuglio	UEL	LB II
<i>Formação da Literatura Brasileira</i> , v.1. Antonio Candido <i>Das origens ao realismo</i> , Antonio Candido “A dois séculos d’O Uruguai”. In: <i>Vários escritos</i> , Antonio Candido “Estrutura literária e função histórica”. In: <i>Literatura e Sociedade</i> , Antonio Candido <i>História Concisa da Literatura Brasileira</i> , Alfredo Bosi	UEL	LB I
<i>Roteiro de Macunaima</i> , Cavalcanti Proença	FAFICOP	LB II
<i>O ponto cego</i> , Lya Luft <i>Os cem melhores contos do século XX</i> , Ítalo Moriconi <i>O conto contemporâneo brasileiro</i> , Alfredo Bosi <i>O homem da mão seca</i> , Adélia Prado <i>Valsa negra</i> , Patrícia Melo	UEM	LB III
<i>Literatura infantil brasileira: história e histórias</i> , Marisa Lajolo e Regina Zilberman <i>Macunaima</i> , Mário de Andrade <i>São Bernardo</i> , Graciliano Ramos <i>Grande sertão: veredas</i> , Guimarães Rosa <i>Os sinos da agonia</i> , Autran Dourado	UEM	LB II
<i>Teoria do conto</i> , Nádia Gotlib <i>Dicionário de termos literários</i> , Massaud Moisés <i>Dicionário de teoria da narrativa</i> , Carlos Reis <i>História concisa da literatura brasileira</i> , Alfredo Bosi <i>A literatura no Brasil</i> , Afrânio Coutinho	UNI-CENTRO	LB I
<i>Angústia</i> , Graciliano Ramos João Guimarães Rosa: ficção completa Carlos Drummond de Andrade: poesia e prosa <i>Crônica da casa assassinada</i> , Lucio Cardoso – Mário Carelli (coord.) <i>A paixão segundo GH</i> , Clarice Lispector – Benedito Nunes (coord.)	UNI-OESTE	LB II

**Quadro VII** – Bibliografia Complementar – Não Constante da Bibliografia Oficial dos Programas

**ANEXOS**  
**PROGRAMAS DA DISCIPLINA DE**  
**LITERATURA BRASILEIRA**

**ANEXO A**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL**

## ANEXO A – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL

\*\*\*\*\* Pág. 0001  
 \*\*\*\*\* 01/01/2000  
 \*\*\*\*\* PROGRAMA NÃO OFICIAL.SEM VALIDADE PARA FINS LEGAIS \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

## PROGRAMA DE DISCIPLINA

Centro : CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
 Departamento : DEPTO. DE LETRAS VERNÁCULAS E CLÁSSICAS  
 Disciplina : 3LET015 LITERATURA BRASILEIRA I Ano Letivo : 2002  
 Carga Horária : Teórica Prática Total  
 68 0 68

## I - EMENTA

Periodo colonial brasileiro: literatura informativa sobre a Terra. Barroco. Arcadismo.

## II - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Contexto histórico social.
2. A questão da história literária e a periodização.
3. Literatura de informação: Caminha, Gândavo.
4. José de Anchieta: teatro e lírica.
5. Contexto histórico do barroco enquanto estilo de época.
6. A literatura barroca no Brasil: Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira.
7. O momento neoclássico.
8. A épica neoclássica: Basílio da Gama e Santa Rita Durão.
9. A poesia lírica: Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Caldas Barbosa, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga.

## III - BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABREU, Capistrano de. Capítulos de história colonial. RJ: Briguiet, 1969.  
 ANCHIETA, José de. Auto representado na festa de São Lourenço. RJ: Serviço Nacional de Teatro, 1973.  
 \_\_\_\_\_. Poesias. SP: Museu Paulista, 1954.  
 ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.  
 BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. 3 ed. SP: Companhia das Letras, 1995.  
 \_\_\_\_\_. História concisa da literatura brasileira. 32 ed. SP: Cultrix, 1994.  
 CALMON, Pedro. História social do Brasil. 2 ed. SP: Companhia da Editora Nacional, 1937, v. 1.  
 CAMINHA, Pero Vaz de. A carta de Pero Vaz de Caminha. RJ: Livros de Portugal, s. d.  
 CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, v.1.  
 \_\_\_\_\_. "Letras e Idéias no Período Colonial". In: Literatura e sociedade. SP: Cia. Ed. Nacional, 1985.

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\* PROGRAMA NÃO OFICIAL.SEM VALIDADE PARA FINS LEGAIS \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

Pág. 0001

01/01/2000

---

**PROGRAMA DE DISCIPLINA**

**Centro** : CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
**Departamento** : DEPTO. DE LETRAS VERNÁCULAS E CLASSICAS  
**Disciplina** : 3LET015 LITERATURA BRASILEIRA I **Ano Letivo** : 2002  
**Carga Horária**: 

<b>Teórica</b>	<b>Prática</b>	<b>Total</b>
68	0	68

---

**III - BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- \_\_\_\_\_ "Uma Aldeia Falsa". In: Na sala de aula. SP: Ed. Ática, 1985.  
 CASTELLO, José Aderaldo. A literatura brasileira. Origens e unidade. SP: EdUSP, 1999.  
 \_\_\_\_\_ Manifestações literárias da era colonial. SP: Ed. Cultrix, 1965.  
 CHAUI, Marilena. "Brasil: o Mito Fundador". In: Folha de S. Paulo. SP: 26/03/2000.  
 CHOCIAY, Rogério. Os metros do boca: teoria do verso em Gregório de Matos. SP: Editora da Unesp, 1993.  
 CORRÊA, Almir Aquino. "Poemas Herói-Cômicos Setecentistas no Brasil". In: Opúsculos. Londrina: Ed. UEL, 1998.  
 COSTA, Cláudio Manuel da. Poemas. Introdução e notas por P. E. Silva Ramos. SP: Cultrix.  
 COSTA, C.M.; GONZAGA, T.A.; PEIXOTO, A. A poesia dos inconfidentes. RJ: Ed. Aguilar.  
 COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. RJ: Sul América, 1971.  
 \_\_\_\_\_. O processo de descolonização literária. RJ: Civilização Brasileira, 1983.  
 CURTIUS, Ernest Robert. Literatura européia e idade média latina. SP: Hucitec/ EdUSP, 1996.  
 DURÃO, Frei José de Santa Rita. Caramuru. RJ: Garnier. s.d.  
 GAMA, Basílio da. Obras poéticas de B.G. Introdução e notas por Ivan Teixeira. SP: EdUSP  
 GÂNDAVO, Pero de Magalhães. Tratado da provincia do Brasil. RJ: Instituto Nacional do Livro, 1965.  
 GONZAGA, Tomás Antônio. Cartas chilenas. SP: Cia. das Letras, 1995.  
 \_\_\_\_\_ Marília de Dirceu. RJ: Tecnoprint, s.d.  
 HANSEN, João Adolfo. A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. SP: Companhia das Letras, 1989.  
 \_\_\_\_\_ "O Nu e a Luz: Cartas Jesuíticas do Brasil. Nóbrega." In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. SP: nº 38, 1995.0  
 \_\_\_\_\_ "Padre Antônio Vieira. Sermões". In: MOTA, Lourenço Dantas (org.) Introdução ao Brasil. Um banquete nos trópicos. SP: Ed. SENAC, 1999.  
 HAUSER, Arnold. Maneirismo: a crise da Renascença e a origem da arte moderna. SP: Perspectiva, 1976.  
 HOLANDA, Sérgio Buarque de. Antologia de poetas brasileiros da fase colonial. SP: Perspectiva, 1979.  
 \_\_\_\_\_ Capítulos de literatura colonial. SP: Brasiliense, 1991.  
 \_\_\_\_\_ Visão do Paraíso. RJ: José Olympio, 1959.  
 LIMA, Oliveira. Aspectos da literatura colonial brasileira. RJ: Francisco

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\* Pág. 0003  
 \*\*\*\*\* 01/01/2000  
 \*\*\*\*\* PROGRAMA NÃO OFICIAL.SEM VALIDADE PARA FINS LEGAIS \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

---

**PROGRAMA DE DISCIPLINA**

**Centro** : CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
**Departamento** : DEPTO. DE LETRAS VERNÁCULAS E CLÁSSICAS  
**Disciplina** : 3LETO15 LITERATURA BRASILEIRA I **Ano Letivo** : 2002  
**Carga Horária** : 

<b>Teórica</b>	<b>Prática</b>	<b>Total</b>
68	0	68

---

**III - BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

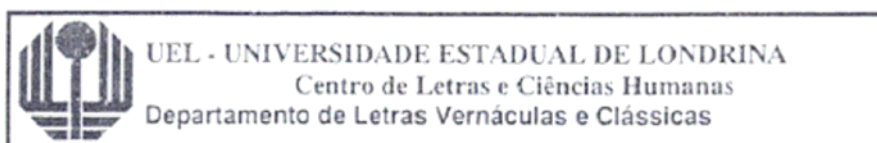
- Alves, 1984.  
 LOPES, Hélio. Letras de Minas e outros ensaios. SP: EdUSP, 1997.  
 MATOS, Gregório. Obra poética. RJ: Record, 1990.  
 O'GORMAN, Edmundo. A invenção da América. SP: Ed. da UNESP, 1992.  
 PICCHIO, Luciana Stegagno. História da literatura brasileira. RJ: Ed. Aguilar, 1997.  
 PÉCORA, Alcir. Teatro do sacramento. SP: EdUSP/Ed. da Unicamp, 1994.  
 RAMOS, Péricles Eugênio. Do Barroco ao Modernismo. RJ: Livros Técnicos e Científicos, 1979.  
 SERNA, Jorge Antonio Ruedas de la. Arcádia: tradição e mudança. SP: Edusp.  
 SPINA, Segismundo. "Introdução". In: MATOS, Gregório de. A poesia de G.M. SP: EdUSP, 1995.  
 TEIXEIRA, Bento. Prosopopéia. SP: Melhoramentos, 1977.  
 TEIXEIRA, Ivan. Mecenas pombalino e poesia neoclássica. SP: EdUSP, 1999.  
 TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Gregório de Matos: biografia e estudo. SP: Martins, 1972.  
 VIEIRA, Padre Antônio. Sermões. Porto: Lello & Irmão, 1951.

---

**Aprovada pela Colegiada de Curso em :** 06/08/2002

**Professor Responsável:** 

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*



ANO LETIVO 2004

## DADOS SOBRE A DISCIPLINA

CÓDIGO	NOME
3 LET 016	LITERATURA BRASILEIRA II

CURSO	SÉRIE
LETRAS	3º

CARGA HORÁRIA			ANUAL	SEM/OFERTA	HABILITAÇÃO
T	P	TOTAL			
136		136	<input checked="" type="checkbox"/>	1º <input type="checkbox"/> 2º <input type="checkbox"/>	Licenciatura em Letras
			<input type="checkbox"/>		

PROFESSOR RESPONSÁVEL:

## 1. EMENTA:

*Romantismo. Realismo. Simbolismo. Pré-modernismo. Modernismo*

## 2. OBJETIVOS:

Objetivo Geral: conduzir o aluno ao conhecimento da Literatura Brasileira dos séculos XIX e XX, bem como da crítica literária que a enfoca.

Objetivos Específicos: i) Induzir o aluno às diferentes formas de abordagem de uma obra de arte literária; ii) Fazer com que o aluno assuma sua própria formação, dando-lhe voz e respeitando sua leitura das obras pelo professor selecionadas; iii) Dar igual peso aos diferentes gêneros literários, incentivando a leitura de peças teatrais.

## 3. CONTEÚDOS:

## 1. Romantismo brasileiro

- 1.1. Considerações gerais
- 1.2. A poesia romântica: Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Sousândrade.
- 1.3. O romance romântico: Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Bernardo de Guimarães, Visconde de Taunay, Franklin Távora.
- 1.4. O teatro romântico: Martins Pena, Gonçalves Dias, José de Alencar.
- 1.5. A crítica romântica: Álvares de Azevedo, Gonçalves de Magalhães, Pereira da Silva, Joaquim Norberto, Santiago Nunes Ribeiro, Tobias Barreto, José de Alencar, Franklin Távora.

## 2. Realismo brasileiro

- 2.1. Considerações gerais
- 2.2. Parnasianismo: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho.
- 2.3. O romance realista: Machado de Assis, Raul Pompéia.
- 2.4. O romance naturalista: Aluísio de Azevedo, Manuel de Oliveira Paiva, Adolfo Caminha.
- 2.5. O teatro realista: Artur de Azevedo, Machado de Assis, Qorpo-Santo, França Júnior.

## 3. O Simbolismo brasileiro

- 3.1. Considerações gerais
- 3.2. Cruz e Sousa
- 3.3. Alphonsus de Guimarães

#### 4. O Pré-Modernismo brasileiro

- 4.1. Considerações gerais
- 4.2. A poesia pré-modernista: Augusto dos Anjos
- 4.3. O romance pré-modernista: Lima Barreto, Graça Aranha, Monteiro Lobato, Euclides da Cunha.

#### 5. O Modernismo brasileiro

- 5.1. Considerações gerais
- 5.2. A poesia modernista
  - 5.2.1. 1ª geração: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Pandeira.
  - 5.2.2. 2ª geração: Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles.
- 5.3. A prosa modernista
  - 5.3.1. 1ª geração: Oswald de Andrade, Mário de Andrade.
  - 5.4.1. 2ª geração: José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego.
- 5.4. O teatro moderno
- 5.5. A crítica modernista

#### 4. METODOLOGIA DE ENSINO

- As aulas serão teóricas e práticas. As aulas teóricas consistirão de matéria expositiva do professor da disciplina, tendo por base estudos críticos de diferentes autores. As aulas práticas consistirão na análise de obras literárias vinculadas à matéria teórica.

#### 5. FORMA E CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO

Os alunos terão quatro avaliações no decorrer do ano letivo:

- a) Duas avaliações escritas sobre conteúdo programático;
- b) Duas avaliações concernentes a seminários.

#### 6. CRONOGRAMA – 3 LET 016

##### 1º Semestre

Data	Assunto	Texto base	Responsável
24/03	Apresentação do Programa/ Organizar grupos de trabalho		
26/03	O Romantismo: considerações iniciais Poesia romântica : primeira geração – o nacionalismo literário	<b>Ver:</b> Antonio Candido. <i>Formação da Literatura Brasileira</i> . V.2. P. 9-27. ( <b>Apontamentos de Leitura</b> )  "Canção do exílio" Gonçalves Dias, "A tempestade" Gonçalves Dias	
31/03	Religião/ lirismo amoroso	"Poema", de Fagundes Varela, "Se se morre de amor" Gonçalves Dias	
02/04	O Indianismo	"Canção do Tamoio " Gonçalves Dias, "Marabá" Gonçalves Dias "Leito de folhas verdes" Gonçalves Dias	
07/04	Poesia romântica : segunda geração	"Meu Sonho" Álvares de Azevedo, "Lembrança de morrer" Álvares de Azevedo "Morte", Junqueira Freire, "Meus oito anos" Casimiro de Abreu "Origem do menstruo" Bernardo de Guimarães	
14/04	Poesia romântica terceira geração: condoeira/ social.	<b>Ver:</b> Antonio Candido. <i>Formação da literatura brasileira</i> . V 2, p. 247-267. ( <b>Apontamentos de leitura</b> ) Bosi, Alfredo. <i>Imagens do Romantismo no Brasil</i> . In: GUINSBURG, J. <i>O Romantismo</i> . 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 239-257. ( <b>Entrega de apontamentos de leitura</b> )	

		"Vozes d'África" Castro Alves "Pimenta sombra" Castro Alves "A escravidão" Tobias Barreto.	
16/04	Sousândrade: um poeta de vanguarda	Ver: CAMPOS, H. de; CAMPOS, A. de. <i>Relatório de Sousândrade</i> . 3 ed. São Paulo: SIOGE, 1979.  O <i>Guesa</i> (fragmentos), "Harpa XXXII", "Dã meia-noite" de Sousândrade.	
23/04	Seminário 1	<b>Textos sugeridos:</b> "J-Juca Pirama", Gonçalves Dias/ "Amor e medo" Casimiro de Abreu, "A orgia dos duendes" Bernardo de Guimarães; "Cântico do calvário" Fagundes Varela (entrega de apontamentos de leitura)  Ver: Antonio Candido. <i>Formação da literatura brasileira</i> . V.2 p. 9-27.	Equipe nº 1 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____
28/04	O aparecimento da ficção	Antonio Candido. <i>Formação da Literatura Brasileira</i> . V.2. P. 109-119. <i>Iracema</i> José de Alencar (Apontamentos de leitura)	
30/04	Seminário 2	<i>A moreninha</i> , Joaquim Manuel de Macedo (Apontamentos de leitura)  Ver: Afonso Romano de Sant'Anna <i>Análise estrutural de romance brasileiro..</i>	Equipe nº 2 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____
05/05	José de Alencar e o Romantismo brasileiro: romance romântico	Antonio Candido. <i>Formação da Literatura Brasileira</i> . V.2. P. 221-235. <i>O Guarani</i> , José de Alencar (Apontamentos de leitura) <i>O Tronco do Ipê</i> José de Alencar (Apontamentos de leitura)	
07/05	Seminário 3	<i>Senhora</i> , de José de Alencar  Ver: Roberto Schwarz. "A importação do romance e suas contradições em Alencar". In: _____. <i>Ao vencedor as batatas</i> . São Paulo: Duas Cidades, 1977. P. 29-60.	Equipe nº 3 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____
12/05	Franklin Távora e José de Alencar: a questão do verossímil	Antonio Candido. <i>Formação da Literatura Brasileira</i> . V.2. P. 295-306.  <i>O cabeleira</i> Franklin Távora (Apontamentos de leitura)	
14/05	Seminário 4	<b>O romance regionalista:</b> <i>Inocência</i> de Bernardo Guimarães (Apontamentos)  Ver: Antonio Candido. <i>Formação da Literatura Brasileira</i> . V.2. P. 236-244 Carlos Emílio Faraco: <i>Roteiro de Leitura: A escrava Isaura</i> . São Paulo: Ática, 1998.	Equipe nº 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____

19/05	O romance de transição	<p><i>Memórias de um sargento de milícias</i> de Manuel Antônio de Almeida. (apontamentos de leitura)</p> <p>Ver: Antonio Candido. "Dialética da malandragem". In: _____. <i>O discurso e a cidade</i>. São Paulo: Duas Cidades, 1993. P. 19-54</p> <p>Alfrado Bosi. <i>História concisa da literatura brasileira</i>. P. 132-134.</p>	
21/05	O teatro romântico	<p>"A separação de dois esposos" Quorpo Santo (apontamentos de leitura)</p> <p>Alfredo Bosi. <i>História concisa da literatura brasileira</i>. p.147- 154. (apontamentos de leitura)</p>	
26/05	Seminário 5	<p>O teatro romântico: pequena história. Ver: Décio de Almeida Prado. <i>História Concisa do Teatro Brasileiro</i>. São Paulo: Edusp,</p> <p>"O demônio familiar" de José de Alencar (entrega de apontamentos)</p>	<p>Equipe nº 6</p> <p>1. _____</p> <p>2. _____</p> <p>3. _____</p> <p>4. _____</p> <p>5. _____</p>
28/05	O Realismo  Machado de Assis	<p>Alfredo Bosi. <i>História concisa da literatura brasileira</i>. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994. P. 163-173.</p> <p>Machado de Assis. <i>Dom Casmurro</i> (entrega de apontamentos de leitura)</p>	
02/06	Seminário 6	<p>Machado de Assis. <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i></p> <p>Ver: "A matriz prática". In: _____. <i>Um mestre na periferia do capitalismo</i>. São Paulo: Duas Cidades, 1990. P. 35-46</p>	<p>Equipe nº 6</p> <p>1. _____</p> <p>2. _____</p> <p>3. _____</p> <p>4. _____</p> <p>5. _____</p>
04/06	O conto machadiano	<p>"A cartomante", "O caso da vara". In: Machado de Assis. <i>Papéis Avulsos</i>.</p>	
09/06	Naturalismo	<p>Alfredo Bosi. <i>História concisa da literatura brasileira</i>. p. 187 - 198 (Apontamentos de leitura)</p> <p>Naturalismo de Aluisio de Azevedo em <i>O cortiço</i> (Apontamentos de leitura)</p>	
16/06	Seminário 7	<p>Raul Pompéia . <i>O Atencu</i> .</p> <p>Ver: Leyla Perrone-Moisés (Org. ). <i>Retórica e Paixão</i>. São Paulo: Brasiliense, 1988. <i>Remate de Males</i>.</p>	<p>Equipe nº 7</p> <p>1. _____</p> <p>2. _____</p> <p>3. _____</p> <p>4. _____</p> <p>5. _____</p>

18/06	Parnasianismo no Brasil	Alfredo Bosi. <i>História concisa da literatura brasileira</i> . p. 217 - 234 (Apontamentos de leitura) "Fantástica", Alberto de Oliveira "Rio abaixo" de Olavo Bilac "Vaso grego" lberto de Oliveira " " Raimundo Correia.	
23/06	Seminário 8	Textos sugeridos: "Profissão de fé" Olavo Bilac "Nel mezzo del camin" Olavo Bilac, " As pombas" de Raimundo Correia.	Equipe nº 8 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____
25/06	O Simbolismo no Brasil	Alfredo Bosi. <i>História concisa da literatura brasileira</i> . 37 ed. São Paulo: Cultrix, 1994. P. 263-270. "correspondências" C. Baudelaire "O estilo", de Cruz e Sousa/ "Ismaíla", de Alphonsus de Guimaraens	
30/06	Seminário 9	Ver: CAMPOS, H. de; CAMPOS, A. de. <i>ReVisão de Kilkerry</i>  Textos sugeridos: "Antifona", Cruz e Sousa ; "Violões que choram" Cruz e Sousa " Horas ígneas", Pedro Kilkerry )	Equipe nº 9 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____
02/07	Vanguardas Europeias	TELES, G. M. A vanguarda européia. In.: _____. <i>Vanguardas européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas</i> . 6 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1982. (Apontamentos de leitura)  " Manifesto futurista" Marinetti (Apontamentos de leitura)	
07/07	O Pré-Modernismo: considerações preliminares	Ver: BOSI, A. Pressupostos históricos. In.: _____. <i>História concisa da literatura brasileira</i> . 37. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. P. 306-331..  Textos para discussão: "Soneto" de Augusto dos Anjos; <i>Novelas paulistanas</i> Alcântara Machado.	
09/07	Poesia no Pré-Modernismo	Ver: GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In.: ANJOS, A. 7 ed. <i>Ess</i> . São Paulo: Ática, 2001. ( entrega de apontamento de leitura )  Textos para discussão: "Cismas do destino" de Augusto dos Anjos; " O morcego" de Augusto dos Anjos;	

		"Versos íntimos" de Augusto dos Anjos.	
14/07	Seminário 10 A POESIA PRÉ-MODERNISTA: um solitário?	<i>Eu</i> de Augusto dos Anjos. Sugestão: "Psicologia de um vencido", "Vozes de um túmulo", "Agonia de um filósofo", "Monólogo de uma sombra", "Budismo moderno", "O martírio do artista", entre outros.  Textos auxiliares MOISÉS, Massaud. Compreensão de Augusto dos Anjos. <i>Revista Quinto Império</i> , ano 1986.  ROSENFELD, A. Costela de prata de Augusto dos Anjos. In.: _____. <i>Texto/contexto</i> . 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.	Equipe nº 1 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____ 6. _____
16/07	Avaliação escrita sem consulta		
21/07	Entrega resultados do 1º semestre		

## BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Flávio. *A comédia nacional no teatro de José de Alencar*. São Paulo: Ática, 1984.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1999.
- ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte. A poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O cacto e as ruínas*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Imagens do Romantismo no Brasil*. In.: GUINSBURG, J. (Org.) *O Romantismo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 239-256.
- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. São Paulo: Martins, 1964.
- \_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- DE MARCO, Valéria. *O império da cortesã: Luciola, um perfil de Alencar*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A perda das ilusões: o romance histórico de José de Alencar*. Campinas: São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993.
- FACIOLI, Valentim. *Um defunto estrambótico: análise e interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.
- FARACO, Carlos Emilio. *Roteiro de leitura: A escrava Isaura, de Bernardo de Guimarães*. São Paulo: Ática, 1998.
- FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O teatro na estante*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- GALVAO, Walnice Nogueira. *Gatos de outros sacos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GARBUGLIO, José Carlos. *Roteiro de leitura: Poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Roteiro de leitura: Romanceiro da inconfidência, de Cecília Meireles*. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Versos, sons, ritmos*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1989.
- GUINSBURG, J. (Org.) *O Romantismo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- LEITE, Lígia C. Moraes. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.

- LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura?* Petrópolis: Vozes, 1969.
- MACHADO, Irene. *Roteiro de leitura: Inocência*, de Visconde de Taunay. São Paulo: Ática, 1997.
- PRADO, Décio de Almeida. *Teatro de Anchieta a Alencar*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Peças, pessoas, personagens: o teatro brasileiro de Procópio Ferreira a Cacilda Becker*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- \_\_\_\_\_. *História concisa do teatro brasileiro*. São Paulo: Edusp, 1999.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia & São Paulo: Editora da USP, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)*. Belo Horizonte: Itatiaia & São Paulo: Editora da USP, 1988.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SIMON, Iumna Maria. *Drummond: uma poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978.
- SOUZA, Gilda de Melo e. *O tupi e o alaúde: uma leitura de Macunaima*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- VENTURA, Roberto. *Os sertões*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- VIANNA, Lúcia Helena. *Roteiro de leitura: São Bernardo*, de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PROFESSOR RESPONSÁVEL:

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\* PÁG. 0001  
 \*\*\*\*\* 01/01/2000  
 \*\*\*\*\* PROGRAMA NÃO OFICIAL. SEM VALIDADE PARA FINS LEGAIS \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

---

**PROGRAMA DE DISCIPLINA**

**Centro** : CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
**Departamento** : DEPTO. DE LETRAS VERNÁCULAS E CLÁSSICAS  
**Disciplina** : 3LET017 LITERATURA BRASILEIRA III **Ano Letivo** : 2002  
**Carga Horária** : 

<b>Teórica</b>	<b>Prática</b>	<b>Total</b>
68	0	68

---

**I - EMENTA**

Tendências contemporâneas da literatura brasileira.

**II - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- CONTEÚDO
- 1. Os gêneros e a sua dissolução
  - Romance
  - Conto
  - Crônica
  - Poema
  - Teatro
  - Ensaio
- 2. Temas e problemas
  - O fazer literário e a invenção
  - A mulher
  - O amor
  - O novo sujeito
  - A cidade e o campo
  - O nacional
  - O real e o fantástico
  - A rapidez
  - O humor
  - A cultura de massa

**III - BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- ARRIGUCCI Jr., Davi. Achados e perdidos. SP: Polis, 1979.
- \_\_\_\_\_ Enigma e comentário. SP: Cia. das Letras, 1987.
- AUERBACH, Erich. Mimesis. SP: Perspectiva, 1976.
- ÁVILA, Henrique Manuel. Da urgência à aprendizagem: sentido da história e romance brasileiro dos anos 60. Londrina: Ed. UEL, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. Vol. 1. SP: Brasiliense, 1985.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. SP: Cia. das Letras, 1990.
- BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. 2ª ed. SP: Cia. das Letras, 1994.

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\* PROGRAMA NÃO OFICIAL.SEM VALIDADE PARA FINS LEGAIS \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

### PROGRAMA DE DISCIPLINA

Centro : CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
 Departamento : DEPTO. DE LETRAS VERNÁCULAS E CLÁSSICAS  
 Disciplina : 3LETO17 LITERATURA BRASILEIRA III Ano Letivo : 2002  
 Carga Horária : Teórica Prática Total  
 68 0 68

#### III - BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- \_\_\_\_\_ O conto brasileiro contemporâneo. SP: Cultrix, 1992.  
 \_\_\_\_\_ História concisa da literatura brasileira. SP: Cultrix, 1985.  
 \_\_\_\_\_ (org.) Leitura de poesia. SP: Ática, 1997.  
 BRADBURY, M. e MACFARLANE, J. Modernismo: guia geral. SP: Cia das Letras, 1989.  
 CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. Trad. Ivo Barroso, 3ª ed. SP: Cia. das Letras, 1993.  
 CANDIDO, Antônio. "A Vida ao Rés-do-Chão". In: Vários Autores. A crônica. Campinas/RJ: Ed. Unicamp / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.  
 \_\_\_\_\_ Educação pela noite e outros ensaios. SP: Ática, 1987.  
 \_\_\_\_\_ Literatura e sociedade. SP: Cia. Ed. Nacional, 1985.  
 \_\_\_\_\_ Tese e antítese. SP: Cia. Ed. Nacional, 1964.  
 CAMPOS, Augusto de et al. Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960. SP: Brasiliense, 1987.  
 CAMPOS, Haroldo. Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana. São Paulo: Perspectiva, 1977.  
 CARA, Salete de Almeida. A poesia lírica. 3ª ed. SP: Ática, 1989.  
 CASTELLO, José Aderaldo. A literatura brasileira. Origens e unidade. SP: EdUSP, 1999.  
 CORTAZAR, Julio. Valise de cronópio. SP: Perspectiva, 1993.  
 COUTINHO, Afrânio (org.). A literatura no Brasil. Vol. 6, 4ª ed. RJ: Editora Global, 1998.  
 EAGLETON, Terry. As ilusões do pós-modernismo. RJ: Jorge Zahar, 1998.  
 ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. Trad. Hildegard Feist. SP: Cia. das Letras, 1994.  
 FRANCO, Renato. Itinerário político do romance pós-64: A festa. SP: Ed. da UNESP, 1998.  
 FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna. SP: Duas Cidades, 1978.  
 GOTLIB, Nádia Battella. Teoria do conto. SP: Ática, 1990.  
 HOLANDA, Sérgio Buarque. O espírito e a letra. Estudos de crítica literária. 2 vol. SP: Cia. das Letras, 1996.  
 HOLLANDA, Heloisa Buarque. Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde (1960/70). RJ: Rocco, 1992.  
 \_\_\_\_\_ (org.) Pós-modernismo e política. RJ: Rocco, 1992.  
 \_\_\_\_\_ (org.) 26 poetas hoje. RJ: Aeroplano, 1998.  
 HUTCHESON, Linda. Poética do pós-modernismo. RJ: Imago, 1991.  
 LADEIRA, Julieta de Godoy (org.). Contos brasileiros contemporâneos. SP: Moderna, 1997.  
 LIMA, Luiz Costa. Dispersa demanda. RJ: Francisco Alves, 1981.

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\* Pág. 0003  
 \*\*\*\*\* 01/01/2000  
 \*\*\*\*\* PROGRAMA NÃO OFICIAL.SEM VALIDADE PARA FINS LEGAIS \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

---

**PROGRAMA DE DISCIPLINA**

Centro : CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
 Departamento: DEPTO. DE LETRAS VERNÁCULAS E CLÁSSICAS  
 Disciplina : 3LET017 LITERATURA BRASILEIRA III Ano Letivo :2002  
 Carga Horária: 

Teórica	Prática	Total
68	0	68

---

**III - BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- \_\_\_\_\_. Lira e antilira. RJ: Topbooks.  
 MASSI, Augusto (org.). Artes e ofícios da poesia. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991.  
 MORICONI, Ítalo (org.). Os cem melhores contos do século. RJ: Objetiva, ant 2000.  
 MERQUIOR, José Guilherme. A astúcia da mimese: ensaios sobre a lirica. 2ª ed. RJ: Topbooks, 1997.  
 NUNES, Benedito. O dorso do tigre. SP: Ed. Perspectiva, 1976.  
 ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. SP: Brasiliense, 1996.  
 PAZ, Octavio. Signos em rotação. SP: Perspectiva, 1976.  
 PERRONE-MOISÉS, Leyla. Altas literaturas. SP: Cia. das Letras, 1998.  
 PICCHIO, Luciana Stegagno. História da literatura brasileira. RJ: Ed. Nova Aguilard, 1997.  
 POUND, Ezra. Abc da literatura. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. SP: Cultrix.  
 PROENÇA FILHO, Domicio (org.). O livro do seminário: ensaios. SP: LR Editores, 1982.  
 \_\_\_\_\_. Pós-modernismo e literatura. SP: Vozes, 1997.  
 \_\_\_\_\_. Estilos de época na literatura. 7ª ed. SP: Editora Luceu, 1980.  
 RAYMOND, Marcel. De Baudelaire ao surrealismo. SP: EdUSP, 1997.  
 RESENDE, Beatriz (org.). Cronistas do Rio. RJ: José Olympio, CCBB, 1995.  
 Revista Travessia nº 24 - Poesia Brasileira Contemporânea. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.  
 RODRIGUES, Selma Calasans. O fantástico. SP: Ática, 1988.  
 ROSENFELD, Anatol et alli. A personagem de ficção. 5ª ed. SP: Perspectiva, 1976.  
 SÁ, Jorge de. A crônica. 5ª ed. SP: Ática, 1997.  
 SANTIAGO, Silvano. Vale quanto pesa. RJ: Paz e Terra, 1982.  
 \_\_\_\_\_. Nas malhas da letra. SP: Cia. das Letras, 1989.  
 SCHWARZ, Roberto. Que horas são? Ensaio. SP: Cia. das Letras, 1987.  
 SECCHIN, Antonio Carlos. João Cabral: a poesia de menos. SP: Duas Cidades, 1985.  
 \_\_\_\_\_. Poesia e desordem. RJ: Topbooks, 1996.  
 SÜSSEKIND, Flora. Literatura e vida literária. RJ: Ed. Jorge Zahar, 1985.

---

Aprovado pelo Colegiado de Curso em.: 06/08/2002

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\* PROGRAMA NÃO OFICIAL, SEM VALIDADE PARA FINS LEGAIS \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

Pág. 0004  
 01/01/2000.

---

PROGRAMA DE DISCIPLINA

Centro : CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
 Departamento : DEPTO. DE LETRAS VERNÁCULAS E CLÁSSICAS  
 Disciplina : 3LET017 LITERATURA BRASILEIRA III Ano Letivo : 2002  
 Carga Horária : Teórica Prática Total  
                   68           0           68

---

Professores Responsáveis : MARILYN VIEIRA MARTINS  
   LUIZ CARLOS SANTOS SIMON

\*\*\*\*\*  
 \*\*\*\*\*

**ANEXO B**  
**FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE**  
**CORNÉLIO PROCÓPIO – FACICOP**

**ANEXO B – FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE  
CORNÉLIO PROCÓPIO – FACICOP**

FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE CORNÉLIO PROCÓPIO – FACICOP	
DEPARTAMENTO DE LETRAS 2001	ANO LETIVO:
<b>DISCIPLINA: LITERATURA BRASILEIRA I</b>	<b>CÓD.: 101318</b>
CURSO: LETRAS	SÉRIE: 3ª
CARGA HORÁRIA: 144 horas – 4H/AULA	
HABILITAÇÃO: anglo-portuguesas	REGIME: ANUAL

**1 – EMENTA**

Conceito de Literatura brasileira e suas origens. Barroco. Arcadismo. Romantismo. Realismo/Naturalismo. Parnasianismo.

**2 – OBJETIVOS**

Auxiliar o aluno na compreensão das manifestações literárias que vão desde a Literatura Colonial ao Realismo/Naturalismo. Refletir criticamente sobre o caráter nacional e o nacionalismo de nossa literatura, a partir de textos teóricos e críticos.

**3 – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

- 3.1. Contexto histórico-social, as relações culturais na colonização
- 3.2. a questão da história literária, a periodização
- 3.3. Conceito de Literatura Brasileira: definição e caracteres
- 3.2. Origens
- 3.3. Barroco: Prosa e Poesia
- 3.4. Arcadismo: prosa e Poesia
- 3.5. Romantismo: Prosa e Poesia
- 3.6. Realismo/Naturalismo: Machado de Assis e Aluisio de Azevedo
- 3.7. A estética Parnasiana no Brasil

**4. METODOLOGIA**

- Aulas expositivas, debates, seminários, estudo dirigido

**5. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

- seminários, provas escritas, verificação de leituras e fichamentos, trabalhos escritos

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- AMORA, Antonio Soares. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1960.
- ANCHIETA, José de. *Poemas*. Rio de Janeiro: Agir. s/d.
- ARROYO, Leonardo. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras: 1993.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993.

- Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 2.ed. São Paulo: Duas cidades, 1977. P. 13-32.
- Formação da Literatura Brasileira*. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. 2v.
- Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985.
- et CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988.
- COUTINHO, Afranio (org.) *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986. 6v.
- CUNHA, Fausto. *O Romantismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- MATOS, Gregorio de. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: IEL, 1991.
- RONCARI, Luis. *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: EDUSP, 1995. (Didática, 2)
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.
- TEIXEIRA, Ivan. *Apresentação de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VIEIRA, Pe Antonio. *Sermões*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

APROVADO PELO DEPARTAMENTO EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

CHEFE DE DEPARTAMENTO

PROF. Resp. pela disciplina

FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE CORNÉLIO  
PROCÓPIO – FAFICOP

DEPARTAMENTO DE LETRAS

**DISCIPLINA: LITERATURA BRASILEIRA I I**

CURSO: LETRAS

CARGA HORÁRIA: 144 – 4 H/AULA

HABILITAÇÃO: anglo-portuguesas

ANO LETIVO: 2003

**CÓD.: 101319**

SÉRIE: 4º

REGIME: ANUAL

### **1 – EMENTA**

Simbolismo. Pré-Modernismo. Modernismo. Tendências contemporâneas da Literatura Brasileira e de outras artes.

### **2 – OBJETIVOS**

- Proporcionar ao educando conhecimentos da Literatura Brasileira Simbolista do final do século XIX e as apresentar uma visão crítica da primeira metade do século XX.
- Evidenciar ao aluno a evolução de estruturas e ideologias presentes na Literatura Moderna e contemporânea.

### **3 – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

#### **3.1. O Simbolismo**

- características estéticas e contextuais
- O Simbolismo francês
- O Simbolismo brasileiro: autores representativos
- A prosa impressionista

#### **3.2. Pré-Modernismo**

- características estéticas e contextuais
- Os movimentos de Vanguarda
- autores representativos

#### **3.3. Modernismo**

- Características estéticas e contextuais
- A Semana de Arte Moderna: antecedentes, organizadores, realização
- As fases do Modernismo: autores representativos

#### **3.4. Produções contemporâneas**

- Poesia: evolução das formas de expressão e organização do poema
- Ficção: mudanças ideológicas e estruturais da narrativa
- O teatro brasileiro
- A música popular
- O cinema nacional

### **4. METODOLOGIA**

- Aulas expositivas, debates, seminários, estudo dirigido

### **5. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

- seminários, provas escritas, verificação de leituras e fichamentos, trabalhos escritos

### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AMORA, Antonio Soares. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1960.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O pré-modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Atica, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira*. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. 2v.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985.
- \_\_\_\_\_. et CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988.
- COUTINHO, Afranio (org.) *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986. 6v.
- HELENA, Lúcia. *Modernismo Brasileiro e Vanguarda*. São Paulo: Ática, 1986.
- HOHLFELDT, Antonio. *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira – Simbolismo*. São Paulo: Cultrix.
- PROENÇA FILHO, Domicio. *Pós-Modernismo e Literatura*. São Paulo: Ática, 1988.
- ROSENFELD, Anataol. Reflexões sobre o romance moderno. In: \_\_\_\_\_. *Texto/Contexto*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

APROVADO PELO DEPARTAMENTO EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
CHEFE DE DEPARTAMENTO

Prof. Resp. pela disciplina

**ANEXO C**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM**

## ANEXO C – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ PRÓ-REITORIA DE ENSINO Diretoria de Ensino de Graduação Secretaria dos Colegiados de Cursos de Graduação	
<b>PROGRAMA DA DISCIPLINA</b>	
Departamento de: <u>Letras</u>	
Disciplina - Código: <u>240</u>	Ano Letivo: <u>1993</u>
Nome: <u>Literatura Brasileira I-A (Habilitação Única)</u>	
Curso: <u>Letras</u> Carga Horária: <u>Teórica: 136 Prática:...</u> Total: <u>136</u>	
1.EMENTA/ 2.OBJETIVOS/ 3.PROGRAMA/ 4.BIBLIOGRAFIA.	
1. <b>EMENTA:</b> Estudo da literatura brasileira, de suas origens até o Romantismo.	
2. <b>OBJETIVOS:</b>	
1. Estudar e reconhecer a literatura brasileira como forma de expressão da realidade nacional;	
2. estudar a literatura brasileira desde suas origens até o Romantismo, reconhecendo neste período o seu processo formativo;	
3. produzir textos analítico-interpretativos, organizados de maneira dissertativa, sobre textos literários brasileiros de diferentes gêneros, e dentro dos padrões mínimos de exigência do discurso científico.	
3. <b>PROGRAMA:</b>	
1. Visão Panorâmica da Literatura no Brasil: formação, periodização e correlação histórico-cultural.	
2. Primeiras manifestações literárias:	
2.1. Literatura de informação;	
2.2. Literatura Jesuítica.	
3. O Barroco:	
3.1. "Prosopopéia" - Bento Teixeira;	
3.2. Gregório de Matos;	
3.3. Os movimentos acadêmicos.	
4. O Arcadismo:	
4.1. Poesia e ideologia;	
4.2. A lírica: Cláudio M. da Costa/Tomás A. Gonzaga;	
4.3. O Épico, o satírico e o herói-cômico: Basílio da Santa Rita Durão/ Cartas Chilenas. Gama/	
5. Romantismo:	
5.1. Fundamentos Histórico-estéticos;	
5.2. As gerações românticas:	
5.2.1. A poesia - principais autores e obras;	
5.2.2. A prosa - principais autores e obras;	
5.2.3. O teatro - principais autores e obras.	
4. <b>BIBLIOGRAFIA:</b>	
Bibliografia Específica:	
BOSI, Alfredo. <u>História Concisa da Literatura Brasileira.</u> São Paulo, Ed. Cultrix.	
CÂNDIDO, Antônio. <u>Formação da Literatura Brasileira.</u> Vols. I e II, Belo Horizonte. Ed. Itatiaia.	
CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. <u>A Literatura Infantil: visão Histórica e Crítica.</u> SP. Global Universitária.	
CASTELLO, Y. Aderaldo. <u>Manifestações Literárias na Era Colonial.</u> Vol. I, São Paulo, Ed. Cultrix.	
COELHO, N.N. <u>Dicionário de Literatura Infantil.</u> SP. Quiron.	
COUTINHO, Afrânio (dir.). <u>A Literatura no Brasil.</u> RJ. José Olympio, Volumes I, II e III.	
COUTINHO, Afrânio. <u>Conceito da Literatura Brasileira,</u> Petrópolis, .../	
DEPARTAMENTO DE LETRAS <i>(Assinatura)</i>	

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
Diretoria de Ensino de Graduação  
Secretaria dos Colegiados de Cursos de Graduação

**PROGRAMA DA DISCIPLINA**

Departamento de: Letras

Disciplina - Código: 240 Ano Letivo: 1993

Nome: Literatura Brasileira I - A (Habilitação Única)

Curso: Letras Carga Horária: Teórica. 136 Prática: ... Total: 136

**1. EMENTA/ 2. OBJETIVOS/ 3. PROGRAMA/ 4. BIBLIOGRAFIA.**

/...

- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil - Teoria e Prática. SP. Ática, 1986.
- LAJOLÓ, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira - História e Histórias. SP. Ática, 1985.
- LIMA, Alceu A. Introdução à Literatura Brasileira. SP, Agir.
- MAGALDI, Sábato. Panorama do Teatro Brasileiro. Difusão Européia do Livro, SP, 1962.
- SODRÉ, Nelson W. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1976.
- VERÍSSIMO, José. História da Literatura Brasileira, Brasília, Editora da UnB.

**Bibliografia de Apoio:**

- ÁVILA, Afonso. O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco, SP, Perspectiva (Série "Debates").
- CÂNDIDO, Antônio. Vários Escritos, SP, Livraria Duas Cidades.
- CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. São Paulo. Companhia Editora Nacional.
- CARVALHO, Ronald de. Peguesa História da Literatura Brasileira, B.H./Brasília, Itatiaia/INL.
- GALANTI, J. O Teatro no Brasil. Instituto Nacional do Livro. RJ. 1966.
- GUINSBURG, J. O Romantismo, SP, Perspectiva.
- HAUSER, Arnold. O Maneirismo, SP, Perspectiva.
- MELLO, Susy de Barroco. SP. Brasiliense, (Série "Primeiros Vãos")
- MERQUIOR, José G. De Anchieta a Euclides, RJ, José Olympio Editora.
- ROMERO, Silvio. História da Literatura Brasileira. RJ. José Olympio, 5 volumes.
- VERÍSSIMO, José. Estudos de Literatura Brasileira, BH., Itatiaia, EDUSP (todas as "séries").

APROVADO PELO DEK SM  
REUNIAO DE 21/08/1993  
SA

APROVADO PELO COLEGIADO DO  
CURSO DE LETRAS  
em 16/10/92 reunião no 126  
Menezes  
COORDENADOR

DEPARTAMENTO DE LETRAS  
*Silvia Inês C. C. de Vasconcelos*  
Silvia Inês C. C. de Vasconcelos  
CHEFE

Aprovação Dept./Assinatura Chefe

Aprovação Colegiado/Assinatura Coordenador

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
 Diretoria de Ensino de Graduação  
 Secretaria dos Colegiados de Cursos de Graduação

PROGRAMA DA DISCIPLINA

Departamento de LETRAS

Disciplina: LITERATURA BRASILEIRA II-A

Código: 245 Ano Letivo: 1996 Carga Horária: 136

Curso: LETRAS

1. EMENTA/2.OBJETIVOS/3.PROGRAMA/4.BIBLIOGRAFIA.

1. EMENTA

Estudo da Literatura Brasileira, do Realismo ao Pré-Modernismo.OK

2. OBJETIVOS

1. Estudar e reconhecer a literatura brasileira como forma de expressão da realidade nacional;
2. estudar a literatura brasileira do realismo ao Pré-Modernismo, estabelecendo correlações histórico-literárias;
3. Produzir textos analítico-interpretativos, organizados de maneira dissertativa, sobre textos literários brasileiros de diferentes gêneros, e dentro dos padrões mínimos de exigência do discurso científico.OK

3. PROGRAMA

1. O Realismo
  - 1.1. Fundamentos histórico-sintéticos;
  - 1.2. Machado de Assis;
  - 1.3. Raul Pompéia.
2. O naturalismo
  - 2.1. Fundamentos histórico-estéticos;
  - 2.2. Aluísio Azevedo e outros autores representativos.
3. O Parnasianismo
  - 3.1. Fundamentos histórico-estéticos;
  - 3.2. Olavo Bilac e outros autores representativos.
4. A produção literária para infância e juventude (1890-1920)
  - 4.1. Júlia Lopes de Almeida e outros.
5. O Simbolismo
  - 5.1. Fundamentos histórico-estéticos;
  - 5.2. Cruz e Souza e outros.

AFEX. VAM. REUN. DEB. SM.  
 REUN. AC. S. 26. 10. 95  
 DEPARTAMENTO DE LETRAS  
 Maria Osana Zolitz  
 VICE-CHEFE

Aprovação Depto/Assinatura Chefe

Aprovação Colegiado/Ass. Coord.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
 Diretoria de Ensino de Graduação  
 Secretaria dos Colegiados de Cursos de Graduação

PROGRAMA DA DISCIPLINA

Departamento de LETRAS

Disciplina: LITERATURA BRASILEIRA II-A

Código: 245 Ano Letivo: 1996 Carga Horária: 136

Curso: LETRAS

1. EMENTA/2.OBJETIVOS/3.PROGRAMA/4.BIBLIOGRAFIA.

/...

6. O teatro de Corpo Santo

7. O Pré-Modernismo

7.1. Fundamentos histórico-estéticos;

7.2. Lima Barreto;

7.3. Augusto dos Anjos;

7.4. Euclides da Cunha.

8. A literatura de Monteiro Lobato

8.1. A literatura infantil;

8.2. outros aspectos de sua obra.

4. BIBLIOGRAFIA

Bibliografia específica

BOSI, Alfredo. *Histórica Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Vols. I e II, Belo Horizonte: Itatiaia.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. *A Literatura Infantil: visão histórica e crítica*. SP: Global Universitária.

CASTELLO, Y. Aderaldo. *Manifestações Literárias na Era Colonial*. Vol. I, São Paulo: Cultrix.

COELHO, N.N. *Dicionário de Literatura Infantil*. SP: Quiron.

COUTINHO, Afrânio (dir.). *A Literatura no Brasil*. RJ: José Olympio. Volumes I, II e III.

COUTINHO, Afrânio. *Conceito da Literatura Brasileira*. Petrópolis.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil - Teoria e Prática*. SP: Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira - História e Histórias*. SP: Ática, 1985.

.../

DEPARTAMENTO DE LETRAS

*Osana Zolin*  
 OSANA ZOLIN  
 VICE-CHEFE

Aprovação Depto/Assinatura Chefe

*[Assinatura]*  
 Aprovação Colegiado/Ass. Coord.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
 Diretoria de Ensino de Graduação  
 Secretaria dos Colegiados de Cursos de Graduação

PROGRAMA DA DISCIPLINA

Departamento de LETRAS

Disciplina: LITERATURA BRASILEIRA II-A

Código: 245 Ano Letivo: 1996 Carga Horária: 136

Curso: LETRAS

1. EMENTA/2.OBJETIVOS/3.PROGRAMA/4.BIBLIOGRAFIA.

/...

MOISÉS, M. *História da Literatura Brasileira*. Vol. 1, 2, 3, 4, 5. São Paulo: Cultrix, 1990.

\_\_\_\_\_. *Literatura brasileira através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1995.

PACHECO, João. *O Realismo*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. RJ: José Olympio, 5 volumes.

SANT'ANNA, A.R. *Análise estrutural de romances brasileiros*. SP: Atica, 1993 (Série Fundamentos).

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Duas Cidades, 1977.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de Literatura Brasileira*. BH: Itatiaia: EDUSP (todas as "séries").

ZILBERMAN, Regina (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

*Luiza Osana Zolin*  
 VICE-CHEFE

Aprovação Deptº/Assinatura Chefe

APROVADO PELO COLEGIADO DO  
 CURSO DE: L E T R A S

Em 24/11/95 Reunião n.º 139

*José Luiz de Souza*  
 COORDENADOR

Aprovação Colegiado/Ass. Coord.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
 Diretoria de Ensino de Graduação  
 Secretaria dos Colegiados de Cursos de Graduação

PROGRAMA DA DISCIPLINA

Departamento de: LETRAS

Disciplina: Literatura Brasileira III

Código: 251 Ano Letivo: 1995 Carga Horária: 136

Curso: Letras

1.EMENTA/2.OBJETIVOS/3.PROGRAMA/4.BIBLIOGRAFIA.

1. **EMENTA:** Estudo da literatura brasileira, do modernismo à produção contemporânea.
2. **OBJETIVOS:**
  1. Estudar e reconhecer a literatura brasileira como forma de expressão da realidade nacional;
  2. Estudar a literatura brasileira do Modernismo à produção Contemporânea, estabelecendo correlações histórico-literárias;
  3. Produzir textos analítico-interpretativos, organizados de maneira dissertativa, sobre textos literários brasileiros de diferentes gêneros, e dentro dos padrões mínimos do discurso científico.
3. **PROGRAMA:**
  1. Modernidade e contexto/O Modernismo no Brasil
  2. 1922 a 1945:
    - 2.1. A fase heróica do modernismo (1922-1930)
      - 2.1.1. Poesia e Prosa: Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira;
      - 2.1.1. Outros Autores.
    - 2.2. A Consolidação (1930-1945)
      - 2.2.1. Poesia: Carlos Drummond de Andrade;
      - 2.2.2. Prosa: Graciliano Ramos;
      - 2.2.3. Outros Autores;
      - 2.2.4. A situação da produção para infância e a juventude;
      - 2.2.5. O teatro de Oswald de Andrade.
  3. Novos Rumos:
    - 3.1. A poesia: geração de 45 - João Cabral de Melo Neto
    - 3.2. Ficção:
      - 3.2.1. Guimarães Rosa;
      - 3.2.2. Clarice Lispector;
    - 3.3. A situação da produção para infância e a juventude.
    - 3.4. O teatro.
  4. Tendências Atuais:
    - 4.1. Poesia concreta, poema práxis. poema Processo;
    - 4.2. Os caminhos da ficção;
    - 4.3. Os rumos da produção literária para a infância e a juventude;
    - 4.4. O teatro.

APROVADA PELO DLE NM

REVISÃO 21.08.91

DEPARTAMENTO DE LETRAS

*Wassonulo*  
 Silvia Ines C. C. de A.  
 Assessoria Dep. de Assessoria Chete

Aprovação Colegiado/Assinatura Coordenador

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
Diretoria de Ensino de Graduação  
Secretaria dos Colegiados de Cursos de Graduação

PROGRAMA DA DISCIPLINA

Departamento de: LETRAS

Disciplina: Literatura Brasileira III

Código: 251 Ano Letivo: 1995 Carga Horária: 136

Curso: Letras

1.EMENTA/2.OBJETIVOS/3.PROGRAMA/4.BIBLIOGRAFIA.

/...

4. BIBLIOGRAFIA

ABDALA JUNIOR, Benjamin e CAMPEDELLI, Samira J. Tempos da Literatura Brasileira. São Paulo. Ática.

ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira. Ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo, Melhoramentos 1968.

BOSI, Alfredo. O Pré-Modernismo. São Paulo. Cultrix.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo Cultrix.

BOSI, Alfredo. O Conto Brasileiro Contemporâneo. São Paulo. Cultrix.

BRITO, Mário da Silva. História do Modernismo Brasileiro - Antecedentes da Semana de Arte Moderna. Ed. Civilização Brasileira.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. São Paulo. Companhia Editora Nacional.

CANDIDO, Antonio Castelo, J. Aderaldo. Presença da Literatura Brasileira. Vol. III. Difusão Européia do Livro.

COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira. (1882-1982). São Paulo, Quiron, 1983.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira : história e histórias. São Paulo, Ática, 1984.

\_\_\_\_\_. Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e obras. São Paulo, Global, 1986.

SANCHEZ, Amauri M. Tonucci. Panorama da Literatura no Brasil. Editora Abril Cultural. São Paulo.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro Editora Vozes. Petrópolis.

ZILBERMAN, Regina (org.) Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

APROVADO PELO DLB EM

RESOLUÇÃO DE 21.08.94

DEPARTAMENTO DE LETRAS

*Waronato*  
Sônia Amis C. C. de Vasconcelos

Aprovação/Assinatura/Assinatura Chefe

APROVADO PELO COLEGIADO DO  
CURSO DE: L E T R A S

Em 13 / 06 / 94 Reunião n.º 133

*Auriberto*  
COORDENADOR

Aprovação Colegiado/Assinatura Coordenador

**ANEXO D**  
**UNIVERSIADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA – UEPG**

**ANEXO D – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA – UEPG**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
Pró-Reitoria de Graduação  
Divisão de Ensino

**PROGRAMA DE DISCIPLINA**

SETOR: CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO: LETRAS VERNÁCULAS  
DISCIPLINA: Literatura Brasileira I  
CÓDIGO:

NÚMERO DE AULAS TEÓRICAS: 68  
NÚMERO DE AULAS PRÁTICAS:  
CARGA HORÁRIA TOTAL: 68

DESTINA-SE AO CURSO DE: LETRAS

**EMENTA:**

Construção da identidade nacional, da colônia ao período romântico.

Autores e movimentos relevantes para a compreensão da cultura letrada do século XVI ao século XIX, com destaque para as obras fundacionais.

**OBJETIVOS GERAL:**

Acompanhar as origens da literatura brasileira;  
Analisar criticamente a mudança das idéias estéticas nos três movimentos do período: Barroco (1601-1768) Arcadismo (1768-1836) e Romantismo (1836-1881);  
Perceber a formação de uma consciência textual de matriz brasileira;  
Conhecer as principais obras deste período.



Universidade Estadual de Ponta Grossa

ESTRUTURAÇÃO DO CONTEÚDO DA DISCIPLINA:

Nº DA UNIDADE	ASSUNTO	Nº DE HORAS/AULA
1	A carta de Pero Vaz de Caminha.	2
2	Apresentação crítica da literatura jesuítica e dos textos de informação sobre o Brasil (excertos de José de Anchieta e Pêro Magalhães Gândavo).	4
3	Introdução ao estilo barroco e aos valores da época.	2
4	Leitura de uma antologia poética que contemple as várias vertentes líricas de Gregório de Matos.	4
5	Apresentação dos textos de oratória de Antonio Vieira e análise de dois sermões: o de Santo Antônio Pregado aos Peixes (1654) e o da Sexagésima (1655).	6
6	Introdução às idéias árcades e ao momento histórico de início de uma consciência nacional e leitura crítica de poemas de Cláudio Manuel da Costa.	4
7	Leitura e análise do livro <i>Marília de Dirceu</i> , de Tomás Antônio Gonzaga.	4
8	Leitura e análise de <i>O Uruguai</i> , de José Basílio da Gama.	4
9	Leitura e análise de <i>O caramuru</i> , de Santa Rita Durão.	4
10	Introdução às idéias do primeiro momento romântico, quando se dá a afirmação de uma consciência nacional.	2
11	Leitura crítica dos poemas indianistas e da lírica de Gonçalves Dias.	4
12	Leitura dos poemas líricos de Casemiro de Abreu.	2
13	Leitura e análise de <i>Iracema</i> e <i>Senhora</i> de José de Alencar.	6
14	Introdução às idéias do segundo momento romântico.	2
15	Leitura de poemas de Álvares de Azevedo e análise de <i>Macário</i> e <i>Noite na taverna</i> .	4
16	Leitura e análise de <i>Memórias de um sargento de milícias</i> , de Manuel Antônio de Almeida.	4

17	Introdução às idéias do terceiro momento romântico.	2
18	A poesia de Castro Alves;	4
19	Leitura e análise de <i>Inocência</i> , de Visconde de Taunay.	4

**MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO EMPREGADOS NA DISCIPLINA:**

A apresentação dos tópicos será feita pelo professor por meio de aulas expositivas, com ou sem a utilização de recursos audiovisuais.

A análise dos textos dar-se-á em debates coordenados pelo professor.

Seminários mensais, desenvolvidos pelos alunos e orientados pelo professor.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA E/OU COMPLEMENTAR:**

- AMORA, Antonio Soares. *O Romantismo*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BANDEIRA MANUEL. *Poesia da fase romântica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira* (6.ª edição). Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- CASTRO, Silvio. *História da literatura brasileira* (vol. I e II). Lisboa: Alfa, 2000.
- HORTA, Anderson Braga. *A aventura espiritual de Álvares de Azevedo*. Brasília: Thesaurus, 2002.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira* (6.ª edição). Vol. I. São Paulo: Cultrix, 2001.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor, 2002.
- STEGAGNO-PICCHIO, Lucina. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1997.
- TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *Gregório de Matos*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

REGISTRADO EM REUNIÃO DEPARTAMENTAL NO DIA DE DE 200

CHEFE DE DEPARTAMENTO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
Pró-Reitoria de Graduação  
Divisão de Ensino

PROGRAMA DE DISCIPLINA

SETOR: CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO: LETRAS VERNÁCULAS  
DISCIPLINA: Literatura Brasileira II  
CÓDIGO:

NÚMERO DE AULAS TEÓRICAS: 68  
NÚMERO DE AULAS PRÁTICAS:  
CARGA HORÁRIA TOTAL: 68

DESTINA-SE AO CURSO DE: LETRAS

EMENTA:

O Oitocentos brasileiro: literatura e cultura brasileira pós-Romantismo.

Autores, obras e questões relevantes para a compreensão da cultura brasileira em transição para a modernidade.

OBJETIVOS GERAL:

Acompanhar a entrada da realidade nacional na literatura brasileira;  
Analisar criticamente a mudança das idéias estéticas nos movimentos do período: Realismo (Parnasianismo e Naturalismo) Simbolismo e Pré-Modernismo;  
Perceber a formação de uma consciência textual crítica;  
Conhecer as principais obras deste período.



Universidade Estadual de Ponta Grossa

ESTRUTURAÇÃO DO CONTEÚDO DA DISCIPLINA:

Nº DA UNIDADE	ASSUNTO	Nº DE HORA S/ AULA
1	A tomada de consciência realista.	2
2	Introdução à estética parnasiana: o poeta como ourives.	2
3	A trindade parnasiana: Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Raimundo Correia.	4
4	O romance realista e sua função crítica.	2
5	O realismo interior de Machado de Assis.	2
6	Compreensão da contística de Machado de Assis pela análise crítica dos contos "Teoria do medalhão" e "O espelho".	2
7	Leitura e análise crítica de <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> , de Machado de Assis.	4
8	Leitura e análise crítica de <i>Dom Casmurro</i> , de Machado de Assis.	4
9	O olhar clínico do Naturalismo.	2
10	Leitura e análise crítica de <i>O cortiço</i> , de Aluísio Azevedo.	4
11	Leitura e análise crítica de <i>O alienista</i> , de Machado de Assis.	2
12	O memorialismo em <i>Minha formação</i> , de Joaquim Nabuco.	2
13	O romance psicológico: <i>O Ateneu</i> , de Raul Pompéia.	4
14	Introdução às idéias do Simbolismo: à sombra do símbolo.	2
15	O caso Cruz e Sousa: leitura crítica de <i>Broquéis</i> , <i>Missal</i> e <i>Últimos sonetos</i> .	6
16	A poesia mística de Alphonsus Guimaraens.	2
17	A poesia de Emiliano Pernetá.	2
18	Um período de transição literária: 1900 a 1922.	2
19	A poesia cientificista de Augusto dos Anjos.	4
20	Epopéia sertaneja: <i>Os sertões</i> , de Euclides da Cunha.	6

21	O romance social: <i>Policarpo Quaresma</i> , de Lima Barreto.	4
22	O ocaso do classicismo: <i>Luz mediterrânea</i> , de Raul de Leoni.	2

MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO EMPREGADOS NA DISCIPLINA:

A apresentação dos tópicos será feita pelo professor por meio de aulas expositivas, com ou sem a utilização de recursos audiovisuais.

A análise dos textos dar-se-á em debates coordenados pelo professor.

Seminários mensais, desenvolvidos pelos alunos e orientados pelo professor.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA E/OU COMPLEMENTAR:

- ANDRADE, Olímpio de Sousa. *História e interpretação de Os sertões*. Rio de Janeiro: ABL, 2002.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto* (8.ª edição). Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- BOSI, Alfredo. *O pré-Modernismo*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- Cadernos de literatura brasileira. *Euclides de Cunha*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.
- CAPAZ, Camil. *Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- CASTRO, Silvio. *História da literatura brasileira* (vol II). Lisboa: Alfa, 2000.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Globo, 2001.
- MAGALHÃES JR., R. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MAGALHÃES JR., R. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: INL, 1972.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. Vol. II. São Paulo: Cultrix, 5.ª edição, 2001.
- MOISÉS, Massaud. *Machado de Assis: ficção e utopia*. São Paulo, Cultrix, 2001.
- MOISÉS, Massaud. *O simbolismo*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1951.
- PACHECO, João. *O realismo*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Nenhum Brasil existe*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- STEGAGNO-PICCHIO, Lucina. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1997.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

REGISTRADO EM REUNIÃO DEPARTAMENTAL NO DIA DE DE 200

CHEFE DE DEPARTAMENTO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
Pró-Reitoria de Graduação  
Divisão de Ensino

**PROGRAMA DE DISCIPLINA**

SETOR: CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO: LETRAS VERNÁCULAS  
DISCIPLINA: Literatura Brasileira III  
CÓDIGO:

NÚMERO DE AULAS TEÓRICAS: 68  
NÚMERO DE AULAS PRÁTICAS:  
CARGA HORÁRIA TOTAL: 68

DESTINA-SE AO CURSO DE: LETRAS

**EMENTA**

Literatura da modernidade: do Modernismo às manifestações contemporâneas.

Leitura e análise de obras e autores representativos do projeto estético e ideológico da modernidade do Brasil.

**OBJETIVOS GERAL**

Acompanhar a afirmação entusiástica da modernidade brasileira;  
Analisar criticamente a mudança das idéias estéticas ocorrida no século XX;  
Perceber a formação de uma consciência textual de matriz experimental;  
Conhecer as principais obras deste período.



Universidade Estadual de Ponta Grossa

ESTRUTURAÇÃO DO CONTEÚDO DA DISCIPLINA:

Nº DA UNIDADE	ASSUNTO	Nº DE HORAS/AULA
1	Maquinização do Brasil.	2
2	Década de 20: entusiasmos modernistas.	2
3	Leitura e análise <i>Paulicéia desvairada</i> , de Mário de Andrade.	2
4	Leitura e análise de <i>Pau-Brasil</i> , de Oswald de Andrade.	2
5	Síntese nacional: <i>Macunaima</i> , de Mário de Andrade.	4
6	Definição regional: <i>Cobra Norato</i> , de Raul Bopp.	2
7	Década de 30: dores individuais e coletivas.	2
8	Leitura e análise de <i>Alguma poesia</i> , de Carlos Drummond de Andrade – uma voz do interior.	2
9	Leitura e análise de <i>Libertinagem</i> , de Manuel Bandeira – o poeta é um melancólico.	2
10	Leitura e análise de <i>Vidas secas</i> , de Graciliano Ramos.	4
11	Testamento: leitura crítica de “O movimento modernista”, de Mário de Andrade.	2
12	Década de 40: o artesanato literário.	2
13	Cecília Meireles se consolida: leitura crítica de <i>Mar Absoluto</i> .	2
14	Leitura e análise de <i>Claro enigma</i> , de Carlos Drummond de Andrade.	2
15	Impasse criativo em <i>Psicologia da composição</i> , de João Cabral de Melo Neto.	2
16	O pólo político: leitura de <i>Morte e vida severina</i> , de João Cabral de Melo Neto.	2
17	Década de 50: experimentalismo visual. A poesia concreta.	4
18	Entre o regional e o experimental: <i>Grande sertão: veredas</i> , de Guimarães Rosa.	6
19	O novo romance psicológico: <i>A paixão segundo G.H.</i> , de Clarice Lispector.	4
20	Década de 60/70: entre o político e o estético. Leitura de <i>Caprichos e Relaxos</i> , de	4

	Paulo Leminski.	
21	Estratificação literária: o país do conto.	2
22	Conto realista: leitura crítica de textos de Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, João Antônio e Luís Vilela.	6
23	O conto fantástico: leitura de textos de Murilo Rubião, José J. Veiga e Moacyr Scliar.	6

#### MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO EMPREGADOS NA DISCIPLINA:

A apresentação dos tópicos será feita pelo professor por meio de aulas expositivas, com ou sem a utilização de recursos audiovisuais.

A análise dos textos dar-se-á em debates coordenados pelo professor.

Seminários mensais, desenvolvidos pelos alunos e orientados pelo professor.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA E/OU COMPLEMENTAR:

- ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.
- ARRIGUCCI JR., DAVI. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- BANDEIRA, Manuel. *Poesia da fase moderna*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BRAYNER, Sônia (org.). *Manuel Bandeira* (Coleção Fortuna crítica). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- Cadernos de literatura Brasileira. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.
- CASTRO, Sílvio (org.). *História da literatura brasileira* (vol. III). Lisboa: Alfa, 2000.
- SCOREL, Lauro. *A pedra e o rio*. Rio de Janeiro: ABL, 2001.
- HOHLFELDT, Antonio. *O conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra* (vol. I). São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- LIMA, Luiz Costa. *Lira e antílira* (2.ª edição). Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- LINS, Álvaro. *Os mortos de sobrecasaca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- LOPEZ, Telê Ancona. *Mariodeandradiando*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MARTINS, Wilson. *A idéia modernista*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira* (7 volumes). São Paulo: T. A Queiroz, 1992.
- MELO NETO, João Cabral de. *Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. Vol. III. São Paulo: Cultrix, 5.ª edição, 2001.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro. *A barata e a crisálida: o romance de Clarice Lispector*. Rio de

Janeiro: José Olympio, 1985.

SANTIAGO, Silvano (org.). *Carlos e Mário: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia de menos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

STEGAGNO-PICCHIO, Lucina. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1997.

REGISTRADO EM REUNIÃO DEPARTAMENTAL NO DIA DE DE 200

CHEFE DE DEPARTAMENTO

**ANEXO E**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE**

## ANEXO E – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

PLANO DE ENSINO - PERÍODO LETIVO/ANO 2004

ANO DO CURSO: 2º

Curso: Letras  
Centro: Comunicação, Letras e Artes

Modalidade: \_Licenciatura

Turno: Diurno  
Campus: Cascavel

## Disciplina

Código	Nome	Carga horária			
		AT <sup>1</sup>	AP <sup>2</sup>	APS <sup>3</sup>	Total
	Literatura Brasileira I	119	17		136
<b>DOCENTE:</b>					
<b>EMENTA</b>					
Crônicas e outros documentos do século XVI. A poesia épica. Gregório de Matos e Guerra. As gerações poéticas no Romantismo, autores e obras. A formação do romance no Brasil. José de Alencar e o romance romântico. O Realismo-naturalismo no Brasil. Machado de Assis. Aluísio de Azevedo e o romance naturalista. A poesia parnasiana, autores e obras. Projetos de abordagem metodológica da Literatura Brasileira na escola.					
<b>OBJETIVO GERAL</b>					
Conhecer os principais estilos, obras e autores da literatura brasileira do Século XVI até XIX.					
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>					
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Entender o processo formativo da literatura brasileira.</li> <li>- Compreender a produção da Literatura Brasileira como expressão ideológica e estética da sociedade brasileira.</li> <li>- Propor projetos oficinas para leitura e recepção de textos literários na escola.</li> </ul>					
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>					
<p>Literatura brasileira: definição e caracteres.  Literatura de informação:  - cronistas leigos: Caminha, Gândavo, Lery,  - cronistas religiosos: Nóbrega, Cardim,...</p> <p>Gregório de Matos Guerra: poesia satírica, lírica e religiosa.  Poesia épica:  - conceito e natureza da matéria épica;  - a literatura épica no Brasil.  Bento Teixeira: Prosopopéia;  Basílio da Gama - Uruguai,  Santa Rita Durão - Caramuru.  Arcadismo: ideologia e poesia.  Cláudio Manuel da Costa.  Tomás Antônio Gonzaga.  Romantismo:  - o movimento romântico: - conceitos e valores;  - Gonçalves de Magalhães.  - Gonçalves Dias.  - Álvares de Azevedo.  - Casimiro de Abreu.  - Junqueira Freire, Fagundes Varela Laurindo Rabelo.  - Castro Alves.  - Sousândrade.  A formação do romance.  Manuel de Macedo: A moreninha.</p>					

<p>José de Alencar: <i>Senhora</i>.          José de Alencar: <i>Ubirajara</i>, <i>Iracema</i>, <i>O guarani</i>.          O regionalismo romântico: Visconde de Taunay, Joaquim Távora, Bernardo Guimarães.          Manuel Antônio de Almeida: <i>Memórias de um Sargento de Milícias</i>.          O Realismo-Naturalismo no Brasil.          Machado de Assis.          Raul Pompéia.          Autores e obras naturalistas.          Afúcio de Azevedo - <i>O mulato</i>.          A estética parnasiana.          Alberto de Oliveira.          Raimundo Correia.          Olavo Bilac.</p>
<p>Atividades Práticas – grupos de ..... alunos</p>
<p>Atividades Práticas Supervisionadas – grupos de ..... alunos</p>
<p><b>METODOLOGIA</b></p> <p>A disciplina Literatura Brasileira I será desenvolvida pela leitura e estudo dos textos fundamentais da historiografia literária brasileira e de obras ficcionais e poéticas dos diversos períodos abordados</p> <p>Como procedimento didático, as aulas se desenvolverão em forma de palestras, escritura de projetos temáticos e seminários.</p>
<p><b>AVALIAÇÃO</b>          (critérios, notas, pesos, procedimentos, instrumentos e periodicidade)</p> <p>A avaliação será realizada pela atribuição de notas a provas e trabalhos escritos</p> <p>A composição da nota bimestral contará sempre com uma avaliação escrita realizada na última aula do bimestre, em sala de aula e no tempo regular equivalente a duas horas-aula, somada a um ou mais trabalhos realizados ao longo do bimestre.</p> <p>À prova bimestral será atribuído peso 6 (seis) e ao conjunto dos trabalhos realizados no bimestre será atribuído peso 4. Havendo, no bimestre, mais de um trabalho o peso será atribuído à média aritmética dos trabalhos.</p>
<p><b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b></p> <p>BOSI, Alfredo <i>História concisa da literatura brasileira</i>. São Paulo: Cultrix.</p> <p>COUTINHO, Afrânio. <i>A literatura no Brasil</i>. Introdução Geral. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. v. 1.</p> <p>_____. <i>A literatura no Brasil</i>. Era barroca; era neoclássica Rio de Janeiro: José Olympio, 1986 v. II</p> <p>_____. <i>A literatura no Brasil</i>. Era romântica. Rio de Janeiro José Olympio, 1986. v. III</p> <p>_____. <i>A literatura no Brasil</i>. Era realista; era de transição. Rio de Janeiro José Olympio, 1986 v. III</p>
<p><b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b></p> <p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. <i>Tempos da literatura brasileira</i>. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.</p> <p>ALENCAR, José de <i>Senhora</i>.          _____ <i>Iracema</i>          _____ <i>Lucíola</i>          _____ <i>O guarani</i>          _____ <i>Ubirajara</i>.</p> <p>ALMEIDA, M. A. <i>Memórias de um sargento de milícias</i>.</p> <p>AMORA, A. S. <i>A Literatura brasileira</i>. O Romantismo São Paulo: Cultrix, 1977. vol. II</p> <p>ANDRADE, Mário. <i>Aspectos da literatura brasileira</i>. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1974.</p> <p>ARRIGUCCI JR. Davi. <i>Achados e perdidos</i>. Ensaios de crítica. São Paulo: Polis,</p> <p>ARRIGUCCI JR. Davi. <i>Enigma e comentário</i>. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.</p> <p>BORDINI, Maria da glória e AGUIAR, Vera Teixeira. <i>Literatura a formação do leitor: alternativas</i></p>

- metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 35.ed. (revista e ampliada). São Paulo: Cultrix, 1997.
- CÂNDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos** Belo Horizonte Itatiaia, 1975.
- CASTELLO, J. A. A Época Barroca. A Poesia. In: **A literatura brasileira.** v. 1 Manifestações Literárias no Período Colonial. São Paulo Cultrix, 1981.
- COUTINHO, Afrânio (direção); COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil.** 4.ed. revista e atualizada. São Paulo: Global, 1997. v.1 a 4
- DURÃO, S. R. **Caramuru:** poema épica do descobrimento da Bahia Rio de Janeiro: Agir, 1977.
- GRÜNEWALD, J. L. **Os poetas da inconfidência.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- GUERRA, G. M. **Obra poética.** Rio de Janeiro: Record, 1990
- GUIMARÃES, B. J. S. **A escrava Isaura.**
- GUIMARÃES, B. J. S.. **O seminarista.**
- GUINSBURG, J. (Org.) **O romantismo.** 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MACEDO, J. M. **A Moreninha.**
- SANTIAGO, Silvano. **Nas malhas da letra.** São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- SANTIAGO, S. **Vale quanto pesa:** ensaios sobre questões políticos culturais Rio de Janeiro Paz e Terra, 1982.
- SILVA, A. V. **Formação épica da literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Elo, 1987.
- TAUNAY, A. E. **Inocência.**
- TEIXEIRA, B. **Prosopopéia.** Trechos selecionados.
- TEIXEIRA, M. L. **Gregório de Matos:** biografia e estudo. São Paulo Martins, Conselho Estadual de Cultura, 1972
- VERÍSSIMO, J. **História da literatura brasileira.** Brasília: UnB.
- VOGT, C.; LEMOS, J. A. G. **Cronistas e viajantes.** São Paulo: Abril Educação, 1982

Data ...../...../.....

\_\_\_\_\_

Assinatura do docente proponente

**Colegiado de Curso (aprovação)**

Ata nº ....., de ...../...../.....

Coordenador de curso:

\_\_\_\_\_

assinatura

**Conselho de Centro (homologação)**

Ata nº ....., de ...../...../.....

Diretor de Centro:

\_\_\_\_\_

assinatura

Encaminhada cópia à Secretaria Acadêmica em: ...../...../.....

\_\_\_\_\_

nome/assinatura

Anexo II da Resolução nº 146/2003-CEPE

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**

**PLANO DE ENSINO - PERÍODO LETIVO/ANO 2004**

**Curso:** Letras Português/Inglês/Espanhlo/Italiano Modalidade: Graduação

**Turno:** Diurno

**Centro:** Centro de Educação comunicação e Artes Campus: - CECA

**Disciplina**

Código	Nome	Carga horária			
		AT <sup>1</sup>	AP <sup>2</sup>	APS <sup>3</sup>	Total
	Literatura Brasileira II	119	17		136

<sup>1</sup> Aula Teórica; <sup>2</sup> Aula Prática; <sup>3</sup> Atividade Prática Supervisionada)

**Docente:**

\_\_\_\_\_

**Ementa**

Estudo da Literatura Brasileira do Simbolismo à contemporaneidade, atendendo aos gêneros lírico, prosa e drama, autores e obras representativas.

Projetos de abordagem metodológica da Literatura Brasileira na escola.

**Objetivos**

Conhecer os principais estilos, obras e autores da Literatura Brasileira do Século XX e produção literária significativa do século atual.

Compreender a produção da Literatura Brasileira como expressão estética da sociedade.

Empreender análise literária dos textos, compreendendo o projeto estético e ideológico dos autores e obras.

Propor um projeto oficina de leitura e recepção do conto e da crônica na sala de aula.

## CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

### **O Simbolismo**

Caracteres gerais do Simbolismo,  
Simbolismo no Brasil, lírica e narrativa,  
Autores e obras representativas.

### **O Pré - Modernismo**

Pressupostos históricos,  
O pensamento social,  
O romance social,  
A Semana de Arte Moderna,  
Produção literária representativa.

### **O Modernismo**

Desdobramentos da Semana a produção literária modernista,  
Clima estético e filosófico,  
Autores e obras representativas.

### **O Modernismo Heróico**

Mário de Andrade,  
Oswald de Andrade,  
Manuel Bandeira,  
Cassiano Ricardo,  
Raul Bopp,  
Estudo temático comparativo entre as obras.

### **Tendências da produção literária contemporânea**

O Modernismo e o Brasil pós 1930,  
Dependência e superação,  
A narrativa regionalista,  
A narrativa intimista,  
O Romance do Novo Regionalismo,  
O Romance Político-Grotesco,  
O Romance Intimista,  
O Romance Fantástico,  
O Romance-Pós-Moderno,  
Autores representativos e contexto histórico de produção.

### **Poesia e programa: a geração de 1945**

#### **Os grupos de Vanguarda**

Concretismo e Neo - concretismo,  
Poema Processo,  
Práxis,  
Desdobramentos da vanguarda concretista.

#### **Produção literária atual de caráter significativo.**

**Estudo da produção contemporânea – gêneros - conto e crônica na sala de aula.**

### **Metodologia**

A disciplina de Literatura Brasileira II será desenvolvida pela leitura e estudo dos textos fundamentais da historiografia literária brasileira, de obras ficcionais e poéticas dos diversos períodos abordados.

Como procedimento didático, as aulas se desenvolverão em forma de exposição oral, trabalhos escritos orientados, seminários e oficinas.

### **Avaliação**

(critérios, notas, pesos, procedimentos, instrumentos e periodicidade)

A avaliação será realizada por meio de atribuição de notas bimestrais: prova escrita, produção de trabalhos, resenhas críticas, ensaios, escritura de projetos, e apresentação em seminários.

### **Bibliografia Básica**

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1993.  
CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1968.  
CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 2 vols. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.  
COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.  
TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1999.

## Bibliografia Complementar

- ANDRADE, Mário de. "O Movimento Modernista". In : *Aspectos da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Martins, 1974.
- ARRIGUCCI JR. Davi. *Enigma e Comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. "Jornal, Realismo, Alegoria; o romance brasileiro recente". In : *Achados e Perdidos; Perdidos: ensaios de crítica*. São Paulo: Polis, 1979.
- ÁVILA, Henrique Manuel. *Da urgência à aprendizagem: sentido da história e romance brasileira dos anos 60*. Londrina – PR, 1997.
- BEIJAMIM Walter. "O Narrador". In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, Alfredo. Situação de Macunaima In: *Andrade, Mário. Macunaima o herói sem nenhum caráter*. Ed. Critical/ Telê Porto Ancona Lopes Coordenadora. Paris: Association Archives de La Littérature latino- Americaine, des Caraïbes et africaine du XX siècle; Brasileira, DF: CNPq, 1988.
- \_\_\_\_\_. "Situação e Formas do Conto Brasileiro Contemporâneo". In: *O Conto Brasileiro Contemporâneo*. (org.) São Paulo: Cultrix, 1974.
- BORDINI, Maria da glória e AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- LIMA, Luiz Costa *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A Aguarás do Tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Controle do Imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: O Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1985. Vol. III.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: Edusp, 2000.
- PAES, José Paulo. "Cinco Livros Do Modernismo Brasileiro". In: *A Aventura Literária: Ensaio E Ficções*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1990.
- REGO, Enilton de Sá. *O Calundu e a Panecéia. Machado de Assis, a sátira Menipéia e tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: a ficção brasileira*. In *Vale quanto pesa ensaios sobre questões políticas Culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- \_\_\_\_\_. "Prosa Literária no Brasil Atual". In: *Nas Malhas da letra*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- SCHWARZ, Roberto. "Duas notas sobre Machado de Assis" In: *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SILVA, Deonísio. *Nos Bastidores da Censura; sexualidade, literatura e repressão pós-64*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1989.
- SILVERMAN. *Moderna Ficção Brasileira 2: ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981.
- SUSSEKIND, Flora. *Literatura e Vida Literária: Polêmicas, diários e retratos* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- TEIXEIRA, Ivan. *Contos e Romances da segunda fase: caracterização*. In: *Apresentação de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. Coleção Universitária Hoje.
- WISNICK, José Miguel. "A Rotação Das Utopias – Rapsódia." In: BERRIEL, Carlos Eduardo & Outros. Mário de Andrade Hoje. São Paulo: Ensaio, 1990, Vol. 4.

Data: 08/03/2004 \_\_\_\_\_

Assinatura do docente proponente

**Colegiado de Curso (aprovação)**

Ata nº ....., de ...../...../.....

Coordenador de curso: \_\_\_\_\_

assinatura

**Conselho de Centro (homologação)**

Ata nº ....., de ...../...../.....

Diretor de Centro: \_\_\_\_\_

assinatura

Encaminhada cópia à Secretaria Acadêmica em: ...../...../.....

\_\_\_\_\_

**ANEXO F**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO**

**ANEXO F – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE – UNICENTRO****EMENTAS DAS DISCIPLINAS**

(Observação: A elaboração do programa de Lit. Bras. I ficou a cargo do professor que atualmente ministra essa disciplina no curso de Letras, tendo sido, ao que parece, aprovada em reunião departamental. As listas bibliográficas, priorizando, como se verá, textos de crítica, teoria e historiografia literária, obedecem a certas conveniências de ocasião, tais como facilidade de acesso às edições mencionadas, exemplares disponíveis na biblioteca central da Universidade e, evidentemente, as demandas mais óbvias do ementário.)

Curso: Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa  
Série/Ano: 2ª/2004  
Disciplina: Literatura Brasileira I Turno: Noturno Código:  
C/H Semanal: 4 aulas  
C/H Total: 136 h/a

**EMENTA**

Processo de formação da literatura brasileira e possibilidades de constituição do cânone nacional. Narrativa ficcional curta.

**I. OBJETIVOS**

Analisar obras, autores e gêneros da Literatura Brasileira. Articular diferentes teorias da literatura com obras da literatura brasileira. Discutir a questão das origens e da identidade da literatura nacional. Buscar comparar as obras através da intertextualidade. O estudo desses temas e da bibliografia crítica da literatura brasileira, bem como de suas condições de produção, circulação e recepção das obras de sua literatura, deverá levar o graduando a relacionar a reflexão teórico-crítica com os domínios da prática, de modo a dar prioridade à abordagem intercultural, que concebe a diferença como valor antropológico e como forma de desenvolver o espírito crítico frente à realidade.

**II. PROGRAMA**

1. Conceito de Literatura Brasileira.
2. Origens. A literatura informativa.
3. O conto e suas modalidades.
4. Leitura e análise de contos de autores nacionais.
5. Tendências do conto brasileiro contemporâneo.

**III. METODOLOGIA DE ENSINO**

A avaliação, sempre contínua, estará em sintonia com a metodologia aplicada à disciplina, levando em conta o progresso do aluno obtido em sala de aula, através de avaliações formais (provas escritas e apresentação de seminários) e informais (participação em debates e seminários).

#### IV. FORMAS DE AVALIAÇÃO:

Em conformidade com as discussões orientadas, com as leituras e com os trabalhos sugeridos, o processo de ensino-aprendizagem estará em sintonia com a seguinte sistemática de trabalho: através de aplicações de verificações interpretativas (como leituras de obras literárias), reflexivas (como a entrega de papers), investigativas e diagnósticas (como a apresentação de fichamentos), dissertativas/discursivas e objetivas (como a realização de provas escritas) e práticas (como a apresentação de seminários e trabalhos em grupo), o professor observará o desempenho do aluno individualmente e em grupo, dentro e fora de sala de aula, estimulando apresentações individuais e/ou grupo dos temas propostos com a utilização de diversos recursos. Além disso, através de leituras, discussões orientadas (estudos dirigidos) sobre textos teóricos e literários, o professor também observará a conduta e a participação de cada aluno em debates, seminários e discussões isoladas ou em grupo.

#### V. BIBLIOGRAFIA

##### 1. Básica

CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos). 8. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, vol. I e II.

CASTELLO, José Aderaldo. A Literatura Brasileira: origens e unidade (1500-1960). São Paulo: EDUSP, 1999, vol. I e II.

##### 2. Complementar

BOSI, A. História concisa da literatura brasileira. 32.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

\_\_\_\_\_. O pré-modernismo. São Paulo: Cultrix, 1970.

\_\_\_\_\_. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CÂNDIDO, A.; CASTELLO, J. A. Presença da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988 (vol. 1)

COUTINHO, A. A literatura no Brasil. São Paulo: Global, 1997.

GUINSBURG, J. O romantismo. São Paulo: Perspectiva-Secretaria de Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

LUCAS, Fábio. Do Barroco ao Modernismo: vozes da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática, 1989.

MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1995.

RONCARI, L. Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo: EDUSP, 1995.

SANCHEZ, Amauri M. Tonucci. Panorama da Literatura no Brasil. São Paulo: Abril Educação, 1982.

TEIXEIRA, I. Apresentação de Machado de Assis. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Aprovado em 07/072004  
Ata nº 763 Folhas nº 63. Livro nº 09.

CURSO: LETRAS (Português e suas Literaturas)

3º ano (2005)

Disciplina: LITERATURA BRASILEIRA II

Carga Horária: 102 h.

Ementa: Possibilidades de sistematização da produção poética brasileira; movimentos, grupos, obras e autores representativos.

Bibliografia:

AMORA, A. S. O romantismo. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, A. História concisa da literatura brasileira. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

\_\_\_\_\_. Céu, inferno; ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. O pré-modernismo. São Paulo: Cultrix, 1966.

CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira; momentos decisivos. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CASTELLO, J. A Manifestações literárias do período colonial. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

COUTINHO, A. (org.) A literatura no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: Sul-Americana, 1968-1971. v.1, 2 e 3.

FRIEDRICH, H. Estrutura da lírica moderna; da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

HELENA, L. Modernismo brasileiro e vanguarda. 2.ed. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

MARTINS, W. O Modernismo; (1916-1945). 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

PAZ, O. Os filhos do barro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PERRONE-MOISÉS, L. Flores da escrivinha. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PROENÇA FILHO, D. (org.) A poesia dos inconfidentes; poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

TELLES, G. M.(org.) Vanguarda européia e Modernismo brasileiro. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

CURSO: LETRAS (Português e suas Literaturas)

4º ano (2005)

Disciplina: LITERATURA BRASILEIRA III

Carga Horária: 136 h.

Ementa: Possibilidades de sistematização da produção ficcional brasileira. Movimentos, grupos, obras e autores representativos.

Bibliografia:

BAKHTIN, M. Questões de literatura e estética: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardi et alii. São Paulo: Hucitec, 1988.

BERND, Z. Literatura e identidade nacional. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

BRUNEL, P.(org.) Dicionário de mitos literários. Rio de Janeiro : José Olympio, 1997.

BARBOSA, J.A. A biblioteca imaginária ou o cânone na história da literatura brasileira. In A biblioteca. São Paulo: Ateliê, 1996, p. 13-58.

BOOTH, W. A retórica da ficção. Trad. Maria Teresa H. Guerreiro, Lisboa: Almedina, 1983.

CAIRO, L.R. História de literatura, literatura comparada e crítica literária: frágeis fronteiras disciplinares. In Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Vol.3, n. 1, Porto Alegre: EDIPURS, 1997, p. 79 – 87.

CANDIDO, A. A formação da literatura brasileira: movimentos decisivos. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.

CANDIDO, A . et alii. A personagem de ficção. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COUTINHO, A. Conceito de literatura brasileira. Petrópolis: Vozes, 1981.

COUTINHO, A. (org.). A literatura no Brasil. 2 ed., Rio de Janeiro: Sul Americana, 1968-1971, 6 v.

\_\_\_\_\_ As formas da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Bloch: OLAC, 1984.

\_\_\_\_\_ A polêmica Alencar-Nabuco. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1963.

\_\_\_\_\_ O processo de descolonização literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

DACANAL, J.H. O romance de 30. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ECO, H. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_ Leitura do texto literário: lector in fabula. Lisboa : Presença, 1979.

GOLDMANN, L. A sociologia do romance. Trad. Álvaro Cabral. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HELENA, L. Uma literatura antropofágica. 2ed. Fortaleza : UFC, 1983.

LINHARES, T. História crítica do romance brasileiro. Belo Horizonte, 1987.

LUCAS, F. O caráter social da ficção do Brasil. São Paulo: Ática, 1985.

MACHADO, J. G. Constantes ficcionais em romances dos anos 70. Florianópolis: UFSC, 1981

MOISÉS, M. Dicionário de termos literários. São Paulo : Cultrix, 1988.

PORTELLA, E. et alii. O romance de 30 no nordeste. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983.

PEREIRA, L. M. História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920. Itatiaia : USP, 1988.

PICCHIO, L.S. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

POUILLON, J. O tempo no romance. Trad. Heloysa de Lima Dantas, São Paulo: Cultrix, 1974.

SANT'ANA, A .R. de. Análise estrutural de romances brasileiros. Petrópolis: Vozes, 1984.

SILVERMAN, M. Moderna ficção brasileira: ensaios. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL, 1982.

SÜSSEKIND, F. O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_ Tal Brasil, qual romance? Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

TACCA, Oscar. As vozes do romance. Coimbra: Almedina, 1983.

WATT, Ian. A ascensão do romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ZÍLIO, C. et alii. O nacional e o popular: artes plásticas e literatura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ZILBERMAAN, R. & MOREIRA, M. E. O berço do Cânone. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

MIRANDA, W.M.(org.). Narrativas da modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

HOHLFELDT, A. Conto brasileiro contemporâneo. 2ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LINHARES, T. 22 diálogos sobre o conto brasileiro. São Paulo: Cultrix, 1973.

MAGALHÃES Jr., R. A arte do conto. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.

JOLLES, André. Formas simples. São Paulo: Cultrix, 1976.

LIMA, A. A. Curso de contos. ABL, 1958.

Autorizo a reprodução deste trabalho.  
Londrina, 22 de março de 2007.  
Vanderlécia da Silva Oliveira